



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Câmpus de São José do Rio Preto

GABRIEL HENRIQUE GALVÃO PASSETTI

A negação acional no português brasileiro
sob a perspectiva da Gramática Discursivo-Funcional:
assalto ao turno de fala e rejeição de ato de fala

São José do Rio Preto
2025

GABRIEL HENRIQUE GALVÃO PASSETTI

A negação acional no português brasileiro
sob a perspectiva da Gramática Discursivo-Funcional:
assalto ao turno de fala e rejeição de ato de fala

Tese apresentada à Universidade Estadual Paulista (UNESP), Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, São José do Rio Preto, para obtenção do título de Doutor em Estudos Linguísticos.

Área de Concentração: Análise Linguística

Financiadora: CNPq

Orientadora: Profa. Dra. Erotilde Goreti Pezatti

São José do Rio Preto
2025

G182n Galvão Passetti, Gabriel Henrique.
A negação acional no português brasileiro sob a perspectiva da Gramática Discursivo-Funcional : assalto ao turno de fala e rejeição de ato de fala / Gabriel Henrique Galvão Passetti. -- São José do Rio Preto, 2025
205 p. : il., tabs.

Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista (UNESP), Instituto de Biociências Letras e Ciências Exatas, São José do Rio Preto
Orientadora: Erotilde Goreti Pezatti

1. Linguística. 2. Funcionalismo (Linguística). 3. Gramática Discursivo-Funcional. 4. Língua Portuguesa. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca do Instituto de Biociências Letras e Ciências Exatas, São José do Rio Preto. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada

IMPACTO POTENCIAL DESTA PESQUISA

O tema de pesquisa deste estudo é o assalto ao turno de fala e a rejeição do ato de fala por meio da interjeição “não” no português brasileiro (PB). Ao analisar e descrever essa temática sob a perspectiva da Gramática Discursivo-Funcional (GDF), este trabalho tem, principalmente, potencial científico e educacional. Ele contribui, de modo inovador, para o avanço científico e teórico da GDF: (i) ao propor uma nova categoria de negação acional (não descritiva), a de Movimento (M-negação), denominada Assalto, em que um participante da interação toma o turno de fala do outro com a finalidade de iniciar seu próprio turno, desenvolvendo o discurso em andamento de modo a acrescentar alguma informação ao tema em discussão; (ii) ao redefinir o conceito de negação de Ato Discursivo (A-negação), de acordo com o qual a negação de um ato de fala é a rejeição de um Ato Discursivo anteriormente proferido por um participante, já que aquele que o rejeita considera não aceitável a relação de predicado-argumento entre os componentes do Ato Discursivo rejeitado; (iii) ao diferenciar a M-negação e a A-negação das outras negações interpessoais (pragmáticas) pelo fato de terem um alvo (*targeting*) discursivo ao invés de serem formuladas como operadores gramaticais na estrutura pragmática subjacente ao enunciado; (iv) ao distinguir as negações acionais em duas categorias, interativas e de conteúdo, de forma que as primeiras interpelam o participante da interação verbal e as últimas negam a adequação da evocação de um (conjunto de) referente(s) e/ou atributo(s) no evento comunicativo; e (v) ao propor operadores fonológicos que correspondem a acentos de tom bitonais. Além disso, as descobertas da pesquisa contribuem para a descrição gramatical do PB, não só pelos resultados já mencionados, mas também por: (i) constatar que o PB não dispõe de Ilocuções abstratas de valor negativo; (ii) demonstrar que a negação de Episódio, no PB, só ocorre como negação vicária; (iii) evidenciar que as expressões “deixar de” e “parar de” codificam negação de Propriedade Configuracional; e (iv) levantar o inventário das Ilocuções abstratas disponíveis ao PB. Todos esses resultados conferem não somente inserção nacional à tese, já que analisa e descreve o PB, mas também sua internacionalização, uma vez que estimula estudos comparativos, principalmente no que se refere à identificação da M-negação em outras línguas, viabilizando parcerias com pesquisadores de outras nacionalidades e culturas, o que se alinha à ODS 17 – Parcerias e Meios de Implementação. O potencial educacional deste estudo, por sua vez, reside na possibilidade de utilizar esses resultados para desenvolver materiais pedagógicos, formar docentes e criar estratégias de ensino mais sensíveis às práticas linguísticas, o que está diretamente articulado à ODS 4 – Educação de Qualidade. Os resultados

referentes à M-negação, inclusive, podem auxiliar no ensino do PB como língua estrangeira, tendo em vista que nem toda língua (*e.g.*, o inglês) dispõe desse tipo de negação, o que pode causar ruídos de comunicação.

Além disso, culturalmente, este estudo propicia a valorização das variedades da língua portuguesa falada no Brasil, funcionando como registro vivo da diversidade linguística nacional, pois a análise da interjeição “não” como assaltos ao turno de fala e como rejeições de atos de fala revela aspectos socioculturais da comunicação brasileira. Também valoriza práticas linguísticas regionais, contribuindo para a equidade cultural dentro do espaço nacional, reforça o papel da diversidade comunicativa como expressão legítima das identidades sociais e demonstra que a linguagem falada nas diversas regiões do país tem valor científico, combatendo preconceitos linguísticos, alinhando-se à ODS 10 – Redução das Desigualdades. A abordagem metodológica da pesquisa, por sua vez, que combina dados empíricos de *corpora* e experimentação controlada, proporciona subsídios para o aprimoramento de tecnologias de reconhecimento de fala, compreensão de linguagem natural e análise automatizada de discurso, promovendo impactos potenciais nas indústrias da informação e comunicação, atendendo à ODS 9 – Indústria, Inovação e Infraestrutura, já que as novas classificações teóricas podem ser aplicadas em *softwares* de reconhecimento de fala ou análise automática de discurso. Ademais, ao analisar práticas discursivas de interrupção da fala, a pesquisa oferece mecanismos teóricos para se pensar formas éticas de comunicação, contribuindo com a ODS 16 – Paz, Justiça e Instituições Eficazes, sobretudo em ambientes profissionais e institucionais que demandam gestão de conflitos verbais. Por fim, o impacto econômico da tese se expressa na aplicação potencial dos resultados em ambientes corporativos, onde a compreensão mais refinada dos usos das negações aqui investigadas pode gerar ferramentas mais eficazes para comunicação interna e atendimento ao público. Tais aplicações promovem inovação e desenvolvimento tecnológico de maneira sustentável, alinhando-se à ODS 11 – Cidades e Comunidades Sustentáveis, ao considerar o patrimônio imaterial da linguagem oral brasileira como recurso estratégico para o progresso social e econômico.

POTENTIAL IMPACT OF THIS RESEARCH

The research topic of this study is the assault on the speaking turn and the rejection of the speech act through the interjection “*não*” (“no”) in Brazilian Portuguese (BP). By analyzing and describing this topic from the perspective of Functional Discourse Grammar (FDG), this work has, primarily, scientific and educational potential. It contributes, in an innovative way, to the scientific and theoretical advancement of FDG: (i) by proposing a new category of actional (non-descriptive) negation, that of Movement (M-negation), called Assault, in which one participant in the interaction takes the other's speaking turn to initiate their own, developing the ongoing discourse in order to add some information to the topic under discussion; (ii) by redefining the concept of Discourse Act negation (A-negation), according to which the negation of a speech act is the rejection of a Discourse Act previously uttered by a participant, since the one who rejects it considers the predicate-argument relationship between the components of the rejected Discourse Act to be unacceptable; (iii) by differentiating M-negation and A-negation from other interpersonal (pragmatic) negations by the fact that they have a discursive targeting rather than being formulated as grammatical operators in the pragmatic structure underlying the utterance; (iv) by distinguishing actional negations into two categories, interactive and content negations, so that the former interpellates the participant in the verbal interaction and the latter negates the adequacy of the evocation of a (set of) referent(s) and/or attribute(s) in the communicative event; and (v) by proposing phonological operators that correspond to bitonal pitch accents. Furthermore, the research findings contribute to the grammatical description of BP, not only through the aforementioned results, but also by: (i) confirming that BP does not have abstract Illocutions with negative value; (ii) demonstrating that the negation of the Episode in BP only occurs as pro-Episodes; (iii) revealing that the expressions “*deixar de*” and “*parar de*” (“fail to”) encode the negation of the Configurational Property; and (iv) surveying the inventory of abstract Illocutions available in BP. All these results not only grant the thesis national relevance, seeing that it analyzes and describes BP, but also its internationalization, since it encourages comparative studies, especially regarding the identification of M-negation in other languages, enabling partnerships with researchers of other nationalities and cultures, which aligns with SDG 17 – Partnerships for the Goals. The educational potential of this study, in turn, lies in the possibility of using these results to develop pedagogical materials, train teachers, and create teaching strategies that are more sensitive to linguistic practices, which is directly linked to SDG 4 – Quality Education. The results regarding M-negation can also assist

in the teaching of BP as a foreign language, given that not every language (e.g., English) has this type of negation, which can cause communication noises.

Furthermore, culturally, this study promotes the appreciation of the varieties of Portuguese spoken in Brazil, serving as a living record of national linguistic diversity, as the analysis of the interjection “*não*” (“no”) as an assault on the speaking turn and as a rejection of speech acts reveals sociocultural aspects of Brazilian communication. It also values regional linguistic practices, contributing to cultural equity within the national space, reinforces the role of communicative diversity as a legitimate expression of social identities, and demonstrates that the language spoken in the country's various regions has scientific value, combating linguistic prejudices and aligning with SDG 10 – Reduction of Inequalities. The research's methodological approach, in turn, which combines empirical data from corpora and controlled experimentation, provides support for the improvement of speech recognition, natural language understanding, and automated discourse analysis technologies, promoting potential impacts on the information and communication industries, meeting SDG 9 – Industry, Innovation, and Infrastructure, since the new theoretical classifications can be applied to speech recognition or automatic discourse analysis software. In addition, by analyzing discursive practices of speech interruption, the research offers theoretical mechanisms for thinking about ethical forms of communication, contributing to SDG 16 – Peace, Justice and Strong Institutions, especially in professional and institutional environments that require verbal conflict management. Finally, the economic impact of the thesis is reflected in the potential application of the results in corporate environments, where a more refined understanding of the uses of the negations investigated here can generate more effective tools for internal communication and customer service. Such applications promote innovation and technological development in a sustainable manner, aligning with SDG 11 – Sustainable Cities and Communities, by considering the intangible heritage of Brazilian spoken language as a strategic resource for social and economic progress.

GABRIEL HENRIQUE GALVÃO PASSETTI

A negação acional no português brasileiro
sob a perspectiva da Gramática Discursivo-Funcional:
assalto ao turno de fala e rejeição de ato de fala

Tese apresentada à Universidade Estadual Paulista (UNESP), Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, São José do Rio Preto, para obtenção do título de Doutor em Estudos Linguísticos.

Área de concentração: Análise Linguística

Financiadora: CNPq

Data da defesa: 27/06/2025

Banca Examinadora:

Profª. Dra. Erotilde Goreti Pezatti

UNESP – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas – Câmpus de São José do Rio Preto
Orientadora

Prof. Dr. Edson Rosa Francisco de Souza

UNESP – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas – Câmpus de São José do Rio Preto

Prof. Dr. Michel Gustavo Fontes

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – Câmpus de Três Lagoas

Prof. Dr. Riccardo Giomi

Universidade de Amsterdam

Profª. Dra. Talita Storti Garcia

UNESP – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas – Câmpus de São José do Rio Preto

A Silvia Galvão, minha mãe, mulher coragem, a
quem tudo devo e com quem tudo partilho.

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, Profa. Dra. Erotilde Goreti Pezatti, que acompanha minha carreira acadêmica, desde o início, com excepcional dedicação.

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pelo financiamento (GD/CNPq Proc. No. 140383/2021-2), que permitiu a condução da pesquisa e a elaboração desta tese.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (PPGEL), aos professores do Departamento de Estudos Linguísticos e Literários (DELL) e a todos os outros professores de quem fui aluno, profissionais que sempre desempenharam a docência com a ética e a responsabilidade que a profissão exige.

Ao Grupo de Pesquisa em Gramática Funcional (GPGF), coordenado pela Profa. Dra. Erotilde Goreti Pezatti, pela acolhida e pelas discussões teóricas, caras ao desenvolvimento deste trabalho e a meu desenvolvimento intelectual.

Ao Prof. Dr. Michel Gustavo Fontes, pela leitura crítica de trabalho, síntese desta tese, apresentado para debate no XVI Seminário de Estudos Linguísticos da Unesp (SELin).

Aos membros da banca de qualificação e de defesa, Prof. Dr. Edson Rosa Francisco de Souza, Prof. Dr. Michel Gustavo Fontes, Prof. Dr. Riccardo Giomi e Profa. Dra. Talita Storti Garcia, pelas contribuições imprescindíveis ao aperfeiçoamento deste trabalho e pelas discussões delas provenientes, as quais, por certo, influenciar-me-ão no desenvolvimento de trabalhos futuros.

À minha família e aos meus amigos, pelo apoio emocional e por desculparem minhas ausências, decorrentes do processo de formação e pesquisa necessários a este trabalho.

NÃO NÃO NÃO NÃO
NÃO NÃO NÃO NÃO
NÃO NÃO NÃO NÃO
NÃO NÃO NÃO NÃO
NÃO NÃO NÃO NÃO
NÃO NÃO NÃO NÃO
NÃO NÃO NÃO NÃO
NÃO NÃO NÃO
NÃO NÃO NÃO
NÃO NÃO NÃO
NÃO NÃO NÃO
NÃO NÃO NÃO
NÃO NÃO NÃO
NÃO NÃO NÃO
NÃO NÃO NÃO
NÃO NÃO NÃO
NÃO NÃO NÃO
NÃO NÃO NÃO
NÃO NÃO NÃO
NÃO NÃO NÃO

NÃO NÃO NÃO
NÃO NÃO NÃO
NÃO NÃO NÃO
NÃO NÃO NÃO
NÃO NÃO NÃO
NÃO
NÃO
NÃO
NÃO

Galvão Passetti (inédito)

RESUMO

Este estudo se propõe a analisar e descrever as propriedades pragmáticas, semânticas, morfossintáticas e fonológicas da negação acional por meio de “não” no português brasileiro, que tem por função assaltar o turno de fala e rejeitar o ato de fala. Essas negações agem, respectivamente, sobre a camada do Movimento e a do Ato Discursivo, previstas pela Gramática Discursivo-Funcional (GDF), modelo teórico adotado por este estudo. Esse modelo leva em consideração a natureza situada da comunicação linguística e apresenta uma arquitetura modular, com organização descendente (*top down*), isto é, parte da intenção do Falante para a forma das expressões linguísticas, de modo que a pragmática governa a semântica, ambas governam a morfossintaxe, e a pragmática, a semântica e a morfossintaxe governam a fonologia. Como universo de análise, são coletados dados de fala do português brasileiro de três *corpora*: Córpus Mínimo do NURC, C-ORAL-BRASIL-I e Iboruna. Esses *corpora* reúnem amostras de interação verbal em seis capitais brasileiras (Belo Horizonte, Porto Alegre, Recife, Rio de Janeiro, Salvador e São Paulo) e na região noroeste do Estado de São Paulo. Além disso, realiza-se um experimento controlado, por meio da gravação da voz de um informante. São coletadas também ocorrências de língua escrita em páginas da internet sediadas no Brasil. O método de análise é dedutivo-indutivo, de caráter qualitativo, já que parte do dado concreto (acústico ou ortográfico), para, de modo indutivo, qualificá-lo, criando hipóteses que, no percurso inverso, o dedutivo, são submetidas a testes, gerando novas hipóteses. O objetivo principal é correlacionar as propriedades funcionais dessas negações acionais a seus aspectos formais, propiciando uma descrição detalhada dos fenômenos linguísticos em análise. Já como objetivo específico, busca-se identificar no que essas negações se aproximam e se distanciam e, além disso, apontar quais relações de (des)igualdade elas estabelecem com as outras negações acionais (de Ilocução, de Conteúdo Comunicado, de Subato e de Ação Lexical). Os resultados mostram que tanto a negação de Movimento como a de Ato Discursivo constituem um Ato Discursivo Interativo, cuja Ilocução é preenchida pelo Lexema Acional interjetivo “não”. Enquanto, na negação de Movimento, esse Ato Discursivo Interativo serve à estratégia de interromper o Movimento em construção, assaltando o turno de fala, com o propósito de desenvolver o tópico discursivo em discussão, na negação de Ato Discursivo, o Interativo rejeita outro Ato Discursivo anteriormente enunciado, já que sua execução é considerada inadequada para a situação comunicativa, servindo à estratégia de reprovar sua enunciação. Em ambas as negações, há uma discrepância (*mismatch*) entre os níveis Interpessoal e

Representacional, numa relação um-para-zero, ou seja, não há correspondente semântico dessas negações interpessoais, já que não evocam nenhum conteúdo semântico, não sendo, portanto, submetidas a condições de verdade (*non-truth-conditional*). Assim, o que diferencia essas negações em termos de formulação é o molde interpessoal em que ocorrem: na negação de Movimento, o Ato Discursivo Interativo “não” compõe um Movimento junto a um Ato Discursivo de Conteúdo, que desenvolve algum aspecto do tema do Movimento interrompido, ao passo que, na negação de Ato Discursivo, o Interativo “não” constitui sozinho um Movimento. Por isso, no Nível Morfossintático, a interjeição “não”, nos casos de negação de Movimento, por ser um constituinte extraoracional, é morfossintaticamente dependente e ocupa a posição pré-oracional da Expressão Linguística, refletindo o estatuto subsidiário do Ato Discursivo correspondente, que veicula a macrofunção retórica Prelúdio. Na negação de Ato Discursivo, por outro lado, atua o Princípio da Profundidade Máxima, de modo que a interjeição “não”, nesse caso, constitui um enunciado por si só e é formulada no Nível Interpessoal e diretamente codificada no Nível Fonológico, tendo em vista que, com ela, não ocorre nenhuma operação morfossintática. A diferença entre os moldes interpessoais da negação de Movimento e da de Ato Discursivo também é mapeada no Nível Fonológico, em que “não” é uma Frase Entonacional, mas, apenas na negação de Ato Discursivo, a Frase Entonacional compõe sozinha um Enunciado. Além disso, cumprindo o objetivo específico deste trabalho, demonstra-se que as negações de Movimento e de Ato Discursivo negam um alvo (*targeting*), presente no contexto, ao passo que as negações das camadas mais baixas são formuladas como operadores, ou seja, estão presentes na estrutura pragmática subjacente aos enunciados negativos. Enquanto as primeiras, somada à negação de Ilocução, aqui denominadas negações acionais interativas, são voltadas ao interlocutor, as negações de Conteúdo Comunicado, Subato e Ação Lexical são orientadas ao conteúdo, pelo que são classificadas como negações acionais de conteúdo. A partir dos resultados, propõe-se uma definição mais precisa da negação de Ato Discursivo, segundo a qual o Participante do discurso considera não aceitável a relação de predado-argumento que há entre a Ilocução e os outros componentes do Ato Discursivo rejeitado, que pode ser de qualquer tipo, exceto Expressivo. Além dessa nova definição da negação de Ato Discursivo, negação chamada de Rejeição, este trabalho contribui para aperfeiçoamento do modelo teórico da GDF ao identificar a existência de negação relacionada à camada do Movimento, aqui denominada Assalto. Espera-se que os resultados apresentados estimulem mais pesquisas sobre as negações acionais analisadas. Estudos similares em outras línguas

podem trazer argumentos para que se incorpore a negação de Movimento ao modelo da GDF, conforme propõe este estudo.

Palavras-chave: negação acional; não; turno de fala; ato de fala; Gramática Discursivo-Funcional

ABSTRACT

This study aims to analyze and describe the pragmatic, semantic, morphosyntactic and phonological properties of the actional negation by means of “*não*” in Brazilian Portuguese, which has the function of assaulting the speaking turn and rejecting the speech act. These negations affect, respectively, the Movement and the Discourse Act layers, predicted by Functional-Discourse Grammar (FDG), the theoretical model adopted by this study, which takes into account the situated nature of linguistic communication and presents a modular architecture, with top-down organization, that is, part of the Speaker's intention for the form of linguistic expressions, so that pragmatics governs semantics, both govern morphosyntax, and pragmatics, semantics and morphosyntax govern phonology. The universe of analysis is based on data collected from Brazilian Portuguese speech in three *corpora*: NURC Minimum Corpus, C-ORAL-BRASIL-I and Iboruna. These *corpora* gather samples of verbal interaction in six Brazilian capitals (Belo Horizonte, Porto Alegre, Recife, Rio de Janeiro, Salvador and São Paulo) and in the northwest region of the State of São Paulo. In addition, a controlled experiment is conducted by recording the voice of an informant. Occurrences of written language on web pages hosted in Brazil are also collected. The method of analysis is deductive-inductive, of a qualitative nature, since it starts from concrete data (acoustic or orthographic) to qualify it inductively, creating hypotheses that, in the reverse deductive process, are subjected to testing, generating new hypotheses. The main objective is to correlate the functional properties of these actional negations with their formal aspects, providing a detailed description of the linguistic phenomena under analysis. As a specific objective, we seek to identify how these negations are similar and how they are different, and to point out which relations of (in)equality they establish with other actional negations (of Illocution, Communicated Content, Subact and Lexical Deed). The results show that both the negation of Movement and that of Discourse Act constitute an Interactive Discourse Act whose Illocution is filled by the interjective Actional Lexical “*não*”. While, in the negation of Movement, this Interactive Discourse Act serves the strategy of interrupting the Movement under construction, assaulting the speaking turn, with the purpose of developing the discursive topic under discussion, in the negation of Discourse Act, the Interactive Discourse Act rejects another Discourse Act previously executed, since its execution is considered inadequate for the communicated situation, serving the strategy of disapproving its enunciation. In both negations, there is a mismatch between the Interpersonal and Representational levels, in a one-to-zero relationship, that is, there is no semantic correspondent for these interpersonal negations, since

they do not evoke any semantic content and are therefore non-truth-conditional. Thus, what differentiates these negations in terms of formulation is the interpersonal mold in which they occur: in the negation of Movement, the Interactive Discourse Act “*não*” composes a Movement together with a Discourse Act of Content, which develops some aspect of the theme of the interrupted Movement, whereas, in the negation of Discourse Act, the Interactive “*não*” constitutes a Movement alone. Therefore, at the Morphosyntactic Level, the interjection “*não*”, in cases of negation of Movement, as it is an extra-clausal constituent, is morphosyntactically dependent and occupies the pre-clausal position of the Linguistic Expression, reflecting the subsidiary status of the corresponding Discourse Act, which conveys the rhetorical macrofunction Prelude. In the negation of a Discursive Act, on the other hand, the Principle of Maximum Depth acts, so that the interjection “*não*”, in this case, constitutes a statement itself and is formulated at the Interpersonal Level and directly encoded at the Phonological Level, given that, with it, no morphosyntactic operation occurs. The difference between the interpersonal patterns of the negation of Movement and that of Discourse Act is also mapped at the Phonological Level, in which “*não*” is an Intonational Phrase, but only in the negation of Discourse Act, the Intonational Phrase alone composes an Utterance. Furthermore, fulfilling the specific objective of this work, it is demonstrated that the negations of Movement and Discourse Act deny a target, present in the co-text, while the negations of the lower layers are formulated as operators, that is, they are present in the pragmatic structure underlying the negative statements. While the first, added to the negation of Illocution, here called interactive actional negations, are directed at the interlocutor, the negations of Communicated Content, Subact and Lexical Deed are content-oriented, and are therefore classified as actional negations of content. Based on the results, a more precise definition of the negation of a Discourse Act is proposed, according to which the Participant of the discourse considers the predicate-argument relationship between the Illocution and the other components of the rejected Discourse Act, which can be of any type except Expressive, to be unacceptable. In addition to this new definition of the negation of a Discourse Act, a negation called Rejection, this work contributes to the improvement of the theoretical model of the FDG by identifying the existence of negation related to the Movement layer, here called Assault. It is expected that the results presented will stimulate further research on the actional negations analyzed. Similar studies in other languages may provide arguments for incorporating the negation of Movement into the FDG model, as this study proposes.

Keywords: actional negation; *não*; speech turn; speech act; Functional Discourse Grammar.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – A Gramática Discursivo-Funcional como parte de uma teoria mais ampla de interação verbal.....	40
Figura 2 – Arquitetura geral da Gramática Discursivo-Funcional	43
Figura 3 – Relações implicacionais entre Ilocuções.....	58
Figura 4 – Representação das funções semânticas	67
Figura 5 – Processo dedutivo-indutivo.....	115
Figura 6 – Operadores fonológicos e representação virtual dos acentos de tom.....	148
Figura 7 – Operadores fonológicos e representação virtual dos acentos de tom bitonais alinhados à Sílabas proeminente da Frase Fonológica.....	149
Figura 8 – Operador fonológico Low-rising e possível realização analógica do acento de tom bitonal correspondente L*+H alinhado à Sílabas proeminente da Frase Fonológica	149
Figura 9 – Correspondência entre os níveis da Formulação e os níveis da Codificação na negação de Movimento.....	153
Figura 10 – Correspondência entre os níveis da Formulação e os da Codificação na negação de Ato Discursivo	181
Figura 11 – A Contextualização	186

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Frequência fundamental em Hz por tempo em segundos do seguimento “não e e e e e principalmente” da ocorrência em (196).....	144
Gráfico 2 – Frequência fundamental em Hz por tempo em segundos do segmento “não mas eu acho que eles” da ocorrência em (197).....	146
Gráfico 3 – F0 em Hz por tempo em segundos da M-negação em (198).....	147
Gráfico 4 – Frequência fundamental em Hz por tempo em segundos da ocorrência em (199)	150
Gráfico 5 – Extensão de F0 normalizada por escopo de negação	172
Gráfico 6 – Movimento de F0 dos casos de A-negação analisados	173
Gráfico 7 – Frequência fundamental em Hz por tempo em segundos de “não” da ocorrência em (234).....	174
Gráfico 8 – Frequência fundamental em Hz por tempo em segundos de “não” da ocorrência em (236).....	175
Gráfico 9 – Duração normalizada de “não” por escopo da negação	176
Gráfico 10 – Frequência fundamental em Hz por tempo em segundos de “não” da ocorrência em (239).....	177
Gráfico 11 – Frequência fundamental em Hz por tempo em segundos de “não” da ocorrência de p-negação em (241)	178

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Negações do Nível Representacional	30
Quadro 2 – Negações do Nível Interpessoal	30
Quadro 3 – Tipo de Ato Discursivo de acordo com as unidades que o compõem.....	51
Quadro 4 – Funções orientadas para o discurso e para a sede.....	53
Quadro 5 – Tipos de núcleo de entidades semânticas	64
Quadro 6 – Classificação dos Morfemas.....	79
Quadro 7 – Tons e operadores.....	81
Quadro 8 – Critérios de análise das ocorrências de “não” acional.....	121
Quadro 9 – Tons e operadores (atualizado).....	148
Quadro 10 – Ilocuções abstratas do português brasileiro	163
Quadro 11 – Padrões fonológicos da A-negação e os tipos de Atos Discursivos rejeitados..	180
Quadro 12 – Tipos de negação no Nível Interpessoal por camada e natureza	189
Quadro 13 – Tipos de negação no Nível Interpessoal (ampliado)	193

LISTA DE SÍMBOLOS

Geral

♦	Item lexical
h/H	Núcleo
v/V	Variável
π/Π	Operador
σ/Σ	Modificador
φ/Φ	Função

Nível Interpessoal

A₁	Ato Discursivo
ADMON	Ilocução Admoestativa
C₁	Conteúdo Comunicado
COMM	Ilocução Comissiva
DECL	Ilocução Declarativa
DISHORT	Ilocução Desexortativa
Emph	Operador de Ênfase
EXCL	Ilocução Exclamativa
F₁	Ilocução
HORT	Ilocução Exortativa
ILL	Ilocução abstrata
IMP	Ilocução Imperativa
IMPR	Ilocução Imprecativa
INTER_C	Ilocução Interrogativa de Conteúdo
INTER_P	Ilocução Interrogativa Polar
INTERP	Ilocução Interpelativa
M₁	Movimento
Motiv	Função retórica Motivação
OPT	Ilocução Optativa
Orient	Função retórica Orientação

P₁	Participante do discurso
(P₁)_s	Falante
(P₂)_A	Ouvinte
PROH	Ilocução Proibitiva
R₁	Subato de Referência
SA₁	Subato
SUPPL	Ilocução Supplicativa
T₁	Subato de Atribuição
TOP	Função pragmática Tópico
±A	Mais ou menos Ouvinte
+id	Identificável para o Ouvinte
+s	Específico para o Falante
±S	Mais ou menos Falante
-id	Não identificável para o Ouvinte
-s	Não específico para o Falante

Nível Representacional

α₁	Entidade semântica
A	Função semântica Ativo
e₁	Estado de Coisas
ep₁	Episódio
f₁	Propriedade
f^c₁	Propriedade Configuracional
L	Função semântica Locativo
h₁	Lugar
m	Operador de Plural
m₁	Maneira
p₁	Conteúdo Proposicional
Past	Operador de tempo absoluto Passado
Poss	Função semântica Possessivo
q₁	Quantidade
r₁	Razão

Ref	Função semântica Referência
t₁	Tempo
U	Função semântica Inativo
x₁	Indivíduo

Nível Morfossintático

Aff₁	Afixo
Adp₁	Sintagma Adposicional
Advp₁	Sintagma Adverbial
Advw₁	Palavra Adverbial
Ap₁	Sintagma Adjetival
Aw₁	Palavra Adjetival
As₁	Radical Adjetival
Cl₁	Oração
Gw₁	Palavra Gramatical
Intjw₁	Palavra Interjetiva
Le₁	Expressão Linguística
Np₁	Sintagma Nominal
Nw₁	Palavra Nominal
Ns₁	Radical Nominal
Subj	Função sintática Sujeito
Vp₁	Sintagma Verbal
Vr₁	Raiz Verbal
Vw₁	Palavra Verbal
Xp₁	Sintagma
Xr₁	Raiz
Xs₁	Radical
Xw₁	Palavra

Nível Fonológico

f	Operador fonológico <i>Falling</i>
F₁	Pé
h	Operador fonológico <i>High</i>
h^f	Operador fonológico <i>High-falling</i>
IP₁	Frase Entonacional
l	Operador fonológico <i>Low</i>
l^r	Operador fonológico <i>Low-rising</i>
PP₁	Frase Fonológica
PW₁	Palavra Fonológica
r	Operador fonológico <i>Rising</i>
s	Operador fonológico <i>Stress</i>
S₁	Sílaba
U₁	Enunciado

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	25
2	A GRAMÁTICA DISCURSIVO-FUNCIONAL	38
2.1	O NÍVEL INTERPESSOAL	47
2.1.1	O Movimento	47
2.1.2	O Ato Discursivo.....	49
2.1.3	A Ilocução	55
2.1.4	O Conteúdo Comunicado	59
2.1.5	O Subato	59
2.1.6	A Ação Lexical.....	61
2.2	O NÍVEL REPRESENTACIONAL.....	63
2.2.1	O Conteúdo Proposicional.....	64
2.2.2	O Episódio.....	65
2.2.3	O Estado de Coisas.....	66
2.2.4	A Propriedade Configuracional.....	67
2.2.5	Indivíduo, Lugar, Tempo, Maneira, Quantidade e Razão	68
2.2.6	A Propriedade.....	69
2.3	O NÍVEL MORFOSSINTÁTICO.....	71
2.3.1	A Expressão Linguística.....	75
2.3.2	A Oração.....	77
2.3.3	O Sintagma	77
2.3.4	A Palavra e o Morfema	78
2.4	O NÍVEL FONOLÓGICO	80
2.4.1	O Enunciado	82
2.4.2	A Frase Entonacional	84
2.4.3	A Frase Fonológica	85
2.4.4	A Palavra Fonológica	87
2.4.5	O Pé e a Sílabas.....	88
3	A NEGAÇÃO NA GRAMÁTICA DISCURSIVO-FUNCIONAL COM DADOS DO PORTUGUÊS BRASILEIRO	90
3.1	AS NEGAÇÕES DO NÍVEL INTERPESSOAL.....	91
3.1.1	A-negação: Rejeição.....	91
3.1.2	F-negação: Proibição & cia.	93

3.1.3	C-negação: Recusa	95
3.1.4	SA-negação: Negação Metalinguística	98
3.1.5	D-negação: Negação Local	100
3.2	AS NEGAÇÕES DO NÍVEL REPRESENTACIONAL	102
3.2.1	p-negação: Discordância	102
3.2.2	ep-negação: Conegação	104
3.2.3	e-negação: Não Ocorrência	105
3.2.4	f ^c -negação: Falha	107
3.2.5	α -negação: Quantificação-zero	111
3.2.6	f-negação: Negação Local	112
3.2.7	\$-negação: Antônimo	113
4	MATERIAIS E MÉTODOS	114
5	RESULTADOS E DISCUSSÃO	123
5.1	M-NEGAÇÃO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO: ASSALTO	123
5.1.1	Nível Interpessoal	124
5.1.2	Nível Representacional	137
5.1.3	Nível Morfossintático	141
5.1.4	Nível Fonológico	143
5.1.5	Conclusões	152
5.2	A-NEGAÇÃO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO: REJEIÇÃO	155
5.2.1	Nível Interpessoal	156
5.2.2	Nível Representacional	168
5.2.3	Nível Morfossintático	169
5.2.4	Nível Fonológico	171
5.2.5	Conclusões	181
5.3	M-NEGAÇÃO E A-NEGAÇÃO COMO NEGAÇÕES ACIONAIS INTERATIVAS DE ALVO	181
6	CONCLUSÕES	190
	REFERÊNCIAS	195
	DADOS CURRICULARES	205

1 INTRODUÇÃO

Segundo Horn (2001), todos os sistemas humanos de comunicação preveem a existência da negação. O caráter universal desse fenômeno tem despertado o interesse de estudiosos da linguagem desde os estudos de Platão e de Aristóteles até os dias atuais. Entretanto, a forma como o tema é abordado distancia o estudo da negação em línguas naturais dos trabalhos desenvolvidos pelos lógicos. Se, na lógica, há uma relação simétrica entre afirmação e negação, sendo a negação entendida como um operador que atua sobre o valor de verdade de uma proposição, isso não se observa nas línguas naturais.

A lógica captura somente uma pequena amostra do que a negação faz nas línguas. O ponto de vista comum, emprestado da lógica, é que o âmbito de incidência (ou escopo) da palavra de negação é a sentença inteira ou o predicado. São os gerativistas, nomeadamente Klima (1964) e Jackendoff (1969), que, a partir da noção de escopo sintático e sintático-semântico, respectivamente, pressupõem critérios de distinção da negação, classificando-a em dois tipos: negação de frase e negação de constituinte.

No português brasileiro (doravante PB), a ideia de negação é expressa por vários meios linguísticos, embora a palavra negativa “não” seja o elemento básico que mapeia a função negativa. Os variados tipos de produção de sentido negativo estão, até certa medida, associados ao escopo da negação, manifestando-se em diferentes níveis.

Nos cânones da gramática normativa, Almeida (1999), Cegalla (2000) e Kury (2006) se limitam a registrar dois níveis: a **negação sentencial** (ou de frase), conforme exemplo em (1),¹ em que ela ocorre quatro vezes, e a negação prefixal, ou **negação morfológica**, nos termos de Peres (2013), que se realiza por meio dos prefixos “a-”, “des-” e “in-” (cf. 2).

- (1) Kury (2006, p. 124):

Não vê, não ouve, não fala e não conhece ninguém. (Garrett.)

- (2) L1: Pela quarta série terceira quarta série... ele já estará mais... *independente*. [D2 SP 360]

Além dessas duas negações, Bechara (2009) e Lima (2011) incluem a negação veiculada por “nenhum”, “ninguém” e “nada” que, segundo Lima (2011), são pronomes que,

¹ Nos exemplos desta seção, negrito indica o item negativo e o que está em itálico, o seu escopo.

concomitantemente, indeterminam e negam, como em (3), além de “ nenhures ” e “ nunca ”, classificados respectivamente como advérbio-pronominal de lugar e como advérbio de tempo cujo sentido corresponde à expressão adverbial “ em tempo nenhum ”. Para Peres (2013), todos esses elementos são “ expressões autonegativas ” (p. 483) que denotam **negação existencial**. Nesse sentido, em (3), por exemplo, “ nenhum erro ” é o mesmo que “ a não existência de erros ”.

(3) Bechara (2009, p. 229):

Nenhum erro foi cometido.

Lima (2011) se destaca entre os cânones da gramática normativa ao caracterizar o uso de “ não ” como palavra vicária, da família dos pronomes, que se põe no “ núcleo de um predicado, a fim de evitar-lhe a repetição. É o que Tesnière chama *mot-phrase*, ou, na terminologia de Matoso Câmara Jr., partícula frasal ” (Lima, 2011, p. 167). A palavra “ não ”, como **negação vicária**, é exemplificada em (4).

(4) L2: E você se sentiu frustrada... por ter... ah:: sido obrigada a parar de trabalhar?
L1: **Não**. [D2 SP 360]

As gramáticas normativas consideram esses quatro tipos de negação, conforme seu escopo: negação vicária, negação sentencial, negação existencial e negação morfológica. Já na literatura linguística em geral, encontram-se outros escopos da negação.

Segundo Perini (2016), por exemplo, uma negação como a que ocorre em (5) é chamada de negação nominal, diferentemente de Alves (1996), que, nesse caso, considera o item “ não ” um prefixo, o que se enquadraria na negação morfológica de Peres (2013), que, por sua vez, adota o termo **negação morfossintática** para a negativa em (5), já que, segundo vários autores, essas construções negativas podem ser analisadas numa perspectiva tanto morfológica, gerando um novo item lexical, como sintática (cf. Peres, 2013, p. 463).

(5) Perini (2016, p. 173):

Os candidatos **não** aprovados podem tentar novamente.

Prezotto Jr. e Gonçalves (2021), por seu turno, a partir das premissas teórico-metodológicas dos Modelos Baseados no Uso (Bybee, 2016; Goldberg, 1995; 2006; Traugott;

Trousdale, 2013), argumentam que [deixar+de+V_{inf.}] é uma microconstrução que serve “às funções de marcação de aspecto final e de polaridade negativa, o que se justifica pela relação heterossêmica que as une” (Prezotto Jr.; Gonçalves, 2021, p. 51). Nesse sentido, o verbo auxiliar “deixar” que marca a negação, conforme ocorrência em (6), é, segundo Prezotto Jr. e Gonçalves (2021), parte de uma microconstrução que preserva o sentido originário da construção transitiva com o verbo pleno “deixar”. Essa negação é considerada um exemplo de **negação de sintagma verbal** por Peres (2013, p. 468).

(6) Prezotto Jr. e Gonçalves (2021, p. 45):

E isso acontece muitas vezes aos homens que, cuidando de ser bem aconselhados por aqueles a quem pedem conselho, são enganados por eles e **deixam de fazer** (=não fazem) o que devem.

Um relato sobre a negação no PB poderia ir além, abordando outros aspectos, como a negação dupla e final, amplamente conhecidas como NEG2 e NEG3 (cf., *e.g.*, Uppendahl, 1979; Schwegler, 1991; Schwenter, 2005; Barme, 2005; Teixeira de Sousa, 2018, preferencialmente nessa ordem), a concordância negativa (cf., *e.g.*, Fonseca, 2017), a prosódia da negação (cf., *e.g.*, Armstrong; Schwenter, 2008; Castro da Silva, 2016), entre outros aspectos. No entanto, esse breve apanhado sobre os escopos que a negação assume no PB é suficiente para mostrar que, no geral, a literatura trata a negação como um fenômeno sintático, sintático-semântico ou semântico.

O cenário não é diferente quando se trata do estudo da negação em outras línguas ou a partir de modelos teóricos com aspiração tipológica. Dentro da abordagem cartográfica da estrutura sintática desenvolvida por Cinque (2002), por exemplo, De Clercq (2013) distingue quatro escopos para negação: o mais alto é para o marcador de polaridade; o segundo mais alto, para o marcador de foco; o terceiro, para o marcador de grau; e o mais baixo, para o marcador de quantidade.

Já na Gramática de Papel e Referência (RRG), cujas representações combinam análise sintática e semântica, Van Valin e LaPolla (1997, p. 45-46) fazem uma distinção de três formas: negação oracional (ou externa); negação central (ou interna); e negação nuclear.² Os autores exemplificam a distinção com (7).

² Em inglês, *clause negation*, *core negation* e *nuclear negation*.

- (7) Van Valin e LaPolla (1997, p. 45):

John did not read a book.

‘João não leu um livro.’

Quando a paráfrase de (7) é “não é o caso que João leu um livro”, a negação toma toda a oração em seu escopo. Se o significado pretendido é, por exemplo, “João não leu um livro, leu uma revista”, então se diz que o escopo da negação está em um elemento do núcleo, no exemplo, “um livro”. Por fim, em um exemplo como “*John read no books*” (“João não leu nenhum livro”), o negador “*no*” é analisado como o que tem o tipo mais restrito de escopo.

Mutatis mutandis, as negações oracional, central e nuclear de Van Valin e LaPolla (1997) correspondem respectivamente à negação sentencial das gramáticas normativas do PB e de frase de Klima (1964) e Jackendoff (1969), à negação de constituinte de Klima (1964) e Jackendoff (1969) e de foco de De Clercq (2013) e à negação existencial de Peres (2013).

Por fim, na Gramática Funcional de Dik (1997b, p. 169-187), o operador negativo pode ser aplicado a qualquer uma de cinco camadas, uma pragmática e as restantes, semânticas. Lidando com elas em ordem decrescente, da hierarquia mais alta à mais baixa, Dik (1997b) primeiro reconhece a negação ilocucionária, “normalmente obtida negando um verbo performativo explícito”³ (p. 173). O estatuto exato dessa negação é discutido em 2.1.3 (p. 55-59), em que Hengeveld e Mackenzie (2018) argumentam que, na verdade, a negação de verbo performativo não é exemplo de negação ilocucionária.

Em segundo lugar, Dik (1997b, p. 174-177) coloca a negação proposicional, que se aplica quando o valor de verdade de uma proposição como um todo está explicitamente em questão, como a negação vicária de Lima (2011), exemplificada em (4) e repetida por conveniência em (8).

- (8) L2: E você se sentiu frustrada... por ter... ah:: sido obrigada a parar de trabalhar?
L1: **Não**. [D2 SP 360]

O terceiro tipo de negação distinguida por Dik (1997, p. 177) é a negação predicacional ou de estado de coisas, a que as gramáticas normativas do PB chamam de negação sentencial. Ela expressa a não aplicação de um estado de coisas e é exemplificada em (1), repetido por conveniência em (9).

³ No original: “[...] typically achieved by negating an explicit performative verb [...]”

(9) Kury (2006, p. 124):

Não vê, não ouve, não fala e não conhece ninguém. (Garrett.)

O quarto tipo é a negação de predicado (Dik, 1997, p. 178-180) e tem escopo mais restrito, aplicando-se apenas a um predicado individual. A negação de predicado aparece, mais claramente, em construções litotes, como “não desagradável” em (10), em que “não” se aplica ao predicado derivado “desagradável”, tipo de negação classificada como morfossintática por Peres (2013), como já mencionado.

(10) Dik (1997b, p. 179):

John married a *not unattractive* girl.

‘João se casou com uma garota *não desagradável*’

Por fim, “a negação de termo” ou “quantificação zero” (Dik, 1997, p. 180-183) é entendida como envolvendo não um operador negativo, mas um operador quantificador-zero, negação que De Clercq (2013) também relaciona à quantificação (negação existencial de Peres (2013) e nuclear de Van Valin e LaPolla (1997)). Em português, ela é expressa por palavras como, por exemplo, “nenhum”, conforme (3), repetido por conveniência em (11).

(11) Bechara (2009, p. 229):

Nenhum erro foi cometido.

Sob a perspectiva da Gramática Discursivo-Funcional (GDF), referencial teórico adotado neste estudo, todos esses tipos de negação, diferenciados pelo seu escopo, seja na descrição do PB seja na literatura linguística em geral, independentemente do termo utilizado para nomeá-los, negam conteúdo semântico; em outras palavras, são negações descritivas. No entanto, a negação não é apenas um fenômeno semântico, mas também pragmático, conforme já apontam Hengeveld e Mackenzie (2018), que elencam uma série de negações que incidem sobre diversas camadas previstas pela GDF, tanto do Nível Representacional, concernente à semântica (cf. Quadro 1), como do Nível Interpessoal, que diz respeito à pragmática (cf. Quadro 2).

Quadro 1 – Negações do Nível Representacional

Nível Representacional	
p	Discordância
ep	Conexão
e	Não Ocorrência
f ^c	Falha
α	Quantificação-zero
f	Negação Local
\$	Antônimo

Fonte: Adaptado de Hengeveld e Mackenzie (2018, p. 35).⁴

Quadro 2 – Negações do Nível Interpessoal

Nível Interpessoal	
A	Rejeição
F	Proibição & cia.
C	Recusa
R	Negação Metalinguística
T	Negação Metalinguística

Fonte: Adaptado de Hengeveld e Mackenzie (2018, p. 41).

A negação formulada no Nível Representacional é sempre descritiva e submetida a condições de verdade (*truth-conditional*), desde a negação denominada Discordância, que inverte o valor de verdade de uma proposição colocada em questionamento, como na negação vicária, até a negação de lexema, denominada Antônimo, em que um processo de derivação (negação morfológica) indica o contrário do sentido de um lexema. (Em 3.2, p. 102 *et seq.*, cada uma das seis negações identificadas na literatura sobre o PB é correlacionada aos diferentes tipos de negação elencados no Quadro 1, que têm como escopo uma determinada camada da estrutura semântica dos enunciados.)

A negação do Nível Interpessoal, por outro lado, não é descritiva, mas acional, ou seja, não é submetida a condições de verdade (*non-truth-conditional*), o que significa que ela não expressa significado negativo em sentido estrito, mas diz respeito a ações que o Falante realiza no momento da fala, ou seja, a negação acional não expressa significado negativo porque ela não descreve o mundo externo, conforme faz a negação semântica, mas é uma ação que, em si mesma, contém um valor negativo. Hengeveld e Mackenzie (2018) identificam quatro tipos de negação acional, conforme apresentado no Quadro 2: Negação Metalinguística, que opera na

⁴ A adaptação consiste na substituição de “x”, que indica a categoria semântica Indivíduo, por “ α ”, que representa qualquer entidade semântica cujo núcleo não é configuracional. Além disso, o quadro é traduzido do original inglês. Nos próximos quadros e figuras, quando a adaptação se restringir à tradução para o português, ela não é indicada por nota.

camada do Subato; Recusa, que atua na camada do Conteúdo Comunicado; Proibição, própria da camada da Ilocução; e Rejeição, da camada do Ato Discursivo. Cada uma dessas negações acionais é abordada brevemente a seguir.

Liberatti (2000, p. 130-146), seguindo os critérios estabelecidos por Carston (1996, p. 311-312), detecta o uso metalinguístico da negação no PB em ocorrências como (12), em que o termo “autista” é considerado impróprio para se referir à pessoa de Pedro, e, utilizando pistas formais, propostas por Horn (2001, p. 392), mostra a incapacidade de a negação se incorporar prefixalmente ao termo relacionado, conforme se comprova em (13).

(12) O nome dele **não** é *Autista*. O nome dele é Pedro. (Disponível em: <https://www.historiasquebrincam.com.br/pedro>. Acesso em: 17 dez. 2014).

(13) Horn (2001, p. 392):

The queen of England is {not happy/#unhappy}—she’s ecstatic.

‘A rainha da Inglaterra {não está feliz/#está infeliz}—ela está em êxtase.’

Tanto a negação em (12) como a em (13) são também denominadas Negação Metalinguística por Hengeveld e Mackenzie (2018). Enquanto em (12) a negação indica a inadequação da palavra “autista” para se referir a uma entidade no mundo (um Subato Referencial), em (13) nega-se a adequação da utilização do atributo “feliz” (Subato Atributivo) a um determinado referente.

Horn (2001, p. 435), ao mencionar a negação marcada por “*it’s not that*” (“não é que”), classifica-a também como uma negação metalinguística, já que é irrelevante o fato de a proposição ser verdadeira ou falsa. Liberatti (2000, p. 220-221), tratando da mesma estrutura, admite que “não (é) que”, embora assuma escopo proposicional, gera uma leitura metalinguística, de modo que todo o enunciado clivado é recusado para, em seguida, informar-se qual aspecto do enunciado é rejeitado, retificando-o, como em (14).

(14) Liberatti (2000, p. 221):

Não é que os cupins regulem sozinhos a temperatura do ninho, mas os cupins e o ninho formam juntos um sistema que regula sua temperatura sozinho (fsp 31.12.95).

Para Neves (2011, p. 296-298), em orações com “não é que”, há, na verdade, negação no nível sintático-semântico, de valor basicamente informativo (um dos tipos de negação

predicativa oracional), em que se nega “o vínculo existente entre sujeito e predicado” (Neves, 2011, p. 294). A autora ressalta, porém, a existência de um valor argumentativo, marcado pelo uso de “não que” (cf. Neves, 2011, p. 297), frequentemente seguido de “segmentos que, de algum modo, colocam alguma outra coisa no lugar daquilo que foi negado, [...] rejeitado no segmento anterior” (Neves, 2011, p. 298), como em (15).

(15) Neves (2011, p. 298, destaques da autora):

NÃO QUE seja ela difícil ou somente inteligível nos altos meios intelectuais. **NADA DISSO. É que** uma concepção falsamente tecnocrata se apossou de algumas autoridades financeiras, tornando letra morta qualquer tentativa de diálogo. (EM)

Hengeveld e Mackenzie (2018), no entanto, tratam essa negação como interpessoal, ou seja, uma negação acional da camada do Conteúdo Comunicado, já que se nega a adequação (e não a verdade) de uma mensagem. A esse tipo de negação denominam Recusa.

Como se vê, a Negação Metalinguística e a Recusa atuam nas camadas mais baixas do Nível Interpessoal. Como mostra o Quadro 2, Hengeveld e Mackenzie (2018), além da Negação Metalinguística, própria da camada do Subato, e da Recusa, própria do Conteúdo Comunicado, identificam duas outras negações acionais: Proibição (& cia.) e Rejeição, que se relacionam respectivamente às camadas da Ilocução e do Ato Discursivo.

Na literatura de modo geral, há trabalhos que discutem a negação de Ilocução, como, por exemplo, Searle (1969, p. 32-33), que distingue negação ilocucionária (cf. 16a) de proposicional (cf. 16b).

(16) a Eu não prometo vir.

b Eu prometo não vir.

Para Searle, a negação ilocucionária “muda o caráter do ato ilocucionário”⁵ (1969, p. 32). Em (16b), por exemplo, há uma promessa, mas, uma vez que o verbo performativo “prometer” é negado (cf. 16a), a força ilocucionária se torna uma recusa. (Em 3.1.2, p. 93 *et seq.*, demonstra-se que casos como esses são, na verdade, negações semânticas, e não de Ilocução.)

Quanto à negação de Ato Discursivo, Givón (1979, p. 93-103) menciona a existência de um ato de fala negativo, que, pelo termo, pode dar a entender se tratar de uma Rejeição. Para o

⁵ No original: [...] *change the character of the illocutionary act.*

autor, no ato de fala negativo, ou asserção negativa, “o falante não pretende comunicar novas informações ao ouvinte. Em vez disso, ele deseja corrigir as crenças equivocadas do ouvinte.”⁶ (Givón, 1979, p. 103), como a de que a sua esposa está grávida, em (17).

(17) Givón (1979, p. 101, grifos do autor):

- A: What’s new?
 ‘Quais as novidades?’
- B: – My wife **isn’t** pregnant.
 ‘Minha esposa não está grávida.’
- A: Gee, was she **supposed to** be?
 ‘Nossa, era para ela estar?’

Apostel (1972, p. 273), no entanto, parafraseia o ato de fala negativo, a exemplo de (17B), como “eu nego [x]”. A descrição dessa paráfrase, contudo, é bem capturada por um ato de fala com “negar” como um verbo performativo, e não como uma Rejeição, exemplificada em (18).

(18) Hengeveld e Mackenzie (2018, p. 36):

- A: Go home!
 “Vá para casa!”
- B: **No!** (I don’t accept your order.)
 “Não! (eu não aceito sua ordem.)”

Em (18), “no” serve para o interlocutor B reagir ao Ato Discursivo “Go home!” executado por A, de modo a rejeitar o ato de fala imperativo (18A). Hengeveld e Mackenzie (2018), para explicar o uso de “no” em (18), afirmam que o “falante B considera que o falante A não está em posição de lhe dizer o que fazer”⁷ (p. 36); dito de outro modo, o falante B considera inapropriado o ato de fala enunciado naquela circunstância. Assim, o item negativo “no” (“não”) que rejeita Ato Discursivo é, na representação da GDF, especificado como núcleo dessa camada, conforme demonstra (19).

⁶ No original: [...] *the speaker does not intend to communicate new information to the hearer. Rather, s/he wishes to correct the hearer’s misguided beliefs.*

⁷ No original: “*Speaker B considers that speaker A is not in a position to tell him/her what to do.*”

(19) Hengeveld e Mackenzie (2018, p. 36):

(A₁: no (A₁))

Na literatura linguística, até onde é de nosso conhecimento, a negação de Ato Discursivo é primeiramente tratada por Hengeveld e Mackenzie (2018), mas ainda carece de refinamento. Já na literatura do PB, salvo engano, não há trabalhos que reconhecem a existência de negação de atos de fala (Atos Discursivos). Esses dois aspectos já justificam um estudo como o que aqui se apresenta.

O levantamento bibliográfico sobre o assunto, no entanto, revela ainda um uso inusitado de “não”, identificado por Andrade (2015), conforme exemplificado em (20).

(20) Andrade (2015, p. 253):

Gisele: (...) Existe dentro da psiquiatria geriátrica o trabalho específico com terminais, mas não é toda geriatria que trabalha com terminais.

Coordenador da entrevista: Cândido, você...

Cândido: **Não**, só gostaria de parabenizar vocês por todo este programa, estamos no ano internacional do idoso, eu acho que...

Nessa ocorrência, – afirma o autor – “o entrevistado interrompe o coordenador da entrevista para iniciar seu turno e o faz com o uso do termo ‘não’, sem ter qualquer intenção de negar o enunciado anterior” (Andrade, 2015, p. 253), ou, em outras palavras, sem negar qualquer conteúdo semântico prévio.

O levantamento de dados efetuado para este estudo identifica esse uso de “não” em ocorrências como a de (21). Em (21), TER começa um turno de fala (“e o Zé Levi”), mas é interrompida por RUT, por meio de “não”, que, em seguida, assume o turno.

(21) TER: aí / cê acha que eu devo convidar o Guilherme / todo mundo / <né Rute> /

RUT: <todo> mundo // <com certeza> / <Terezinha> //

TER: <e o Zé> Levi /

RUT: <**não**> // convite de casamento / cê pode mandar pa todo mundo // [bfamcv02_2018]

Pelo viés da GDF, se não se nega conteúdo semântico, ou seja, se não é uma negação do Nível Representacional, trata-se de um uso acional, portanto, do Nível Interpessoal. Um turno de fala, nesse modelo teórico, corresponde geralmente a um Movimento, a maior camada

do Nível Interpessoal. É uma unidade mínima livre do discurso com poder perlocutório.⁸ Em ocorrências como (20) e (21), a palavra “não” é utilizada como um expediente de *tomada de turno*, uma vez que não nega nenhum conteúdo, mas representa uma ação do Falante para assumir/assaltar o turno conversacional e dar continuidade à interação em andamento. Outra propriedade comum entre (20) e (21) é que, após assumir o turno, o participante da interação verbal dá continuidade à interação sem, no entanto, mudar o assunto do discurso em andamento.

Como se vê, trata-se de outro uso de “não” acional, não identificado por Hengeveld e Mackenzie (2018). A procura de ocorrências desse uso da partícula negativa “não” em outras línguas, como o inglês “no”, foi infrutífera, o que deixa a dúvida de que esse expediente de tomada/assalto de turno seja próprio do português. Essa constatação impulsiona e justifica uma investigação como a que aqui se desenvolve.

Desse modo, a **proposta** deste estudo é investigar a negação acional, ou seja, do Nível Interpessoal, no PB, marcada por “não”, que opera nas camadas mais altas desse nível, a do Ato Discursivo e, possivelmente, a do Movimento.

Como já registrado, Hengeveld e Mackenzie (2018), ao tratarem da negação na camada do Ato Discursivo, explicam que ela é resultado da inadequação do ato de fala diretivo enunciado naquela circunstância; por isso, o Falante o rejeita. Os autores restringem-se a Atos Discursivos com Ilocução Imperativa, e nomeiam esse tipo de negação de Rejeição.

Considerando que o alocutário entende como inapropriado o ato de fala enunciado em determinada circunstância, as perguntas que surgem e que se pretendem responder são as seguintes:

- (i) É a assimetria entre os Participantes que motiva a Rejeição?
- (ii) A Rejeição pode ocorrer com Atos Discursivos que não sejam Imperativos?

A **hipótese** a ser aqui defendida é a de que a negação de Atos Discursivos, doravante **A-negação**, é motivada pela inadequação do proferimento, pelo Falante A, de um Ato Discursivo, com qualquer Ilocução, considerado inapropriado naquela circunstância pelo Falante B.

Já com relação ao uso de “não” como estratégia de assalto ao turno, pretende-se responder as seguintes perguntas de pesquisa:

⁸ Perlocutório: ato de fala que é constituído pelos efeitos produzidos no interlocutor por aquilo que é dito. Que é definido pelo efeito no interlocutor daquilo que lhe foi dito, dependendo exclusivamente da circunstância em que está o enunciado: ato de fala perlocutório.

- (i) A tomada de turno por meio de “não” é uma negação da camada do Movimento?
- (ii) Após a tomada de turno, é possível mudar o assunto do discurso em desenvolvimento?

Nossa **hipótese** é a de que “não”, nesses casos, constitui negação de Movimento, doravante **M-negação**, cuja motivação é o desejo do interlocutor de tomar o turno de fala e, com isso, contribuir para a interação em andamento, desenvolvendo o assunto do discurso em discussão.

A escassez de estudos sobre a A-negação e sobre um item negativo de tomada de turno, não só no PB, mas também em todas as línguas, confere ineditismo a este trabalho, cujo **objetivo principal** é investigar a A-negação e a M-negação no PB, correlacionando seus aspectos formais (morfossintáticos e fonológicos) aos funcionais (pragmáticos e semânticos) sob a ótica da GDF.

A escolha da GDF como referencial teórico se justifica por dois motivos. Em primeiro lugar, a GDF, como modelo funcionalista, entende que a negação pode ser tanto um fenômeno pragmático como semântico, mapeado na morfossintaxe e/ou na fonologia, que reflete a intenção do usuário da língua no contexto comunicativo. Se a negação é pragmática, então ela é formulada no Nível Interpessoal; se semântica, no Nível Representacional. Essa distinção da GDF permite um tratamento mais preciso quanto à natureza da negação em análise.

Em segundo lugar, a GDF é um modelo estratificado. Além de apresentar quatro níveis de análise (Interpessoal, Representacional, Morfossintático e Fonológico), cada nível é composto por uma série de camadas, dispostas hierarquicamente. Essa série de camadas permite uma identificação rigorosa do âmbito de incidência da negação, além de possibilitar uma descrição o mais detalhada possível de como ela é codificada morfossintática e fonologicamente.

Uma vez respondidas as perguntas (i) e (ii) e testadas as hipóteses principais deste estudo é que se pode definir o **objetivo específico** deste trabalho, que consiste em identificar, em termos interpessoais, no que a negação de Ato Discursivo (e, possivelmente, a de Movimento) se aproximam e se distanciam das outras negações acionais (F-negação, C-negação e SA-negação).

Para cumprir esses objetivos, são coletadas ocorrências de **corpora** de língua falada (o *cópus* mínimo do PGPF extraído do NURC, o *corpus* do Projeto C-ORAL-BRASIL I e o *corpus* Iboruna) e de dados retirados de páginas da internet sediadas no Brasil. Além disso, para comparação das propriedades fonológicas da A-negação com as dos outros tipos de negação

previstos pela GDF, coletam-se dados por meio da gravação da voz de um informante em experimento controlado. Já o método de análise é dedutivo-indutivo, de caráter qualitativo.

A estrutura deste trabalho é dividida da seguinte forma: em 2, expõe-se o referencial teórico adotado, a GDF; na sequência, em 3, apresentam-se as várias negações identificadas pela GDF, tanto as acionais como as descritivas, com dados do PB; em 4, por sua vez, explicam-se os materiais e métodos, bem como as justificativas para sua adoção; em 5, as ocorrências são analisadas e descritas, cumprindo os objetivos propostos e respondendo às perguntas de pesquisa. Por fim, em 6, tecem-se as conclusões.

2 A GRAMÁTICA DISCURSIVO-FUNCIONAL⁹

Este estudo é baseado em pressupostos teóricos do funcionalismo linguístico, especificamente do funcionalismo holandês. As categorias teórico-analíticas que norteiam a análise e a descrição dos objetos de estudo deste trabalho são da Gramática Discursivo-Funcional (GDF), proposta por Hengeveld e Mackenzie (2008), cuja precursora é a Gramática Funcional (GF) de Dik (1997a, 1997b).

O estabelecimento do funcionalismo moderno, de certo modo, é decorrente de uma oposição ao paradigma da teoria gerativa, cujo principal expoente é o linguista norte-americano Chomsky, que inaugurou, em 1957, o modelo teórico da Gramática Transformacional (GT). O funcionalismo moderno, porém, de acordo com DeLancey (2001), encontra raízes epistemológicas em Saussure e em estudos a ele anteriores, como os de Whitney (2013), Von Der Gabelentz *et al.* (2016) e Hermann Paul (1995), entre outros, que entendem que a “estrutura linguística deve ser explicada em termos de imperativos funcionais, cognitivos e ‘psicológicos’”¹⁰ (DeLancey, 2001, n.p). A estrutura sincrônica de uma língua, assim, é explicada por “processos diacrônicos recorrentes, que são, em sua maioria, funcionalmente orientados”¹¹ (DeLancey, 2001, n.p).

Não sem motivo, o termo “funcional” tem sido vinculado a uma variedade tão grande de modelos teóricos que, como afirma Pezatti (2009), torna-se “impossível a existência de uma teoria monolítica que seja compartilhada por todos os que se identificam com a corrente funcionalista” (p. 167). Por outro lado, esses variados modelos funcionalistas compartilham traços comuns: são-lhes cara a concepção de que a língua natural está a serviço da comunicação e/ou interação social, sendo vista “como uma ferramenta cuja forma se adapta às funções que exerce e, desse modo, ela pode ser explicada somente com base nessas funções, que são, em última análise, comunicativas” (Pezatti, 2009, p. 168); além disso, sua premissa metodológica é o estabelecimento de um objeto de estudo firmado no uso real da língua, não admitindo a separação dicotômica entre sistema e uso, como fazem o estruturalismo saussuriano, com a distinção entre língua e *parole*, e o gerativismo, com a distinção entre competência e desempenho.

⁹ Além dos *corpora* indicados na Seção **MATERIAIS E MÉTODOS**, os exemplos utilizados nesta seção são também retirados do *Cópus Português Falado*, produzido no âmbito do projeto “Português Falado: Variedades Geográficas e Sociais” (EUROPEAN COMMISSION DGXXII, 1995-1997).

¹⁰ No original: [...] *linguistic structure must be explained in terms of functional, cognitive, “psychological” imperatives.*

¹¹ No original: [...] *recurrent diachronic processes which are for the most part function-driven.*

Assim, o funcionalismo linguístico oferece uma noção operacional da língua, elegendo, como sua função primária, a função comunicativa, que, por sua vez, torna-se a prioridade metodológica do funcionalismo. O funcionalismo inaugura, pois, um método cujo princípio é a premissa de que toda explicação linguística deve ser buscada na relação entre linguagem e uso, isto é, o compromisso principal do enfoque funcionalista é descrever a língua não como um fim em si mesma, mas como um requisito pragmático da interação verbal.

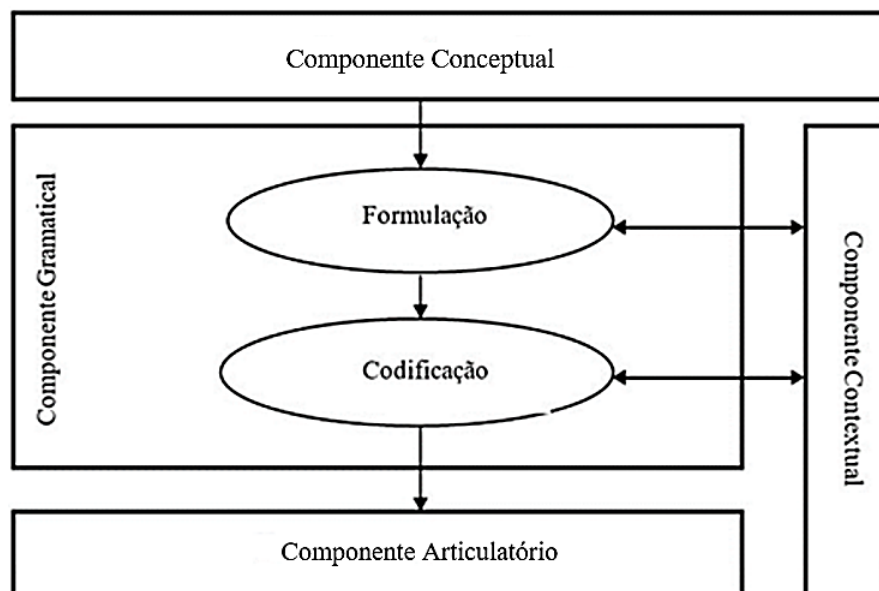
Um estudo que se proponha a analisar e descrever a negação acional sob o viés funcionalista, como este, deve, portanto, relacionar os aspectos formais às funções que essas construções exercem na interação verbal.

Dik (1997a, 1997b), no desenvolvimento de um modelo que se adeque aos princípios funcionalistas, propõe o modelo da GF, que se conforma a três princípios de adequação explanatória: adequação pragmática, psicológica e tipológica.

A adequação pragmática se traduz na tarefa de revelar as propriedades das expressões linguísticas que se relacionam às regras da interação verbal. A adequação psicológica, por sua vez, manifesta-se na compatibilidade da descrição gramatical com as teorias e hipóteses teóricas psicológicas a respeito do processamento linguístico, tanto aquelas que versam sobre o modo como as expressões linguísticas são recebidas pelo ouvinte (modelos de compreensão) como aquelas que tratam do modo como elas são produzidas (modelos de produção). A adequação tipológica, por fim, refere-se à capacidade de explicar gramáticas de línguas tipologicamente diferentes, ou seja, de descrevê-las por meio de um mesmo arcabouço teórico-metodológico, explicando tanto as similaridades (por vezes, universais linguísticos) como as diferenças entre os variados sistemas linguísticos.

Proposto por Hengeveld e Mackenzie (2008), o modelo teórico da GDF é um desenvolvimento da GF. Nesse desenvolvimento, a GDF mantém, em seu modelo teórico, a natureza situada da comunicação linguística, ou seja, apresenta inter-relação entre linguagem e contexto. Essa inter-relação é expressa pelo Componente Conceptual, pelo Componente Contextual e pelo Componente Articulatório. Esses componentes dão compatibilidade à GDF com uma teoria mais ampla da interação verbal, ou seja, apesar de a GDF ser estritamente um modelo de gramática, ela, ao considerar a interação do Componente Gramatical com os outros componentes (cf. Figura 1), adquire um formato teórico ao mesmo tempo estrutural e funcional.

Figura 1 – A Gramática Discursivo-Funcional como parte de uma teoria mais ampla de interação verbal



Fonte: Adaptado de Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 6).¹²

O Componente Conceptual é pré-linguístico. Segundo Hengeveld e Mackenzie (2012), ele é:

responsável pelo desenvolvimento tanto da intenção comunicativa relevante para o evento de fala corrente, quanto das conceitualizações associadas relativas a eventos extralinguísticos relevantes, sendo, dessa forma, a força motriz por trás do componente gramatical como um todo (p. 44).

Esse componente não inclui todos os aspectos da cognição que são potencialmente relevantes para a análise linguística, mas apenas aqueles que afetam a intenção comunicativa imediata. (Para mais informações sobre o Componente Conceptual, cf. Connolly, 2017).

O Componente Articulatorio, por sua vez, é o responsável por gerar as expressões linguísticas (acústicas, escritas ou de sinais) com base na informação fornecida pelo Componente Gramatical. Sua função pode ser entendida, pois, como “a tradução da informação digital (isto é, categorial, baseada em oposição) na gramática para uma forma analógica (isto é, continuamente variável)” (Hengeveld; Mackenzie, 2012, p. 45).

A Gramática Discursivo-Funcional é assim chamada porque busca compreender a estrutura das expressões linguísticas em seu contexto discursivo, embora não seja um modelo

¹² Além da tradução do original, a adaptação consiste no uso do termo “Componente Articulatorio” (“*Articulation Component*”), atualizado por Hengeveld, Keizer e Giomi (em preparação), em substituição a “Componente de Saída” (“*Output Component*”).

analítico-discursivo. A GDF leva em conta o contexto discursivo, já que a intenção desenvolvida pelo Falante não surge no vácuo, mas num contexto comunicativo multifacetado. Esse contexto é capturado pelo Componente Contextual, que é compartilhado e construído conjuntamente pelos interlocutores à medida que a troca comunicativa acontece. Nesse sentido, Mackenzie (2012), baseando-se na teoria “mecanicista” do diálogo de Pickering e Garrod (2004; 2005), propõe que o Componente Contextual é um terreno comum implícito e um canal para o alinhamento interativo dos processos gramaticais. Esse terreno comum contém dois tipos de informação:

Em primeiro lugar, abriga as informações imediatas recebidas do Componente Gramatical sobre um enunciado particular que é relevante para a forma que os enunciados subsequentes possam assumir. Em segundo lugar, ele contém informações de longo prazo sobre a interação em andamento que são relevantes para as distinções necessárias na língua em questão e que influenciam a formulação e a codificação nessa língua. (Hengeveld; Mackenzie, 2008, p. 9-10).¹³

Abrigando apenas informações relevantes para a forma das expressões linguística, a GDF adota o que Butler (2008) chama de uma “postura conservadora” para o Componente Contextual (cf. também Connolly, 2007; Alturo; Keizer; Payrato, 2014; Hengeveld; Mackenzie, 2014). Esse acervo de informações, de curto e de longo prazo, alimenta e é alimentado pelas operações da Formulação e da Codificação do Componente Gramatical, que, por sua vez, constitui a gramática de uma língua natural.

As operações da Formulação convertem a intenção comunicativa em representações pragmáticas, no Nível Interpessoal (NI), e semânticas, no Nível Representacional (NR), que, em seguida, são convertidas em representações morfossintáticas e fonológicas no Nível Morfossintático (NM) e no Nível Fonológico (NF), respectivamente, por meio das operações da Codificação.

Esses níveis são de natureza linguística, inclusive no que se refere ao Nível Interpessoal e ao Nível Representacional. Desse modo, descrevem a língua em termos de suas funções e significados apenas na medida em que essas funções e esses significados são codificados na gramática de uma língua.

¹³ No original: *Firstly, it houses the immediate information received from the Grammatical Component concerning a particular utterance which is relevant to the form that subsequent utterances may take. Secondly, it contains longer-term information about the ongoing interaction that is relevant to the distinctions that are required in the language being used, and which influence formulation and encoding in that language.*

Na Formulação, a mensagem pré-linguística, advinda do Componente Conceptual, converte-se nos primitivos dos dois níveis mais altos, o Nível Interpessoal e o Nível Representacional, que são:

(1) os moldes, que definem as combinações possíveis de (2) lexemas, os quais por sua vez constituem as unidades semânticas distinguidas pela GDF, e (3) os operadores, ou seja, elementos gramaticais que se aplicam a unidades de seu respectivo nível. (Pezatti, 2016, p. 19).

Na Codificação, os primitivos dos dois níveis da Formulação se convertem em primitivos dos dois níveis mais baixos, o Nível Morfossintático e o Nível Fonológico. O Nível Morfossintático dispõe, como primitivos, dos padrões, que determinam a organização dos constituintes nesse nível, dos morfemas gramaticais e dos operadores gramaticais. O Nível Fonológico, por sua vez, tem, como primitivos, além dos padrões e dos operadores fonológicos, as formas supletivas.

Os níveis que formam o Componente Gramatical são estruturados, cada qual, ao seu modo. O que têm em comum é que são todos dispostos em camadas. Cada camada é composta de um núcleo (h, H), que pode ser restringido por um modificador (σ, Σ), especificado por um operador (π, Π) e ter ainda uma função (ϕ, Φ).¹⁴ Os núcleos e os modificadores são lexicais, enquanto os operadores e as funções são gramaticais, sendo as funções de carácter relacional, ou seja, elas estabelecem relação entre unidades dispostas numa mesma camada. Assim, a representação geral das camadas dentro dos níveis é como (22), sendo “v” a variável da camada relevante.

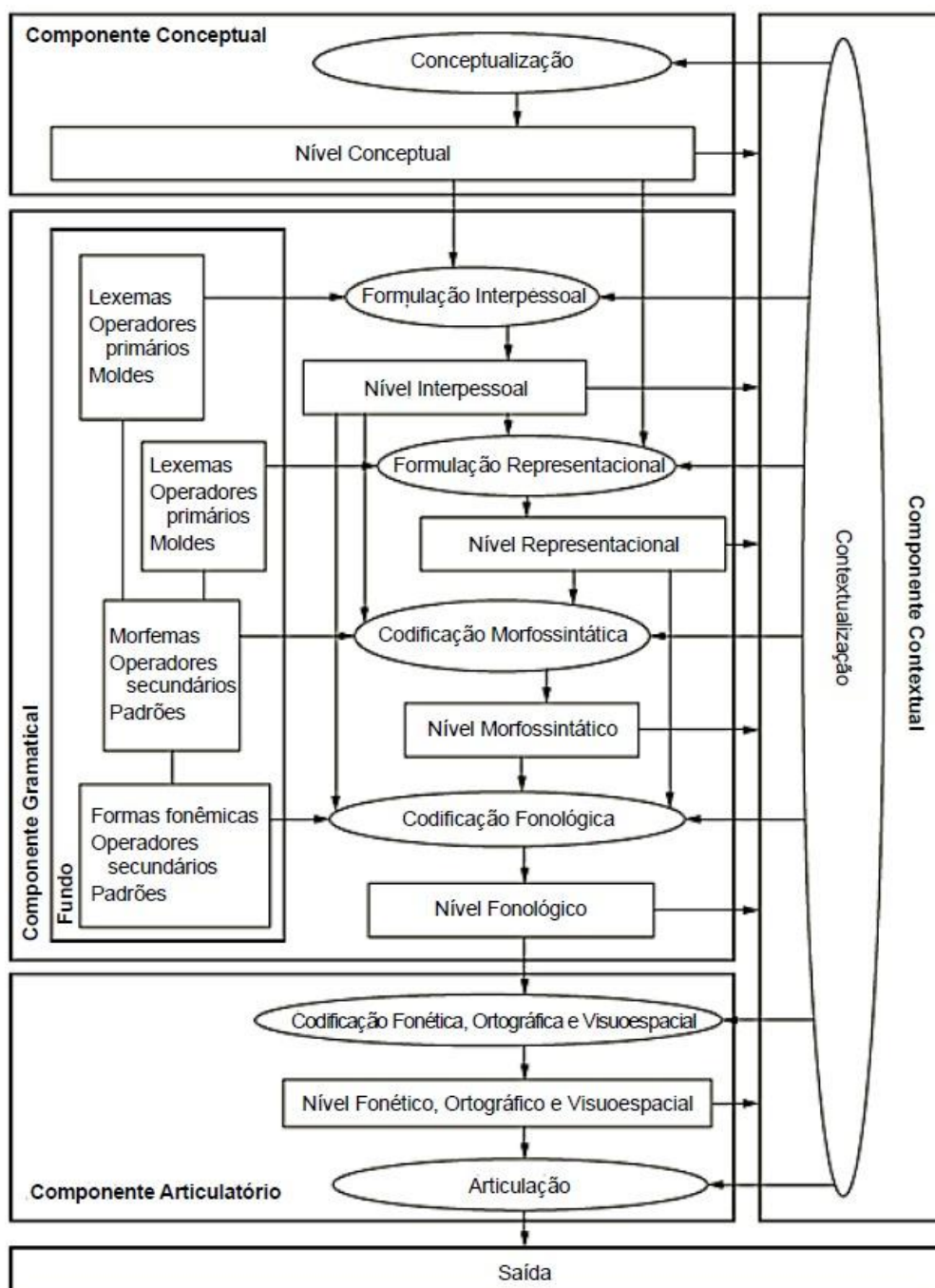
$$(22) \quad (\pi \ v_1: h \ (v_1): \sigma \ (v_1))_{\phi}$$

Como mostra a Figura 2 a seguir, o modelo da GDF apresenta uma arquitetura modular com organização descendente (*top down*), ou seja, da intenção para a forma das expressões linguísticas. Essa direção descendente é “motivada pela suposição de que um modelo de gramática será mais eficaz quanto mais sua organização assemelhar-se ao processamento de linguagem no indivíduo”¹⁵ (Hengeveld; Mackenzie, 2008, p. 1-2), alcançando, assim, adequação psicológica (cf. Dik, 1997a, p. 13-14), conforme demonstram estudos psicolinguísticos (*e.g.*, Levelt, 1989).

¹⁴ Os símbolos são grafados com maiúsculas apenas no Nível Interpessoal.

¹⁵ No original: [...] *motivated by the assumption that a model of grammar will be more effective the more its organization resembles language processing in the individual.*

Figura 2 – Arquitetura geral da Gramática Discursivo-Funcional



Fonte: Adaptado de Hengeveld, Keizer e Giomi (em preparação).

Convém ressaltar, contudo, que a GDF é “um modelo de intenções e conceituações codificadas” (cf. Hengeveld, 2004, p. 366-377; Hengeveld; Mackenzie, 2008, p. 2), e não um modelo de produção da linguagem, como o de Levelt (1989). Assim, o objetivo da GDF é entender como as expressões linguísticas são estruturadas de acordo com as intenções comunicativas e o mundo que descrevem, modelando-as numa “implementação dinâmica” (cf. Bakker; Siewierska, 2004). Nesse sentido, a GDF é um modelo de “padronização”, e não um

modelo de “processo” da linguagem (cf. Fortescue, 2004, p. 169, que alerta sobre as possíveis inconsistências de “modelos híbridos”), embora a GDF seja um modelo de padronização inspirado pelo processo, sem, contudo, buscar formalizar o último (cf. Hengeveld; Mackenzie, 2008, p. 24).

Por ter organização descendente e ser um modelo orientado pelo discurso, a GDF assume o Nível Interpessoal como hierarquicamente acima dos outros níveis e, desse modo, alcança adequação pragmática, como preconiza Dik (1997a, p. 13) em seus princípios de adequação explanatória (cf. Dik, 1997a, p. 12-15). Disso, decorre a organização do Componente Gramatical, em que a pragmática governa a semântica, ambas governam a morfossintaxe, e a pragmática, a semântica e a morfossintaxe governam a fonologia, como ilustrado na Figura 2. Assim, “a GDF leva a abordagem funcional de língua ao seu extremo lógico”¹⁶ (Hengeveld; Mackenzie, 2008, p. 13); isso porque a postura funcionalista implica a “hipótese de que as categorias formais podem ser criteriosamente explicadas se consideradas em correspondência com as categorias semânticas e pragmáticas originadas na cognição humana e na comunicação inter-humana” (Hengeveld; Mackenzie, 2012, p. 48), correlacionando as funções às estruturas, ambas sedimentadas no repertório da língua ao longo dos tempos, como primitivos das operações da Formulação e da Codificação, respectivamente.

Desse modo, a GDF assume uma abordagem “função-para-forma” orientada para a forma (cf. Hengeveld; Mackenzie, 2008, p. 38-39). É orientada para a forma porque descreve apenas aqueles fenômenos interpessoais e representacionais que são refletidos morfossintática e/ou fonologicamente e é “função-para-forma” porque explica a codificação morfossintática e fonológica com base nas estruturas pragmáticas e semânticas subjacentes, que, por sua vez, modulam as intenções comunicativas do Falante.

A GDF é um modelo teórico que se preocupa com a formalização dos dados por ela submetidos à descrição. Essas formalizações dão precisão ao modelo e confere-lhe poder preditivo, permitindo-lhe adequação tipológica, o terceiro princípio de adequação explanatória preconizado por Dik (1997a, p. 14-15), já que todas as línguas naturais são submetidas às mesmas predições formalizadas.

As formalizações da GDF correspondem às representações de cada um dos vários níveis da gramática para uma determinada expressão linguística.

Para melhor legibilidade, aplicam-se várias convenções nas representações. A primeira prevê o uso de diferentes tipos de caracteres para as variáveis dos diferentes níveis de análise:

¹⁶ No original: *FDG takes the functional approach to language to its logical extreme.*

letras maiúsculas para as variáveis do Nível Interpessoal (*e.g.*, “A” para Ato Discursivo); letras minúsculas para as do Nível Representacional (*e.g.*, “p” para Conteúdo Proposicional); a primeira letra maiúscula e as restantes minúsculas para as do Nível Morfossintático (*e.g.*, “Np” para Sintagma Nominal); e letras em versalete para as do Nível Fonológico (*e.g.*, “IP” para Frase Entonacional).

Em todos os níveis, os operadores são fornecidos em letras minúsculas (*e.g.*, “neg” para o operador de negação). As funções, por sua vez, são subscritas e representadas por letras maiúsculas, no caso das funções pragmáticas (*e.g.*, “_{TOP}” para função pragmática Tópico), e pela primeira letra maiúscula e as restantes minúsculas, no caso de todas as outras funções (*e.g.*, “_{Motiv}” para função retórica Motivação).

Em muitos casos, nem todos os detalhes são necessários para a análise do fenômeno em questão. Para essas situações, usa-se travessão para indicar o início e o fim de um fragmento que não é analisado detalhadamente. Assim, se, por exemplo, o que interessa é apenas a natureza da relação entre Atos Discursivos (A) dentro de um Movimento (M), a representação é como (23), em que se indica que A_J oferece a motivação para a produção de A_I, sem, no entanto, descrever outras peculiaridades internas à estrutura dos Atos Discursivos em questão.

(23) -> vai-te embora que a minha mãe não, não me deixa conversar. (PRT97: Namoro OutrosTempos)

NI: (M_I: [(A_I: -vai-te embora- (A_I)) (A_J: -a minha mãe não me deixa conversar- (A_J))_{Motiv}] (M_I))

Se, no exemplo em (23), interessa evidenciar apenas o estatuto pragmático de “a minha mãe”, o uso de reticências é o adequado, como mostra (24).¹⁷

(24) -> vai-te embora *que a minha mãe não, não me deixa conversar*. (PRT97: Namoro OutrosTempos)

NI: (C_I: [... (II R_I: -minha mãe- (R_I))_{TOP}] (C_I))

Outra convenção importante diz respeito ao uso de índices subscritos para as variáveis. Ao apresentar moldes e padrões gerais, empregam-se índices subscritos numéricos, indicando que a variável não é instanciada. Por outro lado, nas representações de exemplos reais, utilizam-

¹⁷ Em (24) e nos próximos exemplos, representa-se apenas o que está em itálico, ao passo que o que está em negrito é o que se deseja evidenciar.

se índices subscritos alfabéticos, indicando que a variável é instanciada. Assim, a representação não instanciada de (23) – uma representação instanciada – é (25).

$$(25) \quad (M_1: [(A_1) (A_2)_{\text{Motiv}}] (M_1))$$

Os colchetes são usados para manter juntos dois ou mais elementos que estão num relacionamento não hierárquico um com o outro, mas que, juntos, são hierarquicamente subordinados a uma camada imediatamente acima, como em (23), em que dois Atos Discursivos não relacionados hierarquicamente estão juntos dentro do escopo de um Movimento. As chaves, por seu turno, são usadas nos casos em que é desejável indicar a opcionalidade dos elementos, como em (26), em que Gw_1 , Xp_1 e Cl_1 , que podem corresponder, por exemplo, a um artigo definido, a uma locução adjetiva e a uma oração subordinada adjetiva, respectivamente, são elementos que assumem ou não a posição dentro de um Sintagma Nominal no português.

$$(26) \quad (Np_1: \{[(Gw_1)] (Nw_1) \{(Xp_1)\} \{(Cl_1)\}\} (Np_1))$$

Os parênteses, por seu turno, indicam tanto o início como o fim da descrição de uma categoria de análise. Em (26), por exemplo, o parêntese anteposto à primeira notação de Np_1 indica seu início, ao passo que o parêntese duplo posposto à segunda notação de Np_1 indica seu final.

Quando usadas como termos técnicos afeitos ao modelo teórico da GDF, as palavras iniciam com letras maiúsculas. Assim, utilizam-se letras maiúsculas: para unidades de análise, como Movimento, Conteúdo Proposicional, Sintagma Verbal e Palavra Fonológica; para operadores e funções, como Passado, Inativo e Sujeito; para moldes, como Tético e Existencial; e para padrões, como Coordenação e Cossubordinação.

Na subseção a seguir, em que se apresenta o Nível Interpessoal e suas camadas, várias dessas convenções notacionais podem ser observadas.

2.1 O NÍVEL INTERPESSOAL

O Nível Interpessoal diz respeito aos “aspectos formais de uma unidade linguística que refletem seu papel na interação entre o Falante e o Ouvinte”¹⁸ (Hengeveld; Mackenzie, 2008, p. 46). A finalidade da interação faz com que o Falante empregue uma estratégia para alcançar seus objetivos comunicativos. Essa estratégia – de que o Falante pode ou não estar totalmente consciente – terá que levar em conta o fato de que a produção linguística se desenvolve no tempo e que nem todos os objetivos podem ser alcançados imediatamente, gerando uma série de ações governadas por uma estratégia global que leva em consideração que o Ouvinte também tem seus próprios propósitos e estratégias (cf. Hengeveld; Mackenzie, 2008, p. 46).

No Nível Interpessoal, o discurso se organiza em camadas hierárquicas; em outras palavras, o discurso é entendido como “uma ação, que pode ser internamente complexa, consistindo em ações menores distinguíveis”¹⁹ (Hengeveld; Mackenzie, 2008, p. 47), conforme aqui se representa em (27).²⁰

- (27) (M₁: (A₁: [(F₁: (D₁)/ILL (F₁)) (P₁: (D₂)/[+S, ±A]/Ø (P₁))_S (P₂: (D₃)/[±S, +A]/Ø (P₂))_A (C₁: [(D₄) (T₁) (R₁: (D₅)/(T₂)/[±S, ±A]/Ø (R₁))] (C₁))] (A₁)) (M₁))

Essas camadas são abordadas nas subseções seguintes.

2.1.1 O Movimento

A maior unidade de interação verbal relevante para análise gramatical é o Movimento (M) e, por isso, ele é a camada mais alta do Nível Interpessoal.

O Movimento consiste numa “contribuição autônoma para uma interação em andamento”²¹ (Hengeveld; Mackenzie, 2008, p. 50), ou, na definição de Kroon, que se baseia em Sinclair e Coulthard (1975), numa “unidade mínima livre do discurso” (Kroon, 1995, p. 66). Caracterizado por seu efeito perlocutório, ele “é (ou abre a possibilidade de) uma reação”²²

¹⁸ No original: [...] *the formal aspects of a linguistic unit that reflect its role in the interaction between the Speaker and the Addressee.*

¹⁹ No original: [...] *an action, which may itself be internally complex, consisting of distinguishable smaller actions.*

²⁰ Na representação, não são previstos os slots para operadores, funções e modificadores de cada camada. Além disso, para melhor legibilidade, a possibilidade de ocorrência de mais uma unidade de mesma categoria dentro de cada camada não é representada.

²¹ No original: [...] *autonomous contribution to an ongoing interaction.*

²² No original: [...] *is, or opens up the possibility of, a reaction.*

(Hengeveld; Mackenzie, 2008, p. 50), ou seja, ele é capaz de requerer uma reação do Ouvinte ou ser ele mesmo uma reação do Falante ao que o Ouvinte enunciou.

Um Movimento contém um ou mais Atos Discursivos. Baseando-se em Kroon (1995), Hengeveld e Mackenzie (2008) definem Atos Discursivos como “as menores unidades identificáveis de comportamento comunicativo”²³ (p. 60). Diferentemente dos Movimentos, Atos Discursivos não exercem a função de avançar a comunicação, atingindo um objetivo comunicativo, a não ser que, sozinhos, consistam em Movimentos.

É comum que um Movimento corresponda a um turno de fala, como no do interlocutor identificado como RUT em (28).

- (28) RUT: *a Dani é muito bonita / né? //*
 TER: *Nossa // aí / cê acha que eu devo convidar o Guilherme?* [bfamcv02_2018]
 NI: (M_I: –a Dani é muito bonita, né?– (M_I))
 (M_J: –nossa– (M_J)) (M_K: –aí, cê acha que eu devo convidar o Guilherme?– (M_K))

Por ter poder perlocutório, gerando uma reação verbal do Participante do discurso identificado como TER, o turno de fala de RUT em (28), composto por dois Atos Discursivos (“a Dani é muito bonita” e “né?”), constitui um Movimento (M_I).

Um Movimento, no entanto, nem sempre compreende um turno de fala inteiro. O de TER, por exemplo, corresponde a dois Movimentos. O primeiro Movimento (M_J) consiste num Ato Discursivo Interativo (“nossa”), expressando concordância com o que foi dito, reagindo à declaração “a Dani é muito bonita”. A seguir, é produzido outro Movimento (M_K), em que TER formula uma pergunta a RUT, ou seja, induz RUT a reagir verbalmente, tendo, portanto, poder perlocutório. Na passagem de M_J a M_K, inclusive, o assunto em discussão é mudado (da beleza de Dani ao convite a Guilherme), o que é assinalado pelo uso da partícula “aí”, que, no contexto, funciona como um marcador discursivo semelhante a “ei”, um Ato Discursivo Interativo para chamar a atenção do interlocutor. Resumidamente, M_J é uma reação verbal, ao passo que M_K abre a possibilidade de uma reação verbal e, por isso, são Movimentos distintos.

A existência de dois Movimentos no turno de fala de TER é, inclusive, marcada fonologicamente, já que a completude de um Movimento é “tipicamente indicada pela entonação”²⁴ (Hengeveld; Mackenzie, 2008, p. 50). No exemplo em (28), as fronteiras

²³ No original: [...] *the smallest identifiable units of communicative behaviour*.

²⁴ No original: [...] *typically be indicated intonationally*.

fonológicas que delimitam a codificação fonológica dos Movimentos são indicadas por duas barras (/), cujas pausas são maiores que as fronteiras apontadas por uma barra apenas (/), além de não apresentarem tom continuativo.

O núcleo de um Movimento é um ou mais Atos Discursivos, conforme a representação não instanciada em (29).

$$(29) \quad (\Pi M_1: [(A_1) \{... (A_{1+N})_\Phi\}] (M_1): \Sigma (M_1))_\Phi \quad \text{tal que} \quad N \geq 1$$

2.1.2 O Ato Discursivo

Um Movimento contém um ou mais Atos Discursivos (A). Baseando-se em Kroon (1995), Hengeveld e Mackenzie (2008) definem Atos Discursivos como:

as menores unidades identificáveis de comportamento comunicativo. Em contraste com as unidades de ordem mais alta (os Movimentos), eles não exercem necessariamente a função de avançar a comunicação em termos de atingir um objetivo comunicativo (p. 60).²⁵

Um Ato Discursivo se constitui de, no máximo, quatro componentes: Ilocução (F), Falante (P)_S, Ouvinte (P)_A e Conteúdo Comunicado (C). Enquanto a Ilocução atribui usos interpessoais convencionalizados a Atos Discursivos na consecução de uma intenção comunicativa do Falante, um Conteúdo Comunicado contém a totalidade do que o Falante deseja evocar do mundo externo na comunicação com o Ouvinte.

Atos Discursivos que contêm apenas Ilocução e Falante são chamados de Expressivos, pois expressam sentimentos do Falante em vez de comunicar algum conteúdo ao Ouvinte, como a interjeição *poxa* em (30).

(30) -> *poxa*, a USP é tão bonita assim em termos de, geográficos mesmos, está, você vê em termos de população, como essas pessoas vivem, o que elas esperam, a própria recepção que elas têm com você (BRA80: SurpresasFotografia)

NI: (A_I: [(F_I: -poxa- (F_I)) (P_I)_S] (A_I))

²⁵ No original: [...] *the smallest identifiable units of communicative behaviour. In contrast to the higher-order units called Moves they do not necessarily further the communication in terms of approaching a conversational goal.*

Um Ato Discursivo pode ser Interativo e conter também, portanto, o Ouvinte, caso em que o Ato Discursivo é expresso por uma interjeição que representa uma expressão socialmente dirigida, como exemplifica (31).

- (31) - *boa tarde*.
 -> viva, dona Conceição. (PRT97: TrabalhoPosseTerra)
 NI: (A_I: [(F_I: -boa_tarde- (F_I)) (P_I)_S (P_J)_A] (A_I))

Em (31), “boa tarde” é um Ato Discursivo Interativo que não contém Conteúdo Comunicado, mas isso é possível, ou seja, os Interativos, ao contrário dos Expressivos, também podem veicular um Conteúdo Comunicado, caso em que são denominados Interativos de Conteúdo, como ocorre em (32).

- (32) “*Obrigado por me permitirem ser um servo da esperança*”, diz o Papa. (Disponível em: <https://noticias.cancaonova.com/especiais/pontificado/francisco/obrigado-por-permitirem-ser-um-servo-da-esperanca-diz-o-papa/>. Acesso em: 17 jun. 2024.)
 NI: (A_I: [(F_I: -obrigado- (F_I)) (P_I)_S (P_J)_A (C_I: -permitirem-me ser um servo da esperança- (C_I))] (A_I))

Em (32), a expressão socialmente dirigida “obrigado” é responsável pela intenção comunicativa de agradecimento, ao passo que o Conteúdo Comunicado (C_I) contém o fato pelo qual o Falante (P_I)_S agradece o Ouvinte (P_J)_A.

Diferentemente de (32), há Atos Discursivos de Conteúdo que não são Interativos, ou seja, não tem a Ilocução nucleada por expressões socialmente dirigidas. Em (33), por exemplo, A_I apresenta Ilocução abstrata (ILL) e veicula C_I. Já “eh” e “né” são Atos Discursivos Interativos que não veiculam conteúdo.

- (33) - eh, e *daqui para o futuro ninguém sabe como é que vai ser*, né (MAC90: FilhosFuturo, adaptado)²⁶
 NI: (A_I: [(F_I: DECL (F_I)) (P_I)_S (P_J)_A (C_I: -daqui para o futuro ninguém sabe como é que vai ser- (C_I))] (A_I))

²⁶ Onde se lê “né”, na transcrição do *corpus*, na verdade, consta “não é”, foneticamente realizado como [nɛ]. Opta-se pela substituição de “não é” por “né” por se entender que, nesse caso, [nɛ] expressa um Ato Discursivo Interativo. O Sintagma Verbal “não é”, ainda que eventualmente articulado da mesma maneira que a interjeição “né”, expressa, por outro lado, uma predicação.

A representação não instanciada do Ato Discursivo é oferecida em (34). Nela, nota-se que os constituintes obrigatórios do Ato Discursivo são a Ilocução e o Falante, já que um Ato Discursivo necessariamente satisfaz uma intenção comunicativa do Falante, mas nem sempre prevê a comunicação de algo ao Ouvinte.

$$(34) \quad (\Pi A_1: [(F_1) (P_1)_s \{(P_2)_A\} \{(C_1)\}] (A_1): \Sigma (A_1))_\Phi$$

Já a representação não instanciada do Ato Discursivo a depender de sua Ilocução e das unidades que o compõem é apresentada no Quadro 3.

Quadro 3 – Tipo de Ato Discursivo de acordo com as unidades que o compõem

Tipo de Ato Discursivo	Representação não instanciada
Expressivo	$(A_1: [(F_1: (D_1) (F_1)) (P_1)_s] (A_1))$
Interativo	$(A_1: [(F_1: (D_1) (F_1)) (P_1)_s (P_2)_A] (A_1))$
Interativo de Conteúdo	$(A_1: [(F_1: (D_1) (F_1)) (P_1)_s (P_2)_A (C_1)] (A_1))$
de Conteúdo	$(A_1: [(F_1: (D_1)/ILL (F_1)) (P_1)_s (P_2)_A (C_1)] (A_1))$

Fonte: Adaptado de Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 64).²⁷

Conforme o Quadro 3, a Ilocução do Ato Discursivo de Conteúdo pode ser lexical (D_1) – verbo performativo ou interjeição – ou abstrata (ILL). O último caso é tratado em mais detalhes em 2.1.3 (p. 55-59), em que se descreve a Ilocução.

Atos Discursivos podem exercer diferentes funções retóricas. Se o núcleo de um Movimento é constituído de dois ou mais Atos Discursivos, eles estabelecem, entre si, uma relação que pode ser de dois tipos: dependência ou independência. Caso a relação seja de independência, os Atos Discursivos são equipolentes, pois têm estatuto comunicativo igual, ou seja, as informações que cada um veicula não são, do ponto de vista comunicativo, mais importantes umas em relação às outras, como acontece em (35).

²⁷ Além da organização dos tipos de Atos Discursivos num quadro, a adaptação consiste na representação da camada da Ação Lexical (D) no núcleo da Ilocução, quando esta é expressa por verbos performativos, no caso dos Atos Discursivos de Conteúdo, ou por interjeições, nos outros tipos de Ato Discursivo. A Ação Lexical é descrita em 2.1.6 (p. 61 *et seq.*).

- (35) -> *os instrumentos que nós tínhamos aqui são muito velhos, ultimamente conseguimos doze instrumentos* (STP96: Banda)

NI: (M_I: [(A_I: –os instrumentos que nós tínhamos aqui são muito velhos– (A_I)) (A_J: –ultimamente conseguimos doze instrumentos– (A_J))] (M_I))

Por outro lado, caso a relação seja de dependência, ao menos um Ato Discursivo subsidia outro, chamado de nuclear. Assim, o Ato Discursivo subsidiário tem menor estatuto comunicativo em relação ao nuclear, veiculando uma função retórica.

A retórica:

preocupa-se fundamentalmente com os modos com que os componentes de um discurso são ordenados para a consecução da estratégia comunicativa do Falante e com as propriedades formais dos enunciados que influenciam o Ouvinte a aceitar os propósitos do Falante. Por esse motivo, os aspectos formais das unidades linguísticas que refletem a estruturação geral do discurso são analisados, na GDF, em relação às funções retóricas (Hengeveld; Mackenzie, 2008, p. 46).²⁸

A ocorrência em (23), repetida por conveniência em (36), é um caso em que um Ato Discursivo subsidia outro.

- (36) -> *vai-te embora **que** a minha mãe não, não me deixa conversar*. (PRT97:Namoro OutrosTempos)

NI: (M_I: [(A_I: –vai-te embora– (A_I)) (A_J: –a minha mãe não me deixa conversar– (A_J))] **Motiv**] (M_I))

Em (36), atua a função retórica Motivação (Motiv), marcada por “(por)que”. Um Ato Discursivo com a função retórica Motivação apresenta “a motivação do Falante para proferir a Ilocução”²⁹ (Hengeveld; Mackenzie, 2008, p. 56) do Ato Discursivo nuclear, explicando-a ou autorizando-a. Em (36), A_J apresenta o motivo pelo qual foi dada uma ordem por meio de A_I, ou seja, A_J justifica o uso da Ilocução Imperativa de A_I. Desse modo, diferentemente de (35), há uma relação de dependência entres os Atos Discursivos em (36).

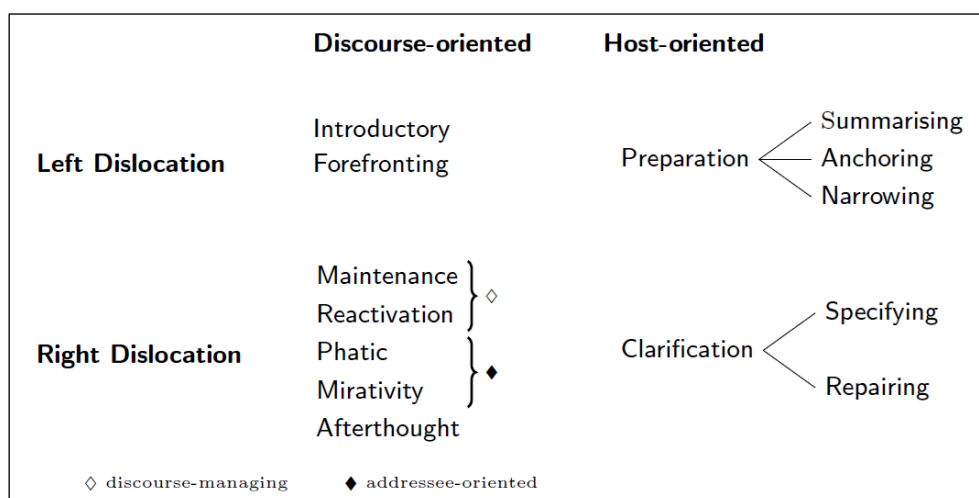
²⁸ No original: [...] is fundamentally concerned with the ways in which components of a discourse are ordered towards the achievement of the speaker's communicative strategy, and also with the formal properties of utterances that influence the Addressee to accept the Speaker's purposes. For that reason, those formal aspects of linguistic units that reflect the overall structuring of discourse will be accounted for in FDG in terms of rhetorical functions.

²⁹ No original: [...] the Speaker's Motivation for uttering the [...] Illocution.

Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 53-58) primeiramente elencam cinco funções retóricas para GDF: Aposição, Concessão, Correção, Motivação e Orientação. Em trabalhos posteriores, outras funções retóricas são propostas, mas nem sempre respeitando o Princípio da Codificação Formal, segundo o qual a GDF fornece formalizações apenas para “fenômenos pragmáticos e semânticos, bem como conceituais e contextuais, que são refletidos na forma morfossintática e fonológica de um enunciado”³⁰ (Keizer, 2015, p. 15).

O último trabalho a elencar novas funções retóricas é o de Mittendorfer (2025). O autor analisa constituintes extraoracionais (CEOs) inseridos tanto à esquerda como à direita da Oração e as funções que eles desempenham. Segundo Mittendorfer (2025), os CEOs podem veicular as funções apresentadas no Quadro 4.

Quadro 4 – Funções orientadas para o discurso e para a sede



Fonte: Mittendorfer (2025, p. 202).

O Quadro 4 resume as várias funções que CEOs desempenham de acordo com a ampla literatura consultada por Mittendorfer.³¹ Essas funções, no entanto, só podem ser consideradas funções retóricas se satisfizerem ao Princípio da Codificação Formal. Caso contrário, o único expediente formal que as diferencia é a posição que ocupam em relação à Oração, pelo que são classificadas em macrofunções retóricas: Prelúdio (*Prelude*), se inseridos à esquerda e *Afterthought*, se alocados à direita (cf., e.g., Keizer, 2018; 2020), constituindo, em ambos os casos, Frases Entonacionais separadas no Nível Fonológico.

³⁰ No original: [...] *pragmatic and semantic, as well as conceptual and contextual phenomena which are reflected in the morphosyntactic and phonological form of an utterance.*

³¹ Principalmente, segundo o autor, Prince (1997) e Tizón-Couto (2012) para CEOs à direita e Aijmer (1989), Geluykens (1987), Lambrecht (1994; 2001) e Ziv (1994) para CEOs à esquerda.

Além da dicotomia entre direita e esquerda, Mittendorfer (2025) também divide as funções dos CEOs de acordo com a orientação que têm: para o discurso (cf. 37) ou para a Oração sede (cf. 38).

(37) Mittendorfer (2025, p. 208):

It seemed to me that the cinema was stuck in a way in the nineteenth century in an a very odd way [...] **It**_i's very hierarchical **the cinema**_i. (S1B-045 #086)

‘Pareceu-me que o cinema estava preso de uma forma muito estranha no século XIX [...] **Ele**_i é muito hierárquico, **o cinema**_i.’

(38) Mittendorfer (2025, p. 210):

B: Yeah. What uh. This costs sixty-nine p and it's a hundred grammes. What What's this?

‘Sim. O quê, hum. Isso custa sessenta e nove p e tem cem gramas. O que que é isso?’

A: Hundred grammes <unclear-word> In fact the chocolate's almost identical isn't it? **It**_i's uh fifty **the Toblerone**_i. (S1A-023 #159)

‘Cem gramas <inaudível> na verdade, o chocolate é quase idêntico, né? **Ele**_i é hum cinquenta, **o Toblerone**_i.’

Em (37), o Sintagma Nominal “*the cinema*” exerce a função Manutenção (*Maintenance*), que, como função orientada para o discurso, mantém o referente “cinema” ativo no discurso. Já em (38), pelo fato de o contexto situacional provavelmente conter diferentes tipos de chocolate, “*the Toblerone*” esclarece (função *Clarification*) o referente “it” dentro da Oração sede “*It's uh fifty*”.

Essa distinção, no entanto, não é codificada. Por isso, o autor argumenta que a diferença de orientação deve ser vista como “a motivação comunicativa por trás das (macro)funções [...] contida no Componente Conceptual não linguístico da GDF”³² (Mittendorfer, 2025, p. 216).

Mittendorfer (2025) ainda classifica algumas funções orientadas para o discurso como gerenciadoras da interação (*discourse-managing*) – caso de (37) – e como orientadas para o ouvinte (*addressee-oriented*). Essa última distinção (dicotomia) se correlaciona aos papéis que os CEOs desempenham segundo Dik (1997b, p. 383-407), independentemente de o CEO ser

³² No original: [...] *the communicative motivation behind the (macro-)functions [...] contained in FDG's non-linguistic Conceptual Component.*

um Sintagma Nominal, embora Mittendorfer não estabeleça essa correlação. Os papéis que os CEOs têm, de acordo com Dik (1997b, p. 384), são quatro:

- (i) Gerenciamento da interação: criam ou mantêm as condições interacionais que devem ser cumpridas para que um evento discursivo seja implementado. Exemplo: as respostas mínimas, que geralmente “sinalizam concordância, ou pelo menos sugerem que o que é dito está sendo recebido corretamente na outra extremidade da linha de comunicação”³³ (Dik, 1997b, p. p. 384-385), como “aham”.
- (ii) Especificador atitudinal: dizem respeito ao tom emocional/atitudinal no qual o discurso é realizado. Exemplo: Expressões como “Droga!”, “Eba!” e outras interjeições, entendidas como Atos Discursivos Expressivos na GDF, ou ainda, seguindo Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 64-65), como modificadores enfáticos de Atos Discursivos.
- (iii) Organizador do discurso: organizam, estruturam e apresentam o conteúdo do discurso. Exemplo: *Topic Shifters*, que ocorrem no início de um enunciado e que indicam o desejo do falante de abordar um novo tópico de conversa (cf. Dik, 1997b, p. 387), como “a propósito” e “por falar nisso”.
- (iv) Executor do discurso: desempenham um papel na expressão do conteúdo real do discurso. Exemplo: os iniciadores de resposta, como “bem” e “assim”, elementos que por si só não constituem uma resposta completa, mas servem para introduzir (e de certa forma qualificar) a reação do ouvinte ao que o falante acabou de dizer (cf. Dik, 1997b, p. 406).

Os papéis que os CEOs desempenham no discurso contribuem para o entendimento dos objetos de estudo deste trabalho.

A subseção a seguir detalha a Ilocução, que consiste na força ilocucionária dos atos de fala.

2.1.3 A Ilocução

Ilocuções (F) são responsáveis por atribuir, aos Ato Discursivos, usos interpessoais convencionalizados na consecução de uma intenção comunicativa. As intenções comunicativas incluem “chamar atenção, afirmar, ordenar, questionar, advertir, solicitar etc., que podem ser

³³ No original: [...] *signal agreement, or at least suggest that what is said is being properly received at the other end of the communication line.*

mapeadas por Ilocuções Vocativas, Declarativas, Imperativas etc.”³⁴ (Hengeveld; Mackenzie, 2008, p. 68).

Nas línguas naturais, não há relação biunívoca entre uma intenção comunicativa específica e uma Ilocução, ou seja, duas ou mais intenções comunicativas podem ser mapeadas por uma única Ilocução. Ilocuções não mapeadas numa língua são expressas por outros meios, como, por exemplo, pelo emprego de verbos performativos, que são “verbos comuns na primeira pessoa do singular do presente do indicativo da voz ativa”³⁵ (Austin, 1962, p. 5). Cabe conceder que enunciados são encontrados satisfazendo essas condições, mas seus verbos só são considerados performativos se, e somente se:

- (i) “Nada ‘descrevam’ nem ‘relatem’, nem constatem, e nem possam ser ‘verdadeiros ou falsos’”³⁶ (Austin, 1962, p. 5); e
- (ii) Seu uso, na expressão linguística, indique “a realização de uma ação que não é normalmente descrita como se estivesse a dizer algo”³⁷ (Austin, 1962, p. 5).

O verbo “ordeno” na ocorrência em (39) é exemplo de verbo performativo.

- (39) A honradez e o cumprimento das promessas é o que mais admiro nos homens. E como um dia provou que é honrado e não faz promessas da boca para fora, *eu **ordeno** que volte para sua casa*, mas não conte a ninguém, nem mesmo à sua esposa o que aconteceu. (Disponível em: https://www.alashary.org/mensagem_do_programa_de_ana_maria_braga/. Acesso em: 17 jun. 2024)

NI: (A_I: [(F_I: –ordenar– (F_I)) (P_I)_S (P_J)_A (C_I: –volte para sua casa– (C_I))] (A_I))

Em (39), o verbo performativo cumpre o objetivo comunicativo de dar uma ordem. Esse mesmo objetivo pode ser formulado como uma Ilocução abstrata, a Ilocução Imperativa (IMP). O exemplo em (39), com Ilocução abstrata, seria como (40).

- (40) Volte para sua casa.

NI: (A_I: [(F_I: IMP (F_I)) (P_I)_S (P_J)_A (C_I: –voltar para sua casa– (C_I))] (A_I))

³⁴ No original: [...] include such Discourse Act types as calling for attention, asserting, ordering, questioning, warning, requesting, etc., which may map onto Illocutions such as Vocative, Declarative, Imperative, etc.

³⁵ No original: [...] humdrum verbs in the first person singular present indicative active.

³⁶ No original: they do not “describe” or “report” or constate anything at all, are not “true or false”.

³⁷ No original [...] the doing of an action, which again would not normally be described as saying something.

Nesse caso, a Ilocução (F₁) é expressa pela omissão do sujeito, pela alocação do Sintagma Verbal na posição inicial da Oração e pelo Afixo “-e” na Palavra Verbal, que indica o imperativo.

Assim, o núcleo de uma Ilocução pode ser lexical (interjeição ou verbo performativo) ou abstrato. A representação não instanciada da Ilocução, de acordo com esses dois tipos de núcleo, é (41).

- (41) (Π F₁: (D₁: ♦ (D₁)) (F₁): Σ (F₁)) Ilocução lexical
 (Π F₁: ILL (F₁): Σ (F₁)) Ilocução abstrata

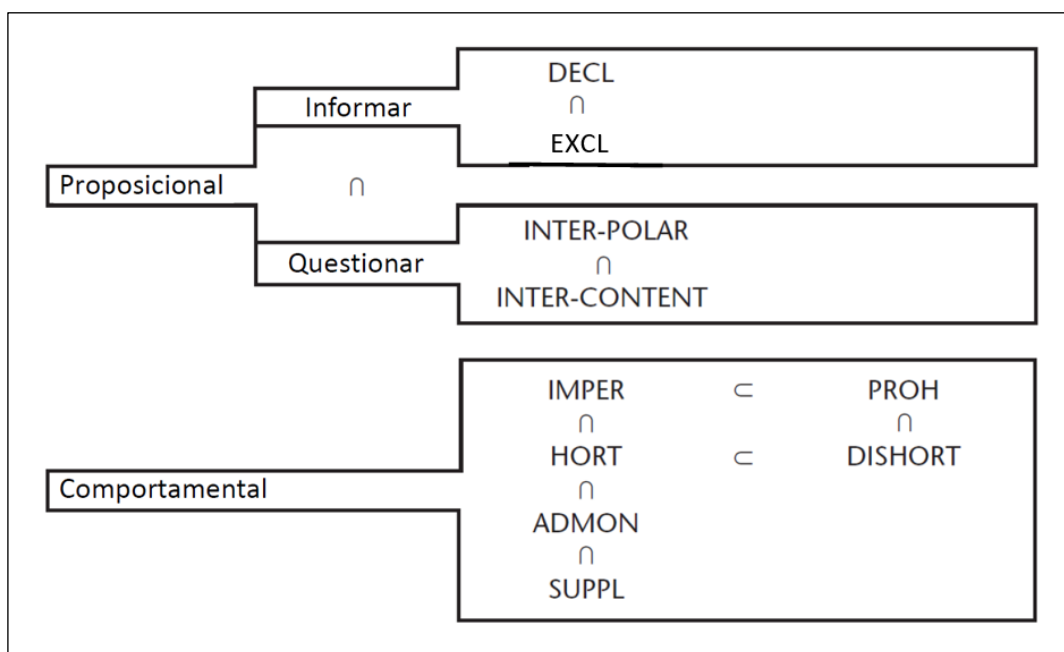
As Ilocuções abstratas, também chamadas de “Ilocuções prontas”³⁸ por Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 70), são definidas como “uma coincidência de estrutura gramatical e uso conversacional convencional”³⁹ (Sadock; Zwicky, 1985, p. 155). Existem vários tipos de Ilocuções abstratas, que, segundo Hengeveld e Mackenzie (2008), são: Declarativa (DECL); Interrogativa Polar (INTER_p), Interrogativa de Conteúdo (INTER_c); Imperativa (IMP); Proibitiva (PROH); Optativa (OPT); Imprecativa (IMPR); Exortativa (HORT), Desexortativa (DISHORT); Admoestativa (ADMON); Comissiva (COMM); Suplicativa (SUPPL); Exclamativa (EXCL)⁴⁰; e Interpelativa (INTERP).

Entre essas Ilocuções, existem hierarquias implicacionais. A partir de uma amostra de línguas nativas do Brasil, Hengeveld *et al.* (2007) mostram que as Ilocuções formalmente codificadas nessas línguas estão distribuídas de acordo com uma configuração de hierarquias implicacionais, mostradas na Figura 3.

³⁸ No original: [...] *ready-made Illocution*.

³⁹ No original: [...] *a coincidence of grammatical structure and conventional conversational use*.

⁴⁰ Hengeveld e Mackenzie (2008) denominam a Ilocução Exclamativa de Mirativa. Posteriormente, no entanto, Olbertz (2012) e Hengeveld e Olbertz (2012) reconhecem que a descrição dessa Ilocução, apresentada em Hengeveld e Mackenzie (2008), relaciona-se à exclamatividade, que ocorre numa distribuição mutuamente exclusiva com outros tipos de Ilocução, como a Declarativa, a Imperativa e a Interrogativa, ao passo que a miratividade é uma categoria utilizada em Atos Discursivos com diferentes Ilocuções, não sendo, portanto, uma Ilocução *per se*.

Figura 3 – Relações implicacionais entre Ilocuções

Fonte: Adaptado de Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 74).⁴¹

De acordo com a Figura 3, se, numa língua, há, por exemplo, Ilocução Exclamativa, então, necessariamente, também há Ilocução Declarativa, mas o contrário não é obrigatoriamente verdade, ou seja, a existência da Ilocução Exclamativa implica a existência da Ilocução Declarativa ($DECL \subset EXCL$), mas a existência da Ilocução Declarativa não implica a existência da Ilocução Exclamativa.

Nem toda língua dispõe de primitivos gramaticais que codificam todas as Ilocuções abstratas. Nesse caso, as Ilocuções abstratas não distinguidas são expressas por meios lexicais ou por outras Ilocuções abstratas. No PB, por exemplo, não há a Ilocução Proibitiva. Para atingir o objetivo de proibir o Ouvinte de executar determinada ação, o Falante tem disponíveis vários recursos na língua. Ele pode, por exemplo, utilizar o verbo “proibir” como um performativo (*e.g.*, “eu proíbo você de fumar aqui”) ou ainda informar o Ouvinte, com Ilocução Declarativa, de que algo é proibido (*e.g.*, “é proibido fumar aqui”), gerando uma implicatura conversacional, entre outras estratégias.

Na subseção a seguir, descreve-se o Conteúdo Comunicado.

⁴¹ A adaptação consiste na substituição de MIR (Mirativa) por EXCL (Exclamativa) (cf. Nota de rodapé 40, p. 57).

2.1.4 O Conteúdo Comunicado

Um Conteúdo Comunicado (C) contém a totalidade do que o Falante deseja evocar na comunicação com o Ouvinte. Em termos de ação, ele corresponde ao que Searle (1969) chama de “ato representacional” e correlaciona-se às “escolhas que o Falante faz para evocar uma imagem do mundo externo sobre a qual ele deseja falar”⁴² (Hengeveld; Mackenzie, 2008, p. 87).

Cada Conteúdo Comunicado é composto por, ao menos, um Subato, que pode ser de dois tipos: Subato de Referência e Subato de Atribuição. Enquanto um Subato de Referência representa a tentativa do Falante de evocar um referente na interação verbal, como “piscina”, um Subato de Atribuição constitui uma ação para aplicar uma propriedade a uma entidade, como “natural” ou “nadar”.

Em (42a), há a representação não instanciada do Conteúdo Comunicado e, em (42b), do Subato.

- (42) a $(\Pi C_1: [(SA_1) \{ \dots (SA_{1+N})_\Phi \}] (C_1): \Sigma (C_1))_\Phi$ tal que $N \geq 1$
 b $(\Pi R_1: H(R_1): \Sigma(R_1))_\Phi$
 $(\Pi T_1: H(T_1): \Sigma(T_1))_\Phi$

2.1.5 O Subato

Como mencionado na subseção anterior, o Subato consiste numa ação do Falante ou para evocar um referente (Subato de Referência – R) ou para atribuir uma Propriedade a um referente (Subato de Atribuição – T). Em (43), por exemplo, R_I evoca o Indivíduo “o mais velho” (x_i) e R_J , o Indivíduo “galinha” (x_j), ao passo que T_I atribui a Propriedade “gostar” (f_i) a esses Indivíduos, um como aquele que gosta e o outro como o objeto do gostar.

⁴² No original: [...] choices the Speaker makes in order to evoke a picture of the external world s/he wants to talk about.

- (43) - então, se, se você cozinha deve ter um prato que é o predilecto dos seus filhos. qual é?
 -> ah! do meus filho é, do caçula é carne assada.
 - ham.
 -> adora carne assada. boto linguça e boto toucinho de fumeiro, não é, assim por, ele adora! ele catuca e tira aquelas, aquelas, aquelas linguça toda de dentro. eu não aguento com ele. ele é engraçado mesmo. e o *mais velho gosta de galinha*. (BRA80: Macarronada)

NI: (C_I: [(T_I) (+id +s R_I: -mais velho- (R_I))_{TOP} (R_J: -galinha- (R_J))] (C_I))

NR: (f^c_i: [(f_i: gostar_V (f_i)) (x_i: -mais velho- (x_i))_U (x_j: -galinha- (x_j))_L] (f^c_i))

Subatos podem ter núcleos vazios, a exemplo de T_I, já que o material que evocam é inserido no Nível Representacional como itens lexicais. A evocação, no entanto, pode também consistir numa série de outras evocações e, nesses casos, os Subatos têm outros Subatos compondo seu núcleo, como R_I e R_J, analisados detalhadamente em (44).⁴³

- (44) NI: (C_I: [(T_I) (+id +s R_I: [(T_J) (T_K)] (C_I))
 NR: (f^c_i: [(f_i: gostar_V (f_i)) (x_i: (f_j) (x_i: (f_k: /'vɛʎ/-_A (f_k: (f_l: /'maɪs/_{Adv} (f_l)))))] (f^c_i))
 NI:] (R_I))_{TOP} (R_J: (T_L) (R_J))] (C_I))
 NR: (x_i))_U (x_j: (f_m: /ga'liɲa/_N (f_m)) (x_j))_L] (f^c_i))

Em (44), R_I, especificado pelos operadores Identificabilidade (id) e Especificidade (s), que resultam no artigo definido “o”, é composto por T_J e T_K, que evocam, respectivamente, a Propriedade adjetival “velho” (f_k) e a Propriedade adverbial “mais” (f_l). Enquanto “velho” modifica x_i, “mais” modifica “velho”. Como se nota, essas modificações só são especificadas no Nível Representacional, já que, no Nível Interpessoal, os Subatos são apenas justapostos. O Subato de Referência R_J, que evoca x_j, por sua vez, é composto por apenas um Subato de Atribuição (T_L), responsável por atribuir a Propriedade “galinha” (f_m) a x_j, ocupando seu núcleo.

É de se notar que nenhum Subato evoca f_j, núcleo de x_i e coindexado com a Propriedade “filho” presente no cotexto. O Falante, nesse caso, escolhe não evocar novamente essa Propriedade, já que considera que ela é facilmente recuperável no Componente Contextual. Nesse sentido, só são previstos Subatos na medida em que há material linguístico correspondente. Dessa forma, “o Nível Interpessoal mostra o que o Falante *faz*, enquanto o Nível Representacional mostra o que ele *quer dizer*”⁴⁴ (Hengeveld; Mackenzie, 2008, p. 109).

⁴³ Tanto para as representações fonêmicas como para as fonéticas do PB, este trabalho se baseia em Silva (2003).

⁴⁴ No original: [...] *the Interpersonal Level shows what the Speaker does, while the Representational Level shows what s/he means.*

Em (44), todos os lexemas são inseridos no Nível Representacional, alguns já na sua forma fonêmica. Contudo, eles também podem entrar no Nível Interpessoal. Nesses casos, eles são Ações Lexicais (D), como, por exemplo, o nome próprio “Rússia” em (45).

- (45) - *a Rússia*, ela tinha uma relação de produção eminentemente feudal, onde havia os czares e havia os servos (BRA80: EconomiaSociedade)

NI: (+id +s R_I: (D_I: /'Rusia/_N (D_I)) (R_I))

Assim, o Subato é genericamente representado em (46), tal que “H” corresponde a outros Subatos, a uma Ação Lexical ou simplesmente a nada.

- (46) (Π SA₁: H (SA₁): Σ (SA₁))

A Ação Lexical é descrita na subseção seguinte.

2.1.6 A Ação Lexical

Uma Ação Lexical (D) consiste em “um lexema inserido numa determinada posição da estrutura pragmática que equivale a uma ação comunicativa executada pelo Falante”⁴⁵ (Giomi, 2020, p. 47). Com a adição dessa categoria interpessoal, lexemas inseridos no Nível Interpessoal passam a se organizar numa estrutura de camadas, conferindo simetria entre o Nível Interpessoal e o Nível Representacional (em que lexemas correspondem a Propriedades lexicais) e explicando ocorrências como (47).

- (47) Adaptado de Giomi (2020, p. 46):⁴⁶

I promise you very sincerely that this is not a trick.

“Eu lhe prometo muito sinceramente que isso não é um truque.”

Em (47), é produzido um Ato Discursivo cuja Ilocução é preenchida por um verbo performativo, “*promise*”. Essa Ilocução é modificada por “*sincerely*”, que, por sua vez, é

⁴⁵ No original: [...] *a lexeme inserted in a given position o pragmatic structure amounts to a communicative action that is performed by the speaker.*

⁴⁶ Na adaptação, é inserido o modificador “*very*” ao original.

modificado por “*very*”. Com a Ação Lexical, essas modificações podem ser devidamente explicadas pela representação em (48).

$$(48) \quad (A_I: [(F_I: (D_I: \text{promise}_V (D_I)) (F_I): (D_J: \text{sincerely}_{Adv} (D_J): (D_K: \text{very}_{Adv} (D_K)) (D_J)) (F_I)) \dots] (A_I))$$

Em (47), além dos modificadores “*sincerely*” e “*very*”, o performativo “*promise*” também é uma Ação Lexical, ou seja, Ações Lexicais podem ser núcleos ou modificadores no Nível Interpessoal.

Ações Lexicais são representadas genericamente como em (49).

$$(49) \quad (\Pi D_1: \diamond (D_1): \Sigma (D_1))$$

2.2 O NÍVEL REPRESENTACIONAL

O Nível Representacional diz respeito aos aspectos semânticos das unidades linguísticas. Como observam Hengeveld e Mackenzie (2012), enquanto o Nível Interpessoal cuida da evocação, o Nível Representacional é o responsável pela designação.

A semântica de uma língua trata dos modos como ela se relaciona com os possíveis mundos que descreve no que diz respeito aos “significados de unidades lexicais (semântica lexical) e unidades complexas (semântica composicional), independentemente do modo como essas unidades são usadas na comunicação”⁴⁷ (Hengeveld; Mackenzie, 2008, p. 129).

Assim, não apenas as entidades semânticas, denotadas por itens lexicais, mas também as camadas desse nível são tomadas como categorias semânticas que ambas designam, que são, em última análise, “categorias ontológicas linguisticamente relevantes” (Hengeveld; Mackenzie, 2012, p. 54) de cada língua. Essas categorias são: Conteúdo Proposicional, Episódio, Estado de Coisas, Propriedade Configuracional, Propriedade, Indivíduo, Lugar, Tempo, Modo, Quantidade e Razão, que podem ter núcleo lexical, vazio, ausente ou configuracional.

Uma entidade semântica de núcleo lexical é denotada por uma Propriedade cujo núcleo é um item lexical (*e.g.*, “menino”). Já uma entidade semântica cujo núcleo é vazio é denotada por uma Propriedade que não é expressa por um item lexical, mas coindexada com outra Propriedade, presente no cotexto, estabelecendo, com ela, uma relação anafórica (*e.g.*, “o menino_i esperto e o Ø_i ignorante”). As entidades de núcleo vazio, por terem o núcleo preenchido por uma Propriedade, podem ser especificadas por operadores (*e.g.*, “esse”, em “esse Ø ignorante”) e por modificadores (*e.g.*, “ignorante”, em “esse Ø ignorante”), diferentemente das entidades de núcleo ausente, que não admitem operadores e modificadores. Por não terem núcleo, estabelecem, por si próprias, a relação anafórica com outra entidade do cotexto, sendo, com ela, coindexada (*e.g.*, “o menino_i é esperto; ele_i lê muito”). Por fim, uma entidade semântica de núcleo configuracional consiste numa camada do Nível Representacional. Seu núcleo é composto por outras entidades não hierarquizadas entre si, mas hierarquicamente inferiores a camada de que fazem parte.⁴⁸

⁴⁷ No original: [...] *meanings of lexical units (lexical semantics) and complex units (compositional semantics) in isolation from the ways these are used in communication.*

⁴⁸ Exemplos de entidades semânticas de núcleo configuracional são discutidos na sequência, em que cada categoria semântica é comentada.

A estrutura hierárquica do Nível Representacional, com suas respectivas camadas, é representada em (50),⁴⁹ tal que “ α ” é de qualquer categoria semântica.

$$(50) \quad (p_1: (ep_1: (e_1: (f_1: (\alpha_1: (f_1: \diamond (f_1)) (\alpha_1)) (f_1)) (e_1)) (ep_1)) (p_1))$$

Já as configurações assumidas por uma entidade semântica com relação a seus núcleos são representadas no Quadro 5.

Quadro 5 – Tipos de núcleo de entidades semânticas

Tipo de núcleo de entidade semântica	Representação não instanciada
Núcleo ausente	$(\alpha_1)_\varphi$
Núcleo vazio	$(\pi \alpha_1: (f_1) (\alpha_1): \sigma (\alpha_1))_\varphi$
Núcleo lexical	$(\pi \alpha_1: (f_1: \diamond (f_1)) (\alpha_1): \sigma (\alpha_1))_\varphi$
Núcleo configuracional	$(\pi v_1: [(v_2) \{...\} \{(v_{2+n})_\varphi\}] (v_1): \sigma (v_1))_\varphi$

tal que: $\forall \alpha: \alpha \in$ qualquer categoria semântica; $v \in$ qualquer categoria semântica que constitua camada; $v_1 \wedge v_2 \in$ camadas diferentes; e $n \geq 2$

Fonte: Autoria própria.

As camadas do Nível Representacional são abordadas nas subseções seguintes.

2.2.1 O Conteúdo Proposicional

Conteúdos Proposicionais (p), a camada mais alta do Nível Representacional, são, como categoriza Lyons (1977), entidades de terceira ordem; representam, pois, construtos mentais, como conhecimentos, crenças e desejos. Assim, dada sua natureza, não podem ser localizados no tempo e no espaço, mas avaliados em “termos de atitudes proposicionais (certeza, dúvida, descrença) e/ou em termos de sua fonte ou origem (conhecimento comum partilhado, evidências sensoriais, inferência)” (Hengeveld; Mackenzie, 2012, p. 55). A palavra “religião”, em (51), é exemplo de Conteúdo Proposicional de núcleo lexical; aliás, o próprio Falante atesta que o vocábulo “religião” é uma entidade de terceira ordem, ao conceituá-lo como algo que é submetido a julgamento e a credulidade (“que você julga e você acredita”). Toda a expressão “religião é qualquer coisa pessoal” também é um Conteúdo Proposicional, tendo em vista que, ao enunciá-la, o Falante lhe empresta um juízo de valor, o de certeza, que é não marcado.

⁴⁹ Cf. Nota de rodapé 20, p. 47.

(51) -> **religião** é qualquer coisa pessoal, qualquer coisa que você julga e você acredita (GOA01:DiversidadeReligiosa)

(51a) (p_i: (f_i: /Re,liʒi'awN/N (f_i)) (p_i))

(51b) (p_i: -religião é qualquer coisa pessoal- (p_i))

Conteúdos Proposicionais de núcleo configuracional, como em (51b), tipicamente correspondem a Atos Discursivos no Nível Interpessoal; enquanto um Ato Discursivo representa uma ação, a menor ação linguística por meio da qual o Falante interage verbalmente, um Conteúdo Proposicional é sua contraparte cognitiva que atribui um juízo epistêmico subjetivo ao conteúdo evocado pelo Ato Discursivo.

A camada do Conteúdo Proposicional contém um ou mais Episódios e é expressa pela representação não instanciada em (52).

(52) $(\pi p_1: [(ep_1) \{... (ep_{1+n})_\phi\}] (p_1): \sigma (p_1))_\phi$ tal que $n \geq 1$

2.2.2 O Episódio

Episódios (ep), por sua vez, são conjuntos de Estados de Coisas tematicamente coerentes, ou seja, apresentam continuidade de tempo, espaço e indivíduos. A palavra “desenvolvimento”, em (53), representada em (53a), é exemplo de Episódio, pois sua acepção prevê um conjunto de estágios (Estados de Coisas) iniciais, medias e finais. Modificadores de tempo absoluto (em contraste com os de tempo relativo, aplicados a Estados de Coisas), que se definem em relação ao tempo dêitico, são típicos da camada do Episódio. Toda a expressão em (53), por exemplo, é especificada por esse tipo de modificador, indicando, nesse caso, o tempo do futuro, que se estabelece como posterior ao momento de fala, demonstrando que o enunciado como um todo é, também, um Episódio, conforme representa (53b).

(53) *No futuro a indústria de drones sofrerá um grande **desenvolvimento** e o seu uso tornar-se-á cada vez mais popular.* (Disponível em: <https://observador.pt/2015/08/14/162-empregos-vaao-existir-no-futuro/>. Acesso em: 28 dez. 2024. Modificado.)

(53a) (ep_i: (f_i: /,dezen,volvi'mento/N (f_i)) (ep_i))

(53b) (p_i: (fut ep_i: -a indústria de drones sofrer um grande desenvolvimento e o seu uso tornar-se cada vez mais popular- (ep_i: (t_i: -futuro- (t_i))_{Loc} (ep_i)) (p_i))

O modificador “no futuro”, por escopar todo o Episódio, aplica-se aos dois Estados de Coisas coordenados que o compõem, “a indústria de drones sofrerá um grande desenvolvimento” e “o seu uso tornar-se-á cada vez mais popular”, que compartilham do mesmo Indivíduo (drones), espaço (implicitamente, o mundo como um todo) e tempo (futuro, marcado pelas desinências verbais em “sofrer” e “tornar-se” de cada oração).

A camada do Episódio é expressa pela representação não instanciada em (54).

$$(54) \quad (\pi \text{ ep}_1: [(e_1) \{ \dots (e_{1+n})_\varphi \}] (ep_1): \sigma (ep_1))_\varphi \quad \text{tal que} \quad n \geq 1$$

2.2.3 O Estado de Coisas

Estados de Coisas (e) são “entidades que podem ser localizadas no tempo relativo e avaliadas em termos de seu estatuto de realidade”⁵⁰ (Hengeveld; Mackenzie, 2008, p. 166), ou seja, são eventos ou estados que ocorrem ou não ocorrem, que acontecem ou não acontecem, em determinado intervalo de tempo. Em (55), “ocupação” é um Estado de Coisas (cf. 55a), localizado no espaço (Timor) e no tempo (entre os anos 1943 e 1945, período da ocupação japonesa em meio à Segunda Guerra Mundial). Do mesmo modo, “os pais é que contribuíram tanto” também é um evento, podendo, por isso, ser especificado por um modificador de tempo relativo (“durante a ocupação”), conforme representa (55b).

(55) -> foram educados nas escolas indonésias mas não perdem assim a sua identidade e o seu orgulho de ser timorense. portanto eu me admiro bastante. isto demonstra de que... este jovem soube amar, e dar-se à sua pátria.

- é verdade. os pais terão contribuído muito para isso, não acha?

-> é. eu creio que sim. isto é o resultado da contribuição dos pais. *os pais é que contribuíram tanto durante esta **ocupação*** para que hoje em dia os filhos tornam assim. (TMR99:IdentidadePovo)

(55a) $(e_i: (f_i: /o, kupa' sawN/N (f_i)) (e_i))$

(55b) $(p_i: (\text{past } ep_i: (e_i: \text{—os pais contribuir tanto—} (e_i): (t_i: \text{—durante esta ocupação—} (t_i)) (e_i)) (ep_i)) (p_i))$

A camada do Estado de Coisas é representada em (56).

$$(56) \quad (\pi e_1: [(f^c_1) \{ \dots (f^c_{1+n})_\varphi \}] (e_1): \sigma (e_1))_\varphi \quad \text{tal que} \quad n \geq 1$$

⁵⁰ No original: [...] entities that can be located in relative time and can be evaluated in terms of their reality status.

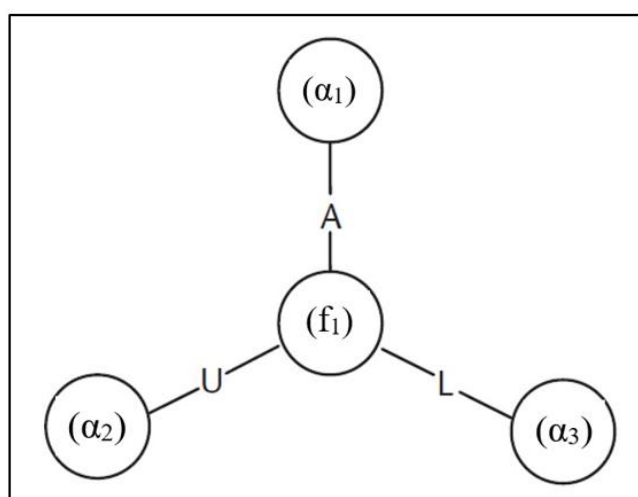
2.2.4 A Propriedade Configuracional

Segundo Hengeveld e Mackenzie (2008), a Propriedade Configuracional foi reconhecida como uma camada pela primeira vez por Vet (1990) e Cuvalay-Haak (1997), denominando-a “conceito situacional” e “predicação central”, respectivamente. Essa camada instancia o inventário de moldes de predicação relevantes para uma língua.

Um molde de predicação diz respeito à configuração que o núcleo da Propriedade Configuracional assume, que se caracteriza por sua valência quantitativa e qualitativa. A valência quantitativa diz respeito ao número de unidades semânticas (lugares) que formam o molde de predicação, enquanto a valência qualitativa diz respeito às macrofunções semânticas que elas exercem. Essas macrofunções semânticas são Ativo, Inativo e Locativo, veiculadas por entidades semânticas, sendo “reflexos gramaticais da consciência cognitiva de que os participantes de um Estado de Coisas desempenham diferentes papéis”⁵¹ (Hengeveld; Mackenzie, 2008, p. 195) num evento ou num estado.

Dentro da Propriedade Configuracional, as entidades que veiculam essas macrofunções semânticas podem se relacionar a uma Propriedade, conforme representado pela Figura 4, tal que “ α ” é de qualquer categoria semântica.

Figura 4 – Representação das macrofunções semânticas



Fonte: Adaptado de Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 195).⁵²

⁵¹ No original: [...] *grammatical reflexes of the cognitive awareness that the participants in a State-of-Affairs play different roles.*

⁵² A adaptação consiste na substituição de “x”, que indica a categoria semântica Indivíduo, por “ α ”, que representa qualquer categoria semântica.

Um exemplo de Propriedade Configuracional que apresenta a valência quantitativa e qualitativa da Figura 4 é oferecido em (57).

(57) -> *nós levávamos machim para o mar* (STP96:PescaArriscada)

NR: $(f^c_i: [(f_i: \text{levar}_v(f_i)) (m\ x_i)_A (x_j: -\text{machim}- (x_j))_U (l_i: -\text{mar}- (l_i))_L] (f^c_i))$

Em (57), “nós” (x_i) é o argumento Ativo (A), que exerce uma força sobre “machim” (x_j), argumento Inativo (U), de modo a direcioná-lo para “o mar” (l_i), argumento Locativo (L) da predicação, caracterizando o molde de predicação de três-lugares no português.

Além do molde de predicação de três-lugares, o PB dispõe de uma série de outros moldes. Eles não são aqui discutidos por não serem relevantes para o objeto de estudo deste trabalho.

A camada da Propriedade Configuracional é expressa pela representação não instanciada em (58).

(58) $(\pi\ f^c_1: [(\alpha_1) \{ \dots (\alpha_{1+n})_\phi \}] (f^c_1): \sigma(f^c_1))_\phi$ tal que $n \geq 1$

A subseção a seguir aborda a entidades semânticas Indivíduo, Lugar, Tempo, Maneira, Quantidade e Razão.

2.2.5 Indivíduo, Lugar, Tempo, Maneira, Quantidade e Razão

As categorias semânticas Indivíduo (x), Lugar (l), Tempo (t), Maneira (m), Quantidade (q) e Razão (r) não constituem camadas na hierarquia semântica que subjaz um enunciado.

Indivíduos (*e.g.*, “livro”) são entidades concretas e tangíveis e, portanto, de “primeira ordem”, segundo Lyons (1977, p. 442), que se caracterizam por “ocuparem uma porção de espaço, tal que dois Indivíduos não podem ocupar o mesmo lugar”⁵³ (Hengeveld; Mackenzie, 2008, p. 236) ao mesmo tempo (cf. princípio da impenetrabilidade da matéria).

Um Lugar (*e.g.*, “rua”), assim como Indivíduo, é concreto e tangível; a diferença é que Lugares são conceptualizados de modo diferente pelo Falante, o que se reflete na gramática da língua, em que Lugares assumem, por exemplo, a macrofunção semântica Locativo.

A entidade semântica Tempo está vinculada a:

⁵³ No original: [...] occupying a portion of space, such that no two Individuals can occupy the same place.

a interpretação contextual ao momento da fala (*e.g.*, “hoje”, “no próximo ano”), outras estabelecem posições relativas na linha do tempo (“antes da sexta-feira”, “duração”), enquanto outras se relacionam com um calendário estabelecido socialmente (“segunda-feira”, “dia de Natal”). Algumas expressões temporais identificam um ponto na linha do tempo (“momento”, “12h”), outras, um trecho nessa linha (“período”, “abril”) (Hengeveld; Mackenzie, 2008, p. 257).⁵⁴

Ao lado de Lugar e Tempo, outra entidade semântica frequentemente distinguida pelas línguas naturais é Maneira (*e.g.*, “jeito”). Em outras palavras, as línguas nos permitem falar não apenas “onde” e “quando”, mas também “como” um Estado de Coisas acontece.

Uma Quantidade, por sua vez, é uma categoria semântica utilizada para indicar tanto a quantidade de fenômenos incontáveis (*e.g.*, “volume”, em “volume d’água”) como fenômenos contáveis (*e.g.*, “dúzia”, em “uma dúzia de ovos”).

A existência da categoria Razão em português, por fim, é comprovada por expressões interrogativas como “por quê”. Razões (*e.g.*, “motivo”) são “consideradas um tipo especial de Conteúdo Proposicional, já que representam pensamentos que orientam um agente humano para agir de certa maneira” (Pezatti, 2017, p. 42).

Indivíduo, Lugar, Tempo, Maneira, Quantidade e Razão podem ser argumentos de uma predicação, ocupando, portanto, o núcleo de uma Propriedade Configuracional, ou preencherem o *slot* de modificador de todas as camadas do Nível Representacional.

2.2.6 A Propriedade

Propriedades (f) são entidades semânticas cujo núcleo é um item lexical. Elas podem designar outras entidades, como se vê em todas as categorias semânticas de núcleo lexical discutidas até o momento e com “situação” em (59), modificá-las, como “política” e “linguística” (cf. 59a), ou fazerem parte de uma Propriedade Configuracional, como “condicionou” (cf. 59b).

(59) -> de facto, como afirmou, eh, *a situação política*, eh, *condicionou a situação linguística*. (TMR01:RegrasRegras)

⁵⁴ No original: [...] *contextual interpretation to the moment of speech (e.g. today, next year), others establish relative positions on the time line (before Friday, duration), while yet others relate to a socially established calendar (Monday, Christmas Day). Some temporal expressions identify a point on the time line (moment, 12 a.m.), others a stretch on that line (period, April).*

- (59a) $(e_i: (f_i: /si, tua 'sawN/N (f_i)) (e_i: (f_j: /po 'litik-/A (f_j)) (e_i))$
 $(e_j: (f_i: /si, tua 'sawN/N (f_i)) (e_j: (f_k: /liN 'gwistik-/A (f_k)) (e_j))$
- (59b) $(f_i^c: [(f_i: condicionar_V (f_i)) (e_i: -situação política- (e_i))_A (e_j: -situação linguística- (e_j))_U]$
 $(f_i^c))$

A toda Propriedade, corresponde um Subato Atributivo no Nível Interpessoal; enquanto este a evoca, ela designa, ou seja, um Subato Atributivo é uma ação do Falante que evoca um atributo para utilizá-lo na interação verbal, ao passo que uma Propriedade é a contraparte do Subato Atributivo, fornecendo-lhe um significado denotativo,⁵⁵ disponível no inventário de léxicos de uma língua.

Propriedades são expressas pelas representações não instanciadas em (60).⁵⁶

- | | | | |
|------|---|---|----------------|
| (60) | a | $(f_1)_\phi$ | Núcleo ausente |
| | b | $(\pi f_1: \blacklozenge (f_1): \sigma (f_1))_\phi$ | Núcleo lexical |

⁵⁵ O significado conotativo é dado por primitivos do Nível Interpessoal, como, por exemplo, operadores de Ironia, sobejamente codificados no Nível Fonológico. Outros significados conotativos, ou sentidos, podem ser apreensíveis pelo Ouvinte a partir da informação que a ele está disponível na interação verbal, sem que esses sentidos sejam assinalados pelo Falante na produção de seus enunciados. A GDF, por ser um modelo de produção linguística, ocupa-se apenas do que é efetivamente produzido pelo Falante.

⁵⁶ Há, também, Propriedades cujo núcleo é endocêntrico, como “cachorro-quente”, e exocêntrico, como “couve-flor”, mas que, aqui, não são apresentadas por não serem relevantes às discussões a que este trabalho se propõe.

2.3 O NÍVEL MORFOSSINTÁTICO

O Nível Morfossintático é responsável por receber o *input* dos dois níveis hierarquicamente acima (o Nível Interpessoal e o Nível Representacional) e convertê-lo em representação formal morfossintática. As distinções interpessoais e representacionais são, portanto, codificadas no Nível Morfossintático.

A relação entre o Nível Morfossintático e os dois níveis da Formulação é governada por três princípios, o da Iconicidade, o da Integridade de Domínio e o da Estabilidade Funcional. Cada um à sua maneira, esses princípios contribuem para maximizar o paralelismo entre as estruturas, aumentando assim a transparência e a fácil interpretabilidade da estrutura linguística.

O princípio da Iconicidade prevê que a ordem de constituintes morfossintáticos reflete a ordem de evocação, no Nível Interpessoal, e de designação, no Nível Representacional, em que as unidades interpessoais e representacionais, respectivamente, são formuladas (cf. Hengeveld; Mackenzie, 2008, p. 283-285). Assim, num exemplo como (61), a ordem de acontecimento dos Episódios ep_i e ep_j é refletida no Nível Morfossintático.

(61) - por causa de muita inflação. *você ia com um preço hoje e amanhã já estava outro preço* (BRA80: PlanoReal)

NR: (ep_i : –você ia com um preço– (ep_i): (t_i : –hoje– (t_i)) (ep_i)) (ep_j : –já estava outro preço– (ep_j): (t_j : –amanhã– (t_j)) (ep_j))

NM: (Cl_i : –você ia com um preço hoje– (Cl_i)) (Cl_j : –amanhã já estava outro preço– (Cl_j))

Em (61), os modificadores de Episódio “hoje” (t_i) e “amanhã” (t_j) deixam evidente a ordem de acontecimento dos eventos no mundo. Essa ordem físico-temporal é mentalmente conceptualizada no Componente Conceptual e refletida no Nível Representacional. O Nível Morfossintático, por fim, pelo princípio da Iconicidade, reflete a ordem dos Episódios, alocando a Oração “você ia com um preço hoje” (Cl_i) antes da Oração “amanhã já estava outro preço” (Cl_j).

O princípio da Integridade de Domínio, por sua vez, diz respeito “à preferência interlinguística pelas unidades que pertencem umas às outras no Nível Interpessoal e no Nível Representacional serem também juxtapostas umas às outras no Nível Morfossintático”⁵⁷

⁵⁷ No original: [...] to the crosslinguistic preference for the units that belong together at the Interpersonal Level and at the Representational Level also to be juxtaposed to one another at the Morphosyntactic Level.

(Hengeveld; Mackenzie, 2008, p. 285). Por esse princípio, operadores, modificadores e funções são alocados ao lado dos núcleos que especificam, como ocorre em (62).

- (62) - nessa cabana de boneca tem uma reprodução do *fogão de lenha da fazenda* (BRA80: Fazenda)

NR: $(x_i: (f_i: /fo'gawN/N (f_i): (x_j: -lenha- (x_j))_{Ref} (f_i)) (x_i: (l_i: -fazenda- (l_i)_{Poss} (x_i))$

NM: $(Np_i: [(Gw_i: ART.DEF.M Gw_i)) (Nw_i: -fogão- (Nw_i)) (Adp_i: -de lenha- (Adp_i)) (Adp_j: -da fazenda- (Adp_j))] (Np_i))$

Em (62), o Sintagma Adposicional “de lenha” (Adp_i) é colocado à direita da Palavra Nominal “fogão” (Nw_i) e à esquerda do Sintagma Adposicional “da fazenda” (Adp_j). Essa ordem é motivada pelo princípio da Integridade de Domínio, que reflete as relações de escopo do Nível Representacional, em que o Indivíduo “lenha” (x_j) modifica a Propriedade “fogão” (f_i), integrando o núcleo de x_i, um substantivo composto, que, por sua vez, é modificado pelo Lugar “fazenda” (l_i).

Por fim, o princípio da Estabilidade Funcional se refere à “exigência de que constituintes com a mesma especificação, seja interpessoal ou representacional, sejam colocados na mesma posição em relação a outras categorias”⁵⁸ (Hengeveld; Mackenzie, 2008, p. 286). Esse princípio explica a colocação de constituintes Tópico no português, que segundo Pezatti (2014), ocorrem na posição inicial da Oração, antes do verbo, como em (63).

- (63) -> corrida de cavalo é o investimento **dos rico, o rico** é o maior ladrão, não é, então é o seguinte, quando perguntam a ele “porque é que”, no imposto de renda, perguntam a ele “como é, porque é que está sobrando esse dinheiro aqui?” “eu ganhei na corrida de cavalo.” aquilo lá não dá recibo! você chega, joga e ganha. já é descontado já. lá tudo é descontado. você chega, joga, ganha, chega lá dá o talão, recebe e pronto. eles também não podem te provar contra. (BRA80: JogoDoBicho)

NI: $(C_i: [(+id +s R_i: -rico- (R_i))_{TOP} ...] (C_i))$

NM: $(Cl_i: [(Np_i: -o rico- (Np_i))_{Subj} ...] (Cl_i))$

Em (63), o referente “rico” é introduzido no discurso por meio do Ato Discursivo “corrida de cavalo é o investimento dos rico”. Uma vez no cotexto, esse referente torna-se disponível ao Ouvinte. O Falante, então, por considerá-lo uma informação dada, toma “o rico” como ponto de partida para o fluxo de atenção do Ouvinte ao enunciar o próximo Ato

⁵⁸ No original: [...] requirement that constituents with the same specification, be it interpersonal or representational, be placed in the same position relative to other categories.

Discursivo, ou seja, o Falante atribui a função pragmática Tópico (T_{OP}) ao Subato de Referência “o rico” (R_1). Por ser tópico, o Sintagma Nominal correspondente (Np_i) se aloca na posição inicial da Oração (Cl_i), antes do verbo de ligação, o que é explicado pelo princípio da Estabilidade Funcional.

Esses três princípios (Iconicidade, Integridade de Domínio e Estabilidade Funcional), no entanto, não são absolutos, no sentido de serem invioláveis, mas competem entre si e com outros fatores semânticos e pragmáticos.

Assim como os níveis da Formulação, o Nível Morfossintático tem sua própria organização. As camadas desse nível, organizadas de maneira hierárquica, são a Expressão Linguística (Le), a Oração (Cl), o Sintagma (Xp), a Palavra (Xw) e o Morfema, que pode ser um Radical (Xs), uma Raíz (Xr) ou um Afixo (Aff), conforme (64).⁵⁹

$$(64) \quad (Le_1: (Cl_1: (Xp_1: (Xw_1: [(Xs_1) (Xr_1) (Aff_1)] (Xw_1)) (Xp_1)) (Xp_1)) (Cl_1)) (Le_1))$$

A linearização desses constituintes é dada pela organização de cima para baixo da GDF, começando com a expressão morfossintática das partes hierarquicamente organizadas nos níveis de Formulação, ou seja, a linearização de constituintes se inicia com os elementos que se relacionam às camadas mais altas, descendo até as mais baixas dos níveis Interpessoal e Representacional, chegando, por fim, aos moldes de conteúdo e aos moldes de predicação.

Assim, na linearização de constituintes, padrões morfossintáticos são preenchidos com materiais dos níveis Interpessoal e Representacional. Esse processo ocorre de maneira dinâmica, resultando em padrões morfossintáticos variados. O padrão básico consiste num número de posições absolutas, totalizando quatro posições, conforme revelam pesquisas tipológicas realizadas até o momento. As posições absolutas são a inicial (P^I), a segunda (P^2), a medial (P^M) e a final (P^F). Há de se destacar que nem todas essas posições podem ser relevantes para uma determinada língua. Segundo Pezatti (2014), por exemplo, para a construção dinâmica de padrões morfossintáticos da Oração no PB, P^2 não é necessária.

Assim que uma posição absoluta é ocupada, os padrões podem ser expandidos com outras posições relativas, conforme (65), que mostra que P^I e P^2 podem ser expandidos para a direita, P^F para a esquerda e P^M para a direita e para a esquerda.

⁵⁹ Em (64), para melhor legibilidade, a possibilidade de ocorrência de mais uma unidade de mesma categoria dentro de cada camada não é representada. Além disso, no Nível Morfossintático, pode haver recursividade, o que também não é representado em (64).

(65) Hengeveld (2013, p. 17):

P^I	P^{I+1}	P^{I+2}	etc.				
P^2	P^{2+1}	P^{2+2}	etc.				
etc.	P^{M-2}	P^{M-1}	P^M	P^{M+1}	P^{M+2}	etc.	
			etc.	P^{F-2}	P^{F-1}	P^F	

Note-se que posições relativas (*e.g.*, P^{I+1}) podem coincidir superficialmente com posições absolutas (*e.g.*, P^2) (cf. Hengeveld; Mackenzie, 2008, p. 312). A escolha por uma ou por outra depende das contingências de cada língua na implementação dinâmica de constituintes morfossintáticos.

As posições absolutas P^I , P^2 , P^M e P^F são relevantes para as camadas da Oração, do Sintagma e da Palavra. A Expressão Linguística, por fim, apresenta as posições pré-oracional (P^{Pre}), central (P^{Centre}) e pós-oracional (P^{Post}), além da posição interpolada (P^{Int}), reservada a constituintes que cindem as camadas inferiores com material linguístico que, no Nível Fonológico, têm contorno entonacional próprio. Na Expressão Linguística, P^{Pre} , P^{Post} e P^{Int} são reservadas a Atos Discursivos Subsidiários, ao passo que os Nucleares se alocam em P^{Centre} .

Giomi e Keizer (2020) defendem que as posições da camada da Expressão Linguística têm comportamento distinto das da Oração. Estas apresentam posições relativas, ao passo que aquelas são apenas repetidas quantas vezes forem necessárias. Isso é explicado pelo fato de que constituintes que se inserem no núcleo da Expressão Linguística refletem Atos Discursivos, cujo posicionamento leva em consideração fatores de natureza gramatical (função retórica, estrutura da informação) e/ou relacionados ao contexto, à conceptualização ou ao processamento linguístico (*e.g.*, *targeting*/integridade de domínio, incrementalidade, complexidade) (cf. Giomi; Keizer, 2020, 180-181).

Em (66), é demonstrada a combinação das posições da camada da Oração e da Expressão Linguística, desconsiderando-se a posição interpolada.

(66) Expressão Linguística:	P^{Pre}		P^{Centre}		P^{Post}
Oração:	P^I		P^2	P^M	P^F

A linearização de constituintes em cada uma dessas posições segue uma ordem funcionalmente motivada. Essa motivação funcional é expressa por princípios, propostos por Hengeveld e Mackenzie (2008).

Nas subseções a seguir, são apresentados mais detalhes a respeito das camadas que compõem o Nível Morfossintático.

2.3.1 A Expressão Linguística

A Expressão Linguística (Le), a camada mais alta do Nível Morfossintático, é “qualquer conjunto de pelo menos uma unidade que pode ser usada independentemente”⁶⁰ (Hengeveld; Mackenzie, 2012, p. 308) na interação verbal. Assim, a Expressão Linguística pode ser constituída de apenas uma unidade morfossintática, como em (67), tal que: Le_i contém um Sintagma Nominal; Le_j, uma Oração; e Le_k, uma Palavra Adverbial.

- (67) -> porque o nosso maestro morreu há uns anos atrás, e acabou o coro.
 - ah! eu lembro.
 -> *um coro com vinte e tal anos de existência.*
 - *foi uma pena terem acabado [...]*
 -> o presidente faz parte daquele coro também
 - *exactamente.* (MAC90:CantarCoro)

NM: (Le_i: (Np_i: –um coro com vinte e tal anos de existência– (Np_i)) (Le_i))
 (Le_j: (Cl_i: –foi uma pena terem acabado– (Cl_i)) (Le_j))
 (Le_k: (Adv_{wi}: –exactamente– (Adv_{wi})) (Le_k))

Quando a Expressão Linguística é constituída de mais de uma unidade, elas “partilham as mesmas propriedades morfossintáticas” (Hengeveld; Mackenzie, 2012, p. 59), como em (68), (69) e (70), em que há duas Orações, uma Oração e um Sintagma e três Palavras, respectivamente.

- (68) -> *a copa não é absolutamente como nós vemos na cidade. a copa é uma sa[...], uma sala de jantar.* (BRA72:Fazenda).

NM: (Le_i: [(Cl_i: –a copa não é absolutamente como nós vemos na cidade– (Cl_i)) (Cl_j: –a copa é uma sala de jantar– (Cl_j))] (Le_i))

- (69) - *como é que se fazia o pão, senhora Maria?* (PRT94:AmassarCozer)

NM: (Le_i: [(Cl_i: –como é que se fazia o pão– (Cl_i)) (Np_i: –senhora Maria– (Np_i))] (Le_i))

⁶⁰ No original: [...] any set of at least one unit that can be used independently.

- (70) -> na parte de baixo tem uma sala grande, que está vazia actualmente, mas que futuramente seria uma sala de jogos...
 - hum.
 -> *jogo-de-botão, pingue-pongue, etc.* (BRA72:Fazenda).
 NM: (Le_i: [(Nw_i: -jogo-de-botão- (Nw_i)) (Nw_j: -pingue-pongue- (Nw_j)) (Nw_k: -etc.- (Nw_k))] (Le_i))

Entre as unidades de uma Expressão Linguística, pode haver um mecanismo de ligação, expresso por Palavras Gramaticais, como “e” em (71).

- (71) - é ao leiloeiro que compete avaliar a peça
 -> sim.
 - ou ela já vai para leilão avaliada?
 -> não, a peça, eh, quanto a mim, deve ser lei[...], *deve ser avaliada pelo leiloeiro, e a base de licitação deve ser imposta pelo leiloeiro.* (PRT89:Leiloeiro)
 NM: (Le_i: [(Cl_i: -deve ser avaliada pelo leiloeiro- (Cl_i)) (Gw_i: /e/ (Gw_i)) (Cl_j: -a base de licitação deve ser imposta pelo leiloeiro- (Cl_j))] (Le_i))

As unidades que pertencem à Expressão Linguística estabelecem ou não relações de dependência entre elas. A depender do tipo de relação, há um padrão morfosintático distinto. Desconsiderando essas relações de (in)dependência e a ordem que as unidades morfosintáticas assumem, a Expressão Linguística é genericamente representada por (72), a depender da composição do núcleo dessa camada do Nível Morfosintático, tal que “n” é igual ou maior que um.

- (72) a (Le₁: [(Cl₁) {(Cl_{1+n})} {(Xp₁)} {(Xp_{1+n})} {(Xw₁)} {(Xw_{1+n})}] (Le₁))
 b (Le₁: [{(Cl₁)} {(Cl_{1+n})} (Xp₁) {(Xp_{1+n})} {(Xw₁)} {(Xw_{1+n})}] (Le₁))
 c (Le₁: [{(Cl₁)} {(Cl_{1+n})} {(Xp₁)} {(Xp_{1+n})} (Xw₁) {(Xw_{1+n})}] (Le₁))

As unidades que compõem o núcleo da Expressão Linguística são a Oração, o Sintagma e a Palavra. As representações não instanciadas em (72) mostram que ao menos uma dessas unidades compõe a Expressão Linguística (Oração em (72a), Sintagma em (72b) e Palavra em (72c)).

2.3.2 A Oração

A Oração (Cl) é considerada uma categoria universal da estrutura morfossintática, sendo as unidades que a constituem caracterizadas por um padrão de ordenação e por expressões morfológicas de conectividade, como os morfemas que possibilitam a concordância verbal. As Orações contêm outras Orações encaixadas, Sintagmas (ambos podendo exercer funções sintáticas, como a de Sujeito) e Palavras Gramaticais.

Desconsiderando a ordem que as unidades morfossintáticas assumem, a representação não instanciada da camada da Oração, em português, é (73), tal que “n” é igual ou maior que um.

- (73) a $(Cl_1: [\{(Cl_1)_\varphi\} \{(Cl_{1+n})_\varphi\} (Vp_1) \{(Xp_1)\} \{(Xp_{1+n})_\varphi\} \{(Gw_1)\} \{(Gw_{1+n})\}]) (Cl_1))$
 b $(Cl_1: [(Xp_1)_\varphi (Xp_2)] (Cl_1))$

Em (73a), nota-se que o único elemento obrigatório é o Sintagma Verbal, que, sozinho, pode constituir uma Oração. No entanto, a representação em (73b) evidencia que a Oração, para a GDF, não requer necessariamente um verbo, como no caso das miniorações,⁶¹ as quais (73b) representa de forma não instanciada.

2.3.3 O Sintagma

O Sintagma (Xp) tem, como núcleo, um item lexical advindo do Nível Interpessoal ou do Nível Representacional. A depender da classe do lexema núcleo do Sintagma, ele recebe uma denominação. O Sintagma cujo núcleo é preenchido por um nome é denominado Sintagma Nominal; por um verbo, Sintagma Verbal; por um adjetivo, Sintagma Adjetival; por um advérbio, Sintagma Adverbial; e, por fim, Sintagmas que são introduzidos por uma preposição são nomeados de Sintagmas Adposicionais. Assim como na Oração, no português, o Sintagma pode ser constituído de uma sequência de Palavras, outros Sintagmas e Orações encaixadas. As

⁶¹ Esse termo, introduzido pelo estudioso de orientação formalista, Edwin Williams (1975), tem sido utilizado para traduzir *small clause*, “um nível de representação em que a relação sujeito-predicado é indicada por indexação” (Miotto; Foltran, 2007, p. 5). Não é nesse sentido que é aqui utilizado. Por falta de termo mais adequado, é aqui tomado emprestado para indicar uma predicação destituída de verbo (*verbless*). Para mais detalhes sobre as propriedades funcionais e formais da minioração, sob a perspectiva da GDF, confira Pezatti (2018) e Galvão Passetti e Pezatti (2022).

representações não instanciadas em (74) representam a camada do Sintagma, desconsiderando a ordem que as unidades morfossintáticas assumem, tal que “n” é igual ou maior que um.

$$(74) \quad (Xp_1: [\{(Cl_1)\} \{(Cl_{1+n})\} \{(Xp_2)\} \{(Xp_{2+n})\} (Xw_1) \{(Xw_{1+n})\}] (Xp_1))_\phi$$

2.3.4 A Palavra e o Morfema

Em algumas línguas, na camada da Palavra, há recursividade, ou seja, pode conter, assim como na camada do Sintagma e da Oração em português, outras unidades de camadas mais altas. A Palavra em português, no entanto, é composta apenas de Morfemas: Radicais, Raízes e Afixos.⁶² O Radical é “um Morfema com conteúdo lexical que pode ocorrer como o único componente lexical de uma Palavra”⁶³ (Hengeveld; Mackenzie, 2008, p. 404), ou seja, pode constituir, sozinho, uma Palavra, como “escola” em (75). A Raiz, como “est-” em (76), por sua vez, também é um Morfema com conteúdo lexical, mas só pode ocorrer em conjunto com outro Morfema, ou seja, não constitui, por si só, uma Palavra. O Afixo, por fim, é “um Morfema com conteúdo gramatical e só pode ocorrer em conjunto com um Radical [ou uma Raiz]”⁶⁴ (Hengeveld; Mackenzie, 2008, p. 404), como os Afixos “-a”, “-va” e “-mos” em (76), que indicam, respectivamente, a vogal temática da conjugação verbal, o modo indicativo e o pretérito imperfeito, e a primeira pessoa do plural.

(75) -> já tínhamos na *escola* com a parte prática, para se compreender (CPV95:IlhaFogo)
 NM: (Nw_i: (Ns_i: /es'kɔla/ (Ns_i)) (Nw_i))

(76) -> nós *estávamos* muito longe (CPV95:IlhaFogo)
 NM: (Vw_i: [(Vr_i: /es't/ (Vr_i)) (Aff_i: /a/ (Aff_i)) (Aff_j: /va/ (Aff_j)) (Aff_k: /mos/ (Aff_k))] (Vw_i))

Esses três tipos de Morfema são classificados como no Quadro 6.

⁶² As exceções ficam por conta das palavras compostas, como “peixe-boi”, e da mesóclise, em que uma Palavra (um clítico pronominal) é inserida dentro da Palavra Verbal.

⁶³ No original: [...] *a Morpheme with lexical content that may occur as the sole lexical component of a Word.*

⁶⁴ No original: [...] *a Morpheme with grammatical content, and may only occur in conjunction with a Stem.*

Quadro 6 – Classificação dos Morfemas

Morfema	Lexical	Dependente
Radical	+	–
Raiz	+	+
Afixo	–	+

Fonte: Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 404).

Palavras podem ser nominais, adjetivais, adverbiais, verbais ou gramaticais, a depender da classe gramatical do Morfema que as constitui.

A camada da Palavra, em português, é expressa pelas representações não instanciadas em (77), tal que “n” é igual ou maior que um, sem considerar a ordem que as unidades morfossintáticas assumem.

- (77) a $(X_{w1}: [(X_{s1}) \{(X_{s1+n})\} \{(X_{r1})\} \{(X_{r1+n})\} \{(Aff_1)\} \{(Aff_{1+n})\}]) (X_{w1})$
 b $(V_{w1}: [(V_{r1}) (Aff_1) \{(Aff_{1+n})\}]) (V_{w1})$

Em (77b), é genericamente representada a Palavra Verbal do português, em que, no geral, não há Radical, mas Raíz.

2.4 O NÍVEL FONOLÓGICO

O Nível Fonológico, assim como o Nível Morfossintático, faz parte da operação da Codificação. As informações advindas das operações da Formulação (do Nível Interpessoal e do Nível Representacional) que não são mapeadas no Nível Morfossintático, são mapeadas no Nível Fonológico. As representações do Nível Fonológico formam o *output* da Codificação como um todo, convertendo o *input* dos três níveis mais altos nas formas fonológicas apropriadas, que alimentam o Articulador (*e.g.*, o aparelho fonador propriamente dito, no caso da fala), que está situado fora do Componente Gramatical, integrando o Componente Articulatório.

O Componente Articulatório trata de questões analógicas: frequência (Hz), intensidade (dB), duração (segundos ou frações de segundo) e características espectrais (ondas sonoras), “refletindo a qualidade da voz individual, mudanças momentâneas de humor etc.”⁶⁵ (Hengeveld; Mackenzie, 2008, p. 421) e variando de falante para falante, no tempo e no espaço. O Nível Fonológico, por outro lado, é digital, contendo representações fonêmicas (e não fonéticas), baseadas em oposições fonológicas binárias (cf. noção de pares mínimos dos estudos fonológicos de orientação estruturalista) próprias do sistema linguístico, ou seja, próprias do Componente Gramatical.

O Nível Fonológico, assim como os outros níveis, assume uma visão hierárquica da estrutura fonológica. Essa hierarquia, proposta pela Fonologia Prosódica de Nespor e Vogel (1986; 2007) e incorporada pelo modelo da GDF, reconhece ao menos seis unidades, da maior para menor: o Enunciado (U), a Frase Entonacional (IP), a Frase Fonológica (PP), a Palavra Fonológica (PW), o Pé (F) e a Sílabas (S), conforme (78).⁶⁶

(78) (U₁: (IP₁: (PP₁: (PW₁: (F₁: (S₁) (F₁)) (PW₁)) (PP₁)) (IP₁)) (U₁))

Cada uma dessas camadas pode ser especificada por operadores fonológicos. Esses operadores são responsáveis por indicar tanto os acentos primários e secundários (sílabas tônicas e subtônicas) como a entonação de uma expressão linguística.

⁶⁵ No original: [...] *reflecting individual voice quality, momentary mood swings, etc.*

⁶⁶ Para melhor legibilidade, em (78), a possibilidade de ocorrências de mais de uma unidade de mesma categoria dentro de cada camada não é representada, tampouco os *slots* para operadores o são. Além disso, diferentemente do Nível Morfossintático, o Fonológico não é recursivo.

No que se refere à entonação, assim como para a Fonologia Entonacional (Pierrehumbert, 1980; Beckman; Pierrehumbert, 1986; Ladd, 1996; 2008; *et all.*), para a GDF, *mutatis mutantis*, há uma organização fonológica. Desse modo, um contorno entonacional consiste, fonologicamente, numa sequência de unidades discretas, os eventos tonais. Esses eventos são localmente definidos e associados a pontos específicos na cadeia segmental e na estrutura hierárquica fonológica.

Os eventos tonais, na Fonologia Entonacional, são compostos por níveis de tons primitivos ou por alvos de altura, alto (H - *high*) e baixo (L - *low*), e são classificados como acentos tonais ou tons relacionados a fronteiras. Os acentos tonais (*pitch accents*) são associados a sílabas proeminentes, podendo ser simples, monotonais (L* ou H*), ou complexos, bitonais (H*+L, H+L*, L*+H ou L+H*).⁶⁷ Já os tons relacionados a fronteiras são associados a fronteiras de domínios prosódicos, considerando a visão integrada entre entonação e organização dos domínios prosódicos, e consistem nos tons de fronteira (*boundary tones*: L% ou H%) e nos acentos frasais (*phrasal accents*: L- ou H-). Os tons de fronteira se encontram associados a fronteiras de domínios prosódicos mais altos da hierarquia prosódica, como a Frase Entonacional e o Enunciado; já os acentos frasais são associados a fronteiras de domínios mais baixos, como a Frase Fonológica, por exemplo.

Kojadinović (2022), adotando, para a GDF, a estrutura amplamente aceita de Pierrehumbert (1980), desenvolvida posteriormente sob a abordagem teórica Autossegmental-Métrica da Fonologia Entonacional (Ladd, 2008), propõe uma correlação entre o sistema de notação ToBI (Beckman; Hirschberg; Shattuck-Hufnagel, 2006) e os operadores fonológicos da GDF, conforme o Quadro 7.

Quadro 7 – Tons e operadores

Tom	Operador do NF
T%	f/r/n no IP
T-	f/r/n no PP
T*	h/l no PP

Fonte: Adaptado de Kojadinović (2022, p. 614).

⁶⁷ O asterisco marca o tom alvo associado a sílaba relevante.

No Quadro 7, Kojadinović (2022) correlaciona os tons de fronteira a operadores da Frase Entonacional, ao passo que os acentos frasais e os acentos de tom correspondem a operadores da camada da Frase Fonológica.

Nas seções a seguir, em que são apresentadas as camadas do Nível Fonológico, discute-se como esses operadores são aplicados a exemplos reais do PB.

2.4.1 O Enunciado

O Enunciado (U) é a maior unidade segmental do Nível Fonológico. Ele geralmente é separado por uma pausa mais substancial em comparação àquela que o Falante usa para separar Frases Entonacionais. A pausa entre Enunciados “nunca será interpretada pelo Ouvinte como uma hesitação”⁶⁸ (Hayes, 1989, p. 219 *apud* Hengeveld; Mackenzie, 2008, p. 430). A título de ilustração, considera-se o breve diálogo em (79), que consiste em turnos curtos.

- (79) A: está vazia a casa? não tem nada no lugar? (BRA72:Fazenda)
 (U_i: /es'tava'ziaa'kaza'nawN'teN'nadanolu'gaR/ (U_i))
 B: inteiramente vazia. nada. (BRA72:Fazenda)
 (U_j: /iN'teira'menteva'zia'nada/ (U_j))
 A: é muito grande ela? (BRA72:Fazenda)
 (U_k: /'ε'muito'grande'εla/ (U_k))
 B: enorme. (BRA72:Fazenda)
 (U_l: /e'nɔrme/ (U_l))

Cada um dos quatro turnos em (79) é um Enunciado. O primeiro turno de A é um Movimento formado por dois Atos Discursivos (“está vazia a casa?” e “não tem nada no lugar?”), constituindo uma única unidade prosódica, precedida e seguida por uma pausa (a sobreposição com a resposta de B é obviamente possível). A resposta de B, do mesmo modo, é um Enunciado que corresponde a um Movimento com dois Atos Discursivos (“inteiramente vazia” e “nada”). O mesmo se aplica à réplica de A e à tréplica de B: ambas constituem Enunciados que mapeiam dois Movimentos, cada qual composto por apenas um Ato Discursivo.

⁶⁸ No original: [...] *will never be interpreted by the Addressee as a hesitation.*

O Enunciado, no entanto, não corresponde sempre a turnos inteiros. A ocorrência (80), por exemplo, é um único turno composto por dois Enunciados (U_i e U_j) que mapeiam dois Movimentos (M_i e M_j).

(80) - *como você vê não é muito interessante. eu mesma levei um susto agora esse fim de, esse fi[...] - estou fugindo do meu problema de casa, né* (BRA72:Fazenda, adaptado)⁶⁹

NI: (M_i : –como você vê não é muito interessante. eu mesma levei um susto agora esse fim de– (M_i)) (M_j : –estou fugindo do meu problema de casa, né– (M_j))

NF: (U_i : /'komovo'se've'nawN'ε'muitoIN'tere'saNteeu'meSmale'verum'suStoa'gora 'ese'fĩnde/ (U_i)) (U_j : /es'towfu'ʒĩNdodo'mewpro'blemade'kaza'nε/ (U_j))

O Enunciado pode ser especificado pelos operadores entonacionais *Falling* (f) e *Rising* (r), que têm o efeito de fortalecer a entonação descendente ou ascendente do Enunciado como um todo. Considera-se, a esse respeito, (81).

(81) -> *inteiramente vazia. nada.* (BRA72:Fazenda)

NF: (f U_i : [(f IP_i : /iN'teira'meNteva'zia/ (IP_i)) (f IP_j : /'nada/ (IP_j))]) (U_i))

Em (81), há um Enunciado (U_i) composto de duas Frases Entonacionais (IP_i e IP_j), ambas pronunciadas com entonação descendente. A última Frase Entonacional (IP_j), no entanto, é pronunciada com uma queda maior do tom de fronteira na Sílabas final /'da/, indicando o fim do Movimento. Esse tom baixo extra é acionado pelo operador *Falling* adicional na camada do Enunciado.

Em (82), por sua vez, a mesma análise pode ser empregada, agora com o operador *Rising* aplicado a U_i .

(82) - *está vazia a casa? não tem nada no lugar?* (BRA72:Fazenda)

NF: (r U_i : [(r IP_i : /es'tava'ziaa'kaza/ (IP_i)) (r IP_j : /'nawN'teN'nadanolu'gar/ (IP_j))]) (U_i))

O Enunciado consiste em uma ou mais Frases Entonacionais, podendo ser especificado por um operador. Sua representação não instanciada é (83).

(83) (πU_1 : [$(\pi IP_1) \{(\pi IP_{1+n})\}$] (U_1)) tal que $n \geq 1$

⁶⁹ Cf. Nota de rodapé 26, p. 50.

2.4.2 A Frase Entonacional

A segunda camada do Nível Fonológico é a Frase Entonacional (IP), que pode ser reconhecida com base em propriedades internas e externas: internamente, ela é caracterizada “por um núcleo, ou seja, um movimento tonal localizado em uma ou mais sílabas que é essencial para a interpretação da frase entonacional como um todo” (Hengeveld; Mackenzie, 2012, p. 63); externamente, ela é tipicamente (mas não obrigatoriamente) separada de outras Frases Entonacionais por “uma pausa, geralmente menos longa que a pausa usada para separar Enunciados um do outro”⁷⁰ (Hengeveld; Mackenzie, 2008, p. 432).

Enquanto Enunciados normalmente coincidem com Movimentos no Nível Interpessoal, as Frases Entonacionais comumente correspondem a Atos Discursivos. A ocorrência (84), por exemplo, consiste em dois Atos Discursivos (o primeiro é um Ato Discursivo de Conteúdo e o segundo, um Ato Discursivo Interativo) que correspondem a duas Frases Entonacionais, com as Sílabas em maiúsculas carregando seus núcleos e o travessão indicando uma breve pausa.

(84) seria a sede da fazenda anTIGA – CERTO (BRA72:Fazenda, adaptado)

Os operadores *Falling* e *Rising* também se aplicam à Frase Entonacional, que, nessa camada, indicam e os tons de fronteira L% e H%, respectivamente. A título de exemplo, observa-se a diferença entre (85a) e (85b).

- (85) a -> vamos entrar (BRA72:Fazenda)
 NI: (A_I: [(F_I: DECL (F_I)) ...] (A_I))
 NF: (f IP_i: /'vamoSEn'traR/ (IP_i))
 b -> vamos entrar? (BRA72:Fazenda)
 NI: (A_I: [(F_I: INTER_P (F_I)) ...] (A_I))
 NF: (r IP_i: /'vamoSEn'traR/ (IP_i))

Ambos são Atos Discursivos cujos Conteúdos Comunicados evocam uma mesma imagem. A única diferença de formulação entre eles está na Ilocução. Em (85a), há uma Ilocução Declarativa; em (85b), uma Ilocução Interrogativa Polar. Para marcar essa distinção,

⁷⁰ No original: [...] a pause, typically less long than the pause used to separate Utterances from each other.

o português de algumas regiões do Brasil dispõe dos operadores *Falling* e *Rising*, respectivamente, aplicados à camada da Frase Entonacional.

A Frase Entonacional é composta por uma ou mais Frases Fonológicas. Sua representação não instanciada é (86).

$$(86) \quad (\pi \text{ IP}_1: [(\pi \text{ PP}_1) \{(\pi \text{ PP}_{1+n})\}] (\text{IP}_1)) \quad \text{tal que} \quad n \geq 1$$

2.4.3 A Frase Fonológica

Numa língua acentual como o português, ao contrário de uma tonal como o mandarim, a Frase Fonológica (PP) é caracterizada pelo fato de conter “uma Sílabas mais acentuada do que as Sílabas ao redor, incluindo outras acentuadas”⁷¹ (Hengeveld; Mackenzie, 2008, p. 436) que compõem a mesma Frase Fonológica. Frases Fonológicas geralmente correspondem a Subatos. A título de ilustração, considera-se a ocorrência (87).

(87) *-> as almas dos escravos clamam por vingança* (BRA72:Fazenda)

$$\begin{array}{ll} \text{NI:} & (\text{A}_i: [\dots (\text{C}_i: [(+id +s \text{ R}_i: -\text{almas dos escravos-} (\text{R}_i))_{\text{TOP}} (\text{T}_i) \\ \text{NF:} & (f \text{ IP}_i: [(\text{PP}_i: /a s ' \text{almas dos es 'kravos/} (\text{PP}_i)) (\text{PP}_j: /' \text{klamaN/} (\text{PP}_j)) \downarrow \\ \text{NI:} & (\text{R}_j: -\text{vingança-} (\text{R}_j))] (\text{C}_i))] (\text{A}_i)) \\ \text{NF:} & (\text{PP}_k: /poRviN' \text{gaNsa/} (\text{PP}_k))] (\text{IP}_i)) \downarrow \end{array}$$

Em (87), IP_i contém três Frases Fonológicas, que mapeiam três Subatos (R_i , T_i e R_j). As duas últimas Frases Fonológicas têm apenas uma Sílabas tônica, que as delineiam: $/ ' \text{kla} /$ e $/ ' \text{gaN} /$, respectivamente. A primeira Frase Fonológica, por outro lado, contém duas Sílabas tônicas, sendo a de “escravos” a mais proeminente. Isso é explicado, de acordo com Nespor e Vogel (1986), pelo fato de que, em línguas ramificadas à direita, o acento mais forte é o mais à direita; em línguas cuja ramificação se faz à esquerda, por outro lado, o acento mais forte se localiza mais à esquerda.

Na representação do Sintagma Nominal “as almas dos escravos” em (88), a Palavra Nominal “escravos” é a que ocupa a posição mais baixa (ramificada à direita de “almas”) do Sintagma em questão.

⁷¹ No original: [...] one Syllable that is more strongly stressed than the surrounding Syllables, including any other stressed ones.

(88) As almas dos escravos

NM: (Np_i: [
 (Gw_i: /aS/ (Gw_i))
 (Nw_i: –almas– (Nw_i))
 (Adp_i: [
 (Gw_j: de (Gw_j))
 (Np_j: [
 (Gw_k: /oS/ (Gw_k))
 (Nw_j: –escravos– (Nw_j))
] (Np_j))
] (Adp_i))
] (Np_i))

O português, segundo Bisol (1996), é uma língua com ramificação à direita. Há casos, entretanto, em que ela ocorre à esquerda. A anteposição de adjetivos em relação a substantivos a que se ligam, de que (89) é exemplo, é um caso de ramificação à esquerda. Em (89), por isso, a Sílabas tônica mais proeminente da Frase Fonológica “uma ligeira queda” é a Sílabas tônica de “ligeira”. Isso já foi atestado por Calaça (2004), com relação ao dialeto goiano do português.

(89) -> tinha *uma ligeira queda*. (BRA72:Fazenda)

NM: (Np_i: [
 (Gw_i: /'uma/ (Gw_i))
 (Api:
 (Aw_i: –ligeira– (Aw_i))
 (Api))
 (Nw_i: –queda– (Nw_i))
] (Np_i))

No exemplo em (87), entretanto, não há ramificação à esquerda, de modo que as três Sílabas proeminentes de cada Frase Entonacional, grafadas em maiúsculas em (90), são as que apresentam acentos de tom.

(90) As almas dos esCRAvos CLAmam por vinGANça.

Os acentos de tom em (90) são representados por operadores fonológicos nas Frases Fonológicas. A primeira e a segunda têm um tom ascendente em “/'kra/” e “/'kla/”, respectivamente, e a última, um tom descendente em “/'gaN/”. Seguindo Kojadinović (2022),

os acentos de tom são representados pelos operadores *High* e *Low*, que então são os responsáveis pela ascendência e descendência nas Sílabas relevantes de cada Frase Fonológica da ocorrência em (90), conforme representado em (91).

$$(91) \quad (f \ f \ IP_i: [(h \ PP_i: /as'almasdoses'kravos/ (PP_i)) (h \ PP_j: /'klamaN/ (PP_j)) (l \ PP_k: /porviN'gaNsa/ (PP_k))]) (IP_i))$$

Além de ter acento de tom, a Frase Fonológica é a camada que pode conter acento frasal. A Frase Fonológica final dentro de uma Frase Entonacional, por exibir o movimento entonacional, ou o contorno nuclear que caracteriza a Frase Entonacional, sempre apresenta um acento frasal (L- ou H-, representados pelos operadores *Falling* e *Rising*, respectivamente). Assim, a última Frase Fonológica (PP_k) da Frase Entonacional em (91) ainda precisa ser especificada por um operador, o operador *Falling*, conforme (92).

$$(92) \quad (f \ IP_i: [(h \ PP_i: /as'almasdoses'kravos/ (PP_i)) (h \ PP_j: /'klamaN/ (PP_j)) (f \ l \ PP_k: /porviN'gaNsa/ (PP_k))]) (IP_i))$$

A Frase Fonológica é composta por uma ou mais Palavras Fonológicas, como representado em (93).

$$(93) \quad (\pi \ PP_1: [(\pi \ PW_1) \{(PW_{1+n})\}] (PP_1)) \quad \text{tal que} \quad n \geq 1$$

No decorrer desta subseção, é demonstrado que é justificável dividir Frases Entonacionais em Frases Fonológicas, uma vez que os tons de fronteira se aplicam à Frase Entonacional e os acentos frasais e os acentos de tom, à Frase Fonológica. No entanto, ainda há outras camadas distinguidas no Nível Fonológico; são elas: a Palavra Fonológica (PW), o Pé (F) e a Sílabas (S), que são expostas a seguir.

2.4.4 A Palavra Fonológica

Numa língua acentual como o português, a propriedade definidora da Palavra Fonológica é a presença de um acento primário. Como o português apresenta acento variável, havendo palavras oxítonas, paroxítonas e proparoxítonas, os padrões acentuais são

especificados no léxico e devem ser adquiridos pelo Falante. Isso significa que há uma relação padrão entre lexemas e Palavras Fonológicas.

Assim, como não existe uma posição única para o acento, ele precisa ser indicado no Nível Fonológico, conforme (94), em que o diacrítico “'” é anteposto à Sílabas tônica e “,”, à Sílabas subtônica, que correspondem aos acentos primário e secundário, respectivamente.

- (94) a -> *aliás* (BRA72:Fazenda)
 (PW_i: /,ali'as/ (PW_i))
- b -> *Friburgo* (BRA72:Fazenda)
 (PW_i: /fri'buRgo/ (PW_i))
- c -> *antiquíssima* (BRA72:Fazenda)
 (PW_i: /,anti'kwisima/ (PW_i))

A posição dos acentos primário e secundário é fixa; essa informação é transferida dos níveis mais altos de representação (do Nível Interpessoal, no caso do nome próprio “Friburgo”; do Nível Representacional, no caso da Propriedade “antiquíssima”; e do Nível Morfossintático, no caso da Palavra Gramatical “aliás”).

A Palavra Fonológica tem estrutura interna, sendo composta por unidades menores, os Pés, conforme representa (95).

- (95) $(\pi \text{ PW}_1: [(\pi \text{ F}_1) \{(\text{F}_{1+n})\}] (\text{PP}_1))$ tal que $n \geq 1$

2.4.5 O Pé e a Sílabas

O Pé é caracterizado pela presença de uma Sílabas forte e (na maioria dos casos) de uma Sílabas mais fraca. Sílabas fortes são Sílabas com acento primário ou secundário. Assim, uma Palavra como “município” consiste em dois Pés, ambos compostos por duas Sílabas, como representado em (96).

- (96) município (BRA72:Fazenda)
- NF: (PW_i: [(F_i: [(s S_i: /mu/ (S_i)) (S_j: /ni/ (S_j))] (F_i)) (s F_j: [(s S_k: /si/ (S_k)) (S_l: /piw/ (S_l))] (F_j))] (PW_i))

As Sílabas fortes em (96) são fornecidas pelo operador *Stress* (*s*) em negrito. O acento primário (em oposição ao acento secundário) é causado pela dupla presença desse operador: um na camada do Pé e outro na da Sílabas.

O Pé é genericamente representado em (97).

$$(97) \quad (\pi_{F_1}: [(\pi_{S_1}) \{(S_{1+n})\}] (F_1)) \quad \text{tal que} \quad n \geq 1$$

A Sílabas, por fim, pode consistir em um único Fonema ou em uma sequência ininterrupta de Fonemas.

3 A NEGAÇÃO NA GRAMÁTICA DISCURSIVO-FUNCIONAL COM DADOS DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Esta seção objetiva mostrar como um modelo estratificado conforme a GDF é capaz de reconhecer vários tipos de negação, a depender da camada a que ela se aplica e se ela é de natureza acional, do Nível Interpessoal (cf. 3.1), ou descritiva, do Nível Representacional (cf. 3.2), conforme Quadro 1 e Quadro 2, repetidos por conveniência.

Quadro 1 – Negações do Nível Representacional

Nível Representacional	
P	Discordância
Ep	Conexão
E	Não ocorrência
f ^c	Falha
A	Quantificação-zero
F	Negação local
\$	Antônimo

Fonte: Adaptado de Hengeveld e Mackenzie (2018, p. 35).⁷²

Quadro 2 – Negações do Nível Interpessoal

Nível Interpessoal	
A	Rejeição
F	Proibição & cia.
C	Recusa
R	Negação metalinguística
T	Negação metalinguística

Fonte: Adaptado de Hengeveld e Mackenzie (2018, p. 41).

Para cumprir o objetivo desta seção, ela se baseia quase que integralmente no artigo de Hengeveld e Mackenzie (2018) intitulado *Negation in Functional Discourse Grammar*, cuja leitura é recomendada para o leitor que necessita de argumentos que sustentam a existência de cada tipo de negação identificada pelos autores, já que, esta seção, salvo algumas exceções, limita-se a apenas apontar as várias negações.

Além disso, são oferecidos exemplos do PB para cada negação apresentada a seguir, a não ser quando ela não ocorre no PB. Adicionalmente à exemplificação com ocorrências, este trabalho defende que o PB: (i) não dispõe de Ilocuções abstratas de sentido negativo; (ii) não apresenta negação de Episódio senão como partícula vicária; (iii) marca negação de Propriedade

⁷² Cf. Nota de rodapé 4, p. 30.

Configuracional com os auxiliares “deixar de” e “parar de”. Todas as outras afirmações, por outro lado, já são dadas pela literatura.

3.1 AS NEGAÇÕES DO NÍVEL INTERPESSOAL

As várias camadas do Nível Interpessoal permitem operadores negativos. Operadores negativos, nesse nível, não expressam significado negativo em sentido estrito. As camadas do Nível Interpessoal são de natureza acional; são ações que o usuário da língua realiza no momento da fala. Esse usuário não pode, ao mesmo tempo, realizar uma ação e negar que a está realizando. Assim, as categorias negativas nesse nível expressam nuances de negatividade, que são tratadas camada por camada a seguir.

3.1.1 A-negação: Rejeição

Como o próprio termo sugere (“ato”), Atos Discursivos são acionais por natureza, ou seja, representam uma ação linguística do Falante na interação verbal. Por ser uma ação, a A-negação não deve ser entendida como a não execução ou o desfazimento de um Ato Discursivo. Nesse sentido é que os autores definem a A-negação como negação acional, distinguindo-a da proposicional, ambas marcadas por “no” em inglês (cf. Hengeveld, Mackenzie, 2008, p. 148-149; 2018, p. 36), conforme respectivamente exemplificam (98) e (99).

(98) Hengeveld e Mackenzie (2018, p. 36):

A: Did John go home?
“João foi para casa?”

B: No (he didn’t).
“Não (ele não foi).”

(99) Hengeveld e Mackenzie (2018, p. 36):

A: Go home!
“Vá para casa!”

B: No!/Forget it!/Get lost! (I don’t accept your order.)
“Não!/Sai fora!/Nem vem! (eu não aceito sua ordem.)”

Em (98), “no” especifica o valor de verdade de um Conteúdo Proposicional, colocado em questionamento pelo Participante A. Em (99), por outro lado, “no” serve para o Participante B reagir ao Ato Discursivo “*Go home!*” executado por A, de modo a rejeitar o ato de fala imperativo (99A).

Para se rejeitar um Ato Discursivo, como mostra (99B), há várias opções, que não podem ser usadas para especificar a polaridade negativa de um Conteúdo Proposicional (cf. 100B).

(100) Hengeveld e Mackenzie (2018, p. 36):

- A: Did Peter go home?
 “Peter foi para casa?”
- B: No!/*Forget it!/*Get lost!
 “Não!/*Sai fora!/*Nem vem!”

Em (101), por exemplo, em que L1 nega a informação colocada em questionamento por seu interlocutor, não há como substituir “não” por “nem vem!”.

- (101) L1: o trecho de:... se não me engano de:...(Monlevade) é um pouco mais pra cá não me lembro o nome agora... acho que é de Coronel Fabriciano... até Governador Valadares é novo... inclusive eu sei porque eu vi a concorrência.
 L2: não é aquele é aquele/ é aquele que sai de Governador Valadares um/um que vai sair em (Monlevade)?
 L1: não[/**nem vem!**]. (D2 SSA 98)

Em (102), por outro lado, por se tratar de A-negação, “não” pode ser substituído por “nem vem!”.

- (102) Inf.1: ele falô(u) –“eu vô(u) eu vô(u) tomá(r) banho que minha ro(u)pa tá lá no hotel”– que ele traZIA e em vez de trazê(r) pra casa pa lava lavava no hotel que lá tem aquelas má::quinas... aquelas coisa... aquelas funcionária tudo lavava... e ele levava as ro(u)pa da semana... aí ele falô(u) –“eu vô(u) pegá(r) minha RO(u)pa e vô(u) tomá(r) banho já e:: passo aqui né? po... pra mim í(r) embora... –“FICA AQUI COM AS MENINA”– ... eu falei –“não[/**nem vem!**] eu também vô(u) em casa tomá(r) banho”– tava calor... [AI-001; CAS: L. 13]

Como evidenciado em (102), a A-negação nega a realização de um Ato Discursivo, ou seja, desautoriza um Ato Discursivo anteriormente proferido, sendo denominada Rejeição e representada como (103).

(103) Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 149; 2018, p. 36):

(A₁: no (A₁))

3.1.2 F-negação: Proibição & cia.

Conforme mencionado em 1 (p. 28), Dik (1997b, p. 169-187) elenca cinco escopos da negação. Um deles corresponde à negação ilocucionária, conforme exemplo em (104).

(104) Dik (1997b, p. 173):

I do not promise to come.

‘Eu não prometo vir.’

De acordo com autor, em (104), “*not*” nega o performativo “*promise*”, o que caracteriza a negação ilocucionária, que é “alcançada pela negação de um verbo performativo explícito[, mas não] por uma simples modificação dos operadores ilocucionários básicos Declarativo, Interrogativo ou Imperativo”⁷³ (Dik, 1997b, p. 173), restringindo a análise de Lyons (1977) e de Searle e Vanderveken (1985).

No entanto, segundo Hengeveld e Mackenzie (2018, p. 37), o problema com a negação ilocucionária de Dik (1997b) é que não há performativo em (104). Em sua contraparte afirmativa, por outro lado, “*promise*” é performativo, o que pode ser demonstrado por meio da adição do advérbio “*hereby*” (“por meio deste”) à expressão linguística, conforme (105).

(105) Hengeveld e Mackenzie (2018, p. 37):

a I hereby promise you to come.

‘Eu, por meio deste, prometo-lhe vir.’

b *‘Eu, por meio deste, não lhe prometo vir.’

⁷³ No original: [...] achieved by negating an explicit performative verb [...] by a simple modification of the basic illocutionary operators Declarative, Interrogative, or Imperative.

A incoerência de (105b) mostra que não se trata de um enunciado performativo; portanto, a negação, nessa sentença, não pode ser uma negação ilocucionária. Em vez disso, essa expressão linguística tem Ilocução Declarativa e contém um Estado de Coisas negado, conforme representa (106b) para a tradução em português.

- (106) a Eu prometo vir
 NI: (A_I: [(F_I: (D_I: prometer_V (D_I)) (F_I)) (P_I: [+S, -A] (P_I))_S (P_J)_A (C_I: -vir- (C_I))] (A_I))
 NR: (e_i: -vir- (e_i))
- b Eu não prometo vir.
 NI: (A_I: [(F_I: DECL (F_I)) (P_I)_S (P_J)_A (C_I: -eu prometo vir- (C_I))] (A_I))
 NR: (neg e_i: -eu prometo vir- (e_i))

Há, contudo, de acordo com Hengeveld e Mackenzie (2018, p. 37), Ilocuções com um valor negativo. As mais comuns são a Ilocução Proibitiva e a Ilocução Desexortativa. Elas são respectivamente exemplificadas por (107) e (108).

- (107) Do tauya (MacDonald, 1990, p. 213):

Yate-ʔatene!
 ir-PROH.SG
 ‘Não vá!’

- (108) Do kamaiurá (Seki, 2000, p. 333):

T=a-ha-uma=n.
 HORT=1.SG-IR-NEG.HORT=HORT
 ‘Não me deixe ir!’

Os marcadores ilocucionários em (107) e (108) são formas especializadas das Ilocuções Proibitiva e Desexortativa, ou seja, eles não são compostos de um marcador imperativo ou exortativo combinado a um marcador negativo regular. Por isso, esses marcadores podem ser interpretados como Ilocuções negativas, e não como Ilocuções negadas.

Ilocuções negativas, como essas, são representadas em (109) e (110), em que núcleos abstratos especificam a Ilocução.

- (109) (F_I: PROH (F_I))

(110) (F₁: DISHORT (F₁))

O PB – nem as outras variedades do português – não apresenta marcadores especializados que codificam as Ilocuções Proibitiva e Desexortativa. Para satisfazer ao objetivo comportamental de proibir, o PB dispõe de outros recursos da língua. O Falante pode, por exemplo, empregar o verbo “proibir” como um performativo, conforme em (111), ou utilizar a Ilocução Imperativa no Nível Interpessoal combinada com o operador de Negação no Nível Representacional, como em (112).

(111) Escuta aqui, *eu **proíbo** você de me esquecer!* (Disponível em: <https://www.recantodasletras.com.br/poesiasdesaude/2706970>. Acesso em: 29 dez. 2024).

NI: (A_I: [(F_I: (D_I: **proibir**_v (D_I)) (F_I)) (P_I: [+S, -A] (P_I))_S (P_J: [-S, +A] (P_J))_A (C_I: – me esquecer– (C_I))] (A_I))

(112) ***Não** vote no candidato apoiado pelo governador.* (Disponível em: <https://sindpolalagoas.com.br/noticia/sindpol-orienta-pcs-e-seus-familiares-a-compartilharem-material-na-o-vote-no-candidato-apoiado-pelo-governador/>. Acesso em: 29 dez. 2024).

NI: (A_I: [(F_I: **IMP** (F_I)) (P_I))_S (P_J))_A (C_I: –votar no candidato apoiado pelo governador– (C_I))] (A_I))

NR: (**neg** e_i: –votar no candidato apoiado pelo governador– (e_i))

3.1.3 C-negação: Recusa

Na GDF, um Conteúdo Comunicado é uma mensagem que é comunicada por um Falante num Ato Discursivo, opondo-se a um Conteúdo Proposicional, uma unidade de pensamento que não é necessariamente comunicada, mas se pode sobre ela falar. Dada essa diferença, um Conteúdo Comunicado é uma unidade do Nível Interpessoal, enquanto um Conteúdo Proposicional é uma unidade no Nível Representacional.

Um Conteúdo Comunicado não pode ser negado como tal; uma vez produzido, ele existe. Contudo, um interlocutor pode negar a sua adequação. Um exemplo disso é dado em (113).

(113) Hengeveld e Mackenzie (2018, p. 38):

- A You hate me!
'Você me odeia!'
- B It's not that I hate you, it's just that I think you are a bit annoying.
'Não é que eu odeie você; é só que eu acho você um pouco chato.'
- B' ??It's not true that I hate you, it's just true that I think you are a bit annoying.
??'Não é verdade que eu odeio você; é só verdade que eu acho você um pouco chato.'
- B'' I DON'T (hate you).
'EU NÃO (odeio você).'
- B''' I don't "hate you"
'Eu não "odeio você".'

Segundo Hengeveld e Mackenzie (2018, p. 38), em (113B), a mensagem expressa em (113A) é recusada e uma alternativa para ela é oferecida. Isso difere da negação de Conteúdo Proposicional, em que a verdade de uma proposição está em jogo. Como mostra (113B'), que usa a mesma construção, uma paráfrase em termos de valores de verdade é inadequada. Para expressar negação proposicional nesse contexto, (113B'') é apropriado. Uma forma alternativa de expressar a primeira parte de (113B) é (113B'''), em que o Falante acompanha a declaração com um gesto que lembra aspas escritas no ar.

Em (113B), a Recusa é expressa pela perífrase "*it's not that*" ("não é que"). Uma outra construção frequentemente usada para expressar esse tipo de negação é exemplificada por (114).

(114) Hengeveld e Mackenzie (2018, p. 38):

- Not that I regret any of it!
'Não que eu me arrependa de nada!'

Nessa construção, a cópula presente em (113B) é suprimida, o que, segundo Hengeveld e Mackenzie (2018, p. 38), pode ser tomado como um sinal de gramaticalização de "*it's not that*".

A Recusa é representada como um operador na camada do Conteúdo Comunicado recusado, conforme (115).

(115) (neg C₁: H (C₁))

Horn (2001, p. 435), inclusive, classifica “*it’s not that*” como um marcador de negação metalinguística, já que, para a autora, não importa se o conteúdo que ela encabeça é verdadeiro ou falso. Mustafa (2024), por outro lado, mostra que essas expressões podem estar inteiramente sobre o escopo de modificadores epistêmicos subjetivos, como “*perhaps*” (“talvez”).

Mustafa (2024), inclusive, em trabalho apresentado na *Eighth International Conference on Functional Discourse Grammar* (FDG2024), defende que “*it’s not that*” é uma construção utilizada para negar inferências, como em (116).

(116) They don’t know about how to properly dispose of oil, or how to handle oil on beaches.
It’s not that they’re too stupid, it’s that they’re not trained.
 ‘Eles não sabem como descartar óleo corretamente, ou como lidar com óleo nas praias.
Não é que eles são muito estúpidos, é que eles não são treinados.’

NI: (A_I: [... (C_I: (C_J: –they’re too stupid– (C_J)) (C_I))] (A_I)) ↓
 NR: (p_i: (pres neg epi: (e_i: (f_i: [(p_j) (p_k: –they’re too stupid– (p_k))] (f_i)) (e_i)) (ep_i)) (p_i)) ↓

Na análise de Mustafa, em (116), há uma predicação especificacional entre dois Conteúdos Proposicionais, p_j e p_k. Um corresponde à Oração encaixada por “*it’s not that*” e evocada por C_J; o outro é de núcleo ausente e não é evocado no Nível Interpessoal, mas pode ser reconstruído ou lexicalmente expresso por um nome *shell* (e.g., “verdade”, “razão”, “problema”, “situação”, etc.), que se refere a uma categoria funcional cognitiva difusa de substantivos abstratos que encapsulam, além de seu conteúdo semântico específico, informações referenciais de discurso complexas que normalmente são codificadas em frases, sentenças ou até mesmo sequências de texto mais longas (cf. Schmid, 2018). Assim, uma paráfrase para a expressão em negrito em (116) seria “a razão (pela qual eles não sabem) não é que eles são muito estúpidos.”

Desse modo, o item negativo de “*it’s not that*”, para Mustafa (2024), codifica o operador de Negação na camada do Episódio, e não na camada do Conteúdo Comunicado. Trata-se, para o autor, portanto, de uma negação descritiva, do Nível Representacional.

Embora não abordada em tamanhos detalhes, a negação com “não (é) que” também é descrita como uma forma de negação semântica na literatura sobre o PB. Conforme mencionado em 1 (p. 31-32), para Neves (2011, p. 294) e Liberatti (2000, p. 220-221), “não (é) que” é uma

negação descritiva, embora a primeira autora admita o caráter argumentativo dessa negação e a segunda autora, sua possível leitura metalinguística.

3.1.4 SA-negação: Negação Metalinguística

Um Subato (SA) é um ato do Falante que ou evoca (Subato de Referência) ou predica um referente (Subato de Atribuição). A adequação de um Subato Atributivo (T), por exemplo, pode ser questionada ou recusada. Nesse caso, tem-se a T-negação, chamada de negação metalinguística por Horn (1985). Exemplo que mostra esse tipo de negação está em (117).

(117) Hengeveld e Mackenzie (2018, p. 39):

She is not “pretty”, she is gorgeous.
‘Ela não é “bonita”, ela é maravilhosa.’

De acordo com Hengeveld e Mackenzie (2018, p. 39-40), o exemplo em (117) é apropriado num contexto de reação a alguém que atribui o predicado “bonita” ao sujeito da oração. Esse interlocutor é, então, corrigido por quem enuncia (117), caracterizando essa atribuição como inadequada e fornecendo-lhe uma alternativa.

A mesma explicação é dada por Liberatti (2000, p. 135) para o exemplo em (202), que ressalva que o termo “negação metalinguística” surgiu em Ducrot (1972), que a define como a rejeição de uma afirmação prévia (implícita ou explícita).

(118) Liberatti (2000, p. 135):

Pedro não é inteligente, ele é genial.

Hengeveld e Mackenzie (2018, p. 40), argumentam que a negação metalinguística pode ter a mesma manifestação morfosintática que a negação de Estado de Coisas (cf. 3.2.3, p. 105 *et seq.*), mas se comporta de maneira bem diferente. Segundo os autores, exemplos como os (117) e de (118) só podem ser interpretados como negação metalinguística, enquanto (119) só pode ser uma negação de Estado de Coisas.

(119) Hengeveld e Mackenzie (2018, p. 39):

She is not pretty, and this has bothered her all her life.
 ‘Ela não é bonita; e isso a incomodou por toda a sua vida.’

Esse comportamento diferenciado a que Hengeveld e Mackenzie (2018) se referem é bem capturado por Carston (1996, p. 311-312 *apud* Libetatti, 2000, p. 139-140), que aponta as seguintes propriedades típicas da negação metalinguística:

- (i) O uso metalinguístico normalmente envolve um contorno entonacional de “contradição” (uma elevação final dentro da oração negativa), seguida por uma oração de correção, e acento contrastivo no item “infrator” e na sua substituição;
- (ii) O uso metalinguístico da negação normalmente ocorre em réplicas a enunciados afirmativos;
- (iii) Os enunciados que envolvem negação metalinguística são enunciados *garden-path*, que requerem processamento duplo (reanálise pragmática) para serem entendidos corretamente;
- (iv) Se forem consideradas literalmente (*i.e.*, não metalinguisticamente), as duas orações em cada exemplo constituem uma contradição lógica;
- (v) O material que está no escopo do operador de negação é mencionado (citado, ecoado) ao invés de usado.

Essas cinco propriedades se aplicam aos enunciados (117) e (118), casos de Negação Metalinguística, mas não à expressão linguística em (119).

A T-negação é representada por Hengeveld e Mackenzie (2018, p. 40) como um operador na camada do Subato Atributivo, conforme (120).

(120) (neg T₁)

Assim como a adequação de um ato de atribuição, a adequação de um Subato de Referência também pode ser questionada ou recusada. O exemplo em (121) mostra isso.

(121) Hengeveld e Mackenzie (2018, p. 40):

He is not “Mr Bergoglio”, he is His Holiness the Pope.
 ‘Ele não é o “Sr. Bergoglio”; ele é Sua Santidade o Papa.’

Em “*He is not ‘Mr Bergoglio’*”, há negação de Subato de Referência (R-negação). Um exemplo de R-negação do PB é oferecido em (12), repetido por conveniência em (122).

- (122) O nome dele não é Autista. O nome dele é Pedro. (Disponível em: <https://www.historiasquebrincam.com.br/pedro>. Acesso em: 17 dez. 2014).

Para Hengeveld e Mackenzie (2018, p. 40), os exemplos em (121) e (122) são construções identificacionais, que, na GDF, é tratada como uma construção baseada em dois Subatos de Referência que evocam a mesma entidade semântica (cf. Hengeveld; Mackenzie, 2008, p. 193).

Em (122) um Subato Referencial (“Autista”) é substituído por outro mais apropriado (“Pedro”). Esse caso é, portanto, paralelo aos casos de T-negação; a única diferença é que a adequação de um Subato Referencial é recusada em (121) e (122), enquanto a adequação de um Subato Atributivo é recusada em (117) e (118). A semelhança também é visível quando se compara (121) e (122) a um caso paralelo de negação de Estado de Coisas, como (123).

- (123) Hengeveld e Mackenzie (2018, p. 40):

He is not Mr Bergoglio, Mr Bergoglio has moved to another place.
 ‘Ele não é o Sr. Bergoglio; o Sr. Bergoglio mudou-se para outro lugar.’

- (124) (neg R₁)

A Negação Metalinguística, portanto, consiste na inadequação de um Subato, seja de Atribuição ou de Referência, e é genericamente representada como em (125).

- (125) (neg SA₁) tal que SA = T ∨ R

3.1.5 D-negação: Negação Local

A Negação Local do Nível Interpessoal consiste na negação de uma Ação Lexical (D-negação). Uma Ação Lexical, proposta (Giomi, 2020, p. 47) e aqui descrita em 2.1.6 (p. 61), é um lexema que equivale a uma ação comunicativa e que ocupa uma posição da estrutura pragmática do enunciado. A D-negação é exemplificada em (126).

(126) Giomi (2020, p. 47):

- Now gosh darn it fellas, my name is not Kenny. Kenny is dead.
 - ‘– Meu deus, que droga, pessoal, meu nome não é Kenny. Kenny está morto.’
 - OK, *Not-Kenny*.
 - ‘– OK, Não-Kenny.’ (South Park, Temporada 6, Episódio 1, exibido em 1997)
- NI: (P_J: (neg D_I: Kenny_N (D_I)) (P_J))_A

Em (126), a D-negação ocorre no núcleo da camada do Ouvinte. Já em (127), uma ocorrência do PB, há Negação Local em outra posição da estrutura pragmática: no *slot* de modificador de Subato Atributivo.

(127) Trata-se de ações, portanto, que aspiram a uma espécie de espontaneísmo, como se surgissem de decisões momentâneas de Nikki, sem fundamentação mais elaborada e sem raízes profundas. Em outras palavras: ações que supostamente são resultado de impulsos pessoais, sem maior preocupação analítica ou crítica da personagem em refletir previamente sobre elas. No entanto, na contramão desse suposto espontaneísmo, poderíamos também apontar uma relação entre essas ações *não alegadamente* motivadas por razões prévias de Nikki e um certo *stimmung*, um certo clima de época em que predomina um sentimento de descontentamento com uma série de questões e problemas herdados de tempos anteriores. (Disponível em: <https://www.scielo.br/j/elbc/a/FrCcKY3m9XdQ7v6QGVsJjgt/>. Acesso em: 17 jan. 2025).

NI: (T_I): (neg D_I: alegadamente (D_I)) (T_I))

Em (127), a Ação Lexical “alegadamente” é negada. Essa Ação Lexical negada, por sua vez, modificada T_I, que evocada a Propriedade “motivadas”.

A D-negação é representada conforme (128), como um operador na camada da Ação Lexical.

(128) (neg D₁)

A seguir, são apresentadas as negações do Nível Representacional.

3.2 AS NEGAÇÕES DO NÍVEL REPRESENTACIONAL

Esta seção mostra que a GDF reconhece a negação em todas as camadas do Nível Representacional. A negação de cada uma dessas camadas é descritiva, no sentido de que descrevem o mundo como ele é ou deixa de ser, ao contrário das negações do Nível Interpessoal, que não unicamente acionais.

Nas subseções a seguir, os vários tipos de negação semântica são comentados e diferenciados em relação ao seu escopo, ou seja, em relação à camada que especificam, da mais alta para a mais baixa. Quando possível, exemplos do PB são oferecidos.

3.2.1 p-negação: Discordância

A negação de Conteúdo Proposicional (p-negação) se aplica quando o valor de verdade de um Conteúdo Proposicional está explicitamente em questão, como num par de pergunta e resposta, mas ela ocorre também em contextos discursivos em que o Falante está contrariando a verdade de uma afirmação de seu interlocutor, como em (129). Daí, o termo Discordância.

(129) Dik (1997b, p. 175):

- A: John is rich.
‘João é rico.’
- B: NO, John is NOT rich!
‘NÃO. João NÃO é rico!’

Para Dik (1997b, p. 175), B discorda de A quanto ao valor de verdade da proposição “*John is rich*”. Para o autor, essa negação proposicional é marcada prosodicamente em “*not*” e, nesse caso, sua paráfrase é “(Ao contrário do que você diz (implica, parece pensar)) não é o caso/verdade que John seja rico.”⁷⁴ (Dik, 1997b, p. 175).

Já para Hengeveld e Mackenzie (2018, p. 20) o acento nuclear em “*not*” é antes uma diferença prosódica resultante do contraste entre (129A) e (129B), e não uma forma de indicar a p-negação. Para os autores, a propriedade crucial da p-negação é o fato de que uma proposição inteira é negada, como faz o primeiro item negativo “*no*” que inicia a fala de B.

⁷⁴ No original: (*Contrary to what you say (imply, seem to think)*) *it is not the case/true that John is rich.*

A negação, nessa camada, é representada conforme (130) por Hengeveld e Mackenzie (2018, p. 23).

(130) (neg p₁: [...] (p₁))

Em (130), a p-negação é entendida como um operador que restringe a camada do Conteúdo Proposicional. Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 146; 149), no entanto, apresentam uma análise diferente, representada em (131).

(131) (p₁: no (p₁))

Em (131), “no” é um item lexical que preenche o núcleo do Conteúdo Proposicional posto em questionamento. Os autores seguem essa análise porque, como sugerido em Vet (1986), em respostas a perguntas polares, as palavras “yes” e “no” substituem Conteúdos Proposicionais completos; elas são, de certa forma, “pró-Conteúdos Proposicionais” (Hengeveld e Mackenzie, 2008, p. 146).

Essa análise remete a de Lima (2011), que, como mencionado em 1 (p. 26), destaca o uso de “não” como palavra vicária, empregada, para o autor, no lugar do núcleo do predicado.

Seja como for, são exemplos de p-negação no PB (132) e (133).

(132) L2: você viu o caminhão que apareceu outro dia... num... num desses jornais... de televisão?

L1: **não**... não vi não. (D2 SSA 98)

(133) L1: e se somar Olinda vai pra mais de um milhão e meio... o problema de de de morar em uma grande cidade é outra coisa muito relativa, eu por exemplo moro numa grande cidade, moro dentro de Recife, mas:... moro dentro dum jardim... porque eu comprei três lotes de terreno... fiz a casa só pelo meio, tem planta por todo lado

L2: é uma mansão.

L1: **não, não**, não é não, é uma casa grande né... apenas com com um jardim, com planta com passarinho com tudo quanto é bicho que pode existir... (D2 REC 05)

Na ocorrência em (132), o Conteúdo Proposicional “você viu o caminhão que apareceu outro dia num desses jornais de televisão” é posto em questionamento por L2. Em seguida, L1 especifica seu valor de verdade como sendo negativo, respondendo “não”. Já em (133), é L1

quem põe em questionamento o Conteúdo Proposicional “é uma mansão”, proferido por L2, contrariando a verdade da afirmação de seu interlocutor, também por meio de “não”. Em ambos os casos, trata-se de p-negação.

Hengeveld e Mackenzie (2018, p. 23) esclarecem que a p-negação é um bom exemplo de como a estrutura semântica, conforme disposta no Nível Representacional, difere da conceptualização, no Componente Conceptual. Conceitualmente (e do ponto de vista lógico, formal), não há diferença entre (134a) e (134b); semanticamente (linguisticamente, portanto), porém, eles são distintos, o que se reflete no posicionamento de “não” nas paráfrases conceituais em (134).

(134) Hengeveld e Mackenzie (2018, p. 23):

- a It is not true that Mary is reading a poem.
‘Não é verdade que Maria esteja lendo um poema.’
- b It is true that Mary is not reading a poem.
‘É verdade que Maria não está lendo um poema.’

Essa distinção corresponde, respectivamente, àquela entre a p-negação e as negações de Episódio e de Estado de Coisas. A negação de Estado de Coisas é abordada na sequência da de Episódio, de que trata a subseção a seguir.

3.2.2 ep-negação: Conegação

Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 157) definem um Episódio como um agrupamento de Estados de Coisas “que são tematicamente coerentes, no sentido de que têm unidade ou continuidade de Tempo (t), Local (l) e Indivíduos (x)”. A negação de Episódio (ep-negação) envolve, portanto, um único marcador de negação que nega esse agrupamento de Estados de Coisas, como em (135).

(135) Bond (2011, p. 86):

- Mark didn’t wash the dishes and Hoover the floor.
‘Mark não lavou a louça e não aspirou o chão.’

Em (135), a negação está sintaticamente associada ao auxiliar de tempo “*did*”, que abrange os Estados de Coisas “*Mark wash the dishes*” e “*Hoover the floor*”. A representação de

(135) é, de acordo com Hengeveld e Mackenzie (2018, p. 24), conforme (136). Já a representação genérica da ep-negação é dada em (137).

(136) $(p_i: (\text{neg past } ep_i: [(e_i) (e_j)] (ep_i)) (p_i))$

(137) $(\text{neg } ep_1: [(e_1) \{ \dots (e_{1+N}) \}] (ep_1)) \quad \text{tal que} \quad N \geq 1$

Além do inglês, Hengeveld e Mackenzie citam outras duas línguas que apresentam Conegação, ou seja, ep-negação: o turco e o burushaski, uma língua isolada, falada pelo povo Burusho, que reside predominantemente no norte de Gilgit-Baltistan, no Paquistão.

No PB, no entanto, como se nota na tradução de (135), não há Conegação. Para se negar todo o Episódio, é necessário negar cada Estado de Coisas que o compõe, marcando-os com o negador “não” (ou “e nem”). Assim, a representação de (135) para o PB é como em (138).

(138) $(p_i: (\text{past } ep_i: [(\text{neg } e_i) (\text{neg } e_j)] (ep_i)) (p_i))$

Há, porém, a possibilidade de Conegação no PB enquanto negação vicária, como em (139), que elabora uma resposta ao enunciado em (135).

(139) A: Mark não lavou a louça e não aspirou o chão.
B: Não. (É verdade que Mark não lavou a louça e não aspirou o chão.)

Nesse caso, o item negativo “não”, por si só, nega tanto o Estado de Coisas “Mark lavou a louça” como o “aspirou o chão”, de modo que o interlocutor B concorda com a afirmação de A.

3.2.3 e-negação: Não Ocorrência

A negação de Estado de Coisas (e-negação) corresponde à negação predicacional de Dik (1997b, p. 177). Para Hengeveld e Mackenzie (2018, p. 26), a natureza da e-negação é bem capturada por Bond (2013). De acordo com o autor, esse tipo de negação serve para:

formular um contraste binário entre um estado de coisas numa realidade alternativa gramaticalmente enquadrada e o estado de coisas na realidade

comunicada, de modo que *algumas* ou *todas* as propriedades da realidade alternativa sejam excluídas do conjunto de propriedades possíveis da realidade comunicada”. (Bond, 2013, p. 29, grifos nossos)

Isso ocorre porque, semanticamente, o operador de Negação abrange todo o Estado de Coisas, mas, na prática, geralmente nem todos os elementos do Estado de Coisas são centrais para a negação porque os Subatos que compõem o Conteúdo Comunicado (no Nível Interpessoal) se dividem em Subatos focais e de fundo, e apenas aqueles em foco são interpretados como abrangidos pelo escopo da negação.

Assim, todos os exemplos em (140), em que os constituintes sublinhados são Subatos com a função pragmática Foco, são considerados casos de e-negação.

(140) Hengeveld e Mackenzie (2018, p. 27):

- a The Sun does not revolve around the Earth (but the Earth around the Sun).
‘O Sol não gira em torno da Terra (mas a Terra ao redor do Sol)’
- b Phobos and Deimos do not revolve around the Earth (but around Mars).
‘Fobos e Deimos não giram em torno da Terra (mas em torno de Marte)’
- c The Moon does not revolve around Mars, but Phobos and Deimos (do).
‘A Lua não gira em torno de Marte, mas Fobos e Deimos (giram).’

No entanto, no contexto, nenhum dos exemplos é interpretado como uma negação geral. Em (140a), os elementos focais (o Sol e a Terra) são centrais para a negação, enquanto girar (o que acontece) não é. Já em (140b) e (140c), são a Terra e a Lua, respectivamente, que estão em foco; todos os elementos não focais estão no fundo, ou seja, correspondem a informações pressupostas no Componente Conceptual. Segundo Hengeveld e Mackenzie (2018, p. 27), no entanto, abstraindo-se a oposição Foco-Fundo, pode-se ver que, semanticamente, a negação se aplica a todo o Estado de Coisas em cada caso (por exemplo, todo o evento do Sol girando em torno da Terra não corresponde à realidade).

Mutatis mutandis, na abordagem cartográfica da estrutura sintática desenvolvida por Cinque (2002), De Clercq (2013) também distingue os casos de negação em (140) como marcadores de foco. Já os transformacionalistas Klima (1964) e Jackendoff (1969) utilizam o termo “negação de constituinte” para explicar o fato de que nem toda a frase é negada, caso em que o termo utilizado seria “negação de frase” ao invés de “constituinte”. Por fim, para a Gramática de Papel e Referência de Van Valin e LaPolla (1997), ocorrências como as de (140) são exemplos de negação central, ou interna, conforme explicado em 1 (p. 27).

Quando todos os elementos do Estado de Coisas são negados (não havendo, portanto, função pragmática Foco no Nível Interpessoal), tem-se o que as gramáticas normativas do PB chamam de negação sentencial (cf. 1, p. 25), conforme exemplificado em (141).

(141) L1: já que estamos falando de professores, não é, nenhum de nós... *eu não conheço um professor que ensine em apenas um lugar*, já começa por aí, certo?

L2: ah, eu ensino em dois lugares por quê? o dinheiro que eu ganho num só não dá. (D2 RJ 355)

NR: $(p_i: (pres\ e_{p_i}: (neg\ e_i: -eu\ conhecer\ um\ professor\ que\ ensine\ em\ apenas\ um\ lugar - (e_i)) (ep_i)) (p_i))$

A e-negação em (141) nega todos os elementos de e_i : “eu”, “conhecer” e “professor que ensine em apenas um lugar”. Por meio dela, L1 informa a L2 que esse Estados de Coisas não ocorre em determinado tempo e espaço. Por isso, a e-negação é chamada de Não Ocorrência.

Ressalta-se que, em (141), a oração subordinada adjetiva restritiva “que ensine em apenas um lugar” consiste em outro Estado de Coisas que modifica o Indivíduo “professor”. Esse Estado de Coisas não é negado, mas isso seria possível, caso em que outro operador de Negação o especificaria. Em outras palavras, tanto sentenças inteiras quanto orações subordinadas podem corresponder a casos de Não Ocorrência.

A e-negação é genericamente representada em (142).

(142) $(neg\ e_1: [(f^c_1) \{... (f^c_{1+N})\}] (e_1)) \quad tal\ que \quad N \geq 1$

A subseção a seguir trata da negação de um tipo de núcleo do Estado de Coisas: a Propriedade Configuracional.

3.2.4 f^c -negação: Falha

A Propriedade Configuracional difere da Propriedade Lexical no que diz respeito a formação de uma configuração, isto é, um conjunto de unidades representacionais que correspondem a um dos moldes de predicação reconhecidos na gramática. Essa camada é negada, segundo Hengeveld e Mackenzie (2018), por meio do verbo “*fail*” no inglês.

Mackenzie (2009) argumenta que o verbo inglês “*fail*”, seguido de um *to*-infinitivo, tem seu sentido semanticamente esvaziado, em que não há qualquer percepção de “tentativa consciente, mas sem sucesso”, deixando apenas o sentido de negação, como em (143).

(143) Hengeveld e Mackenzie (2018, p. 28):

- a It failed to rain for two years.
‘Deixou de chover por dois anos.’
- b The train failed to arrive on time.
‘O trem parou de chegar a tempo.’

Conforme apontado em 1 (p. 26), a partir das premissas teórico-metodológicas dos Modelos Baseados no Uso (Bybee, 2016; Goldberg, 1995; 2006; Traugott; Trousdale, 2013), Prezotto Jr. e Gonçalves (2021) defendem que o verbo auxiliar “deixar” mais a preposição “de” fazem parte de uma microconstrução que marca ora aspecto final ora polaridade negativa. Essa polaridade negativa corresponde à negação de Propriedade Configuracional (f^c -negação), denominada Falha e exemplificada em (6), repedido por conveniência em (144).

(144) Prezotto Jr. e Gonçalves (2021, p. 45):

E isso acontece muitas vezes aos homens que, cuidando de ser bem aconselhados por aqueles a quem pedem conselho, são enganados por eles e ***deixam de fazer*** (=não fazem) o que devem.

O mesmo comportamento parece ter “parar de”, conforme ocorrência em (145).

(145) ***Parei de fumar*** há 43 anos e, às vezes, ainda tenho um pouco de vontade. Não é que eu vá fumar, mas bate aquela lembrança do cigarro. (Disponível em: <https://drauziovarella.uol.com.br/drogas-licitas-e-ilicitas/pare-de-fumar-21-passos-para-largar-o-cigarro/>. Acesso em: 18 jan. 2025).

Para comprovar que “*fail to*” é uma expressão do operador de Negação aplicado à Propriedade Configuracional, Mackenzie (2009) oferece quatro argumentos.

Em primeiro lugar, “*fail to*” ocorre no complemento dos verbos aspectuais, que são conhecidos por usar uma Propriedade Configuracional de complemento, como “*began to*” em (146).

(146) Hengeveld e Mackenzie (2018, p. 28):

His legs began to fail to hold him up.

‘Suas pernas começaram a deixar/parar de segurá-lo.’

Em segundo lugar, predições secundárias prototípicas (cf. Mackenzie, 2013, p. 52) estão incluídas no escopo da e-negação, como em (147a). Observe, no entanto, que elas não se enquadram no escopo da f^c -negação, conforme mostrado em (147b).

(147) Hengeveld e Mackenzie (2018, p. 28):

a The negotiators did not leave the meeting satisfied.

‘Os negociadores não saíram da reunião satisfeitos.’

b *The negotiators failed to leave the meeting satisfied.

‘Os negociadores deixaram/pararam de sair da reunião satisfeitos.’

A gramaticalidade de (147b), no entanto, não é argumento contrário à f^c -negação no PB por meio de “deixar de/parar de”, uma vez que sua leitura não implica a negação da predicação secundária. Essa leitura corresponde a uma paráfrase como “os negociadores deixaram/pararam de sair da reunião e isso os fez com que ficassem satisfeitos”, representada em (148).

(148) $(p_i: (past\ e_{p_i}: (e_i: (neg\ f_i^c: [(f_i: sai-v\ (f_i))\ (m\ x_i: -negociador- (x_i))_A\ (e_j: -reunião- (e_j))_L]\ (f_i^c))\ (e_i): (f_j^c: [(f_j: satisfet-A\ (f_j))\ (x_i)_U]\ (f_j^c))\ (e_i))\ (ep_i))\ (p_i))$

Em (148a), a predição secundária, ou seja, f_j^c , não está sob o escopo da Falha, já que f_j^c modifica a camada do Estado de Coisas em que a f^c -negação ocorre (e_i).

O terceiro argumento diz respeito ao operador Progressivo. Dado que esse operador (correspondente à construção *be ...ing*) se aplica à Propriedade Configuracional, caso “*fail to*” fosse um operador da camada do Estado de Coisas, esperar-se-ia que (149a) fosse gramatical. No entanto, a forma correta é (149b), que surge da gramaticalidade de “*fail to*” e do operador Progressivo, ambos na camada da Propriedade Configuracional.

(149) Hengeveld e Mackenzie (2018, p. 28):

- a *The child fails to be impressing the teacher.
 *‘A criança deixa/para de estar impressionando o professor.’
- b The child is failing to impress the teacher.
 ‘A criança está deixando/parando de impressionar o professor.’

Finalmente, Mackenzie (2009) observa que “*fail to*” gramaticalizado ocorre frequentemente em construções negativas duplas, como em (150a).

(150) Hengeveld e Mackenzie (2018, p. 29):

- a This book will not fail to leave a mark on English culture.
 ‘Este livro não deixará/parará de deixar uma marca na cultura inglesa.’
- b *This book will fail to not leave a mark on English culture.
 *‘Este livro deixará/parará de não deixar uma marca na cultura inglesa.’

Nesse tipo de construção, o operador de Negação é aplicado duas vezes: uma vez na camada do Estado de Coisas, expresso por “*not*” (“não”) em (150a), e outra vez na camada da Propriedade Configuracional, expresso por “*fail to*” (“deixar/parar de”). Observe, a partir da agramaticalidade de (150b), que, como é de se esperar por causa de sua posição hierarquicamente mais baixa, em (150a), o negador “*fail to*” ocorre mais próximo do predicado central “*leave*” (no PB, o verbo pleno “deixar”) do que o item negativo “*not*” (“não”).

Como evidenciado, a Falha é marcada por “parar/deixar de” no PB e é genericamente representada como um operador de Negação na camada da Propriedade Configuracional, conforme (151).

(151) (neg f^c_1 : [(α_1) { ... (α_{1+N}) }]) (f^c_1) tal que $N \geq 1$

A subseção a seguir aborda a negação de entidades semânticas de núcleo lexical, que são argumentos da Propriedade Configuracional ou modificadores de alguma camada do Nível Representacional.

3.2.5 α -negação: Quantificação-zero

Hengeveld e Mackenzie (2018, p. 33-35), seguindo a análise de Dik (1997b, p. 180-183), consideram itens como “no”, conforme exemplos em (152), como resultado de uma Quantificação-zero, ou seja, da aplicação de um operador com o valor zero ao Indivíduo, Local, Tempo etc.

(152) Hengeveld e Mackenzie (2018, p. 33):

a	No man is an island. 'Nenhum homem é uma ilha.'	($\emptyset$ x_i : –man– (x_i)) ($\emptyset$ x_i : –homem– (x_i))
b	I'm going nowhere 'Eu vou a nenhum lugar.'	($\emptyset$ l_i) ($\emptyset$ l_i : –lugar– (l_i))
c	No moment was wasted. 'Nenhum momento foi desperdiçado'	($\emptyset$ t_i : –moment– (t_i)) ($\emptyset$ t_i : –momento– (t_i))
d	No reason was given. 'Nenhuma razão foi dada.'	($\emptyset$ r_i : –reason– (r_i)) ($\emptyset$ r_i : –razão– (r_i))
e	No amount of persuasion helped. 'Nenhuma enxurrada de persuasão ajudou.'	($\emptyset$ q_i : –a mount– (q_i)) ($\emptyset$ q_i : –enxurrada– (q_i))

De Clercq (2013), sob a perspectiva da cartografia sintática de Cinque (2002), também relaciona as negações em (152) à quantificação. Van Valin e LaPolla (1997), por sua vez, no âmbito da Gramática de Papel e Referência (RRG), entendem esse tipo de negação como a que tem o escopo mais restrito dentre os quatro tipos identificados pelo modelo.

Na literatura brasileira, Lima (2011), conforme mencionado em 1 (p. 25), defende que elementos como “nenhum” são pronomes que, ao mesmo tempo em que negam, indeterminam. Esse entendimento pode ser bem capturado pela atuação de ambos os níveis de Formulação da GDF, em que o operador menos Identificável indetermina e o Quantificação-zero, nega.

Lima (2011) coloca no mesmo bojo de “nenhum” os termos “ninguém” e “nada”, além de “nenhures” e “nunca”, classificando-os como pró-formas, seja nominais ou adverbiais.

(153) a	Ninguém	($\emptyset$ +hum x_1)
b	Nada	($\emptyset$ α_1)
c	Nenhures	($\emptyset$ l_1)
d	Nunca	($\emptyset$ t_1)

O fato é que, enquanto “nenhum” pode especificar qualquer categoria semântica, “ninguém” se aplica apenas a entidades mais humanas; “nada”, a qualquer entidade semântica; “nenhures”, a Lugares; e “nunca”, a Tempos, todos elementos que Peres (2013) classifica como “expressões autonegativas” (p. 483) que denotam, para o autor, negação existencial.

A Quantificação-zero é genericamente representada em (154).

$$(154) (\emptyset \alpha_1: (f^{\{c\}}_1) (\alpha_1))$$

3.2.6 f-negação: Negação Local

Enquanto a f^c -negação, como vista em 3.2.4 (p. 107-111), se aplica a uma Propriedade Configuracional, a f-negação se aplica a uma única Propriedade Lexical. Em PB, a f-negação, denominada Negação Local por Hengeveld e Mackenzie (2018), pode ocorrer em substantivos e adjetivos, mas não em verbos. Em ambos os casos, ela é expressa por “não”, como em (155) e (156).

(155) L2: eles têm noção de horário, que tudo tem hora, eles têm noção de atrasados ou **não atrasados** (D2 SP 360)

NR: (neg f_i : /atra'zad/-_A (f_i))

(156) Em nossa jornada pela África, não poderíamos deixar de fora o Saara Ocidental, um **não país**. (Disponível em: <https://semchaves.com/2022/12/16/como-viajar-saara-ocidental-nao-pais/>. Acesso em: 19 jan. 2025)

NR: (l_i : (neg f_i : /pa'is/_N (f_i)) (l_i))

A Negação Local é apontada por Perini (2016) em sua gramática descritiva do PB, conforme mencionado em 1 (p. 26). O autor a denomina de negação nominal, sem considerar “não”, nesses casos, como um prefixo, diferentemente de Alves (1996).

A Negação Local é genericamente representada em (157).

$$(157) (\text{neg } f_1: \blacklozenge (f_1))$$

A subseção a seguir aborda a negação que verdadeiramente ocorre por meio de prefixos, a negação de léxico.

3.2.7 \$-negação: Antônimo

Várias formas de derivação lexical produzem itens lexicais, representados aqui por meio do símbolo “\$” (cf. Smit; Van Staden, 2007). Algumas dessas formas produzem sentidos de negação. Assim, nega-se o *input* para a derivação. Isso é resultado do operador derivacional Antônimo, conforme ocorre em (158).

(158) Hengeveld e Mackenzie (2018, p. 32):

(antn \$_i|fair) > (\$_j|un-fair)
 ‘(antn \$_i|justo) > (\$_j|in-justo)’

Entre os prefixos envolvidos na \$-negação no PB estão “a-”, “des-” e “in-”, amplamente citados pelas gramáticas normativas do PB (*e.g.*, Almeida, 1999; Cegalla, 2000; Kury, 2006).

O efeito dessas derivações prefixais é muito próximo da f-negação, mas, como aponta Lieber (2005, p. 392), a f-negação é mais “objetiva” (cf. 159).

(159) Hengeveld e Mackenzie (2018, p. 32):

- a a non-professional linguist
 ‘um linguista não qualificado’
- b an unprofessional linguist
 ‘um linguista desqualificado’

Conforme explicam Hengeveld e Mackenzie (2018, p. 32), embora (159a) possa ser usado para descrever uma pessoa atuante em linguística que não a tomou como sua profissão, apenas (159b) pode identificar um linguista (formado) cujo comportamento não é condizente com o de alguém com essa profissão.

A \$-negação é genericamente representada em (160).

(160) (antn \$₁|♦)

4 MATERIAIS E MÉTODOS

O objetivo principal deste trabalho é investigar a negação acional por meio de “não” no PB, centrando-se nas negações que incidem sobre as camadas do Movimento e do Ato Discursivo (M-negação e A-negação, respectivamente). Nessa investigação, busca-se correlacionar os aspectos funcionais aos formais dessas negações. Em outras palavras, este trabalho procura identificar, analisar e descrever as propriedades morfossintáticas e fonológicas de negações com alvo sobre camadas mais altas do Nível Interpessoal; buscam-se, para essas propriedades formais, distinções de ordem pragmática e semântica, correlacionando-as, de acordo com o modelo hierárquico descendente da Gramática Discursivo-Funcional (GDF), às de ordem morfossintática e fonológica, propiciando uma descrição detalhada dos fenômenos linguísticos em análise, viabilizada por uma teoria modular da gramática, organizada em níveis de representação, como a GDF.

Como objetivos específicos, propõe-se identificar, em termos interpessoais, no que as negações de Movimento (se comprovada sua existência) e de Ato Discursivo se aproximam e se distanciam e, além disso, quais relações de (des)igualdade que elas estabelecem com as outras negações acionais (de Ilocução, de Conteúdo Comunicado, de Subato e de Ação Lexical).

Para cada negação investigada, há uma hipótese a ser testada. Com relação à M-negação, a hipótese é a de que “não” serve ao objetivo de negar um Movimento, tomando o turno de fala do interlocutor, com a finalidade de contribuir para a interação em andamento, desenvolvendo o tópico discursivo em discussão.

Para confirmar essa hipótese, necessário é responder às perguntas de pesquisa a seguir, já mencionadas na **INTRODUÇÃO** (p. 36).

- (i) A tomada de turno por meio de “não” é uma negação da camada do Movimento?
- (ii) Após a tomada de turno, é possível mudar o assunto do discurso em desenvolvimento?

Já no que se refere à A-negação, a hipótese é a de que “não”, nesses casos, reflete o objetivo do Participante do discurso de rejeitar um Ato Discursivo anteriormente enunciado, objetivo motivado pela inadequação do proferimento, pelo interlocutor, desse Ato Discursivo, que pode ter qualquer força ilocucionária (não apenas Imperativa, único exemplo oferecido por Hengeveld e Mackenzie, 2018), considerado inapropriado naquela circunstância da interação verbal.

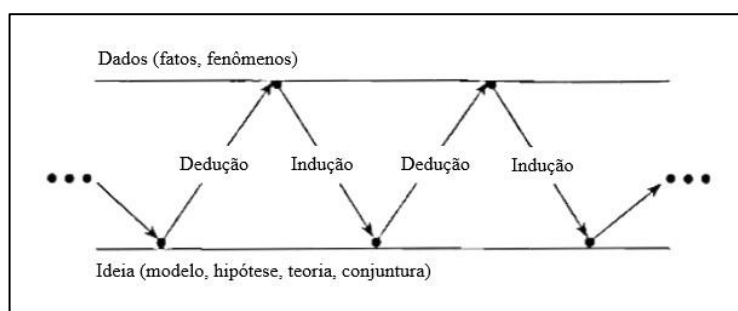
As perguntas de pesquisas relacionadas a essa hipótese são formuladas na **INTRODUÇÃO** (p. 35) e repetidas a seguir por conveniência.

- (i) É a assimetria entre os Participantes que motiva a Rejeição?
- (ii) A Rejeição pode ocorrer com Atos Discursivos que não sejam Imperativos?

No que diz respeito à formulação dessas hipóteses, convém destacar que a GDF, assim como sua antecessora, a Gramática Funcional (GF), analisa os fenômenos linguísticos sem recorrer a transformações e filtros (cf. Dik, 1997a, p. 18-24). Disso, decorre que, em descrições com base no modelo da GDF, não há (ou é preferível que não haja) estruturas subjacentes que são posteriormente descartadas, como ocorre, por exemplo, no gerativismo. Essa postura metodológica é psicolinguisticamente justificada, uma vez que, dessa forma, as estruturas subjacentes podem ser recuperadas pelo Ouvinte por meio de suas manifestações externas (cf. Dik, 1997a, p. 23). Além disso, assim, limitam-se as hipóteses de análise possíveis dos fenômenos linguísticos, além de aumentar a testabilidade dessas hipóteses (cf. Hengeveld; Mackenzie, 2008, p. 41), já que as estruturas subjacentes, nessa perspectiva, são manifestadas nas expressões linguísticas, podendo ser atestadas empiricamente.

A submissão das expressões linguísticas a testes empíricos é característica não apenas da GDF, mas também do funcionalismo linguístico, corrente a que a GDF se filia. Desse modo, a análise qualitativa do objeto de estudo parte do dado concreto (acústico ou ortográfico), para, de modo indutivo, qualificá-lo de acordo com as categorias de análise do modelo da GDF. No entanto, o percurso inverso, o dedutivo, também é utilizado, isto é, partindo-se das categorias, hipotetiza-se uma determinada descrição do dado linguístico, submetendo-a a testes preconizados pelo modelo teórico, de maneira a confirmar ou não hipóteses. Esse processo de análise é representado pela Figura 5.

Figura 5 – Processo dedutivo-indutivo



Fonte: Box, Hunter e Hunter (2005, p. 2).

O processo de análise dedutivo-indutivo, inclusive, é identificado em Hengeveld e Mackenzie (2008), quando se referem à importância das formalizações para a GDF:

O objetivo dessas formalizações é fornecer uma estrutura rigorosa em que as hipóteses linguísticas possam ser enunciadas e testadas, comprovadas ou refutadas, e depois submetidas a refinamentos ou sofisticções adicionais. Ao mesmo tempo, fornece uma estrutura para a observação de fenômenos linguísticos e, dessa maneira, está envolvida em todo o ciclo de pesquisa, da observação à predição e ao teste da predição por meio de observação adicional, o que leva a novas predições e assim por diante. (p. 41).⁷⁵

Nesse ciclo, a observação do dado real que leva a uma predição corresponde ao processo indutivo, ao passo que a aplicação de testes a essa predição, levando a novas predições, representa o processo dedutivo.

Os dados reais da língua em uso sob análise foram obtidos do *corpus* do Projeto de Estudo da Norma Culta Urbana, o NURC. Esse *corpus*, de língua falada, reúne amostras de interação verbal em cinco capitais brasileiras: Porto Alegre (POA), Recife (REC), Rio de Janeiro (RJ), Salvador (SSA) e São Paulo (SP). Para este estudo, utilizaram-se cinco inquéritos do Córpus Mínimo do NURC, um de cada capital. Por se aproximarem mais da fala espontânea, os inquéritos escolhidos são de diálogos entre dois informantes (D2). O registro oral da língua foi eleito por se pressupor que, nele, os tipos de negação investigados, do Nível Interpessoal, ocorram em maior número. Essa pressuposição se baseia no fato de que, segundo Kress (1979), a espontaneidade é uma propriedade da fala, permitindo “uma variedade de significados relacionados à mecânica das *relações interpessoais*” (Magalhães, 1992, p. 247, grifo nosso).

Para análise das propriedades fonológicas, incluíram-se, ao universo de análise, dois inquéritos do *corpus* do Projeto C-ORAL-BRASIL I, que se dedica ao estudo da fala espontânea, com a compilação de *corpora* orais do português brasileiro. Os inquéritos escolhidos são de conversações em ambiente familiar de falantes de Belo Horizonte (bfamcv). A inclusão desses inquéritos, além de acrescentar mais uma capital brasileira ao universo de análise, permite a investigação fonológica dos dados, uma vez que os áudios do NURC não apresentaram qualidade para a análise da fala.

⁷⁵ No original: *The purpose of these formalizations is to provide a rigorous framework in which linguistic claims can be enunciated, and then tested, substantiated, or disproved, and then submitted to further refinement or sophistication. At the same time, it provides a structure for the observation of linguistic phenomena, and in this way is involved in the entire cycle of research, from observation to prediction, to the testing of prediction through further observation, which leads to new predictions, and so on.*

Nesses dois *corpora* (NURC e C-ORAL-BRASIL I), foi encontrada apenas uma ocorrência de A-negação. Diante dessa dificuldade, a amostragem foi ampliada com a adição de outro *corpus* de língua falada, o Iboruna (GONÇALVES, s.d.), originário do projeto Amostra Linguística do Interior Paulista (ALIP), concebido pelo Grupo de Pesquisa em Gramática Funcional (GPGF), que se constitui de base para a descrição do português falado no interior paulista, mais especificamente na região noroeste do Estado de São Paulo. Os informantes são provenientes das cidades de Bady Bassit, Cedral, Guapiaçu, Ipiguá, Mirassol, Onda Verde e São José do Rio Preto. O Iboruna, financiado integralmente pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), é composto de dois tipos de amostras de fala:

- (i) Amostra Censo (AC), que reúne 152 amostras de fala controladas sociolinguisticamente (Labov, 1972; Votre; Oliveira, 1995), em que o documentador dirige cada informante, a fim de obter uma Narrativa de Experiência (NE), uma Narrativa Recontada (NR), uma Descrição (DE), um Relato de Procedimento (RP) e um Relato de Opinião (RO). Para cada entrevista da Amostra Censo, há cinco arquivos sonoros, um arquivo com dados da ficha social do informante, um arquivo de transcrição da fala e um arquivo com registros do diário de campo; e
- (ii) Amostra de Interação Dialógica (AI), que comporta amostras de fala coletadas secretamente em situações livres de interação social (Roncarati, 1996). Para cada amostra, há um arquivo sonoro, um arquivo com dados da ficha social dos informantes, um arquivo de transcrição da fala e um arquivo com registros do diário de campo.

Buscaram-se dados em ambas as amostras do Iboruna. No entanto, foi encontrada apenas uma ocorrência de A-negação, somando assim dois dados (um do C-ORAL-BRASIL-I e um do Iboruna), pelo que foi realizada uma coleta de dados por meio da gravação da voz de um informante em experimento controlado.⁷⁶

Nesse experimento, para os diferentes papéis que “não” exerce na interação verbal, foram analisadas as suas respectivas propriedades fonético-acústicas, correlacionando-as a distintos tipos de negação elencados por Hengeveld e Mackenzie (2018). Pretendeu-se, com

⁷⁶ Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE) nº 73430623.0.0000.5466. Parecer nº 6.570.410.

isso, identificar quais variáveis fonético-acústicas podem ser relevantes para a distinção de diferentes tipos de negação, entre elas, a A-negação.⁷⁷

Para isso, gravou-se a fala de um informante com idade de 30 anos, com nível superior completo, falante do português da região noroeste do Estado de São Paulo. Foi critério de escolha do informante a ausência de voz soprosa, rouca ou com ressonância laringofaríngea. Além disso, antes da coleta, verificou-se se o participante tem a habilidade de emular a interpretação desejada de diálogos gravados.

Escolheu-se a encenação de diálogos, em detrimento de leitura, para preservar as propriedades pragmáticas dos enunciados, mais especificamente aquelas que dizem respeito à intencionalidade para cada variável independente. Os diálogos são os seguintes:

	<i>Diálogos</i>	<i>Variável indep.</i>
(161) a	D: Você já quis ser cientista? I: <i>Não</i> . D: Você conhece algum cientista? I: <i>Não</i> . D: Você participou de alguma pesquisa em fonética acústica? I: <i>Não</i> . D: Você já participou de alguma pesquisa científica antes? I: <i>Não</i> . D: Você está desconfortável com as perguntas? I: <i>Não</i> .	p
b	D: Imagine que você e um amigo estão em uma festa. Seu amigo lhe pergunta: – Vamos comprar uma cerveja? I: Eu <i>não</i> bebo. D: Imagine-se numa pizzeria. O garçom lhe pergunta: – Posso trazer a carta de vinhos? I: Eu <i>não</i> bebo. D: Imagine que um policial lhe parou enquanto você dirigia. Ele lhe pergunta: – O senhor bebeu? I: Eu <i>não</i> bebo. D: Imagine-se num almoço com a família. Alguém decide fazer uma batidinha de vinho, mas não sabe qual fruta usar. Sua tia lhe pergunta: – Você gosta de batidinha com morango ou com abacaxi? I: Eu <i>não</i> bebo. D: Imagine-se em um consultório médico. O médico lhe pergunta: – Bebe? I: Eu <i>não</i> bebo.	e
c	D: O óleo é polar ou não polar? I: Ele é <i>não</i> polar. D: E o oxigênio que respiramos, ele é polar? I: Ele é <i>não</i> polar. D: E o gás carbônico? I: Ele é <i>não</i> polar. D: E o nitrogênio? I: Ele é <i>não</i> polar. D: O clorofórmio, usado como solvente, é polar? I: Ele é <i>não</i> polar.	f
d	D: Você e um amigo estão em uma festa. Você está desanimado e, por isso, está sentado. Seu amigo lhe ordena: – Levanta! I: <i>Não</i> ! D: Imagine-se num cinema. Você comenta uma cena com seu amigo, mas ele responde: – Cala a boca! I: <i>Não</i> ! D: Imagine-se quando criança. Você está brincando na rua. Sua mãe lhe grita: – Entra já pra casa! I: <i>Não</i> ! D: Alguém está fazendo campanha para um candidato a prefeito. Você	A

⁷⁷ O “não” que se pretende demonstrar ser caso de M-negação não é testado no experimento porque, à época de sua realização, não se havia ainda percebido o seu papel na tomada de turno, dada a escassez de dados desse tipo de “não” e de referências bibliográficas que o identificassem e o descrevessem.

votará no outro candidato. A pessoa lhe ordena: – Vote 45! I: *Não!* D: Você está discutindo sobre algo com alguém. Vocês não entram em um acordo. Os ânimos se inflamam. A pessoa lhe diz: – Fala baixo! I: *Não!*

- e D: Você viu o que o Bergoglio disse sobre o direito à terra? I: Ele *não* é SA
 “o Bergoglio”; ele é “o Papa”. D: Você sabia que o Bergoglio escondeu procurados pela ditadura argentina? I: Ele *não* é “o Bergoglio”; ele é “o Papa”. D: Você sabe quantos anos tem o Bergoglio? Dizem que ele é novo. I: Ele *não* é “o Bergoglio”; ele é “o Papa”. D: Você viu que o Bergoglio disse que gays também têm direito de ter uma família? I: Ele *não* é “o Bergoglio”; ele é “o Papa”. D: O MST elogiou a fala de Bergoglio sobre a questão do direito à propriedade. I: Ele *não* é “o Bergoglio”; ele é “o Papa”.

As variáveis independentes são camadas da GDF, sobre as quais o escopo da negação recai (cf. Hengeveld; Mackenzie, 2018), negadas por meio de “não” no PB, quais sejam, Conteúdo Proposicional, Estado de Coisas, Propriedade, Ato Discursivo e Subato.

As gravações foram realizadas em ambiente o mais silencioso possível, por meio de um aparelho celular, com módulo mono. Os arquivos de áudio gerados, em formato *wav*, têm uma taxa de amostragem de 44.100 Hz.

Gravaram-se cinco diálogos. Para evitar efeito de aprendizagem, a encenação de cada diálogo não se repetiu de maneira subsequente, ou seja, eles foram gravados em 5 rodadas, em dias diferentes.

Tendo em vista que os diálogos contêm 5 ocorrências de negação cada, ao final das gravações, obteve-se um total de 100 amostras, de modo que nenhuma foi descartada por apresentar problemas, como ruídos de fundo.

Ao final de cada rodada, gravaram-se as palavras “não”, “nau”, “num” e “nu” numa frase-veículo, qual seja, “digo PALAVRA baixinho”. Os parâmetros acústicos das palavras na frase-veículo servem como grupo controle, a partir do qual se mensura as variáveis dependentes, cujo valor é normalizado.

As variáveis dependentes são forma fonética da negação ([nẽw̃], [nũ], [nu] ou [n]); duração; extensão de variação de F0 (máximo menos mínimo); e movimento de F0.⁷⁸

⁷⁸ As outras variáveis dependentes investigadas por Galvão Passeti (em preparação) são: duração de cada segmento da negação; intensidade dos vocóides [ẽ], [w̃], [ũ] e [u]; duração por intensidade; e valores de F1, F2, F3, FN1 e FN3 da vogal nasal [ẽ].

Ao final, verificou-se quais variáveis dependentes covariam com as variáveis independentes, visualizando a distribuição dos dados e valores discrepantes em relação à mediana e à média, assim como os valores atípicos, em *box plot*.

No que se refere à análise fonológica, além da oitiva dos dados, a frequência fundamental das ocorrências foi analisada com a utilização do Praat®, versão 6.3.18 (Boersma; Weenink, 2023) e por meio do sistema de notação ToBI (Tones and Break Indices) (Beckman; Hirschberg; Shattuck-Hufnagel, 2006). No que se refere à notação de tons a partir do ToBI, neste trabalho, estritamente para fins metodológicos, considerou-se a consoante nasal “[n]” como sílaba pré-tônica, a vogal nasal “[ẽ]” como sílaba tônica e a semi-vogal nasal “[w̃]” como sílaba pós-tônica nos casos em que “não” é, por si só, uma Frase Entonacional.

Na plotagem de gráficos, a frequência fundamental das ocorrências foi suavizada por um filtro de 5 Hz, a fim de evidenciar as curvas entonacionais linguisticamente relevantes (cf. Barbosa; Silva, 2012).

Por fim, para verificar a possibilidade de contraexemplos e de exemplos ausentes na amostra, também foram coletados dados de língua escrita de páginas da internet sediadas no Brasil.

O critério para coleta das ocorrências é a utilização de “não” como um enunciado de sentido completo, sem, no entanto, indicar sentido negativo de uma entidade semântica. Em (162), por exemplo, “não” não inverte o valor de verdade de nenhum Conteúdo Proposicional, tampouco indica, por exemplo, a não realização de um Episódio presente no cotexto.

- (162) TER: aí / cê acha que eu devo convidar o Guilherme / todo mundo / <né Rute> /
 RUT: <todo> mundo // <com certeza> / <Terezinha> //
 TER: <e o Zé> Levi /
 RUT: <**não**> // convite de casamento / cê pode mandar pa todo mundo // [bfamcv02_2018]

Esse critério seleciona tanto ocorrências de “não” que tomam o turno de fala (e que, possivelmente, negam Movimento) como de A-negação, mas as ocorrências de A-negação são separadas por meio da adição de outro critério, permitindo sua distinção das outras ocorrências quando da coleta de dados.

Para se rejeitar um Ato Discursivo, como mostra (163B), há várias opções, que não podem ser usadas para especificar a polaridade negativa de um Conteúdo Proposicional (cf. 163B).

(163) Hengeveld e Mackenzie (2018, p. 36):

- A: Did Peter go home?
“Peter foi para casa?”
- B: No!/*Forget it!/*Get lost!
“Não!/*Sai fora!/*Nem vem!”

Esse, portanto, é um teste profícuo para distinguir a A-negação, e foi o utilizado para selecionar os dados desse tipo de negação nos *corpora*.

Uma vez coletadas conforme descrição acima, as ocorrências são analisadas de acordo com os critérios do Quadro 8.

Quadro 8 – Critérios de análise das ocorrências de “não” acional

Nº	Nível	Critério	Valores do critério
1	NI	Estatuto de “não”	Núcleo; modificador; operador; função.
2		Camada	(M); (A); (F); (P ₁) _S ; (P ₂) _A ; (C); (SA); (D).
3	NR	Camada	(p); (ep); (e); (f ^c); (α); (f); ♦; nenhuma.
4	NM	Classe da Palavra “não”	(Gw); outra; nenhuma.
5		Posição	p ^{Pre} , p ^{Centre} , p ^{Post} , p ^{Int} , p ^I , p ² , p ^M , p ^F , nenhuma.
6	NF	Camada	(U); (IP); (PP).
7		Operadores fonológicos	f; r; h; l; s; nenhum.

Fonte: Autoria própria.

Os critérios elencados no Quadro 8 têm algumas relações implicacionais:

- (i) Se o estatuto de “não” (Critério 1) for operador ou função, então, no Nível Morfossintático, ele é uma Palavra Gramatical (Gw); caso contrário, essa Palavra é de outra classe morfológica (Critério 4).
- (ii) Apenas se “não” for núcleo ou modificador (Critério 1) de Conteúdo Comunicado (Critério 2) é que ele tem uma contraparte semântica no Nível Representacional (Critério 3). Sendo núcleo de Conteúdo Comunicado, “não” corresponde ou a um Subato ou a uma Ação Lexical, mas, no caso de ser um modificador de Conteúdo Comunicado, “não” é necessariamente uma Ação Lexical.
- (iii) No Nível Morfossintático, se o item “não” for codificado por uma Palavra (Critério 4), então ela ocupa uma posição (Critério 5), mas, se o Princípio da Profundidade

Máxima atuar, a palavra “não” não é alocada em nenhuma posição, sendo codificada diretamente no Nível Fonológico.

- (iv) No Critério 6, do Nível Fonológico, não são previstos os valores “Palavra Fonológica”, “Pé” e “Sílabas”, já que “não”, por apresentar acento primário, é uma Palavra Fonológica e, portanto, é composta por um Pé monossilábico, ou seja, formada por uma única Sílabas. Esse critério busca verificar, portanto, qual a maior camada do Nível Fonológico que “não”, por si só, constitui.
- (v) Por ser uma Palavra Fonológica monossilábica, “não” obrigatoriamente apresenta o operador *Stress* (s) (Critério 7) nas camadas do Pé e da Sílabas.

Em resumo, este estudo é qualitativo, de caráter dedutivo-indutivo. Com os *corpora* utilizados, pretende-se chegar a uma descrição dos tipos de negação válida para o PB, sem negar, é claro, possíveis variações dialetais não capturadas pela amostragem de dados selecionada.

A próxima seção apresenta os resultados deste estudo.

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Esta seção expõe os resultados deste trabalho e é organizada da seguinte forma: em 5.1, são apresentados os resultados referentes à análise da M-negação; em 5.2, os que se relacionam à A-negação; e, em 5.2.5, apontam-se as semelhanças e as diferenças entre a M-negação e a A-negação e entre essas e as outras negações acionais propostas por Hengeveld e Mackenzie (2018).

5.1 M-NEGAÇÃO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO: ASSALTO

Uma das hipóteses deste trabalho é a de que a palavra “não” pode expressar negação de Movimento (M-negação). Como mencionado em 1 (p. 34), para Andrade (2015), o uso do termo “não” em (20), repetido por conveniência em (164), tem por objetivo interromper o coordenador da entrevista para que Cândido assuma o turno de fala.

(164) Andrade (2015, p. 253):

Gisele: (...) Existe dentro da psiquiatria geriátrica o trabalho específico com terminais, mas não é toda geriatria que trabalha com terminais.

Coordenador da entrevista: Cândido, você...

Cândido: **Não**, só gostaria de parabenizar vocês por todo este programa, estamos no ano internacional do idoso, eu acho que...

Nessa perspectiva, o elemento “não” tem a função de tomar o turno de fala do interlocutor. No entanto, como visto em 2.1.1 (p. 47 *et seq.*), o Movimento não se confunde com o turno de fala, embora possa haver uma correspondência entre ambos.

Há duas propriedades que distinguem o Movimento do turno conversacional. A primeira diz respeito ao seu poder perlocutório, ou seja, à sua capacidade de requerer uma reação ou ser ele mesmo uma reação ao que um participante da interação verbal enunciou. A segunda propriedade consiste no fato de que o Movimento é uma contribuição autônoma para interação em andamento, capaz de atingir, por si só, um objetivo comunicativo específico.

A M-negação, portanto, deve se relacionar a uma dessas propriedades, ou a ambas. Em outras palavras, deve:

- (i) anular seu poder perlocutório; ou
- (ii) fazer com que o Movimento não tenha o poder de atingir o objetivo comunicativo almejado; ou ainda
- (iii) fazer com que o objetivo almejado não seja concluído apenas com o que foi enunciado no Movimento, negando assim, nesse caso, sua autonomia.

Somente se “não” desempenhar um desses papéis – (i), (ii) ou (iii) – é que se pode falar em negação de Movimento. Em outras palavras, a M-negação deve negar uma das propriedades do Movimento: (i) o poder perlocutório; (ii) o objetivo comunicativo; e/ou (iii) a autonomia discursiva. Fica, portanto, a principal pergunta a ser respondida:

- (i) A tomada de turno por meio de “não” é uma negação da camada do Movimento?

Em caso afirmativo, surgem outras perguntas:

- (ii) Após a M-negação, é possível mudar o assunto do discurso em desenvolvimento?
- (iii) Qual o estatuto da M-negação no Nível Interpessoal, ou seja, operador, função, modificador ou núcleo de uma camada?
- (iv) A M-negação apresenta contraparte no Nível Representacional, como a C-negação e a SA-negação?
- (v) Como a M-negação é codificada, tanto no Nível Morfossintático como no Nível Fonológico?

Essas questões (e outras decorrentes de suas respostas) são respondidas a seguir: de 5.1.1 a 5.1.4, são descritas as propriedades pragmáticas, semânticas, morfossintáticas e fonológicas da M-negação no PB; e, em 5.1.5, são sumarizados os resultados da análise empreendida nesta subseção, além de apresentadas as relações de correspondência entre os níveis da Formulação e os da Codificação quando da execução da M-negação.

5.1.1 Nível Interpessoal

Os dados coletados mostram que o item negativo “não” cumpre o papel de fazer com que o objetivo comunicativo do Falante não seja concluído somente com o que foi dito no Movimento interrompido, negando-se sua autonomia.

Esse papel é bem explícito em (165), em que os interlocutores empregam “não” para cessar o Movimento e iniciar outro Movimento, de modo a adicionar mais informações ao assunto em desenvolvimento no discurso.

- (165) GIL: tinha um cara // era aquela que / era aquele cara <lá / que era muito> / <muito> / muito <palha> //
- EVN: <era aquele cara / é> //
- LUI: <escroto> / <e como> ele era amigo dos caras / a galera meio que tomava / as dores // mas nũ / mas nũ / eles nũ eram todos <escrotos> / igual o pessoal do Galáticos não //
- GIL: <é> //
- EVN: **não** / o Galáticos é mesmo / todo mundo é <babaca> //
- GIL: <**não**> / e assim / esse que é o ponto // eles <reclamavam> +
- LEO: <**não** / se bem que tinha> / tinha uns dois que falaram assim / gente / a gente perdeu no campo / a gente nũ perdeu por causa disso não // [bfamcv01_2009]

Em (165), o turno de fala de LUI é tomado por EVN, que, por sua vez, tem o turno assaltado por GIL, turno que, em seguida, é capturado por LEO.⁷⁹ Cada um desses turnos de fala corresponde a um Movimento. A palavra negativa “não”, nesses casos, não nega conteúdo semântico, como já dito. O que é de se destacar é que, além disso, ela não estabelece direção argumentativa, já que, enquanto as tomadas de turno de EVN e GIL desenvolvem Movimentos que sustentam um ponto de vista negativo em relação ao time de futebol Galáticos, a de LEO, por outro lado, apresenta uma ressalva a essa visão negativa, marcada por “se bem que”. Em outras palavras, a M-negação não exerce papel argumentativo.

A motivação para a interrupção dos Movimentos em (165) é o desejo de coconstruir o objetivo comunicativo de declarar informações sobre o time de futebol. Dessa forma, esse objetivo comunicado não é concluído apenas com o Movimento de um Participante, mas continua no daquele que o interrompe, de modo que a autonomia discursiva do Movimento interrompido é perdida, ou negada.

Assim, defende-se, aqui, que há M-negação (e não apenas uma tomada de turno), denominada Assalto, que, portanto, consiste na ação do Falante de interromper o Movimento de seu parceiro de comunicação, para, em seguida iniciar seu próprio Movimento, ação

⁷⁹ Pela natureza da M-negação, a sobreposição de falas é comum na troca de turno. Em (165), por exemplo, GIL inicia seu Movimento antes de EVN concluir sua fala, sobrepondo “não” a “babaca”, conforme indicado por aspas angulares (<>). O mesmo acontece na passagem de turno de GIL para LEO.

motivada pelo fato de o Falante considerar que o objetivo comunicativo do Movimento interrompido carece de mais informações para ser adequadamente atingido.

A maioria das negações, tanto do Nível Interpessoal como do Nível Representacional (cf. 3, p. 90 *et seq.*), é formulada como um operador que restringe a camada negada. Como todo operador, seu escopo deve recair sobre a camada que especifica. Esse não é o caso da M-negação. Se a M-negação fosse formulada como um operador, seu escopo recairia sobre o Movimento interrompido, que não é produzido pelo mesmo Falante que nega a sua continuidade. Em outras palavras, são dois Participantes produzindo expressões linguísticas distintas, de modo que não há como um especificar o Movimento do outro. O mesmo raciocínio se aplica com relação às hipóteses de a M-negação representar uma função, um modificador ou o núcleo de alguma camada do Movimento interrompido.

Assim, a M-negação só pode ser formulada no âmbito do Movimento iniciado com o Assalto. Uma possibilidade seria considerar que ela é um operador desse Movimento. No entanto, esse Movimento não está sob o escopo da negação, o que anula essa possibilidade. O mesmo argumento pode ser empregado para evidenciar que a M-negação não é formulada como um modificador de Movimento.

Outro cenário possível é entender a M-negação como uma função veiculada pelo Movimento daquele que realiza o Assalto, mas essa análise também apresenta problemas. As funções no Nível Interpessoal, pragmáticas ou retóricas, são veiculadas pelas unidades que formalizam, nos níveis da Codificação, a função em questão. Esse não é o caso da M-negação, uma vez que o Movimento iniciado com o Assalto é o que contém o item negativo “não”, mas esse item não nega o Movimento do qual faz parte, mas interrompe o Movimento imediatamente anterior, produzido por outro Participante. Além disso, há evidências prosódicas (cf. 5.1.4, p. 143 *et seq.*) de que a M-negação não é formulada como uma função, já que apresenta contorno entonacional próprio.

Por exclusão – e considerando os preceitos da GDF –, conclui-se que “não” é núcleo de alguma camada do Nível Interpessoal. Tendo em vista que a camada negada é o Movimento, a primeira suposição que se faz é a de que o elemento “não” é núcleo do Movimento, conforme representado em (166).

(166) (M₁: não (M₁))

A representação em (166) é a mesma oferecida por Hengeveld e Mackenzie (2008; 2018) para a A-negação em (103), repetida por conveniência em (167), mudando-se, obviamente, a camada negada.

(167) Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 149; 2018, p. 36):

(A₁: no (A₁))

Contudo, o núcleo de um Movimento é sempre constituído de um ou mais Atos Discursivos (cf. 2.1.1, p. 49); não pode ser um lexema ou um núcleo abstrato. Assim, a palavra “não” só pode corresponder a um Ato Discursivo. Indício disso é que, como se vê em 5.1.4, (p. 143 *et seq.*), ele tem contorno entonacional próprio.

Como visto em 2.1.2, (p. 49 *et seq.*), um Ato Discursivo é formado por até quatro componentes: Ilocução, Falante, Ouvinte e Conteúdo Comunicado. Resta, portanto, determinar em qual componente “não” se insere.

O Conteúdo Comunicado de um Ato Discursivo, por evocar uma imagem do mundo extralinguístico, pode ser questionado ou reportado a outrem. Os testes em (168), que tomam a ocorrência em (21), mostram não ser possível nem questionar, nem indicar a fonte ou origem do que é comunicado.

- (168) a TER: aí / cê acha que eu devo convidar o Guilherme / todo mundo / <né Rute> /
 RUT: <todo> mundo // <com certeza> / <Terezinha> //
 TER: <e o Zé> Levi /
 RUT: <não[*?]> // convite de casamento / cê pode mandar pa todo mundo //
- b TER: aí / cê acha que eu devo convidar o Guilherme / todo mundo / <né Rute> /
 RUT: <todo> mundo // <com certeza> / <Terezinha> //
 TER: <e o Zé> Levi /
 RUT: [***Diz que**] <não> // convite de casamento / cê pode mandar pa todo mundo

Como se vê, não se pode questionar (cf. 168a) ou reportar (cf. 168b) o Assalto porque não é formulado um Conteúdo Comunicado.

Obviamente, “não” também não pode ser núcleo de Participantes (P₁ ou P₂) do discurso, já que não pode tomar a forma de um pronome, referente ao Falante ou ao Ouvinte. Assim, por exclusão, “não” só pode constituir a Ilocução de um Ato Discursivo.

Como núcleo da Ilocução, a partícula “não” é um lexema interjetivo ($_{Intj}$) de um Ato Discursivo Interativo. Ato Discursivo Interativo, a exemplo dos vocativos, servem para chamar a atenção do interlocutor, como (169).

(169) Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 78, adaptado)⁸⁰:

Hey!

“Ei!”

NI: $(A_I: [(F_I: -hey_{Intj} - (F_I)) (P_I)_S (P_J)_A] (A_I))$

Como representado em (169), o vocativo “hey” é formulado no núcleo da Ilocução. Uma Ilocução é responsável por atribuir, aos Ato Discursivos, usos interpessoais convencionalizados na consecução de uma intenção comunicativa (cf. Hengeveld; Mackenzie, 2008, p. 69). Em (169), a ação interpessoal convencionalizada é chamar a atenção do Participante, ao passo que, na M-negação, essa ação é a de interromper o Movimento do interlocutor, assumindo o turno de fala, dando início ao seu próprio Movimento. Desse modo, a M-negação é representada, no Nível Interpessoal, como em (170), em que “não” é diretamente inserido no núcleo da Ilocução.

(170) $(A_I: [(F_I: -não_{Intj} - (F_I)) (P_I)_S (P_2)_A] (A_I))$

Em (170), além da Ilocução (F_I), há o Falante $((P_I)_S)$ e o Ouvinte $((P_2)_A)$, já que a M-negação somente ocorre na interação verbal entre duas ou mais pessoas, ou seja, ela é heterorrelacionada.

Giomi (2020) propõe uma nova categoria do Nível Interpessoal, a que o autor denomina Ação Lexical. Uma Ação Lexical (D), conforme mencionado em 2.1.6 (p. 61 *et seq.*), consiste num lexema inserido numa determinada posição da estrutura pragmática que equivale a uma ação comunicativa executada pelo Falante (cf. Giomi, 2020, p. 47).

Um exemplo de Ação Lexical, núcleo de Ilocução, é “saúde”, um lexema substantival que, no Nível Representacional, descreve um estado de bem-estar e equilíbrio físico, mental e psicológico, mas, quando empregado como Ação Lexical, representa uma expressão social dirigida a alguém que acabou de espirrar. Esse último uso é representado em (171).

⁸⁰ A adaptação consiste na especificação de “hey” como uma interjeição.

(171) A: Atchim.

B: *Saúde!*

NI: (A_I: [(F_I: (D_I: /sa'ude/Intj (D_I)) (F_I)) (P_I)_S (P_J)_A] (A_I))

Em (171), uma Ação Lexical interjetiva é expressa por um primitivo lexical substantival (“saúde”). Ações Lexicais, no entanto, podem também ser expressas por primitivos usualmente gramaticais. Um exemplo interessante (porque é tradicionalmente considerado o oposto de “não”) é “sim”. Como Palavra Gramatical, “sim” marca modalidade epistêmica subjetiva doxástica numa expressão linguística (cf. Galvão Passetti; Pezatti, 2023, p. 13), de modo a apresentar uma atitude de certeza do Falante frente ao que é comunicado. No entanto, não é essa sua função em (172).

(172) A: João!

B: *Sim.*

NI: (A_I: [(F_I: (D_I: /'siN/Intj (D_I)) (F_I)) (P_I)_S (P_J)_A] (A_I))

Em (172), o Participante A dirige um ato de fala vocativo ao Participante B, que responde com “sim”. Com essa resposta, B mostra a A que o canal de comunicação foi estabelecido e que, numa situação formal de trabalho, por exemplo, João está à disposição de A. Mais especificamente, esse uso de “sim” indica grande disposição em cooperar com a interação verbal em curso. Utilizado normalmente em contextos comunicativos mais formais, esse “sim” é identificado fonologicamente tanto pelo prolongamento da vogal nasal como pelos operadores *Low* e *Rising*, que especificam as camadas da Frase Fonológica e da Frase Entonacional, respectivamente. Assim como “saúde” em (171), “sim” em (172) é uma Ação Lexical interjetiva núcleo de Ilocução, pois representa uma ação interpessoal convencionalizada.

A mesma posição na estrutura pragmática ocupa “não” da M-negação. Isso significa que um lexema comumente gramatical – “não” – é utilizado como uma Ação Lexical,⁸¹ do mesmo modo que ocorre em (172). Assim, a representação em (170) é atualizada em (173).

⁸¹ Pode-se argumentar que a Ação Lexical “não” é o primitivo original do qual surge o item gramatical “não”. Essa direção inversa encontra evidência empírica no processo de aquisição da linguagem, conforme atesta Hochmann (2020). Segundo o autor, “um operador que inverte o valor de verdade de uma proposição não pode ser criado *ex-nihilo* quando palavras como “não” são adquiridas. Em vez disso, devem existir precursores pré-lexicais da negação na mente das crianças.”ⁱ (Hochmann, 2020, p. 597-598). Essa questão, no entanto, fica para futuras investigações.

(173) (A₁: [(F₁: (D₁: /'nawN/Intj (D₁)) (F₁)) (P₁)_s (P₂)_A] (A₁))

Conforme (173), a M-negação é formulada como um Ato Discursivo Interativo que representa a ação de (i) interromper o Movimento do interlocutor para, então, (ii) iniciar um Movimento. Essa ação, realizada de uma só vez pelo proferimento de “não”, pode ser dividida em duas partes: (i) e (ii). E, de fato, no PB, há expedientes que servem à primeira e outros, à segunda parte. Em (174), por exemplo, a interjeição “hein”, “psiu”⁸² e “ó” objetivam cessar o turno de fala de RUT.

(174) RUT: <pele> amor de Deus / nũ me convida pa ser &pa / madrinha não / hein //
 TER: <**hein**> // <não> //
 RUT: <já vou> avisando com antecedência //
 TER: <escuta só que que a> Dani tava <falando> //
 RUT: <morro de vergonha> // <morro de> vergonha de <desfilar> //
 TER: <**psiu**> //
 RUT: Nossa <Senhora> //
 TER: <hein> // é porque é da família lá dele / né // <**o'**> //
 RUT: <é> //
 TER: a mãe da &Fa / da +
 JAE: mas é lógico que ea vai pôr ocês / uai // [bfamcv02_2008]

Em outras palavras, as interjeições em negrito em (174) são ações que buscam chamar a atenção dos interlocutores, interrompendo o turno de fala. Somente se a ação é bem-sucedida é que o Falante então parte para (ii) – iniciar seu Movimento. Essas interjeições são Atos Discursivos Interativos que podem compor sozinhos um Movimento, alcançando poder perlocutório, de modo a serem respondidas com expressões como “oi” ou “o que foi?”. Isso não ocorre com a interjeição “não” do Assalto; embora ela interrompa o Movimento (e, com isso, o turno de fala), ela, por si só, não tem poder perlocutório, assim como não tem os expedientes do PB que servem à parte (ii), de preparar o início de um novo Movimento de que faz parte.

Sob a ótica do funcionalismo holandês, o papel de “não” de interromper o Movimento é uma estratégia para chamar a atenção sobre si, garantindo sua disposição de participar do evento discursivo. Esse tipo de estratégia, segundo Dik (1997b, p. 383 *et seq.*), serve ao

ⁱ No original: “[...] an operator that flips the truth value of a proposition, cannot be created ex-nihilo when words such as ‘no’ or ‘not’ are acquired. Rather, there must exist pre-lexical precursors of negation in infants’ minds.”

⁸² A interjeição “psiu” é comumente utilizada para exigir silêncio, embora, na ocorrência em questão, não seja esse o seu papel.

gerenciamento da interação, um dos quatro grandes grupos de funções que os Constituintes Extraoracionais (CEOs) podem desempenhar (cf. 2.1.2, p. 54).

CEOs usados para gerenciar a interação “dizem respeito à *criação* e à *manutenção* das condições interacionais que devem ser preenchidas para que um evento discursivo seja implementado”⁸³ (Dik, 1997b, p. 384, grifos nossos). Dik (1997b) inclui, entre os CEOs de manutenção da interação, as respostas mínimas, que indicam que o que é dito pelo Falante está sendo recebido corretamente pelo Ouvinte (cf. Dik, 1997b, p. 384-385). Esses CEOs, quando utilizados, não interrompem o Movimento do interlocutor; ao contrário, incentivam-no a continuar de posse do turno de fala (*backchannel*), como faz “uhn” em (175), um exemplo típico desse tipo de elemento em português.

- (175) TER: o Zé Carlos vai dar a televisão // o outro tio do Anderson vai dar a máquina de lavar // Brastemp // o outro vai dar / vai dar / <microondas> //
 RUT: <geladeira> //
 JAE: não / <geladeira a Fafica já deu> //
 TER: <geladeira é a Fafica> //
 RUT: ah / tá / a Fafica> //
 TER: <já> / já deu // já &t / até comprou // já tá lá //
 RUT: **uhn** //
 TER: e / aí ela tá assim / mãe / só falta só o sofá // [bfamcv02_2018]

No caso da M-negação, o Participante, ao invés de incentivar o interlocutor a continuar a falar, toma-lhe o turno. Nesse sentido, a M-negação é usada para monitorar a interação ao criar (não ao manter) condições para assumir o discurso, contribuindo para a interação em andamento, como em (178).

- (176) L2: pronto o camarão, exatamente quando aquele queijo fica todo derretido, envolvendo o camarão, aí retira os dois e serve se eu acho sensacional agora, a minha mulher come o camarão, mas jamais comerá o...
 L1: mas, mas depois dessa eu não posso fala(r) mais nada.
 L2: **não**, isso é um dos pratos, né.
 L1: não, não, eu sei, é um dos pratos que ele faz, imagina só os outros [D2 POA 291]

Andrade (2015), sob o viés teórico da Análise da Conversação (AC), classifica a interjeição “não” da M-negação como um marcador conversacional de tomada de turno

⁸³ No original: [...] *pertain to the creation and maintenance of the interactional conditions which must be fulfilled for a discourse event to be implemented.*

(Marcuschi, 1986). Para Marcuschi (1986, p. 72), um marcador conversacional desse tipo representa expressões que funcionam como respostas (*e.g.*, “certo, mas...”), como prefácios de disjunção e desalinhamento (*e.g.*, “bem...”), como marcas de endosso (*e.g.*, “é isso”) ou como estratégias para se retomar o tópico (*e.g.*, “voltando ao tema...”). O que todos esses marcadores têm em comum é que eles iniciam o turno de fala e, por isso, são classificados como marcadores conversacionais de tomada de turno, sem que essa tomada implique na interrupção do turno do outro na conversação, como ocorre com o emprego de “não” aqui investigado. Em outras palavras, esses marcadores conversacionais indicam a apropriação do turno por parte do Ouvinte sem, no entanto, assinalar, *per se*, “assaltos” ou “usurpações” – termos utilizados por Marcuschi (1986, p. 22) – do turno de fala, ou seja, relacionam-se ao papel exercido pela interjeição “não” da M-negação anteriormente mencionado em (ii), de preparar o início de um novo Movimento do qual faz parte.

Esse segundo papel de “não” da M-negação corresponde à função de organizador do discurso que CEOs podem exercer. Esse tipo de CEO organiza, estrutura e apresenta o conteúdo do discurso (cf. Dik, 1997b, p. 387), como, por exemplo, os denominados *Topic Shifters* (alteradores de Tópico), mencionados em 2.1.2 (p. 55), alocados no início de uma expressão linguística para apontar o desejo do locutor de abordar um novo tópico no discurso, como “mudando de assunto” em (177).

- (177) Trump indicou que esse esforço pode trazer mais de 100.000 novos empregos no curto prazo, ao mesmo tempo em que posiciona os EUA para competir com nações como a China na corrida da AI – e nos impactos dela em todos os setores. **Mudando de assunto...** *Nesta semana, está acontecendo o Fórum Econômico Mundial, em Davos, que reúne líderes de países, ministros e empresários em um resort de ski na Suíça para discutir a situação da economia global e seus desafios.* (Disponível em: <https://thenews.waffle.com.br/economia/trump-anuncia-investimento-privado-de-us-500-bi-para-data-centers>. Acesso em: 27 jan. 2025)

NI: (M_I: [(A_I: –mudando de assunto– (A_I))_Φ (A_J: –nesta semana, está acontecendo o Fórum Econômico Mundial– (A_J)) ...] (M_I))

Diferentemente dos *Topic Shifters*, a M-negação não muda o assunto do discurso, mas o mantém, como se nota em (178).

- (178) GIL: tinha um cara // era aquela que / era aquele cara <lá / que era muito> / <muito> / muito <palha> //
- EVN: <era aquele cara / é> //
- LUI: <escroto> / <e como> ele era amigo dos caras / a galera meio que tomava / as dores // mas nã / mas nã / eles nã eram todos <escrotos> / igual o pessoal do Galáticos não //
- GIL: <é> //
- EVN: **não** / o Galáticos é mesmo / todo mundo é <babaca> //
- GIL: <**não**> / e assim / esse que é o ponto // eles <reclamavam> +
- LEO: <**não** / se bem que tinha> / tinha uns dois que falaram assim / gente / a gente perdeu no campo / a gente nã perdeu por causa disso não // [bfamcv01_2009]
- NI: (M_I: –não, o Galáticos é mesmo, todo mundo é babaca– (M_I))
 (M_J: –não, e assim, esse que é o ponto, eles reclamavam– (M_J))
 (M_K: –não, se bem que tinha uns dois que falaram assim: gente, a gente perdeu no campo, a gente nã perdeu por causa disso não– (M_K))

Em (178), os interlocutores utilizam Assaltos para adicionar informações ao tópico discursivo (o time de Futebol Galáticos). Isso é feito, como explicado anteriormente, com a intenção de coconstruir o objetivo comunicativo dos Movimentos interrompidos.

A inclusão de um *Topic Shifter*, seguido de um novo tópico de discussão, após a M-negação é incoerente, como evidencia o teste em (180), que toma a ocorrência em (179).

- (179) RUT: o Zé Levi &n / e' foi padrim / e o / Guilherme foi padrim <nosso> //
- TER: <é> //
- RUT: <de todo> mundo / <nã foi> //
- TER: <todo> mundo //
- JAE: ai //
- RUT: todo mundo andou + aqui foi / uai // <meu> / seu / da <Jael> //
- TER: <é> // <**não** / o meu> foi uns trinta padrinho / né // <até sior> Antônio de Assis dona <Deise> // [bfamcv02_2008]
- (180) RUT: o Zé Levi &n / e' foi padrim / e o / Guilherme foi padrim <nosso> //
- TER: <é> //
- RUT: <de todo> mundo / <nã foi> //
- TER: <todo> mundo //
- JAE: ai //
- RUT: todo mundo andou + aqui foi / uai // <meu> / seu / da <Jael> //
- TER: <é> // ***não / mudando de assunto / cês foram visitar a Maria no hospital?**

Desse modo, a M-negação desempenha dois papéis na interação verbal: (i) interromper o Movimento em execução, assaltando, conseqüentemente, o turno de fala e (ii) preparar o início de um novo Movimento de que faz parte, no qual é mantido o assunto do discurso em desenvolvimento. O primeiro papel é desempenhado pela própria Ação Lexical interjetiva “não”; o segundo papel, por sua vez, é capturado por uma função retórica veiculada pelo Ato Discursivo Interativo “não” da M-negação.

Conforme exposto em 2.1.2 (p. 53 *et seq.*), Mittendorfer (2025), ao analisar ampla literatura (cf. Nota de rodapé 31, p. 53), elenca uma série de funções retóricas que CEOs podem veicular e classifica-os de acordo com sua posição (à esquerda ou à direita da Oração), com sua orientação discursiva ou gramatical (orientada para o discurso ou para a sede – “*host*”) e com sua orientação em relação à estrutura do discurso (para o Ouvinte ou para o gerenciamento do discurso).

Dentre as funções elencadas, o Ato Discursivo Interativo “não” da M-negação desempenha a função de Manutenção (“*Maintenance*”), já que mantém o tópico do discurso, sendo alocado à esquerda, orientado para o discurso e, ao mesmo tempo, relacionado ao manejo do discurso e orientado para o Ouvinte (*mutatis mutandis*, funções de organizador do discurso e de gerenciamento da interação de Dik, 1997b, respectivamente).

No entanto, a função retórica Manutenção não apresenta um expediente formal específico que a codifique. Assim, seguindo o Princípio da Codificação Formal, o Ato Discursivo de Assalto veicula a macrofunção retórica Prelúdio (*Prelude*) (cf. *e.g.*, Keizer, 2018; 2020), conforme representado em (181), já que é codificada à esquerda da Oração que corresponde ao Ato Discursivo Nuclear.

(181) (A₁: [(F₁: (D₁: /'nawN/Intj (D₁)) (F₁)) (P₁)_S (P₂)_A] (A₁))_{Prelude}

As ocorrências coletadas mostram que, após interromper o Movimento de seu interlocutor, o Falante inicia outro Movimento em que um dos Atos Discursivos de Conteúdo (se houver mais de um) tem Ilocução Declarativa (DECL), consistindo no Ato Discursivo Nuclear em relação ao de Prelúdio, como exemplifica (182).

- (182) RUT: <o'> / a Jael / nũ gosta de / de cabelo preso não // a' lá p' cê <ver> //
 TER: <é> // e nũ / <mas> nũ ia dar não / uai / &d ia / <Rute / se eu fizesse?> //
 RUT: <xxx> +
 JAE: <tá parecendo aquelas velhinha> //
 TER: se eu <fizesse> //
 JAE: <ficou parecendo aquelas> velhinha / do / da carinha pequeninha // não // nũ
 <gostei> //
 TER: <oh / adorei> //
 RUT: o' // eu nũ achei ruim não / Jael //
 JAE: <nũ gostei> de jeito nenhum //
 RUT: <sinceramente> //
 TER: oh / <Jael> //
 RUT: <eu tenho é> só vergonha / de entrar <na igreja> //
 JAE: <trem feio> // cabelo pra cima //
 RUT: *não / eu <gosto assim / sabe?>* //
 TER: <n' é não / Jael> // [bfamcv02_2008]
- NI: (M_I: [(A_I: -não- (A_I))_{Prelude} (A_J: [(F_I: DECL (F_I)) (P_I)_S (P_J)_A (C_I: -eu gosto assim- (C_I))] (A_J)) ...] (M_I))

Em (182), RUT nega o movimento de JAE com a finalidade de desenvolver o tópico do discurso em andamento (cabelo), acrescentando a informação que diz respeito à sua preferência de penteado. Para tanto, RUT executa A_I, responsável por assaltar o turno, e, depois, produz A_J, um Ato Discursivo Declarativo que contém uma imagem do mundo externo (C_I) sobre a qual deseja falar.

Outra ocorrência de Assalto é dada em (183).

- (183) RUT: o Zé Levi &n / e' foi padrim / e o / Guilherme foi padrim <nosso> //
 TER: <é> //
 RUT: <de todo> mundo / <nũ foi> //
 TER: <todo> mundo //
 JAE: ai //
 RUT: todo mundo andou + aqui foi / uai // <meu> / seu / da <Jael> //
 TER: <é> // <não / **o meu> foi uns trinta padrinho / né** // <até sior> Antônio de Assis dona <Deise> // [bfamcv02_2008]
- NI: (M_I: [(A_I: -não- (A_I))_{Prelude} (A_J: [(F_I: DECL (F_I)) (P_I)_S (P_J)_A (C_I: -o meu foi uns trinta padrinho- (C_I))] (A_J)) ...] (M_I))

Em (183), assim como em (182), um dos interlocutores (TER) nega o Movimento em curso com o objetivo de desenvolver o assunto em andamento (padrinho de casamento),

acrescentando a informação de que, no seu casamento, havia muitos padrinhos. Para alcançar esse objetivo, TER executa A_I, responsável por assaltar o turno, e, depois, produz A_J, um Ato Discursivo Declarativo que contém uma imagem do mundo externo (C_I) sobre a qual deseja falar, a quantidade de padrinhos no seu casamento.

Embora os dados não apresentem outro tipo de Ilocução para o Ato Discursivo Nuclear que segue a M-negação, isso parece possível, contanto que o Ato Discursivo em questão seja de Conteúdo, ou seja, apresente um Conteúdo Comunicado, responsável por desenvolver o tópico do discurso em andamento.

Desse modo, ocorrências como (182) e (183) evidenciam um padrão da M-negação, identificado em todos os dados analisados. O Falante, ao negar o Movimento de seu interlocutor, inicia um novo Movimento que desenvolve o tema do Movimento interrompido, dando continuidade ao discurso, umas das propriedades que caracterizam essa camada de análise do Nível Interpessoal. Para tanto, o Falante produz ao menos um Ato Discursivo de Conteúdo, que é o Nuclear e que pode ou não ser formulado logo após o Ato Discursivo Interativo Subsidiário “não”. Em (21), repetido por conveniência em (184), por exemplo, antes do Ato Discursivo Nuclear, há outro Ato Discursivo que veicula a macrofunção retórica Prelúdio.

- (184) TER: aí / cê acha que eu devo convidar o Guilherme / todo mundo / <né Rute> /
 RUT: <todo> mundo // <com certeza> / <Terezinha> //
 TER: <e o Zé> Levi /
 RUT: <não> // **convite de casamento** / cê pode mandar pa todo mundo // [bfamcv 02_2018]
 NI: (M_I: [(A_I: -não- (A_I))_{Prelude} (A_J: -convite de casamento- (A_J))_{Prelude} (A_K: -cê pode mandar pa todo mundo- (A_K))] (M_I))

O Ato Discursivo “convite de casamento”, com a macrofunção retórica Prelúdio, poderia ser classificado como um Ato Discursivo de Orientação se houvesse um expediente formal que marcasse essa função retórica, pois ele direciona o Ouvinte a aceitar os propósitos comunicativos do Falante, ao indicar “o desejo do Falante, dentro de um Movimento, de executar o Ato Discursivo de introdução de um referente no discurso, antes de passar para um novo Ato Discursivo que seja relevante para esse referente”⁸⁴ (Hengeveld; Mackenzie, 2008, p.

⁸⁴ No original: [...] *the Speaker's desire, within one Move, to perform the Discourse Act of introducing a referent into the discourse before moving on to a new Discourse Act which is relevant to that referent.*

55); em outras palavras, A_J introduz o referente “convite de casamento”, sobre o qual A_K apresenta uma informação relevante.

Dessa forma, a M-negação ocorre num molde interpessoal, genericamente representado em (185).

- (185) $(M_1: [(A_1: [(F_1: (D_1: /'nawN/ (D_1)) (F_1)) (P_1)_S (P_2)_A] (A_1))_{Prelude} \{...\}$
 $(A_{1+N}: [(F_{1+N}: DECL (F_{1+N})) (P_1)_S (P_2)_A (C_1)] (A_{1+N})) \{...\} (M_1))$ tal que $N \geq 1$

Nota-se, em (185), a existência de ao menos um Ato Discursivo de Conteúdo (A_{1+N}), que corresponde ao desenvolvimento do aspecto do discurso de que o Falante deseja tratar. Esse Ato Discursivo tem contraparte semântica, diferentemente do Interativo “não” (A_1), já que a M-negação não é submetida a condições de verdade.

5.1.2 Nível Representacional

A M-negação não é submetida a condições de verdade porque não é descritiva, mas somente acional. Prova disso é que não é possível especificá-la com modificadores de Conteúdo Proposicional, conforme teste em (186), e nem de camadas mais baixas, como em (187).

- (186) TER: aí / cê acha que eu devo convidar o Guilherme / todo mundo / <né Rute> /
 RUT: <todo> mundo // <com certeza> / <Terezinha> //
 TER: <e o Zé> Levi /
 RUT: [***Sem dúvida/*Talvez/*Provavelmente**] <não> // convite de casamento / cê
 pode mandar pa todo mundo // [bfamcv02_ 2018]

- (187) TER: aí / cê acha que eu devo convidar o Guilherme / todo mundo / <né Rute> /
 RUT: <todo> mundo // <com certeza> / <Terezinha> //
 TER: <e o Zé> Levi /
 RUT: [***Hoje/*Aqui/*Por um ano/*Seu/*Muito**] <não> // convite de casamento / cê
 pode mandar pa todo mundo // [bfamcv02_ 2018]

Em (186) e (187), nenhum dos modificadores com asterisco são aplicáveis à fala de RUT e nas outras ocorrências de M-negação, já que “provavelmente”, por exemplo, é um modificador atitudinal que escopa a camada do Conteúdo Proposicional (cf. Hengeveld; Mackenzie, 2008, p. 151), “hoje” é de tempo absoluto da camada do Episódio (cf. Hengeveld;

Mackenzie, 2008, p. 163-166), “aqui” é de locação da camada do Estado de Coisas (cf. Hengeveld; Mackenzie, 2008, p. 171), “por um ano” é de duração da camada da Propriedade Configuracional (cf. Hengeveld; Mackenzie, 2008, p. 209-210), “seu” é de posse da camada do Indivíduo (cf. Hengeveld; Mackenzie, 2008, p. 243) – e outras entidades semânticas de núcleo lexical – e, por fim, “muito” é um modificador de intensidade da camada da Propriedade (cf. Hengeveld; Mackenzie, 2008, p. 235; 267), o que indica que não há camada, no Nível Representacional, em correspondência ao Ato Discursivo Interativo “não”.

Os testes em (186) e (187) mostram que nenhuma camada é formulada do Nível Representacional para abrigar a M-negação. Em outras palavras, o Ato Discursivo Interativo “não” não tem formulação no Nível Representacional, visto que não veicula nenhuma informação semântica. Logo, na M-negação, há uma relação de discrepância um-para-zero entre o Nível Interpessoal e o Nível Representacional.

Já o Ato Discursivo que segue “não”, integrando o molde interpessoal em que ocorre a M-negação, apresenta correspondente semântico, conforme se mostra a seguir.

Como dito anteriormente, o molde interpessoal da M-negação é composto do Ato Discursivo Interativo “não”, responsável por assaltar o turno de fala, e de ao menos um Ato Discursivo de Conteúdo, que desenvolve o assunto do discurso em andamento. Enquanto o primeiro é unicamente acional, o segundo evoca uma imagem do mundo, veiculando um conteúdo semântico.

Em (188), por exemplo, o Ato Discursivo Declarativo “isso é um dos pratos” corresponde, no Nível Representacional, a um Conteúdo Proposicional que contém, em última instância, uma Propriedade Configuracional (uma predicação).

Conteúdos Proposicionais são, como categoriza Lyons (1997), entidades de terceira ordem. Eles representam construtos mentais, como conhecimentos, crenças e desejos. Assim, dada sua natureza, não podem ser localizados no tempo e no espaço, mas avaliados em termos de atitudes proposicionais e/ou em termos de sua fonte ou origem, como conhecimento comum compartilhado, evidências sensoriais ou inferência (cf. Hengeveld; Mackenzie, 2008, p. 144).

- (188) L2: pronto o camarão, exatamente quando aquele queijo fica todo derretido, envolvendo o camarão, aí retira os dois e serve se eu acho sensacional agora, a minha mulher come o camarão, mas jamais comerá o...
 L1: mas, mas depois dessa eu não posso fala(r) mais nada.
 L2: *não, isso é um dos pratos, né.*
 L1: não, não, eu sei, é um dos pratos que ele faz, imagina só os outros [D2 POA 291]
 NI: (M_I: [(A_I: -não- (A_I))_{prelude} (A_J: [(F_I: DECL (F_I)) (P₁)_S (P₂)_A (C_I: -isso é um dos pratos- (C_I))] (A_J)) (A_K: -né- (A_K))] (M_I))
 NR: (p_i: ... (f^c_i: -isso ser um dos pratos- (f^c_i)) ... (p_i))

Na representação em (188), apenas o segundo Ato Discursivo (A_J) tem correspondente no Nível Representacional (p_i). Os Atos Discursivos A_I e A_K (“não” da M-negação e o Interativo “né”, respectivamente) não apresentam um conteúdo semântico.

Em apenas um caso, em (189), ao invés de um Conteúdo Proposicional, é formulado um Estado de Coisas (e), que corresponde a um Ato Discursivo de Ilocução Imperativa.

Sentenças com Ilocução Imperativa não têm por objetivo descrever algo no mundo, mas sim dar uma ordem. A verdade de uma descrição pode ser afirmada, questionada ou negada, o que não se aplica a uma ordem. Por isso, não são formulados Conteúdos Proposicionais em correspondência a Atos Discursivos com Ilocuções Comportamentais, como a Imperativa, mas apenas em correspondência a Atos Discursivos com Ilocuções Proposicionais.⁸⁵

Estados de Coisas são entidades que podem ser localizadas no tempo relativo e avaliadas em termos de seu estatuto de realidade (ocorrem ou não ocorrem) e não de seu estatuto de verdade, como Conteúdos Proposicionais.

- (189) RUT: <pelo> amor de Deus / nũ me convida pa ser &pa / madrinha não / hein //
 TER: <hein> // <não> //
 RUT: <já vou> avisando com antecedência //
 TER: <escuta só que que a> **Dani tava <falando>** //
 RUT: <morro de vergonha> // <morro de> vergonha de <desfilar> //
 TER: <psiu> //
 RUT: Nossa <Senhora> //
 TER: <hein> // [bfamcv02_2008]
 NI: (M_I: [(A_I: -não- (A_I))_{prelude} (A_J: [(F_I: IMP (F_I)) (P₁)_S (P₂)_A (C_I: -escutar só que que a Dani tava falando- (C_I))] (A_J))] (M_I))
 NR: (e_i: -escuta só que que a Dani tava falando- (e_i))

⁸⁵ Para mais informações sobre os tipos e os subtipos de Ilocuções na GDF, confira Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 69-81).

Esse Ato Discursivo Imperativo, no entanto, visa a obter a atenção do interlocutor para, então, relatar o discurso de outrem, ou seja, o objetivo final do Falante é produzir um Ato Discursivo de Ilocução Declarativa, reproduzido em (190), que só é executado mais à frente no discurso, quando TER consegue enfim assegurar a manutenção de seu turno de fala.

(190) TER: escuta só // a Dani // a Dani // a Dani falou assim / ô mãe // o' // a mãe da Fafica / vai dar / o fogão // [bfamcv02_2008]

Na verdade, o teste na ocorrência em (191) mostra não ser possível a execução de um Ato Discursivo de Ilocução Comportamental, como a Imperativa, subsidiado pelo Assalto.

(191) L2: pronto o camarão, exatamente quando aquele queijo fica todo derretido, envolvendo o camarão, aí retira os dois e serve se eu acho sensacional agora, a minha mulher come o camarão, mas jamais comerá o...
L1: mas, mas depois dessa eu não posso fala(r) mais nada.
L2: *não, fale!*

Ao se elaborar um ato de fala imperativo (“fale”) depois de “não”, o sentido da expressão linguística (“não, fale!”) muda. Se, antes, havia M-negação (cf. 188, p. 139); agora, “não” é uma negação vicária, de modo a expressar Discordância com relação ao Conteúdo Proposicional “depois dessa, eu não posso falar mais nada”.

Desse modo, na estratégia de assalto ao turno por meio da M-negação, é formulado um Conteúdo Proposicional de núcleo configuracional, conforme representa (192).

(192) $\{(v_1) \dots\} (p_1 (ep_1: (e_1: (f^c_1: h (f^c_1)) (e_1)) (ep_1)) (p_1)) \{... (v_{1+N})\}$ tal que $N \geq 1$

Em suma, tendo em vista que a intenção do Falante, ao interromper o Movimento de seu interlocutor, é produzir ao menos um Ato Discursivo de Conteúdo Comunicado com Ilocução Proposicional, majoritariamente, como mostram os dados, declarando algo com base no conteúdo evocado, é formulado, como mostra (192), ao menos um Conteúdo Proposicional no Nível Representacional, já que, ao declarar, questionar, exclamar etc., o Falante sempre tem uma atitude proposicional (certeza, dúvida, descrença) para com aquilo que comunica.

Essa relação um-para-um (Ato Discursivo de Conteúdo e Conteúdo Proposicional) entre os níveis de Formulação não ocorre com o Interativo da M-negação. Já no Nível

Morfossintático, o Ato Discursivo Interativo Subsidiário é especificado, assim como o de Conteúdo, conforme se argumenta a seguir.

5.1.3 Nível Morfossintático

No Nível Morfossintático, a linearização de constituintes é regida por três princípios: Iconicidade, Integridade de Domínio e Estabilidade Funcional. O princípio da Iconicidade prevê que a ordem de constituintes morfossintáticos reflete a ordem de evocação, no Nível Interpessoal, e de designação, no Nível Representacional, em que as unidades interpessoais e representacionais, respectivamente, são formuladas. Na M-negação, somente o Nível Interpessoal é relevante para a linearização, uma vez que essa negação não é descritiva, mas acional, e, portanto, conforme demonstrado na subseção anterior, não é formulada no Nível Representacional.

O Ato Discursivo Interativo “não” que exerce a macrofunção retórica Prelúdio é sempre expresso no início do enunciado, antes de qualquer Ato Discursivo subsequente. O princípio da Iconicidade reflete essa ordenação, alocando a interjeição “não” no início do enunciado, já que o Falante precisa, antes de executar qualquer outra ação linguística, assaltar o turno do outro Participante. Desse modo, pelo princípio da Iconicidade, o Nível Morfossintático reflete a ordem de formulação dos Atos Discursivos, de modo a posicionar a Palavra Interjetiva “não” sempre no início da expressão linguística produzida.

No Nível Morfossintático, a camada em que um constituinte se insere depende de seu escopo, ou seja, da entidade que ele especifica nos níveis da Formulação; dito de outra forma, o modo como se estrutura os níveis da Formulação se reflete nos níveis da Codificação. Nessa correspondência entre os níveis, atua o princípio da Integralidade de Domínio, que diz respeito “à preferência interlinguística por unidades relacionadas, tanto no Nível Interpessoal como no Nível Representacional, serem justapostas umas às outras também no Nível Morfossintático”⁸⁶ (Hengeveld; Mackenzie, 2008, p. 50). A existência desse princípio é atestada pelo fato de modificadores, operadores e funções serem preferencialmente alocados em adjacência aos seus núcleos.

O princípio da Integralidade de Domínio define a camada em que se insere o item negativo que expressa a M-negação. A Palavra Interjetiva (Intjw) “não”, ao codificar um Ato Discursivo, que compõe a camada mais alta do Nível Interpessoal (o Movimento), integra a

⁸⁶ No original: [...] *to the crosslinguistic preference for the units that belong together at the Interpersonal Level and at the Representational Level also to be juxtaposed to one another at the Morphosyntactic Level.*

camada mais alta do Nível Morfossintático (a Expressão Linguística), conforme exemplo em (193) e sua representação interpessoal e morfossintática.

- (193) L2: eu não viajo nem num outro carro acima de oitenta ou noventa... de velocidade... a kombi dá prá fazer isso de modo que eu vou tranquilo... eu pretendo chegar sair daqui... sexta-feira de manhã pra poder estar no sábado em Belo Horizonte... tranquilo.

L1: tá... tá

L2: <de modo que>

L1: <eu sei que...> que essa viagem por Governador Valadares está boa inclusive saindo daqui de manhã quer dizer quem gosta de <viajar de manhã>

L2: <não o meu> **problema é chegar a Governador Valadares Valadares...** porque aquele trecho/ trecho de Milagres... e o trecho depois de Conquista... ave-maria já não aguento mais... eu preferia ir pela BR-101 e subir lá por/ por Campos... e subir prá Belo Horizonte era muito mais distraído

L1: a BR-101 não precisa ir a Campos... [D2 SSA 98]⁸⁷

NI: (M_I: [(A_I: -não- (A_I))_{Prelude} (A_J: -o meu problema é chegar a Governador Valadares- (A_J))] (M_I))

NM: (Le_i: [(Intjw_i: -não- (Intjw_i)) (Cl_i: -o meu problema é chegar a Governador Valadares- (Cl_i))] (Le_i))

Uma Expressão Linguística é “qualquer conjunto de pelo menos uma unidade que pode ser usada independentemente”⁸⁸ (Hengeveld; Mackenzie, 2008, p. 308) na interação verbal. Assim como a Oração (Cl), a Expressão Linguística tem suas posições: a posição central (P^{centre}), geralmente reservada à codificação de Atos Discursivos Nucleares, e as posições anterior (P^{pre}) e posterior (P^{post}), em que são alocados os CEOs, que comumente refletem Atos Discursivos Subsidiários.

Por ser um CEO que reflete um Ato Discursivo Subsidiário, a Interjeição “não” não poderia ocupar P^{centre}. Prova disso é que essa Palavra Interjetiva, codificando a M-negação, não funciona, por si só, como enunciado suficiente.⁸⁹

A posição inicial do enunciado, por ser a favorecida pelo princípio da Iconicidade, é, então, a escolhida pela gramática para a expressão do Assalto.

A M-negação é genericamente representada em (194).

⁸⁷ As aspas angulares são incluídas nessa ocorrência para indicar sobreposição de vozes.

⁸⁸ No original: [...] *any set of at least one unit that can be used independently.*

⁸⁹ Na classificação de Bloomfield (1933), a interjeição “não” da M-negação é uma forma presa.

- (194) P^{pre} { ... } P^{centre} { ... }
 (Le₁: [(Intjw₁: -não- (Intjw₁)) { ... } (Cl₁) { ... }] (Le₁))

Conforme (194), a Oração que codifica o Ato Discursivo Nuclear ocupa P^{centre} , ao passo que o Ato Discursivo Subsidiário se aloca em P^{pre} . Essa posição é a responsável por marcar a macrofunção retórica Prelúdio, como representado em (195), que toma a ocorrência em (193).

- (195) Não, o meu problema é chegar a Governador Valadares.
 NM: P^{pre} P^{Centre}
 (Le_i: [(Intjw₁: -não- (Intjw₁)) (Cl_i: -o meu problema é chegar a Governador Valadares- (Cl_i))] (Le_i))

Outros possíveis Atos Discursivos Subsidiários se alocam em P^{Pre1+n} , P^{Post} e P^{Int} (esta última posição, por conveniência, não é representada em (194), mas pode interromper qualquer uma das outras posições).

5.1.4 Nível Fonológico

O Nível Fonológico, assim como os outros níveis, estrutura-se hierarquicamente. Essa hierarquia, proposta por Nespor e Vogel (1986; 2007) e incorporada pela GDF, reflete a hierarquia dos níveis acima. Assim, enquanto o Enunciado (a maior camada do Nível Fonológico) tipicamente coincide com o Movimento, Frases Entonacionais normalmente correspondem a Atos Discursivos. Essa correlação, no entanto, não é categórica.

Como mostrado, a M-negação corresponde a um Ato Discursivo e, por isso, o mais provável é que, no Nível Fonológico, “não” constitua, em última instância, uma Frase Entonacional.

Como visto em 2.4.2 (p. 84-85), uma Frase Entonacional é reconhecida com base em propriedades internas e externas: internamente, ela é caracterizada por um contorno nuclear; externamente, ela é tipicamente (mas não obrigatoriamente) separada de outras Frases Entonacionais por uma pausa. Para atestar se “não” constitui Frase Entonacional, verifica-se a presença de acento nuclear e de pausa.⁹⁰

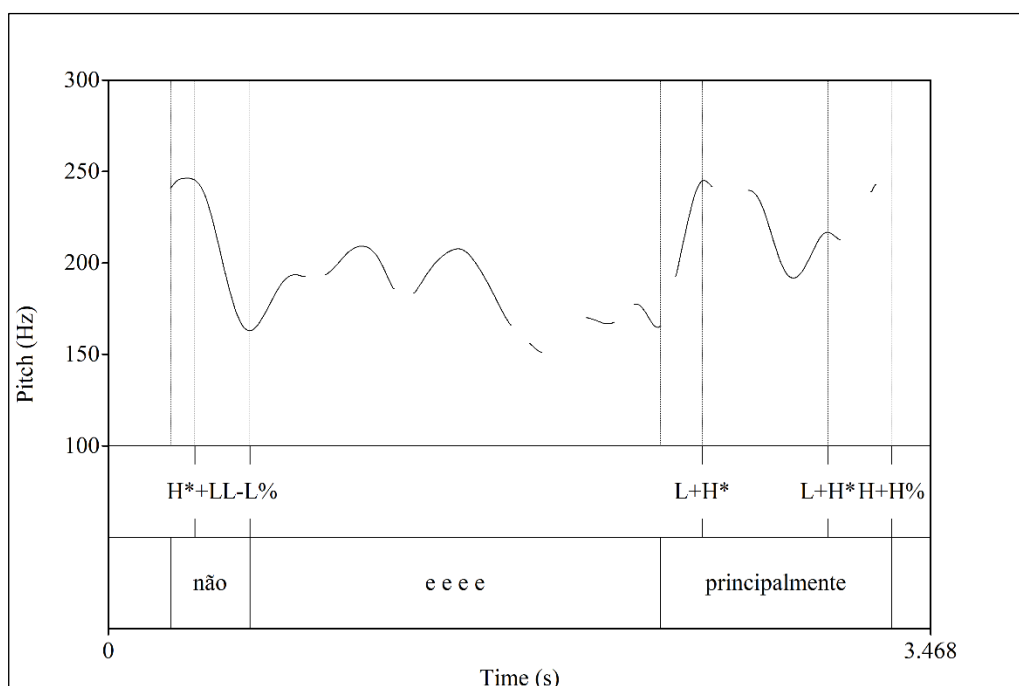
⁹⁰ Entre as ocorrências coletadas, apenas as obtidas do C-ORAL-BRASIL são analisadas, tendo em vista que os áudios do NURC não apresentam qualidade suficiente para análise da fala.

Os dados mostram que “não” da M-negação apresenta acento nuclear, com contorno nuclear H^*+L $L-L\%$, sem, no entanto, ser separado por pausa dos segmentos que o seguem, para não dar chance de o turno, recém-conquistado, ser tomado de volta pelo interlocutor. Por isso, o Participante que realiza o Assalto, evita pausas, mesmo que ele não tenha ainda concebido claramente o que deseja declarar, como em (196), em que, após a interjeição “não”, há hesitação por repetição, sendo a conjunção “e” repetida.

- (196) GIL: pra próxima taça / a gente tem que também mandar um e-mail / falando tipo / é quase como se fosse pedindo &des / não pedindo desculpa / mas assim / falando / que essa / a próxima vai ser diferente / em tais e tais aspectos / e tal // porque +
LUI: ***não*** / e / e / e / e *principalmente* / convocando a galera / falar assim / o' / galera / negócio seguinte / tá pensando em organizar um torneio / e a gente quer / que vocês participem / da organização / <mandando representante> + [bfamcv01_2009]

Os contornos entonacionais do trecho em *itálico* de (196), produzidos no Componente Articulatorio, são ilustrados no Gráfico 1, em que não se nota pausa separando “não” da conjunção aditiva “e”.

Gráfico 1 – Frequência fundamental em Hz por tempo em segundos do seguimento “não e e e e e principalmente” da ocorrência em (196)



Fonte: Autoria própria.

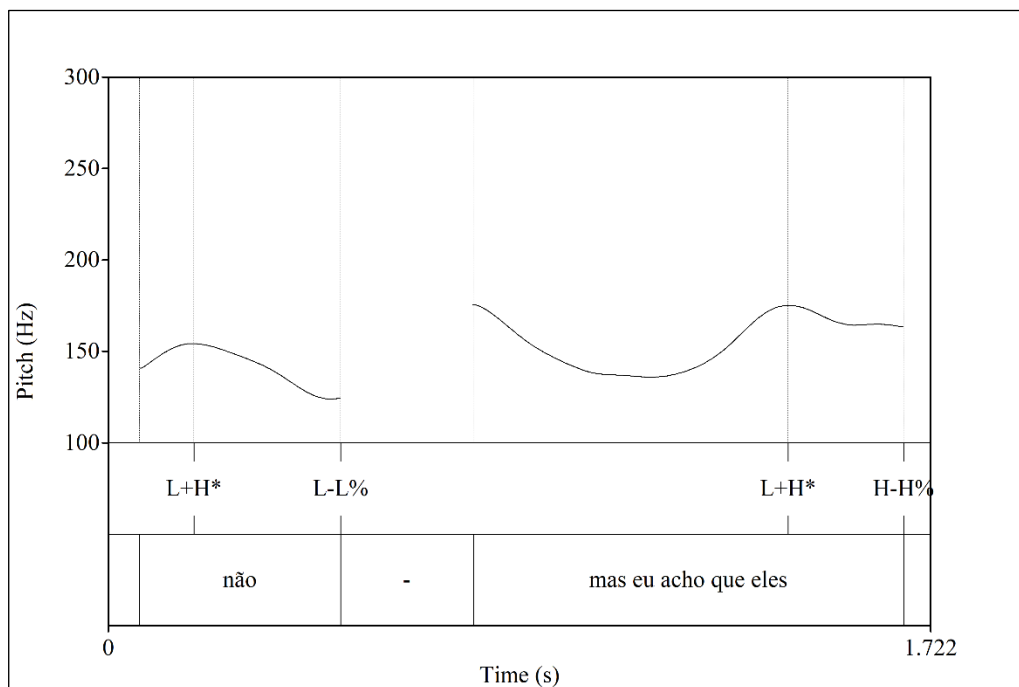
A Frase Entonacional que codifica o Ato Discursivo “não” da M-negação apresenta contorno entonacional final descendente, resultado do operador *f(alling)* que especifica as camadas da Frase Entonacional e da Frase Fonológica, indicando, respectivamente, tom de fronteira (L%) e acento frasal (L-). Antes do contorno final descendente, porém, há um tom alto. Embora não apresente pausa, é nítido o acento nuclear em “não”, o que lhe dá o estatuto de Frase Entonacional.

No português, como atestam Frota e Vigário (2000) e Tenani (2002), a Frase Entonacional de enunciado declarativo neutro tem um tom inicial associado à primeira Sílabas tônica, descrito como H* por Frota e Vigário (2000) e como L+H* por Tenani (2002). Em ambas as descrições, o início da Frase Entonacional é marcado por um tom alto. Assim, para verificar se o tom alto de “não” da M-negação é apenas o reflexo de uma propriedade fonológica do PB, compara-se a outro tom alto, produzido pelo mesmo falante, na palavra “não” em (197), que é uma palavra vicária usada por LUI para negar o Estado de Coisas “eles são veteranos”, de modo a concordar com o que diz GIL.

- (197) GIL: Mauro e Filhos é um time muito legal / eu gostaria que eles continuassem / mas eles não são veteranos //
- LUI: *não* // <mas eu> <acho que eles> +
- EVN: <não> / <mas eu acho que assim> +
- LUI: <mas isso nã tem importância> não // [bfamcv01_2009]

No Gráfico 2, são ilustrados os contornos entonacionais do trecho em *itálico* de (197).

Gráfico 2 – Frequência fundamental em Hz por tempo em segundos do segmento “não mas eu acho que eles” da ocorrência em (197)



Fonte: Autoria própria.

Ao se comparar a curva ascendente de “não” no Gráfico 1 com o tom alto de “não” no Gráfico 2, nota-se que, na M-negação em (196), a altura é mais acentuada (aproximadamente, 250 Hz contra 150 Hz, uma diferença de cerca de 8 semitons). Assim, o tom alto na M-negação é reflexo de um operador distinto, anotado como H*+L pelo sistema ToBI, conforme mostra a curva entonacional (cf. Gráfico 3) da ocorrência em (193), repetida por conveniência em (198).

(198) L2: eu não viajo nem num outro carro acima de oitenta ou noventa... de velocidade... a kombi dá prá fazer isso de modo que eu vou tranquilo... eu pretendo chegar sair daqui... sexta-feira de manhã pra poder estar no sábado em Belo Horizonte... tranquilo.

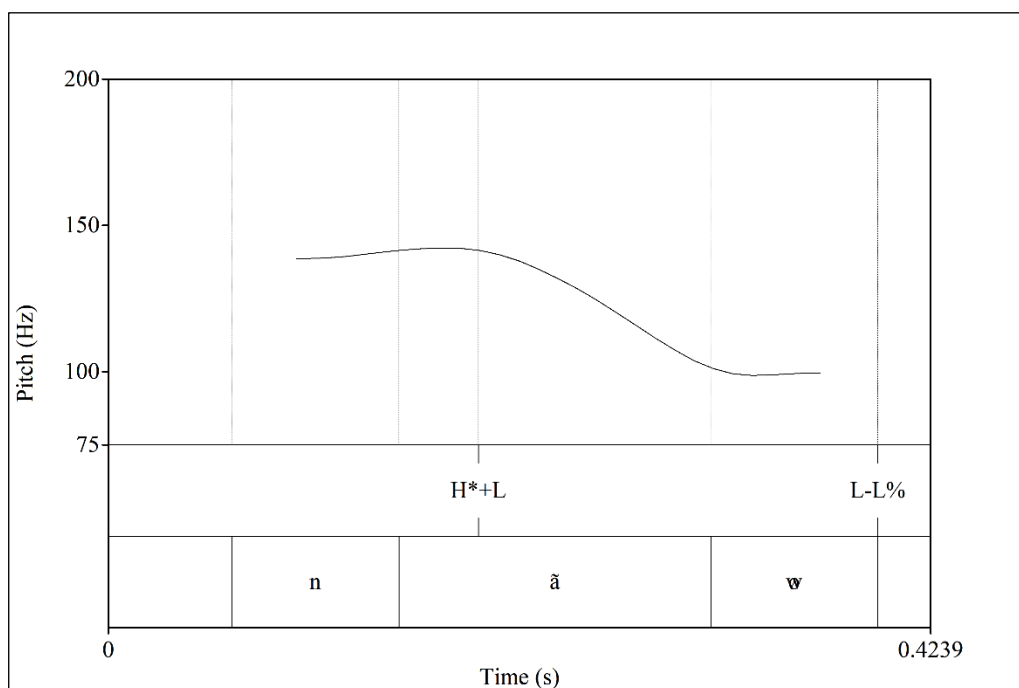
L1: tá... tá

L2: <de modo que>

L1: <eu sei que...> que essa viagem por Governador Valadares está boa inclusive saindo daqui de manhã quer dizer quem gosta de <viajar de manhã>

L2: <não **o meu**> **problema é chegar a Governador Valadares Valadares...** porque aquele trecho/ trecho de Milagres... e o trecho depois de Conquista... ave-maria já não aguento mais... eu preferia ir pela BR-101 e subir lá por/ por Campos... e subir prá Belo Horizonte era muito mais distraído

L1: a BR-101 não precisa ir a Campos... [D2 SSA 98]

Gráfico 3 – F0 em Hz por tempo em segundos da M-negação em (198)

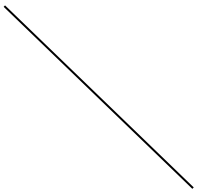
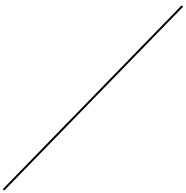
Fonte: Autoria própria

Kojadinović (2022, p. 614), no entanto, não propõe operadores fonológicos para acentos de tom bitonais. Isso não seria necessário se não houvesse distinção fonológica entre eles, mas, ao se comparar a realização prosódica da M-negação no Gráfico 3 com a negação vicária de Estado de Coisas no Gráfico 2 (cf. também a de A-negação e a de p-negação em 5.2.4, p. 171 *et seq.*), nota-se que esses tons são fonologicamente distintos, essenciais para interpretação do âmbito de incidência da negação.

Nesse sentido, propõe-se neste trabalho uma ampliação no número de operadores fonológicos da GDF, não apenas para explicar as propriedades fonológicas da M-negação, mas também para permitir a descrição da gramática de tons, sob a perspectiva da GDF, de línguas como o português.

Inicialmente, Hengeveld e Mackenzie (2008) apresentam quatro operadores: *Rising* e *Falling* para uma ascendência e uma descendência tonal, respectivamente, e os operadores *High* e *Low*, que, nesse caso, não descrevem uma ascendência ou descendência tonal, mas sim a manutenção de tom agudo e grave na Sílabas relevante. Esses quatro operadores são virtualmente representados pela Figura 6.

Figura 6 – Operadores fonológicos e representação virtual dos acentos de tom

f	r	l	h
			

Fonte: Autoria própria.

No entanto, Frota, Oliveira, Cruz e Vigário (2015), ao desenvolverem o sistema de notação ToBI para o português, o P_ToBI, apontam que as variedades do português apresentam uma gama de acentos de tom bitonais fonologicamente distintivos, sendo três nucleares ($H+L^*$, H^*+L , L^*+H) e dois pré-nucleares $H+!H^*$, $L+H$)⁹¹.

Desse modo, para abarcar a descrição entonacional de línguas como o português, modifica-se o Quadro 7 de Kojadinović (2008, p. 614), de modo a relacionar operadores fonológicos aos diversos tipos de acentos de tom bitonais, conforme Quadro 9.⁹²

Quadro 9 – Tons e operadores (atualizado)

Tom	Operador	Camada do NF
T%	f/r	IP
T-	f/r/∅	PP
T*	h/l	PP
T+T*	f/r	
T*+T	l'/h ^f	

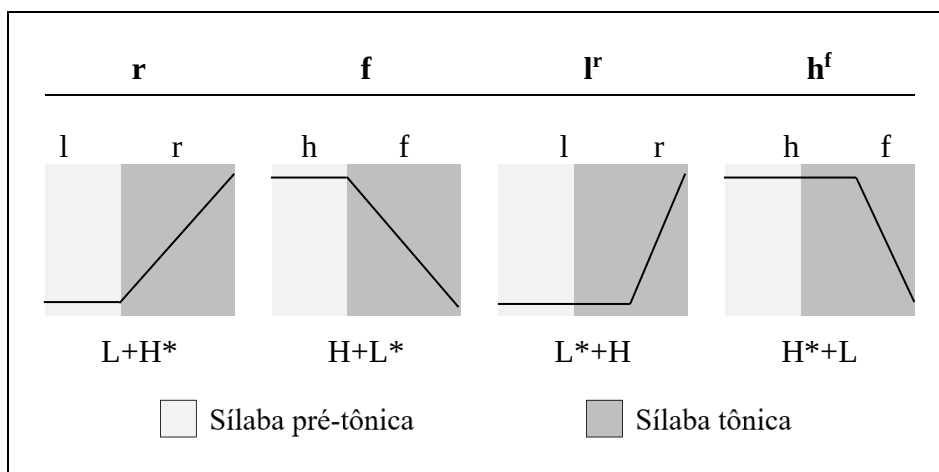
Fonte: Autoria própria.

Os acentos de tom bitonais são virtualmente representados na Figura 7 e correlacionados aos respectivos operadores propostos no Quadro 9.

⁹¹ O ponto de exclamação indica *upstep* (degrau abaixo), ao passo que um ponto de exclamação invertido é um *downstep* (degrau acima). Esses diacríticos, quando associados ao tom H, indicam um alvo tonal abaixo de H, mas acima de L, e um alvo tonal acima de H, respectivamente. Em $L+H$, o asterisco não é indicado porque não há relatos de contraste fonológico entre L^*+H e $L+H^*$ quando representam acentos de tom pré-nucleares.

⁹² A relação de operadores fonológicos entonacionais propostos no Quadro 9 não tem a pretensão de ser exaustiva. Provavelmente, outros detalhes, senão operadores, precisam ser adicionados, como, por exemplo, um que corresponda a um tom médio. Essa e outras questões ficam para futuras investigações.

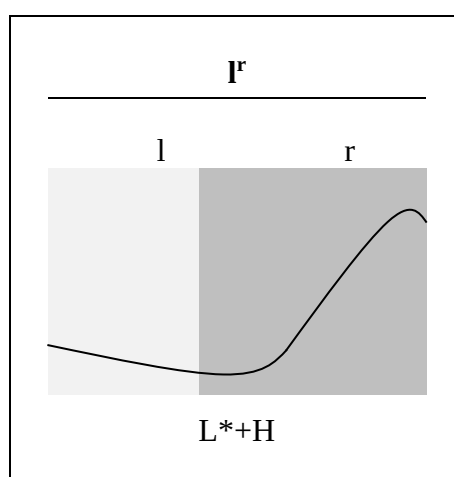
Figura 7 – Operadores fonológicos e representação virtual dos acentos de tom bitonais alinhados à Sílabas proeminente da Frase Fonológica



Fonte: Autoria própria.

Obviamente, os acentos de tom não apresentam exatamente a mesma curva intonacional da Figura 7. A representação virtual da curva intonacional do acento de tom bitonal L^*+H , desencadeado pelo operador *Low-rising* (l^r), por exemplo, pode se realizar analogicamente, no Componente Articulatório, como na Figura 8.

Figura 8 – Operador fonológico *Low-rising* e possível realização analógica do acento de tom bitonal correspondente L^*+H alinhado à Sílabas proeminente da Frase Fonológica



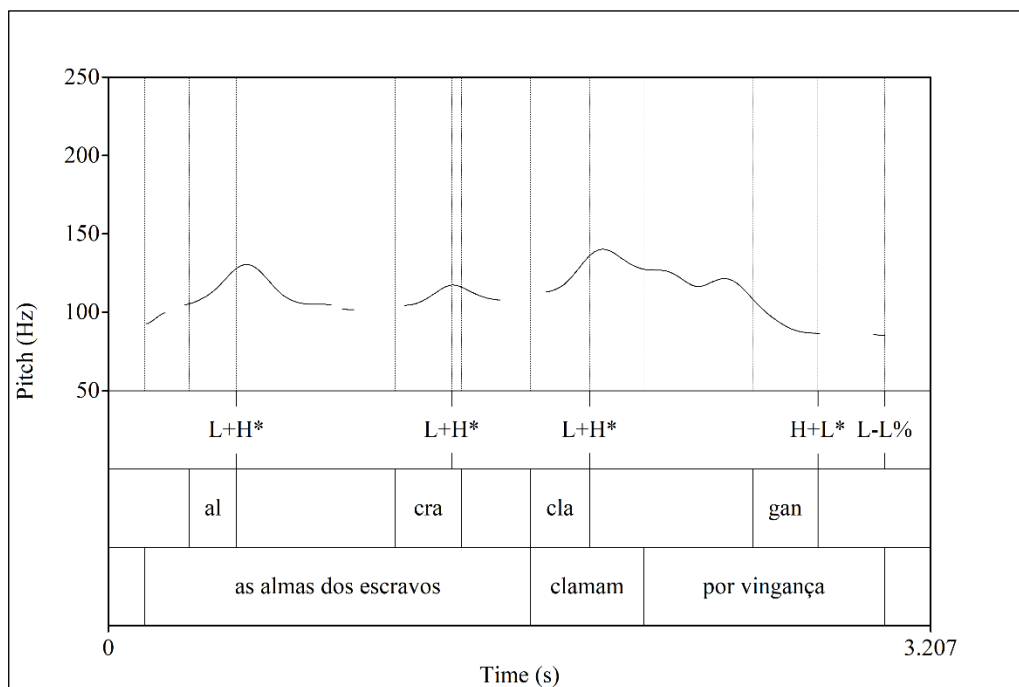
Fonte: Autoria própria.

Para demonstrar como esses operadores devem ser utilizados, analisa-se a expressão linguística em (87), repetida por conveniência em (199), cuja curva intonacional é ilustrada no

Gráfico 4, em que também se pode notar a correspondência dos operadores com a notação do sistema ToBI utilizado no gráfico.

(199) -> *as almas dos escravos clamam por vingança* (BRA72:Fazenda)

Gráfico 4 – Frequência fundamental em Hz por tempo em segundos da ocorrência em (199)



Fonte: Autoria própria.

Em (199), há três Frases Fonológicas que juntas formam uma Frase Entonacional. As Sílabas proeminentes de cada Frase Fonológica são “cra”, “cla” e “gan”, em que os acentos de tom se realizam, as duas primeiras com uma ascendência e a última, com uma descendência. Em 2.4.3 (p. 87), seguindo Kojadinović (2008), esses acentos de tom são representados como correspondendo aos operadores *High* e *Low*. Agora, de acordo com a nova proposta, eles são representados pelos operadores *Rising* e *Falling*, conforme (200).

(200) (f IP_i: [(r PP_i: /as'almasdoses'kravos/ (PP_i)) (r PP_j: /'klamaN/ (PP_j)) (f f PP_k: /porviN'gaNsa/ (PP_k))] (IP_i))

O operador *Falling* é aplicado duas vezes em PP_k, já que o primeiro desencadeia o acento frasal e o segundo, o acento tonal no Componente Articulatório.

Além dos três acentos de tom de cada Frase Entonacional, há um quarto acento de tom alinhado à Sílabas “al” de “alma”. Isso ocorre porque, como já mencionado, no português, a Frase Entonacional de enunciado declarativo neutro tem um tom inicial associado à primeira Sílabas tônica (cf. Frota; Vigário, 2000; Tenani, 2002).

Considerando que esse tom inicial ocorre na primeira Sílabas tônica e que a presença de uma Sílabas tônica é o que define a Palavra Fonológica, defende-se aqui que esse tom é resultado do operador *Rising* aplicado à primeira Palavra Fonológica da Frase Entonacional, o que quer dizer que operadores fonológicos de acentos de tom podem especificar outras camadas que não seja a da Frase Fonológica.⁹³

Uma vez ampliado o aparato de descrição tonal da GDF, de modo a aproximá-lo ainda mais do sistema de notação ToBI, pode-se, com mais precisão, descrever as propriedades fonológicas da M-negação.

A M-negação apresenta contorno entonacional H^*+L $L-L\%$, conforme já demonstrado. Esse padrão entonacional é desencadeado pelos operadores em (201), que representa fonologicamente a M-negação.

(201) (f IP_i: (f h^f PP_i: -/'nawN/- (PP_i)) (IP_i))

O operador *Falling* que especifica a Frase Entonacional é responsável pelo tom de fronteira $L\%$. O mesmo operador, dessa vez aplicado à Frase Fonológica, indica o acento frasal $L-$. Por fim, o operador *High-falling* (h^f) do acento de tom H^*+L também especifica a camada da Frase Fonológica. Esse operador indica ao Articulador, no Componente Articulatorio, que o Enunciado deve ser iniciado com um tom agudo.

Esse tom agudo existente na M-negação é um reflexo prosódico do Assalto. Trata-se de uma ferramenta utilizada pelo Falante para tomar o turno de fala de seu interlocutor, de modo a sobrepujar a sua voz e, assim, assaltar o turno, além de permitir sua distinção de negações vicárias.

A representação do Nível Fonológico da M-negação no contexto em que ela ocorre é a oferecida em (202).

⁹³ Conforme atestam Fernandes-Svartman e Romano (2017), inclusive, esse tom inicial ascendente pode se associar a primeira Sílabas com acento secundário de uma Frase Entonacional. Nesse caso, o operador *Rising* especifica a camada do Pé, mas no Nível Fonético, nível proposto por Seinhorst (2014), já que esse fenômeno, ao contrário do descrito por Frota e Vigário (2000) e Tenani (2002), não é categórico.

(202) $(U_1: [(f \text{ IP}_1: (f \text{ h}^f \text{ PP}_1: -/'\text{nawN}/- (\text{PP}_1)) (\text{IP}_1)) \{...\} (\text{IP}_{1+N}) \{...\}] (U_1))$ tal que $N \geq 1$

Em (202), IP_{1+N} mapeia o Ato Discursivo Declarativo produzido após o Interativo “não”. Entre PP_1 e IP_{1+N} e depois de IP_{1+N} , podem ocorrer outras Frases Entonacionais, que então expressam Atos Discursivos Subsidiários. Essas Frases Entonacionais juntas formam um Enunciado (U_1), que é a expressão formal fonológica do Movimento iniciado pelo Participante ao assaltar o turno de seu interlocutor.

Além disso, o item negativo “não” que mapeia a M-negação não é foneticamente reduzido, ou seja, não é articulado como “num”, “nu” ou “n”. Esse bloqueio da redução é explicado pelo fato de “não” ser uma Frase Entonacional por si só e, portanto, sob a perspectiva da Fonologia Prosódica (Nespor; Vogel, 1986; 2007), carregar o acento frasal principal da sentença. Não sendo reduzido, a Sílabas “não” também apresenta acento primário, resultado do operador *(s)tress*, aplicado tanto à camada do Pé como à camada da Sílabas, conforme representado em (203).

(203) $(f \text{ IP}_1: (f \text{ h}^f \text{ PP}_1: (\text{PW}_1: (\text{s F}_1: (\text{s S}_1: /'\text{nawN}/ (\text{S}_1)) (\text{F}_1)) (\text{PW}_1)) ((\text{PP}_1)) (\text{IP}_1))$

A subseção a seguir sumariza os resultados da análise e descrição da M-negação.

5.1.5 Conclusões

Nesta subseção, propôs-se a existência de negação relacionada à camada do Movimento, que, no PB, é expressa por “não”, tipo de negação não tratado em Hengeveld e Mackenzie (2018).

As relações de correspondência entre os níveis da Formulação e os da Codificação quando da execução da M-negação são representadas na Figura 9, tal que N é igual ou maior que um.

Figura 9 – Correspondência entre os níveis da Formulação e os níveis da Codificação na negação de Movimento

NI:	(M ₁ : [(A ₁ : [(F ₁ : (D ₁ : /'nawN/Intj (D ₁)) (F ₁)) (P ₁) _S (P ₂) _A](A ₁)) _{Prelude}	
NR:		
NM:	(Le ₁ : [(Intjw ₁ : –não– (Intjw ₁))	
NF:	(U ₁ : [(f IP ₁ : (f h ^f PP ₁ : –/'nawN/– (PP ₁)) (IP ₁))	
NI:	{...} (A _{1+N} : [... (C ₁ : H (C ₁))] (A _{1+N})) {...}] (M ₁))	
NR:	{...} (p ₁ : ... (f ^c ₁ : h (f ^c ₁)) ... (p ₁)) {...}	
NM:	{...} (Cl ₁ : h (Cl ₁)) {...}] (Le ₁))	
NF:	{...} (IP _{1+N} : h (IP _{1+N})) {...}] (U ₁))	

Fonte: Autoria própria.

A Figura 9 evidencia, entre outros aspectos, que o Ato Discurso Interativo “não” (A₁) da M-negação não é formulado no Nível Representacional, já que essa negação é estritamente acional.

As hipóteses foram confirmadas e os resultados da análise da M-negação são sumarizados a seguir:

- (i) No Nível Interpessoal, a M-negação ocorre no par dialógico Falante-Ouvinte. No PB, ela é formulada como um Ato Discursivo Interativo cuja Ilocução é preenchida pelo Lexema Acional “não”, responsável por chamar a atenção para si, interrompendo o Movimento em execução e tomando o turno de fala, o que reflete seu papel no gerenciamento da interação. Esse Ato Discursivo veicula a macrofunção retórica Prelúdio, subsidiando um Ato Discursivo Nuclear em que o assunto do discurso é mantido, refletindo, por outro lado, o papel no gerenciamento do discursivo da M-negação. O Ato Discursivo Nuclear, que segue o Interativo Subsidiário, é sempre de Conteúdo com Ilocução Proposicional, em que o Falante desenvolve algum aspecto do tópico discursivo em andamento. Juntos, o Ato Discursivo Interativo Subsidiário e o de Conteúdo Nuclear formam um Movimento.
- (ii) No Nível Representacional, o Ato Discursivo Interativo “não” não é formulado, já que a M-negação é unicamente acional e não descritiva. Isso significa que há uma discrepância entre os níveis da Formulação, numa relação de um-para-zero. Já o Ato Discursivo de Conteúdo, que segue a M-negação, apresenta um Conteúdo Proposicional de núcleo configuracional, tendo, por isso, representação nesse nível.

- (iii) No Nível Morfossintático, a Palavra Interjetiva “não” ocupa P^{pre} da Expressão Linguística. Essa posição reflete o estatuto de Ato Discursivo Subsidiário de “não”. O Ato Discursivo Nuclear, por sua vez, é codificado por uma Oração, que fica em P^{centre} da Expressão Linguística, que, por sua vez, mapeia o Movimento iniciado com o Assalto.
- (iv) No Nível Fonológico, por fim, “não” constitui uma Frase Entonacional com contorno nuclear $H^*+L \ L-L\%$, desencadeado pelos operadores fonológicos *Falling* (acento frasal) e *High-falling* (acento de tom), que especificam a camada da Frase Fonológica, e pelo operador *Falling* (tom de fronteira), aplicado à Frase Entonacional. O tom agudo produzido no Componente Articulatório por conta do operador *High-falling*, ao reforçar a distinção desse tipo de negação de outras formas negativas, caracteriza a M-negação no PB. Por ser a única Sílabas de uma Frase Fonológica, “não” não sofre processo de redução fonética. Além da Frase Entonacional “/’nawN/”, outra é produzida em correspondência ao Ato Discursivo de Conteúdo (e ao Conteúdo Proposicional e à Oração, nos níveis abaixo). Ambas as Frases Entonacionais formam juntas um Enunciado, que mapeia tanto o Movimento, no Nível Interpessoal, como a Expressão Linguística, no Nível Morfossintático.

A subseção a seguir analisa a A-negação no PB.

5.2 A-NEGAÇÃO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO: REJEIÇÃO

Atos Discursivos são as menores unidades identificáveis de comportamento comunicativo que, ao contrário do Movimento, não exercem necessariamente a função de avançar a comunicação em termos de atingir um objetivo comunicativo (cf. 1, p. 49-55; Hengeveld; Mackenzie, 2008, p. 60-68).

Já a negação de Ato Discursivo (A-negação), denominada Rejeição, consiste, como demonstrado em 3.1.1 (p. 91-93), na desautorização de um Ato Discursivo anteriormente proferido, baseada na impropriedade do ato de fala enunciado na situação comunicativa em questão.

Segundo Hengeveld e Mackenzie, a Rejeição é motivada pelo fato de que o Participante B considera que o Participante A “não está em posição de lhe dizer o que fazer”⁹⁴ (2018, p. 36), como em (18), repetido por conveniência em (204).

(204) Hengeveld e Mackenzie (2018, p. 36):

- A: Go home!
‘Vá para casa!’
- B: **No!** (I don’t accept your order.)
‘Não! (eu não aceito sua ordem.)’

Em outras palavras, a assimetria entre os falantes A e B motivaria, em tese, a Rejeição, embora os autores não estabeleçam explicitamente (*e.g.*, por meio de um conectivo causal) uma relação de causa e consequência entre essa assimetria e a A-negação.

Diante disso, levanta-se a seguinte pergunta de pesquisa:

- (i) É a assimetria entre os Participantes que motiva a Rejeição?

Além disso, a seguir, verifica-se se a A-negação é capaz de rejeitar outros tipos de Atos Discursivos que não sejam Imperativos, único exemplo oferecido por Hengeveld e Mackenzie (2018), ou seja, a segunda pergunta de pesquisa principal é a seguinte:

- (ii) A Rejeição pode ocorrer com Atos Discursivos que não sejam Imperativos?

⁹⁴ No original: [...] *is not in a position to tell him/her what to do.*

Além dessas duas questões, este trabalho pretende responder às seguintes perguntas secundárias, as mesmas respondidas com relação à M-negação:

- (iii) Qual o estatuto da A-negação no Nível Interpessoal, ou seja, operador, função, modificador ou núcleo de uma camada?
- (iv) A A-negação apresenta contraparte no Nível Representacional, como a C-negação e a SA-negação?
- (v) Como a A-negação é codificada, tanto no Nível Morfossintático como no Nível Fonológico?

Essas questões (e outras decorrentes de suas respostas) são respondidas nas subseções seguintes: de 5.2.1 a 5.2.4, são descritas as propriedades pragmáticas, semânticas, morfossintáticas e fonológicas da A-negação no PB; e, em 5.2.5, resumam-se os resultados da análise empreendida e apresentam-se as relações de correspondência entre os níveis da Formulação e os da Codificação quando da execução da A-negação.

5.2.1 Nível Interpessoal

Como evidenciado 3.1.1 (p. 91-93), a A-negação, diferentemente dos outros tipos de negação, não é formulada como um operador dessa camada. Ela, na verdade, compõe o núcleo de um Ato Discursivo, conforme representa (103), repetido por conveniência em (205).

(205) Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 149; 2018, p. 36):

(A₁: no (A₁))

Por meio desse Ato Discursivo de negação, o Falante rejeita um ato de fala de seu interlocutor. Isso significa que é somente na relação entre Falante e Ouvinte que a Rejeição ocorre, de modo que a própria negação é um Ato Discursivo de um Participante que rejeita outro Ato Discursivo de outro Participante do discurso.

A representação em (205) mostra que “no”, ou “não” no PB, compõe o núcleo de um Ato Discursivo. Resta saber qual unidade núcleo desse Ato Discursivo “não” compõe.

Considerando que “não” compõe o núcleo de um Conteúdo Comunicado, deve ser possível, então, questioná-lo ou reportar sua fonte a outrem, mas, como mostra os testes em (206), isso não é possível.

- (206) a A: Vá para casa!
 B: **[*Diz que]** não!
- b A: Vá para casa!
 B: Não[*?]

Questionar o item negativo “não” que expressa Rejeição (cf. 206a) ou indicar a sua fonte (cf. 206b) não é possível porque não ocorre uma série de ações (Subatos) que evoquem uma imagem do mundo sobre a qual o Falante diga algo, ou seja, não é formulado um Conteúdo Comunicado.

O primitivo “não” também não é formulado no núcleo do Falante ou do Ouvinte. Se assim fosse, ele deveria ser (ou restringir) um (pro)nome que se refere a um dos Participantes do discurso, o que, obviamente, não é o caso. Desse modo, por eliminação, o elemento “não” só pode se relacionar à Ilocução.

No núcleo do Ato Discursivo da A-negação, “não” se insere na Ilocução, responsável por atribuir, aos Ato Discursivos, usos interpessoais convencionalizados na consecução de uma intenção comunicativa, podendo seu núcleo ser preenchido por uma Ação Lexical (D).

Esse é o caso da A-negação, que, assim como a M-negação, é formulada como um Ato Discursivo Interativo em que o elemento “não” é uma interjeição que representa uma Ação Lexical, núcleo de Ilocução, conforme representado em (207).

- (207) (A₁: [(F₁: (D₁: /'nawN/Intj (D₁)) (F₁)) (P₁)_S (P₂)_A] (A₁))

Enquanto, na M-negação, a interjeição “não” representa a tentativa do Participante de interromper o Movimento de seu interlocutor, assaltando-lhe o turno, na A-negação, ela constitui uma ação para rejeitar um Ato Discursivo anteriormente proferido. A multifuncionalidade da interjeição “não” é explicada pelo fato de que interjeições transmitem significado processual, ou seja, “elas ajudam na construção do significado ao orientar os destinatários para interpretações relevantes ao valor comunicativo das próprias interjeições e das expressões que as acompanham”⁹⁵ (Contreras-García; Velasco, 2016, p. 211). Nesse sentido, a interpretação das interjeições depende do contexto em que são utilizadas (acrescenta-se, a isso, a prosódia com que são enunciadas).

⁹⁵ No original: [...] *they aid in meaning construction by guiding addressees to relevant interpretations of the communicative value of interjections themselves and the accompanying expressions.*

Os dados coletados demonstram que a A-negação não é utilizada para rejeitar apenas Atos Discursivos de Ilocução Imperativa, como em (102), repetido por conveniência (208), em que se nega a ordem “fica aqui com as menina”.

- (208) Inf.1: ele falô(u) –“eu vô(u) eu vô(u) tomá(r) banho que minha ro(u)pa tá lá no hotel”– que ele traZIA e em vez de trazê(r) pra casa pa lava lavava no hotel que lá tem aquelas má::quinas... aquelas coisa... aquelas funcionária tudo lavava... e ele levava as ro(u)pa da semana... aí ele falô(u) –“eu vô(u) pegá(r) minha RO(u)pa e vô(u) tomá(r) banho já e:: passo aqui né? po... pra mim í(r) embora... –“FICA AQUI COM AS MENINA”– ... eu falei –“**não** eu também vô(u) em casa tomá(r) banho”– tava calor... [AI-001; CAS: L. 13]

Observar a inexistência dessa restrição é importante porque Hengeveld e Mackenzie (2018) exemplificam a Rejeição apenas a Atos Discursivos com Ilocução Imperativa, mas, como se vê na ocorrência (209), a A-negação também rejeita Atos Discursivos Declarativos.

- (209) RUT: <pelo> amor de Deus / nũ me convida pa ser pa / madrinha não / hein //
 TER: <hein> // <não> //
 RUT: <já vou> avisando com antecedência //
 TER: <escuta só que que a> Dani tava <falando> //
 RUT: <morro de vergonha> // <morro de> vergonha de <desfilar> //
 TER: <psiu> //
 RUT: Nossa <Senhora> //
 TER: <hein> // é porque é da família lá dele / né // <o’> //
 RUT: <ahn> //
 TER: a mãe da Fa / da +
 JAE: mas é lógico que ea vai pôr ocês / uai //
 RUT: **não** // pra quê // eu nũ quero não // Deus me livre //
 JAE: ocê / <Tonita / todo mundo vai> //
 RUT: <morro de vergonha> / cê nũ viu que o> da Tiane eu nem <entrei> na igreja //
 JAE: <é> //
 RUT: eu nũ fui não / minha filha / lá não //
 TER: hein //
 RUT: morro de vergonha // [bfamcv02]

Em (209), rejeita-se a declaração “mas é lógico que ela vai pôr vocês”. Nesse caso, o Falante identificado como RUT não coloca em questão a verdade de “é lógico que ela vai pôr vocês”, mas sim a aceitabilidade de sua declaração, já que, provavelmente, para RUT, a ideia

de ser madrinha de casamento de Dani é tão indesejada que declarar essa ideia não é sequer autorizada. Por se tratar de A-negação, “não”, em (209), pode ser substituído por “nem vem”.

O que os exemplos em (208) e (209) têm em comum é que, em ambos, nega-se a relação que se estabelece entre os componentes do Ato Discursivo rejeitado, seja Imperativo, seja Declarativo. Nesse sentido, é negada ao Participante A a aplicação de uma força ilocucionária a um determinado Conteúdo Comunicado dirigido ao Participante B.

A negação da relação entre as unidades que compõem o Ato Discursivo é possível porque essas unidades são configuracionalmente relacionadas, conforme Hengeveld e Mackenzie (2008) e Hengeveld e Keizer (2025), de modo que a Ilocução é tomada como predicado dentro do núcleo do Ato Discursivo e o Conteúdo Comunicado e os dois Participantes do discurso funcionam como argumentos, assim como qualquer argumento do Nível Representacional. Sendo mais específico, na A-negação, o Falante nega a aceitabilidade da relação de predicado-argumento entre os componentes de um Ato Discursivo anteriormente proferido.

São nesses termos que a Rejeição é definida, e não como colocam Hengeveld e Mackenzie (2018, p. 36): o Participante B considera que o Participante A não está em posição de lhe dar uma ordem. Essa motivação para a A-negação não se sustenta, já que o Participante B poderia considerar que A não está em posição de lhe dizer o que fazer, mas, mesmo assim, fazê-lo contra sua vontade. Logo, a motivação por trás da Rejeição está no julgamento do Participante B de que a relação de predicado-argumento entre os componentes do Ato Discursivo do Participante A é inapropriada para o contexto comunicativo. É precisamente por esse motivo que a A-negação pode negar Atos Discursivos com todos os tipos de Ilocução abstrata.

Antes, contudo, é preciso definir quais Ilocuções abstratas estão disponíveis ao PB.

Conforme mencionado em 2.1.3 (p. 57), as Ilocuções abstratas são definidas como uma coincidência de estrutura gramatical e uso conversacional convencional, mas nem toda língua dispõe de primitivos gramaticais que codificam todas as Ilocuções abstratas. Nesse caso, as não distinguidas são expressas por meios lexicais ou por outras Ilocuções. No PB, apenas as Ilocuções Declarativa, Exclamativa, Optativa, Interrogativa (Polar e de Conteúdo), Imperativa e Exortativa têm primitivos gramaticais correspondentes. As quatro primeiras são Ilocuções Propositionais, ao passo que as duas últimas são Comportamentais. Todas essas Ilocuções abstratas nucleiam Atos Discursivos de Conteúdo.

Contudo, há ainda a Ilocução Interpelativa (INTERP), que ocorre em Atos Discursivos Interativos vocativos sem marcação explícita, nos casos em que, para se interpelar o Ouvinte, o Falante o chama pelo nome.

A Ilocução Declarativa (DECL) é responsável por informar o Ouvinte sobre uma proposição evocada pelo Conteúdo Comunicado. No PB, essa Ilocução é codificada no Nível Fonológico por um contorno entonacional descendente, desencadeado pelo operador *Falling* (f) na camada da Frase Entonacional (IP). Em (210), tem-se um exemplo de Ato Discursivo Declarativo.

(210) Nós vamos passar perto da casa velha. (BRA72: Fazenda)

NI: (A_I: [(F_I: **DECL** (F_I)) (P_I)_S (P_J)_A (C_I: –nós vamos passar perto da casa velha– (C_I))] (A_I))

NF: (f IP_i: –/'nɔs'vamospa'saR'pɛRtoda'kaza'veʎa/– (IP_i))

A Ilocução Exclamativa (EXCL), por sua vez, manifesta uma “avaliação pessoal” (Olbertz, 2012, p. 80) do Falante em relação ao Conteúdo Proposicional evocado pelo Conteúdo Comunicado, como em (211).

(211) **Que** discurso maravilhoso que a senhora fez na sua tribuna. (Disponível em: <https://www.camaracaxias.rs.gov.br/atividadelegislativa/listarOrdem/3058>. Acesso em: 26 set. 2024).

NI: (A_I: [(F_I: **EXCL** (F_I)) (P_I)_S (P_J)_A (C_I: –discurso maravilhoso que a senhora fez na sua tribuna– (C_I))] (A_I))

NM: (Le_i: [(Np_i: –**que** discurso maravilhoso que a senhora fez na sua tribuna– (Np_i))] (Le_i))

No PB, a Ilocução Exclamativa é codificada por um operador morfossintático (EXCL), que, no Nível Fonológico, recebe a forma fonêmica de palavras-QU (*WH-words*), como “que” em (211).

Já com a Ilocução Optativa (OPT), o Falante indica ao Ouvinte o seu desejo de que a situação evocada pelo Conteúdo Comunicado se concretize, como em (212).

- (212) **Que** Fernanda Torres ganhe (Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qfa0Y-Ec840>. Acesso em: 4 mar. 2025.)

NI: (A_I: [(F_I: **OPT** (F_I)) (P_I)_S (P_J)_A (C_I: –Fernanda Torres ganhe– (C_I))] (A_I))

NM: (Le_i: (Cl_i: –**que** Fernanda Torres ganhe– (Cl_i)) (Le_i))

Essa Ilocução, no PB, é codificada pela Palavra Gramatical “que” no início da Oração somada ao Afixo verbal do modo do subjuntivo. O sentido optativo também é expresso por Atos Discursivos Interativos cujas interjeições são “oxalá” ou “tomara”, podendo ou não ser desenvolvidas por Conteúdos Comunicados. A ocorrência em (213) é um exemplo em que a interjeição “tomara” toma um Conteúdo Comunicado como seu argumento.

- (213) **Tomara** que Fernanda torres ganhe esse Oscar! (Disponível em: <https://web-cdn.bsky.app/profile/ianlima.bsky.social/post/3l3cpi73vnr2c>. Acesso em: 4 mar. 2025.)

NI: (A_I: [(F_I: (D_I: /to'mara/Intj (D_I)) (F_I)) (P_I)_S (P_J)_A (C_I: –Fernanda Torres ganhe esse Oscar– (C_I))] (A_I))

NM: (Le_i: [(Intjp_i: –**tomara** que Fernanda Torres ganhe esse Oscar– (Intjp_i))] (Le_i))

As Ilocuções Declarativa, Exclamativa e Optativa são Ilocuções Proposicionais informativas. Com relação às Ilocuções Proposicionais de questionamento, o PB dispõe tanto da Ilocução Interrogativa Polar como da de Conteúdo. A Ilocução Interrogativa Polar (INTER_P), de que a ocorrência em (214) é exemplo, serve para que o Falante solicite ao Ouvinte uma resposta do tipo “sim” ou “não” para o Conteúdo Proposicional evocado pelo Conteúdo Comunicado. Essa Ilocução, graficamente marcada pelo sinal de interrogação, é codificada no PB por operadores fonológicos específicos.⁹⁶

- (214) - *você e sua esposa vão querer ter mais filhos?*

-> não! ela, quando nasceu a garota, ligámos. man[...], mandei ligar porque dois basta, mesmo. (BRA80: CriarFilhos)

NI: (A_I: [(F_I: **INTER_P** (F_I)) (P_I)_S (P_J)_A (C_I: –você e sua esposa vão querer ter mais filhos– (C_I))] (A_I))

Na Ilocução Interrogativa de Conteúdo (INTER_C) o Falante também requer do Ouvinte uma resposta para o Conteúdo Proposicional evocado pelo Conteúdo Comunicado, mas essa

⁹⁶ As sentenças interrogativas polares do PB apresentam variação dialetal em seus contornos entonacionais. Silva (2011), por exemplo, descreve esses contornos como ascendente (L+H* __ L+!H* H%) nas regiões norte e nordeste e como circunflexo (L+!H* __ L+H* L%) nas regiões centro-oeste, sudeste e sul do Brasil.

resposta implica a evocação de uma informação que atualize a informação pragmática disponível ao Ouvinte. No exemplo em (215), essa informação corresponde à profissão dos pais do interlocutor.

- (215) - e escuta, os pais da senhora, *eles faziam o quê?*
 -> meu pai é funcionário público.
 - hum.
 -> era, era. agora é apo[...], aposentado, não é, e minha mãe era doméstica, trabalhava em casa. (BRA80: ViverComOutros)
- NI: (A_I: [(F_I: **INTER**_C (F_I)) (P_I)_S (P_J)_A (C_I: -eles faziam o quê- (C_I))] (A_I))
 NM: (C_I: [(N_P_i: -eles- (N_P_i))_{Subj} (V_P_i: -faziam- (V_P_i)) (N_P_j: [(G_W_i: ART.M (G_W_i)) (N_W_i: **Q.PRO** (N_W_i))] (N_P_i))] (C_I))

A Ilocução Interrogativa de Conteúdo é mapeada, no PB, nos dois níveis de Codificação. No Nível Morfossintático, um operador morfossintático é acionado, assumindo a forma fonêmica de pronomes interrogativos (Q.PRO) no Nível Fonológico. Nesse nível, por sua vez, a expressão linguística é especificada por operadores fonológicos específicos.⁹⁷

No que se refere às Ilocuções Comportamentais, o PB apresenta apenas as ilocuções Imperativa e Exortativa. Por meio da Ilocução Imperativa (IMP), o Falante orienta o Ouvinte a realizar a ação evocada pelo Conteúdo Comunicado, como em (216).

- (216) O lixo é seu. *Faça coleta seletiva*: condição para um mundo melhor. (Disponível em: <https://brainly.com.br/tarefa/40069654>. Acesso em: 17 jun. 2024.)
- NI: (A_I: [(F_I: **IMP** (F_I)) (P_I)_S (P_J)_A (C_I: -faça coleta seletiva- (C_I))] (A_I))
 NM: (C_I: [(V_P_i: [(V_W_i: [(V_S_i: faze- (V_S_i)) (Aff_i: **IMP**.[3.SG] (Aff_i))] (V_W_i))] (V_P_i)) (N_P_i: -coleta seletiva- (N_P_i))] (C_I))

A Ilocução Imperativa é marcada pela não expressão do sujeito, pela linearização do Sintagma Verbal (Vp) na posição inicial da Oração (Cl) e, em alguns casos, pelo Afixo (Aff) de imperativo (IMP) na terceira pessoa do singular (3.SG), conforme representado em (216).

⁹⁷ Assim como as sentenças interrogativas polares, as de conteúdo também apresentam variação dialetal em seus contornos entonacionais. Além disso, interrogativas têm padrões fonológicos distintos a depender se o Falante deseja apenas buscar informações ou se, adicionalmente, procura, por exemplo, confirmá-las (cf., e.g., Rosignoli, 2017).

Por fim, ao utilizar a Ilocução Exortativa (HORT), o Falante encoraja a si mesmo ou a si e ao Ouvinte ao mesmo tempo a realizar a ação evocada pelo Conteúdo Comunicado, como a de continuar em greve em (217).

- (217) **Sigamos** juntos e firmes na greve! (Disponível em: <https://sindppd-rs.org.br/greve-na-procergs-ninguem-esta-sozinho-porque-nossa-luta-e-coletiva-sigamos-juntos-e-firmes-na-greve/>. Acesso em 8 out. 2024)

NI: (A_I: [(F_I: **HORT** (F_I)) (P_I)_S (P_J)_A (C_I: –Sigamos juntos e firmes na greve– (C_I))] (A_I))
 NM: (C_I: [(V_{Pi}: [(V_{wi}: [(V_{Si}: segui- (V_{Si})) (Aff_i: **IMP** (Aff_i)) (Aff_j: **1.PL** (Aff_j))] (V_{wi}))] (V_{Pi})) (A_{Pi}: –juntos– (A_{Pi})) (G_{wi} /e/ (G_{wi})) (A_{Pj}: –firmes (A_{Pj})) (A_{Dp}: –na greve– (A_{Dp}))] (C_I))

A Ilocução Exortativa, assim como a Imperativa, é codificada pela não expressão do sujeito, pela linearização do Sintagma Verbal na posição inicial da Oração e pelo Afixo de imperativo, mas da primeira pessoa do plural (1.PL), como em (217).

O Quadro 10 compila as oito Ilocuções abstratas disponíveis ao PB.

Quadro 10 – Ilocuções abstratas do português brasileiro

Ato Discursivo de Conteúdo			Ato Discursivo Interativo
Proposicional		Comportamental	
Informar	Questionar		
DECL	INTER _P	IMP	INTERP
EXCL	INTER _C	HORT	
OPT			

Fonte: Autoria própria.

A A-negação pode negar Atos Discursivos com qualquer uma das Ilocuções abstratas no Quadro 10. A seguir, seguem dois exemplos.

- (218) – *Quem é a mulher da relação?*

– **Não**. São dois homens, não tem mulher na relação! (Disponível em: https://www.bdtd.uerj.br:8443/bitstream/1/11457/1/dissertacao_final_rayanni_sampaio_teixeira%20%281%29.pdf. Acesso em: 18 jun. 2024)

NI: (A_I: [(F_I: INTER (F_I)) (P_I)_S (P_J)_A (C_I: –quem é a mulher da relação– (C_I))] (A_I))
 (A_J: [(F_J: (D_I: /'nawN/_{Intj} (D_I)) (P_J)_S (P_I)_A] (A_J))

(219) - Bah! *Que uísque ruim é esse!*

- *Não*, não diga isso. Não existe uísque RUIM, mas alguns são melhores que outros. (Disponível em: <https://helenablavatsky.com.br/biografia/william-rudolf-odonovan/>. Acesso em: 8 out. 2024)

NI: (A_I: [(F_I: EXCL (F_I)) (P_I)_S (P_J)_A (C_I: –uísque ruim é esse– (C_I))] (A_I))
(A_J: [(F_J: (D_I: /'nawN/Intj (D_I)) (P_J)_S (P_I)_A] (A_J))

Em (218), um Ato Discursivo com Ilocução Interrogativa (“Quem é a mulher da relação?”) é rejeitado. Uma resposta do tipo “sim/não” sequer é possível para uma pergunta de conteúdo, como a que é feita. A palavra “não”, nesse caso, portanto, representa uma A-negação, já que indica que a pergunta não é pertinente para aquele contexto.

Em (219), por sua vez, P_J rejeita a reação emocional de P_I, indicando sentimento de desprazer em relação ao Conteúdo Proposicional evocado pelo Conteúdo Comunicado. Em outros termos, P_J rejeita A_I, um Ato Discursivo com Ilocução Exclamativa.

Em tese, qualquer tipo de Ato Discursivo pode ser negado, até mesmo um que não seja de Conteúdo, ou seja, que não tenha Conteúdo Comunicado, como a maioria dos Atos Discursivos Interativos. Esse tipo de Ato Discursivo é geralmente representado por interjeições que são expressões socialmente dirigidas, como “*congratulations*” em (220), sem que seja evocado um Conteúdo Comunicado.

(220) Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 64):

Congratulations!
“Parabéns!”

NI: (A_I: [(F_I: –congratulations– (F_I)) (P_I)_S (P_J)_A] (A_I))

Em (221), o Ato Discursivo Interativo “Muito obrigado!” é rejeitado.

(221) Não fazia ideia de onde estavam seus amigos e o que estavam fazendo, só ouvia gritos e o som de ossos se batendo. Estava prestes a desistir de tudo e se entregar quando Scott apareceu e deu uma paulada certa na cabeça do homem, que desmaiou no mesmo segundo. [...]

– Agora eu sei que posso contar com vocês para tudo, absolutamente tudo mesmo. *Muito obrigado!* – O sorriso característico do amigo preencheu o ambiente com um clima ainda mais agradável.

– **Não...** não precisa agradecer. (Disponível em: <https://shre.ink/Dije>. Acesso em: 18 jun. 2024)

NI: (A_I: [(F_I: (D_I: /obri'gad/-Intj D_I): (D_J: /'muito/Adv (D_J)) (D_I)) (F_I)) (P_I)_S (P_J)_A] (A_I))
(A_J: [(F_J: (D_K: /'nawn/Intj (D_K)) (F_J)) (P_J)_S (P_I)_A] (A_J))

Nessa ocorrência, o Falante que profere “não” considera inapropriada a relação de predicado-argumento entre a Ilocução de agradecimento e os Participantes (Falante e Ouvinte). Em outras palavras, Luck (P_J) considera desnecessário Scott (P_I) agradecer a ele, já que sente que ajudar seu amigo é o mínimo que ele deve fazer.

Em (221), ao executar o Ato Discursivo Interativo de agradecimento, o Falante não especifica o fato pelo que agradece, mas isso é possível e, quando ocorre, há a evocação de um Conteúdo Comunicado, caso em que o Ato Discursivo é chamado de Interativo Comunicativo, de que (222) é exemplo.

(222) Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 64):

Congratulations on winning the race!

“Parabéns por vencer a corrida!”

NI: (A_I: [(F_I: –congratulations– (F_I)) (P_I)_S (P_J)_A (C_I: –win the race– (C_I))] (A_I))

Em (222), a força ilocucionária é nucleada por “congratulations” e tem o objetivo de parabenizar o Ouvinte por ele ter vencido a corrida, o que constitui o Conteúdo Comunicado do Ato Discursivo.

O teste em (223), que elabora um Conteúdo Comunicado (vocês me salvarem) para o Ato Discursivo Interativo “Muito obrigado!” em (221), mostra que Interativos Comunicativos também podem ser negados.

(223) Não fazia ideia de onde estavam seus amigos e o que estavam fazendo, só ouvia gritos e o som de ossos se batendo. Estava prestes a desistir de tudo e se entregar quando Scott apareceu e deu uma paulada certa na cabeça do homem, que desmaiou no mesmo segundo. [...]

– Agora eu sei que posso contar com vocês para tudo, absolutamente tudo mesmo. *Muito obrigado [por vocês me salvarem]!* – O sorriso característico do amigo preencheu o ambiente com um clima ainda mais agradável.

– **Não...** não precisa agradecer.

NI: (A_I: [(F_I: (D_I: /obri'gad/-Intj D_I): (D_J: /'muito/Adv (D_J) (D_I)) (F_I)) (P_I)_S (P_J)_A (C_I: –vocês me salvarem– (C_I))] (A_I))
(A_J: [(F_J: (D_K: /'nawN/Intj (D_K)) (P_J)_S (P_I)_A] (A_J))

A ocorrência em (224), por exemplo, é um caso de Ato Discurso Interativo Comunicativo negado. Sua Ilocução é preenchida por uma Ação Lexical interjetiva, cujo valor é optativo, marcado por “tomara”. Esse Ato Discursivo é rejeitado, já que o Participante que o rejeita considera o desejo de seu interlocutor inapropriado naquele momento, pois há muita gente desabrigada por conta de enchentes causadas pela chuva.

(224) – *Tomara que chova!*

– **Não...** tem muita gente desabrigada!! (Disponível em: <https://encurtador.com.br/wzQSW>. Acesso em: 5 fev 2024)

NI: (A_I: [(F_I: (D_I: /to'mara/Intj (D_I)) (P_I)_S (P_J)_A (C_I: –chova– (C_I))] (A_I))
(A_J: [(F_J: (D_I: /'nawN/Intj (D_I)) (P_J)_S (P_I)_A] (A_J))

Os únicos Atos Discursivos que não podem ser rejeitados são os Expressivos, que exprimem algum tipo de emoção do Falante, como “*Ouch!*”, em (225), que expressa dor.

(225) Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 63):

Ouch!

“Ai!”

NI: (A_I: [(F_I: –ouch– (F_I)) (P_I)_S] (A_I))

Atos Discursivos Expressivos não são heterorrelacionados, ou seja, só necessitam do Falante, e, conforme já mencionado, a A-negação ocorre necessariamente no par dialógico Falante-Ouvinte, como mostra a representação do molde interpessoal da A-negação em (226).

(226) (M₁: (A₁: [(F₁: (D₁: /'nawN/Intj (D₁)) (F₁)) (P₁)_s (P₂)_A] (A₁)) (M₁))

Como se nota em (226), o Ato Discursivo de A-negação constitui, por si só, um Movimento. Como Movimento, M₁ faz avançar a comunicação em termos de atingir um objetivo comunicativo (a própria Rejeição), podendo, por isso, ser usado independentemente, ou seja, é uma unidade mínima livre de discurso, conforme, inclusive, exemplificam Hengeveld e Mackenzie em (18), repetido por conveniência em (227), em que “no” é um enunciado autônomo, preenchendo um turno de fala por si só (ao contrário do que ocorre com o Ato Discursivo Interativo da M-negação).

(227) Hengeveld e Mackenzie (2018, p. 36):

- A: Go home!
“Vá para casa!”
- B: **No!** (I don’t accept your order.)
“Não! (eu não aceito sua ordem.)”

Outra evidência de que a A-negação constitui um Movimento é que outros Atos Discursivos não podem subsidiá-la, conforme teste em (228), que toma a ocorrência em (218) e elabora a função retórica Motivação, marcada por “(por)que” e veiculada pelo Ato Discursivo “são dois homens”.

(228) – Quem é a mulher da relação?
– Não, **[(por)que]** são dois homens.

Após o Movimento que contém a Rejeição, o Participante pode ou não iniciar outro Movimento para comentar sua ação de rejeição ao Ato Discursivo executado pelo interlocutor. Em outras palavras, a Rejeição é, por si só, uma reação a um Ato Discursivo já enunciado, ao passo que o Movimento iniciado após a A-negação tem seu próprio poder perlocutório, podendo, por isso, gerar uma reação do outro Participante, contribuindo, assim, para o avanço do discurso. Esse Movimento, inclusive, pode ser entendido como uma reação do Falante à Rejeição que ele próprio acabou de executar.

5.2.2 Nível Representacional

Ao Movimento que contém a A-negação, não corresponde nenhum conteúdo semântico, já que a A-negação não é submetida a condições de verdade. Isso se deve ao fato de que A-negação não é descritiva, mas unicamente acional, conforme exemplifica (229).

- (229) Enquanto o apresentador do *É de Casa* conhecia o local gigantesco, Fernando o levou para passear em uma espécie de quadriciclo, e ele descobriu na hora que era a primeira vez que o músico dirigia. “Ele está aprendendo ainda, ele vai melhorar”, soltou Sorocaba. “**Não**, não fala isso! Você tá louco?”, soltou Thiago, com medo. (Disponível em: <https://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/televisao/thiago-oliveira-leva-susto-em-fazenda-do-cantor-sorocaba-nao-sabem-brincar-101709>. Acesso em: 26 jun. 2024.)

Em (229), Sorocaba produz “não” com a intenção de rejeitar o Ato Discursivo Declarativo “ele está aprendendo ainda”. Essa intenção é, inclusive, explicitada pelo Ato Discursivo “não fala isso”, subsequente ao Ato Discursivo Interativo “não”, que, por sua vez, não é submetido a condições de verdade, já que não pode ser restringido por modificadores de Conteúdo Proposicional, conforme teste em (230).

- (230) Enquanto o apresentador do *É de Casa* conhecia o local gigantesco, Fernando o levou para passear em uma espécie de quadriciclo, e ele descobriu na hora que era a primeira vez que o músico dirigia. “Ele está aprendendo ainda, ele vai melhorar”, soltou Sorocaba. “[***Sem dúvida/*Talvez**] Não, não fala isso! Você tá louco?”, soltou Thiago, com medo.

Ao aplicar o mesmo teste utilizado em (187, cf. p. 137), uma ocorrência de M-negação, em (231), constata-se que nenhuma camada do Nível Representacional é formulada, já que não é possível modificá-las.

- (231) Enquanto o apresentador do *É de Casa* conhecia o local gigantesco, Fernando o levou para passear em uma espécie de quadriciclo, e ele descobriu na hora que era a primeira vez que o músico dirigia. “Ele está aprendendo ainda, ele vai melhorar”, soltou Sorocaba. “[***Provavelmente/*Hoje/*Aqui/*Por um ano/*Seu/*Muito**] Não, não fala isso! Você tá louco?”, soltou Thiago, com medo.

Contudo, ao utilizar esse mesmo teste em casos de negação de Atos Discursivos Imperativos, por exemplo, uma dupla interpretação pode surgir, como em (232), que toma a ocorrência em (102).

- (232) Inf.1: ele falô(u) –“eu vô(u) eu vô(u) tomá(r) banho que minha ro(u)pa tá lá no hotel”– que ele traZIA e em vez de trazê(r) pra casa pa lava lavava no hotel que lá tem aquelas má::quinas... aquelas coisa... aquelas funcionária tudo lavava... e ele levava as ro(u)pa da semana... aí ele falô(u) –“eu vô(u) pegá(r) minha RO(u)pa e vô(u) tomá(r) banho já e:: passo aqui né? po... pra mim í(r) embora... –“FICA AQUI COM AS MENINA”– ... eu falei –“**[*Provavelmente/?Hoje/?Aqui/?Por muito tempo/*Seu/*Muito]** não eu também vô(u) em casa tomá(r) banho”– tava calor... [AI-001; CAS: L. 13]

Os modificadores “hoje”, “aqui” e “por muito tempo”, que restringem respectivamente as camadas do Episódio, do Estado de Coisas e da Propriedade Configuracional, podem coocorrer com “não” em (232) se, e somente se, esse elemento negativo corresponder a uma palavra vicária, ou seja, se ele especificar o valor negativo de uma camada no Nível Representacional.⁹⁸ Nesse caso, a paráfrase para “não” seria algo como “eu não ficarei aqui com as meninas”, ao invés de “eu não considero apropriado você me dirigir essa ordem”, paráfrase mais adequada para a A-negação em (232). Diferenciar qual a intenção do Falante ao proferir “não”, nesses casos, nem sempre é fácil, principalmente se o que se tem em mãos para análise é um dado de língua escrita ou a transcrição de um dado de língua falada, caso de (232). Como se vê em 5.2.4 a seguir, as propriedades fonológicas contribuem para diferenciar as estruturas subjacentes desses enunciados ambíguos para o analista.

Feita essa ressalva, pode-se afirmar que a A-negação não é formulada no Nível Representacional. Há, portanto, entre os níveis Interpessoal e Representacional, uma relação de discrepância um-para-zero, assim como há entre os níveis Interpessoal e Morfossintático.

5.2.3 Nível Morfossintático

Segundo Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 422), alguns Atos Discursivos Expressivos e Interativos são formulados no Nível Interpessoal e codificados diretamente no Nível Fonológico, o que se explica pelo princípio da Profundidade Máxima (*Maximal Depth*), um dos

⁹⁸ Nesse caso, a palavra vicária “não” não constitui obrigatoriamente um Movimento por si só, já que, junto a ela, podem ocorrer outros Atos Discursivos Subsidiários (e.g., “Não, porque eu também vou em casa tomar banho”). É possível, inclusive, a alteração da ordem dos Atos Discursivos (e.g., “Eu também vou em casa tomar banho. Então, não.”). Isso não ocorre, contudo, nos casos de A-negação.

princípios que regem a implementação dinâmica da gramática, proposta por Bakker (2001; 2005) para a GF e incorporada *mutatis mutandis* pela GDF. Segundo esse princípio, “apenas os níveis de representação que são relevantes para a construção de (um certo aspecto de) um enunciado são usados na produção desse (aspecto do) enunciado”⁹⁹ (Hengeveld; Mackenzie, 2008, p. 25).

Esse princípio atua na codificação da A-negação. Por ser formulada como um Ato Discursivo Interativo, responsável pela Rejeição, que não requer nenhuma operação morfossintática, como, por exemplo, concordância ou derivação, o primitivo “não” é inserido na sua forma fonêmica já na fase de formulação como núcleo da Ação Lexical, que encabeça a Ilocução do Ato Discursivo, e diretamente enviado ao Nível Fonológico.

Esse processo, entretanto, não ocorre com todos os Atos Discursivos Expressivos e Interativos. No português, por exemplo, a interjeição de agradecimento “obrigado/a” é codificada no Nível Morfossintático, já que, nesse nível, ela se liga ao *placeholder* que indica o gênero social com o qual o Falante se identifica.

Outro exemplo que foge à regra geral são interjeições que tomam um Conteúdo Comunicado como argumento, de que (233) é exemplo.

(233) Querido amigo Alberto Fernández,
Parabéns pela eleição na Argentina, (Disponível em: <https://comitelulalivre.org/em-carta-lula-parabeniza-alberto-fernandez-pela-vitoria-nas-eleicoes-argentinas/>. Acesso em: 10 out. 2024)

NI: (A_J: [(F_I: –parabéns– (F_I)) (P₁)_S (P₂)_A (C_I: –eleição na Argentina– (C_I))] (A_J))

Em (233), há a especificação do fato pelo qual Lula congratula Fernández, evocado por C_I. No processo de linearização de constituintes, que ocorre no Nível Morfossintático, por haver uma relação de predicado-argumento entre (F_I) e (C_I), uma relação configuracional, um é linearizado em relação ao outro, com o predicado (F_I) sendo alocado com precedência (cf. Hengeveld; Keizer, 2025), indo para uma posição absoluta, ao passo que, o Sintagma Adposicional “pela eleição na Argentina”, por ser argumento de “parabéns”, posiciona-se numa posição relativa à posição absoluta ocupada por “parabéns”, já que, de acordo com o Princípio da Integridade de Domínio, refinado por Giomi (2025), elementos configuracionalmente relacionados tendem a ocorrer no mesmo domínio. Caso não houvesse a formulação de um

⁹⁹ No original: [...] *only those levels of representation that are relevant for the build-up of (a certain aspect of) an utterance are used in the production of that (aspect of the) utterance.*

Conteúdo Comunicado, e, portanto, nenhum elemento com que “parabéns” se relacionasse na linearização de constituintes, então essa interjeição, por ser invariável, ou seja, não sofrer nenhum processo morfossintático (diferentemente de “obrigado/a”), seria codificada diretamente no Nível Fonológico.

Na A-negação, o Ato Discursivo Interativo “não” nunca tem Conteúdo Comunicado. Desse modo, as regras de linearização que se aplicam à camada da Oração (e às camadas inferiores) não são relevantes para a Rejeição. Na possível linearização da interjeição “não” da A-negação, atuariam as regras concernentes à Expressão Linguística, já que essa interjeição é o único primitivo lexical do Ato Discursivo de Rejeição. No entanto, diferentemente da M-negação, a A-negação compõe, por si só, um Movimento, sem que se relacione a outros Atos Discursivos no interior desse mesmo Movimento. Assim, as regras de linearização da Expressão Linguística também se tornam irrelevantes, ou seja, a linearização nessa camada também não é pertinente, uma vez que “não” corresponde a um Ato Discursivo que compõe sozinho um Movimento, sem que haja outro material linguístico com o qual se relacione no processo de linearização.

Por não haver qualquer operação morfossintática nem outro constituinte que se posicione relativamente a “não”, essa interjeição da A-negação não é codificada no Nível Morfossintático. Desse modo, evitando uma especificação vazia do Nível Morfossintático e facilitando sua implementação dinâmica, “não” é diretamente codificado no Nível Fonológico.

Portanto, entre o Nível Interpessoal e o Nível Morfossintático, há uma relação de discrepância um-para-zero na execução da A-negação, com “não” sendo inserido em sua forma fonêmica no Nível Interpessoal e, em seguida, mandado ao Nível Fonológico para sua codificação prosódica, de que trata a subseção a seguir.

5.2.4 Nível Fonológico

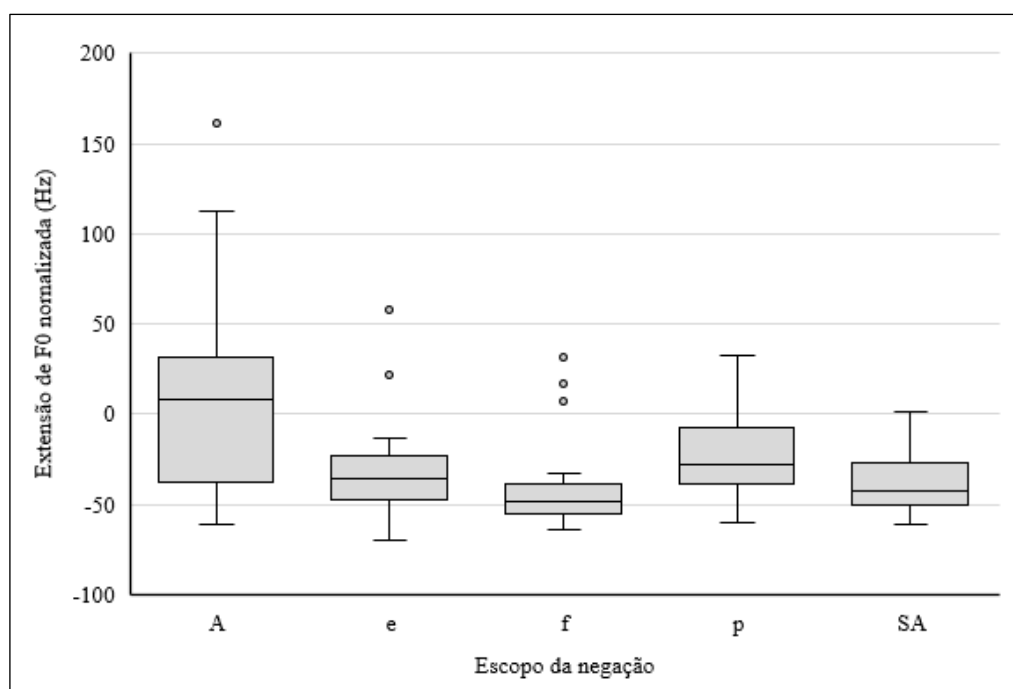
Como mencionado na subseção anterior, a A-negação é formulada no Nível Interpessoal como um Ato Discursivo Interativo e diretamente codificada no Nível Fonológico. Por ser um Ato Discursivo, a A-negação constitui uma Frase Entonacional. Essa Frase Entonacional forma, por si só, um Enunciado, como se demonstra a seguir.

Na descrição fonológica da M-negação (cf. 5.1.4, p. 143-152), foram comparadas duas ocorrências de negação, uma de Movimento e outra de Estado de Coisas, produzidas por um mesmo informante. A partir dessa comparação, foi possível verificar as propriedades fonológicas da M-negação. No que se refere à A-negação, no entanto, isso não é possível porque

não há dados, produzidos por um mesmo indivíduo, para serem comparados, tal que uma das ocorrências seja de A-negação. Por isso, recorre-se a um experimento em que se grava a voz de um informante, como detalhado na seção **MATERIAIS E MÉTODOS** (p. 117-120).

A partir desse experimento, verifica-se que a extensão de variação normalizada de F0 é semelhante para todos os escopos de negação, conforme Gráfico 5. A extensão de variação de F0 é dada pela F0 máxima subtraída pela F0 mínima de cada realização de “não”. A extensão de variação de F0 normalizada, por sua vez, é a extensão de variação de F0 do item negativo “não” subtraída pela extensão de variação de F0 mediana de “não” do grupo controle (77 Hz).

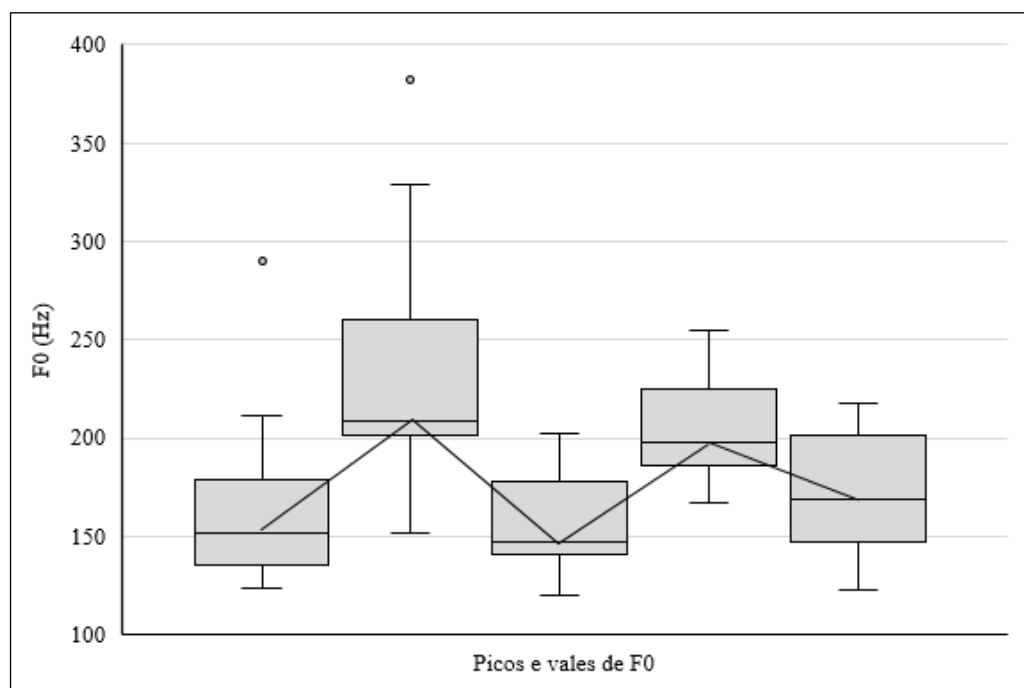
Gráfico 5 – Extensão de F0 normalizada por escopo de negação



Fonte: Autoria própria.

Destaque-se, no entanto, conforme se nota no Gráfico 5, a grande e oscilante extensão de variação de F0 da A-negação. Outra característica que diz respeito à F0 e que particulariza a A-negação é o movimento de F0. O item negativo “não” que tem essa função é o único que apresenta dois picos e um vale de F0. O movimento LHLHL de F0 desses casos é mostrado no Gráfico 6.¹⁰⁰

¹⁰⁰ No Gráfico 6, o eixo das abscissas corresponde à passagem do tempo e não é indicado porque os picos e vales de F0 não ocorrem ao mesmo tempo em cada ocorrência. L corresponde a *low* (baixo) e H, a *high* (alto).

Gráfico 6 – Movimento de F0 dos casos de A-negação analisados

Fonte: Autoria própria.

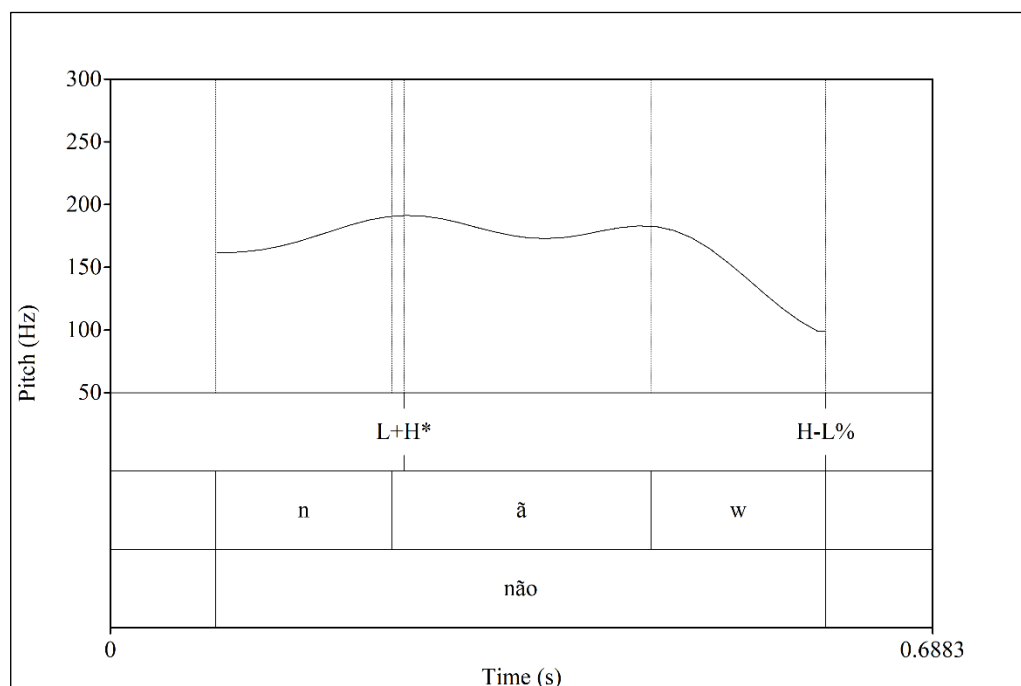
A curva de F0 de uma ocorrência, transcrita em (234), que apresenta o padrão ilustrado pelo Gráfico 6, é apresentada pelo Gráfico 7.

(234) Contexto: Você (B) e um amigo (A) estão em uma festa. Você está desanimado e, por isso, está sentado. Seu amigo lhe ordena:

A: Levanta!

B: **Não!** (Experimento)

Gráfico 7 – Frequência fundamental em Hz por tempo em segundos de “não” da ocorrência em (234)



Fonte: Autoria própria.

O primeiro pico de F0 corresponde ao acento de tom L+H* e o segundo pico, ao acento frasal H-. Ambos são desencadeados pelo operador *Rising*, restringindo a camada da Frase Fonológica. Por fim, o operador *Falling* na camada do Enunciado é o responsável pelo tom de fronteira L%, que determina a direção final descendente da Frase Entonacional. Esse operador, por especificar a camada da Frase Entonacional, governa globalmente o movimento de F0 e, por isso, também é o responsável pelo vale que se realiza na vogal “ã” de “não”.

Desse modo, a representação da A-negação no Nível Fonológico é a em (235).

(235) (U₁: (f IP₁: (r r PP₁: (PW₁: -/nawN/- (PW₁)) (PP₁)) (IP₁)) (U₁))

Há casos em que o Ato Discursivo de A-negação é especificado pelo operador de Ênfase, como em (236), em que a Rejeição do Ato Discursivo Imperativo “Cala a boca!” é intensificada por B.

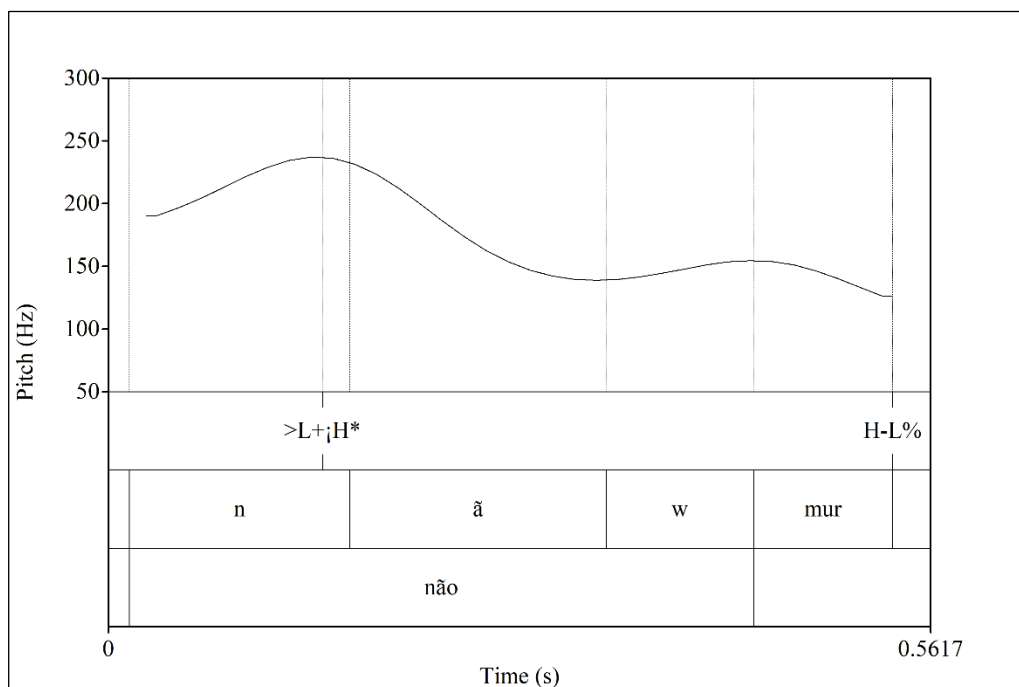
(236) Contexto: Imagine-se num cinema. Você (B) comenta uma cena com seu amigo (A), mas ele responde:

A: Cala a boca!

B: **NÃO!** (Experimento)

Nesses casos, o padrão fonológico é semelhante às ocorrências de A-negação não enfáticas. A única diferença é que o operador de Ênfase provoca uma curva mais acentuada no acento de tom da Frase Fonológica, conforme se percebe ao comparar o Gráfico 8, que retrata a curva de F0 da ocorrência em (236), com Gráfico 7, em que não há ênfase.

Gráfico 8 – Frequência fundamental em Hz por tempo em segundos de “não” da ocorrência em (236)



Fonte: Autoria própria.

Os mesmos operadores aplicados em (234) são requeridos na codificação fonológica de (236), refletindo o padrão apresentado pelo Gráfico 6, cuja altura do primeiro pico, inclusive, apresenta maior extensão de variação de F0, o que é explicado pelas ocorrências em que a Rejeição é enfática.

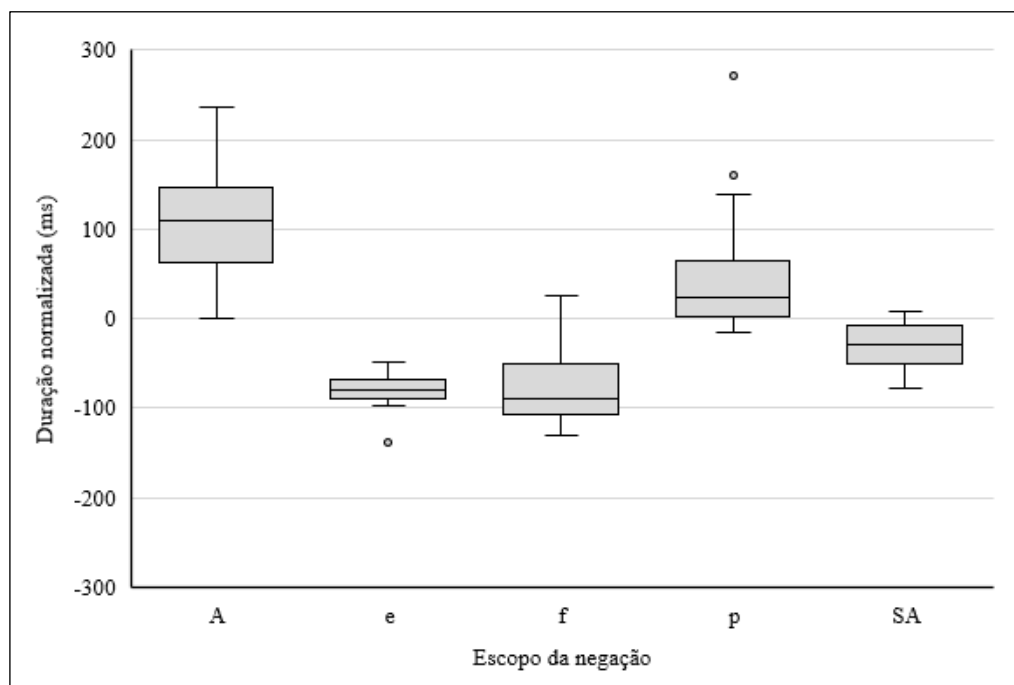
Como descrito na ocorrência em (234), o primeiro pico de F0 corresponde ao acento de tom L+H* resultante do operador *Rising* que restringe a Frase Fonológica. Em (236), há o mesmo operador, mas aplicado duas vezes: uma na camada da Frase Fonológica e outra na camada da Palavra Fonológica, desencadeando, assim, uma ascendência de F0 mais acentuada, marcada pelo sistema de notação ToBI pelo *upstep* (;) no tom H*.

Desse modo, a representação da A-negação enfática no Nível Fonológico é a em (237).

(237) (U₁: (f IP₁: (r r PP₁: (r PW₁: -/nawN/- (PW₁)) (PP₁)) (IP₁)) (U₁))

Para abrigar todos esses eventos tonais, a duração de “não” que codifica a A-negação é maior frente aos outros tipos de negação marcados por “não”. A duração normalizada da realização de “não” é comparada no Gráfico 9, de acordo com cada escopo.¹⁰¹ A duração normalizada de cada tipo de negação é a duração da partícula negativa subtraída pela duração mediana da palavra “não” do grupo controle (310 ms).

Gráfico 9 – Duração normalizada de “não” por escopo da negação



Fonte: Autoria própria.

Sob a perspectiva da Fonologia Prosódica (Nespor; Vogel, 1986; 2007), a duração maior de “não” que nega Ato Discursivo é explicada pelo acento frasal principal de sentença, já que “não”, nesses casos, constitui Frase Entonacional que compõe, sozinha, um Enunciado, o que bloqueia o processo de redução fonética de “não” para “num”, “nu” ou “n”, de modo que “não” apresente também acento primário, representado em (238) pelo operador *Stress* (s), aplicado tanto à camada da Sílabas como à do Pé.

(238) (U₁: (f IP₁: (r r PP₁: (PW₁: (s F₁: (s S₁: /nawN/ (S₁)) (F₁)) (PW₁)) (PP₁)) (IP₁)) (U₁))

¹⁰¹ Por conta da diferença de duração entre “[nẽw̃]” e suas formas reduzidas, apenas a duração normalizada da realização da forma “[nẽw̃]” é comparada no Quadro 3, de acordo com cada tipo de negação.

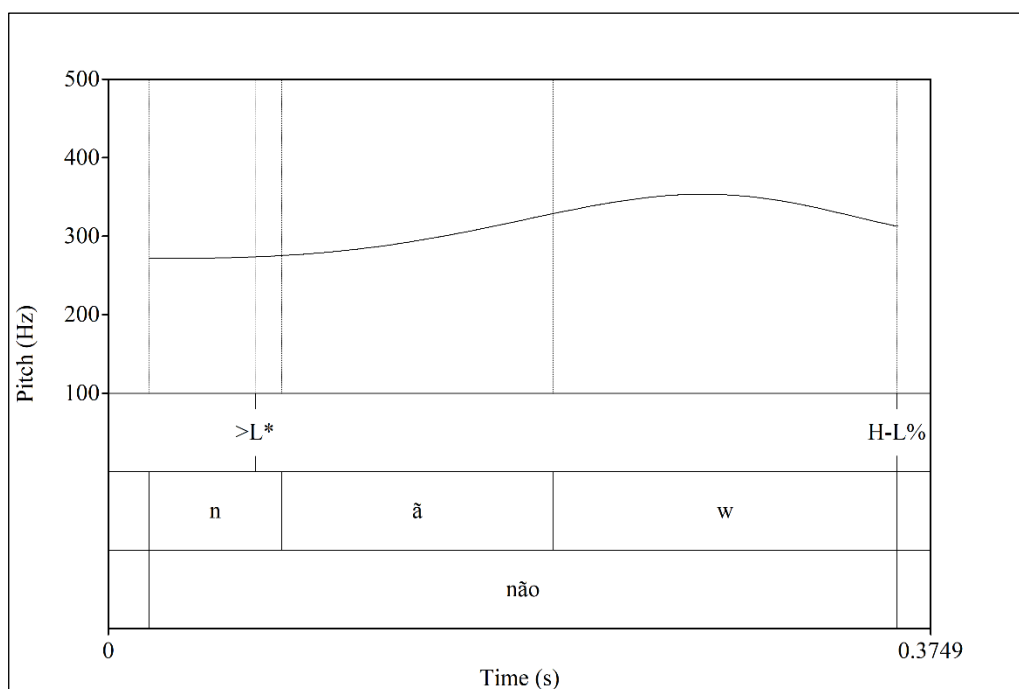
A representação em (238) é o padrão fonológico instanciado acionado pela A-negação. Enquanto U_1 mapeia o Movimento, IP_1 codifica o Ato Discursivo Interativo “não” formulado no Nível Interpessoal.

Esse padrão fonológico, no entanto, é o encontrado em ocorrências de A-negação que rejeitam Atos Discursivos Imperativos. Quando o alvo da A-negação é um Ato Discursivo Declarativo, como na ocorrência em (239), a A-negação apresenta propriedades fonológicas distintas.

(239) Tem uma moça que eu fui num curso de inglês, ela fez: “Qual é sua profissão?” Eu fiz: “Eu sou palhaça.” Ela: “**Não**. Não fala assim.” “Não... é que eu sou atriz. Eu sou palhaça.” Ela: “Não. Não fala assim com você mesma.” Como se fosse uma ofensa (risos). (Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cNqaXfDc3-4&t=44s>. Acesso em: 2 dez. 2024.)

Em (239), rejeita-se o Ato Discursivo Declarativo “eu sou palhaça” por meio de “não”, cuja curva de F0 é apresentada pelo Gráfico 10.

Gráfico 10 – Frequência fundamental em Hz por tempo em segundos de “não” da ocorrência em (239)



Fonte: Autoria própria.

Conforme Gráfico 10, o Ato Discursivo de A-negação em (239) é codificado, no Nível Fonológico, por um Enunciado composto por uma Frase Entonacional especificada pelo operador *Falling* (tom de fronteira L%), que, por sua vez, contém uma Frase Fonológica com os operadores *Rising* (acento frasal H-) e *Low* (acento de tom L*, analogicamente realizado com atraso (>) no exemplo em questão), conforme (240), em que também são representados os operadores responsáveis pelo acento primário (*Stress*), que impedem a redução fonológica de “não”.

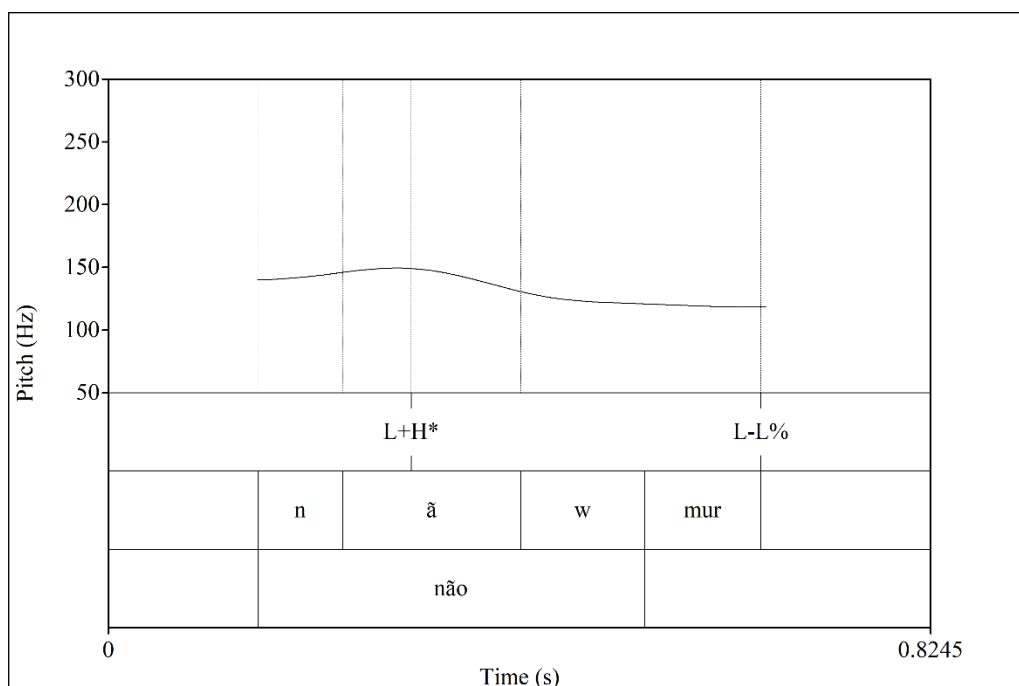
(240) (U₁: (f IP₁: (r l PP₁: (PW₁: (s F₁: (s S₁: /nawN/ (S₁)) (F₁)) (PW₁)) (PP₁)) (IP₁)) (U₁))

Esse padrão difere do padrão fonológico encontrado para a negação de Conteúdo Proposicional (p-negação), como a resposta de B em (241), que especifica o valor de verdade da proposição posta em questionamento por A.

(241) A: Você já quis ser cientista?
B: **Não.** (Experimento)

Para comparação, a curva entonacional de “não” produzida por B em (241) é ilustrada no Gráfico 11.

Gráfico 11 – Frequência fundamental em Hz por tempo em segundos de “não” da ocorrência de p-negação em (241)



Fonte: Autoria própria.

Essa curva entonacional do Gráfico 10 exemplifica o padrão fonológico encontrando para a p-negação, de contorno nuclear L+H* L-L%, acionado pelo operador *Falling* (tom de fronteira) na camada da Frase Entonacional e pelos operadores *Falling* (acento frasal) e *Rising* (acento de tom) na camada da Frase Fonológica, como representado em (242).

(242) (f IP₁: (f r PP₁: (PW₁: (s F₁: (s S₁: /nawN/ (S₁)) (F₁)) (PW₁)) (PP₁)) (IP₁))

Desse modo, num cenário hipotético, após a enunciação de um Ato Discursivo Declarativo, se o interlocutor responder apenas “não”, a partir da curva de F0, o outro participante da interação verbal poderá recuperar o padrão fonológico subjacente a esse enunciado de modo a interpretar a intenção de seu interlocutor: negar a verdade do que foi dito (p-negação) ou indicar a inadequação de tê-lo dito (A-negação).

Com isso, chega-se a dois padrões fonológicos para a A-negação: um que rejeita Ato Discursivo Imperativo e outro rejeita Ato Discursivo Declarativo. Resta identificar como se realiza fonologicamente a Rejeição a Atos Discursivos com outros tipos de Ilocução e a Atos Discursivos Interativos.

Para esses casos, não foram encontrados dados a serem analisados, tampouco realizado um experimento com gravação da voz de um informante, como feito com relação à Rejeição de Atos Discursivos Imperativos. Por isso, recorre-se a falantes nativos de PB na tentativa de chegar a uma possível resposta a questão.

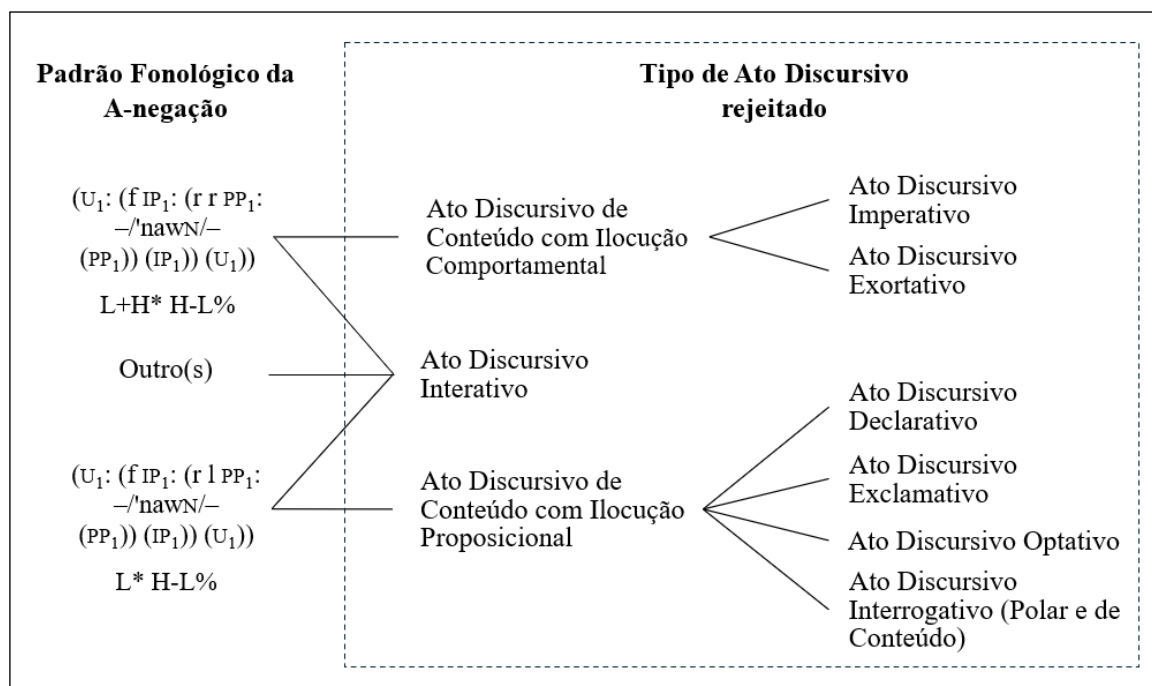
Uma vez questionados, os seguintes apontamentos são sumarizados:

- (i) O padrão fonológico da Rejeição de Ato Discursivo Imperativo pode ser utilizado na Rejeição de Ato Discursivo Exortativo. Além disso, esse padrão pode ser usado em resposta a outros tipos de Ato Discursivo, mas essa resposta não implica numa Rejeição, e sim em outros significados, como numa p-negação, classificada como “enfática” por alguns falantes.
- (ii) O padrão fonológico da Rejeição de Ato Discursivo Declarativo pode ser utilizado na Rejeição de Ato Discursivo Exclamativo, Optativo e Interrogativo (Polar e de Conteúdo). Os falantes também relatam ser possível rejeitar esses tipos de Atos Discursivos com outro padrão fonológico, de modo mais “enfático” ou “incisivo”.
- (iii) O padrão fonológico da Rejeição de Atos Discursivos Imperativos pode ser empregado na Rejeição de Atos Discursivos Interativos de silêncio (*e.g.*, “shh” e “psiu”) e encorajamento (*e.g.*, “força” e “eia”), ao passo que o padrão fonológico da Rejeição de

Ato Discursivo Declarativo pode rejeitar Atos Discursivos Interativos de agradecimento (*e.g.*, “obrigada/o” e “valeu”) e de congratulação (*e.g.*, “parabéns” e “boa”). No entanto, os falantes apontam que Atos Discursivos Interativos de sudação (*e.g.*, “oi” e “bom dia”), de chamamento (*e.g.*, “hei” e “ô”) e com Ilocução Interpelativa são rejeitados por outro padrão fonológico. Adicionalmente, não descartam a possibilidade de haver outros padrões fonológicos para Rejeição de Atos Discursivos Interativos com outros tipos de interjeições.

Analizando (i), (ii) e (iii), conclui-se que cada padrão fonológico identificado neste estudo se correlaciona com um grupo de Ato Discursivos, conforme Quadro 11.

Quadro 11 – Padrões fonológicos da A-negação e os tipos de Atos Discursivos rejeitados



Fonte: Autoria própria.

Obviamente, a análise de uma quantidade significativa de dados de Rejeição de cada tipo de Ato Discursivo é necessária para ratificar o que se propõe no Quadro 11. O que se pode afirmar a partir deste estudo é que o padrão fonológico da p-negação não é empregado na A-negação (e, provavelmente, não é capaz de suscitar a interpretação da Rejeição), uma vez que a p-negação é codificada por uma Frase Entonacional que pode apresentar tom continuativo e compor, com outras Frases Entonacionais, um Enunciado. A A-negação, por outro lado, nunca

apresenta tom continuativo, já que ela é mapeada por uma Frase Entonacional que, sozinha, constitui um Enunciado.

Esse Enunciado corresponde ao Movimento do Nível Interpessoal. Essas e outras relações de correspondência entre os níveis, assim como as conclusões da análise da A-negação, são oferecidas a seguir.

5.2.5 Conclusões

As relações de correspondência entre os níveis da Formulação e os da Codificação quando da execução da A-negação são representadas na Figura 10.

Figura 10 – Correspondência entre os níveis da Formulação e os da Codificação na negação de Ato Discursivo

NI:	(M ₁ : (A ₁ : [(F ₁ : (D ₁ : /'nawN/Intj(D ₁)) (F ₁)) (P ₁) _S (P ₂) _A] (A ₁)) (M ₁))	↓
NF:	(U ₁ : (f IP ₁ : (r r/l PP ₁ : -/'nawN/- (PP ₁)) (IP ₁)) (U ₁))	

Fonte: Autoria própria.

As hipóteses foram confirmadas e os resultados da análise da A-negação são sumarizados a seguir:

- (i) No Nível Interpessoal, a A-negação ocorre no par dialógico Falante-Ouvinte. No PB, ela é formulada como um Ato Discursivo Interativo cuja Ilocução é preenchida pelo Lexema Acional “não”. Esse Ato Discursivo Interativo compõe um Movimento por si só e rejeita outro Ato Discursivo anteriormente executado no discurso, servindo à estratégia de reprovar sua enunciação, já que o Falante considera não aceitável a relação de predicado-argumento que há entre a Ilocução e os outros componentes do Ato Discursivo rejeitado, que pode ser de qualquer tipo, exceto Expressivo.
- (ii) No Nível Representacional, a A-negação não é formulada, já que essa negação é estritamente acional e não descritiva. Isso significa que há uma discrepância entre os níveis da Formulação, numa relação um-para-zero.
- (iii) No Nível Morfossintático, assim como no Representacional, há uma discrepância estabelecida com o Nível Interpessoal, já que a A-negação é diretamente codificada no Nível Fonológico.

- (iv) Por fim, no Nível Fonológico, “não” constitui, em última instância, um Enunciado, que mapeia um Movimento no Nível Interpessoal. Esse Enunciado é composto por uma Frase Entonacional, que apresenta, sobejamente, os contornos nucleares $L+H^* H-L\%$ e $L^* H-L\%$. O contorno nuclear $L+H^* H-L\%$, desencadeado pelos operadores *Rising* (acento frasal H- e acento de tom $L+H^*$), que especificam duplamente a camada da Frase Fonológica, e pelo operador *Falling* (tom de fronteira $L\%$), aplicado à Frase Entonacional, mapeia Rejeições a Atos Discursivos com Ilocuções Comportamentais. Já o contorno nuclear $L^* H-L\%$ codifica Rejeições a Atos Discursivos com Ilocuções Proposicionais, contorno causado pelos operadores *Rising* (acento frasal H-) e *Low* (acento de tom L^*) na Frase Fonológica e *Falling* na Frase Entonacional ($L\%$). Esses dois contornos – e outros não especificados – podem ser encontrados na negação de Atos Discursivos Interativos, a depender da interjeição núcleo da Ilocução. Além disso, assim como na M-negação, na A-negação, “não” não sofre processo de redução fonética, já que é a única Sílabas de uma Frase Fonológica. O contorno nuclear dessa Frase Fonológica garante a distinção da A-negação de outras formas negativas no PB.

Por fim, esta análise apura a descrição da A-negação oferecida por Hengeveld e Mackenzie (2018), especificando o componente em que é formulada a negação dentro do Ato Discursivo, qual seja, a Ilocução, nucleada pela Ação Lexical “não”. Além disso, evidencia que a A-negação não rejeita apenas Atos Discursivos com Ilocução Imperativa, mas uma série de tipos de Atos Discursivos.

5.3 M-NEGAÇÃO E A-NEGAÇÃO COMO NEGAÇÕES ACIONAIS INTERATIVAS DE ALVO

A negação de Movimento (M-negação) e a de Ato Discursivo (A-negação) são formuladas como Atos Discursivos, como evidencia este trabalho. As negações das camadas mais baixas, por outro lado, segundo Hengeveld e Mackenzie (2018), são formuladas como operadores de Negação (com exceção da Ilocução, cuja negação faz parte do sentido das Ilocuções Proibitiva e Desexortativa (cf. Hengeveld; Mackenzie, 2018, p. 36-37)).

Essa diferença não é gratuita. As camadas do Movimento e do Ato Discursivo são unidades de comunicação/interação verbal. O Movimento é a unidade livre de comunicação; o Ato Discursivo, a unidade mínima do comportamento comunicativo. As camadas mais baixas, por outro lado, embora representem ações que o Falante realiza na interação verbal, assim como toda categoria do Nível Interpessoal, não constituem, por si só, unidades de comunicação; elas são, antes, unidades “subatômicas” das camadas que efetivamente estabelecem o fluxo comunicativo.

Nesse sentido, é possível especificar essas unidades “subatômicas” com o operador de Negação antes que um ato de fala seja executado. O Falante pode, por exemplo, evocar um Subato de Referência e, ao mesmo tempo, apontar que esse referente não é o adequado para a entidade do mundo externo que ele quer evocar na comunicação com o Ouvinte. Isso, no entanto, não é possível com relação ao Movimento e ao Ato Discursivo. O Falante não é capaz, por exemplo, de declarar algo e, concomitantemente, negar que esteja realizando essa declaração. O que ele pode fazer (e faz) é negar a ação do outro na interação verbal, como se demonstra aqui em relação às negações acionais Assalto e Rejeição.

Essa distinção divide as negações do Nível Interpessoal em dois grupos. A M-negação e A-negação, como demonstrado, são heterorrelacionadas, no sentido de que um Participante nega o Movimento ou o Ato Discursivo do outro Participante do discurso. Formuladas como Atos Discursivos, essas negações se distinguem por terem um alvo (*targeting*) discursivo, ao invés de um escopo gramatical na estrutura subjacente do enunciado. Nos exemplos em (179) e (224), repetidos por conveniência em (243) e (244), respectivamente, o alvo é simbolizado por uma flecha.

- (243) RUT: o Zé Levi &n / e' foi padrim / e o / Guilherme foi padrim <nosso> //
 TER: <é> //
 RUT: <de todo> mundo / <nũ foi> //
 TER: <todo> mundo //
 JAE: ai //
 RUT: todo mundo andou + *aqui foi / uai* // <meu> / seu / da <Jael> //
 TER: <é> // <não / o meu> *foi uns trinta padrinho / né* // <até sior> Antônio de Assis
 dona <Deise> // [bfamcv02_2008]

↓

NI: (M_I: -aqui foi, uai, meu, seu, da Jael- (M_I)) (M_J: [(A_I: -não- (A_I))_{Prelude} (A_J: -
 o meu foi uns trinta padrinho- (A_J)) ...] (M_J))

- (244) – *Tomara que chova!*
 – *Não... tem muita gente desabrigada!!* (Disponível em: <https://encurtador.com.br/wzQSW>. Acesso em: 5 fev 2024)

↓

NI: (M_I: (A_I: -tomara que chova- (A_I)) (M_I)) (M_J: (A_J: -não- (A_J)) (M_J)) ...

Em (243), um Movimento é interrompido; já em (244), um Ato Discursivo é rejeitado. Tanto o Movimento como o Ato Discursivo alvos das negações já foram proferidos e, portanto, encontram-se no registro discursivo, como informação de curto prazo, do Componente Contextual (cf. Hengeveld; Mackenzie, 2014).

A negação de Ilocução (F-negação), por sua vez, também é heterorrelacionada, mas, diferentemente das negações acionais tratadas neste estudo, ela representa usos interpessoais convencionalizados na consecução de intenções comunicativas que não têm por objetivo negar uma camada ou unidade comunicativa, mas busca, por exemplo, no caso na Ilocução Proibitiva (PROH), proibir o Ouvinte de realizar a ação evocada pelo Conteúdo Comunicado, como na ocorrência em (245) da língua tauya, língua nativa de Papua-Nova Guiné.

- (245) De MacDonald (1990, p. 213 *apud* Hengeveld; Mackenzie, 2008, p. 71):

Yate-ʔatene!
 ir-PROH.SG
 ‘Não vá!’

Essa intenção comunicativa convencionalizada é sistematicamente codificada em tauya e, portanto, é uma Ilocução abstrata. Assim, o exemplo em (245) é representado, no Nível Interpessoal, como em (246).

(246) (A_I: [(F_I: PROH (F_I)) (P_I)_S (P_J)_A (C_I: –yate– (C_I))] (A_I))

Guardadas as diferenças, do mesmo modo que a M-negação e a A-negação, a F-negação é formulada no núcleo da Ilocução, mas um núcleo abstrato, e não lexical, conforme representa (246), sendo igualmente heterorrelacionada. Isso significava que, nessas negações, um Participante interpela o outro Participante do discurso na interação verbal: na M-negação, interrompe-se o Movimento, assaltando o turno de fala; na A-negação, rejeita-se o ato de fala; na F-negação, proíbe-se o interlocutor de executar uma determinada ação, no caso da Ilocução Proibitiva. Por esse motivo, toma-se emprestado o termo “interativo”, já empregado pela Gramática Discursivo-Funcional (GDF) na classificação de Atos Discursivos, para distinguir essas negações acionais das negações acionais das camadas mais baixas.

As negações das camadas mais baixas, a de Conteúdo Comunicado (C-negação), a de Subato (SA-negação) e a de Ação Lexical (D-negação), não são orientadas para o Ouvinte, mas para o Conteúdo Comunicado (ou parte dele). Por isso, elas apresentam comportamento distinto, como a C-negação, denominada Recusa e exemplificada em (247).

(247) De Hengeveld e Mackenzie (2018, p. 38):

A: You hate me!

“Você me odeia!”

B: It’s not that I hate you, it’s just that I think you are a bit annoying.

“Não é que eu te odeie, é só que eu acho você um pouco chato.”

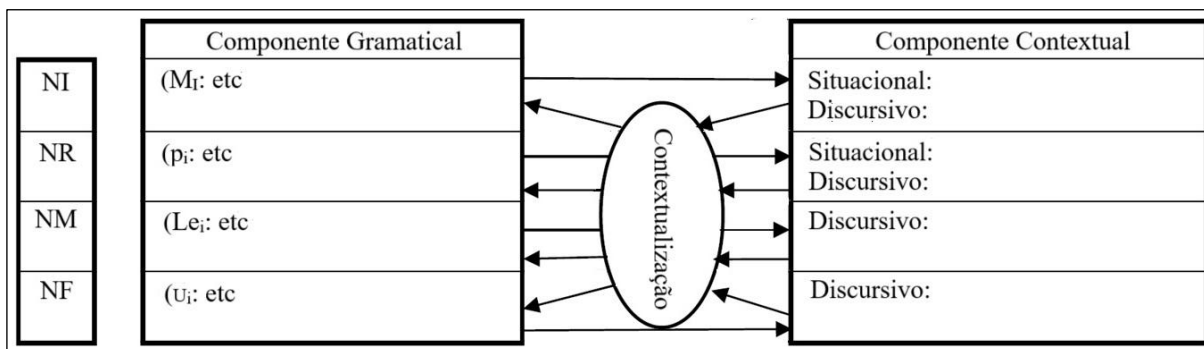
Segundo Hengeveld e Mackenzie (2018), a Recusa é expressa perifrasticamente por meio de “(*it’s*) *not that*”, cujo correlato é “não (é) que” no PB. Em (247B), há C-negação em “*It’s not that I hate you*”, em que se recusa a mensagem “*I hate you*”, evocada em (247A) pelo Participante A e, depois, reevocada pelo Participante B (com mudança de perspectivação, já que os papéis Falante-Ouvinte se alternam) com a finalidade de recusá-la.

O aspecto a ser apontado é que, para recusar a mensagem do interlocutor, o Participante produz um Conteúdo Comunicado que descreve o mesmo estado de coisas anteriormente apresentado pelo outro Participante e, concomitantemente, especifica esse Conteúdo Comunicado com o operador de Negação. A negação, portanto, é indireta. É indireta, pois, para recusar a mensagem do interlocutor, o Participante precisa reevocá-la, negando-a.

Nesse processo, atua a operação de Contextualização, dentro do Componente Contextual. De acordo com a proposta de Hengeveld e Mackenzie (2014), o Componente

Contextual se estrutura de maneira semelhante ao Componente Gramatical, apresentando estratos correspondentes aos quatro níveis da gramática.¹⁰² Assim, ao ser produzido um ato de fala, as representações dos quatro níveis da gramática alimentam os quatro estratos correspondentes do Componente Contextual. As flechas direcionadas à direita na Figura 11 representam esse processo.

Figura 11 – A Contextualização



Fonte: Adaptado de Hengeveld e Mackenzie (2014, p. 213).

As informações contextuais situacionais são relevantes nos estratos que correspondem aos dois níveis de formulação, o Nível Interpessoal e o Nível Representacional. Já as discursivas estão disponíveis em todos os quatro estratos. As informações contextuais situacionais cobrem três dimensões distintas (cf. Connolly, 2007; 2014): uma indicação dos participantes do evento de fala e todas as suas propriedades que são relevantes na língua em análise; os aspectos do local onde o evento discursivo está ocorrendo; e a hora do evento de fala. As informações contextuais discursivas, por sua vez, assumem a forma de um conjunto de pilhas *pushdown*, que juntas registram, para cada unidade linguística à medida que é criada, a informação que foi formulada ou codificada no Componente Gramatical, imitando as limitações da memória episódica. Ambas as informações são relevantes, por exemplo, na realização de dêiticos e de anáforas, respectivamente.

Como dito, na C-negação, opera a Contextualização. Na ocorrência em (248), o Falante, ao negar o Conteúdo Comunicado produzido pelo seu interlocutor, faz uso tanto de informações contextuais situacionais como de discursivas, ou seja, essas informações voltam para o Componente Gramatical, conforme representam as flechas direcionadas à esquerda na Figura 11.

¹⁰² O Componente Contextual tem um quinto estrato, alimentado pelo Nível Fonético. Esse nível não compõe, no entanto, o Componente Gramatical, mas sim o Componente Articulatório.

(248) Pergunta: Seus treinadores na base achavam que você era pequeno para jogar o futebol?
 Resposta: Quando cheguei pela primeira equipe do Flamengo me chamavam de galo por ser pequeno. Reuniram-se algumas pessoas que trabalhavam no clube e decidiram potencializar meu físico e minha alimentação. Fiz um trabalho específico dos 15 aos 17 anos que me serviu para me desenvolver.

Pergunta: *Por isso Zagallo não confiou em você no seu início?*

Resposta: **Não é que** não confiasse em mim, é que eu era jovem. O paraguaio Solich já contava comigo, mas nesse momento jogava o Dida, que era um dos melhores jogadores da equipe e um de meus ídolos. É normal que o Zagallo tivesse paciência com os jovens. Depois cheguei a jogar com ele em diversas posições e torneios. (Disponível em: <https://acesse.dev/xnEi6>. Acesso em: 16 mar. 2024)

NI:	(C _I : [	(T _I)	(R _I : -Zagallo- (R _I))	(+id R _J : [-S +A] (R _J))	↓
NR:	(neg e _i : (f ^c _i : [(f _i : confia-v (f _i)) (x _i) _A	(1 x _j) _L	]	(f ^c _i))	↓
NI:	(+id +s R _K : -seu início (R _K))	(-id -s R _L) _{FOC}	(C _I)	↓	
NR:	(e _i : (t _i : -seu início- (t _i)) _{Loc}	(e _i : (r _i) _{Cause}	(e _i))	↓	
NI:	(neg C _J : [	(T _J)	(+id R _M : [+S -A] (R _K))	]	(C _J) _{FOC}
NR:	(neg e _i : (f ^c _i : [(f _i : confia-v (f _i)) (x _i) _A	(1 x _j) _L	]	(f ^c _i))	(e _i))

No estrato do Nível Interpessoal, estão registradas as informações contextuais situacionais sobre os participantes do evento de fala. Na evocação de C_J, a Contextualização altera os sinais (positivo e negativo) dos traços abstratos do núcleo de R_M com base na contextualização de R_J a partir dessas informações contextuais situacionais.

Ambos os Subatos de Referência (R_J e R_M) evocam o mesmo Indivíduo, x_j, coindexado no Nível Representacional, nível em que a Contextualização reativa várias informações contextuais discursivas: e_i, f^c_i, f_i, f_i e x_i, além de x_j, já mencionado. Enquanto essas categorias são coindexadas, pois designam as mesmas entidades no mundo extralinguístico, as do Nível Interpessoal não o são, já que uma ação nunca se repete; toda ação é sempre uma ação nova, no tempo e no espaço.

O resultado é um novo Conteúdo Comunicado (C_J), que, na ocorrência em (248), evoca uma parte do mundo extralinguístico antes evocada por C_I (os referentes “Zagallo”, “o seu início” e a razão para a não confiança de Zagallo no entrevistado não são reativados). No entanto, o Conteúdo Comunicado executado pelo entrevistado (C_J) é capaz de estabelecer uma relação anafórica com o do entrevistador (C_I), já que referentes e atributos que ambos evocam são, no Nível Representacional, os mesmos, e, portanto, coindexados.

Desse modo, com o objetivo de recusar a adequação de uma mensagem já proferida, o entrevistado produz outra mensagem, outro Conteúdo Comunicado, utilizando o Componente

Contextual, a Contextualização e as informações contextuais ali armazenadas, e, então, especifica-o com o operador de Negação.

É nesse sentido que aqui afirma-se que a C-negação é uma negação indireta. O Participante que realiza a Recusa não pode especificar o Conteúdo Comunicado do seu interlocutor, que já foi proferido e armazenado no Componente Contextual. Para negá-lo (ou recusá-lo), é preciso formular outro Conteúdo Comunicado, cuja contraparte semântica é contextualizada, advinda do Componente Contextual, e coindexada com (uma parcela de) a contraparte semântica do Conteúdo Comunicado que se deseja recusar. É o novo Conteúdo Comunicado, então, que é especificado pelo operador de Negação.

O mesmo comportamento apresenta a SA-negação, denominada Negação Metalinguística, conforme exemplo em (121) de negação de Subato Referencial, repetido por conveniência em (249), em que se pode imaginar a fala do outro Participante que se refere ao Papa pelo seu nome de batismo, instando a produção da Negação Metalinguística em questão.

(249) De Hengeveld e Mackenzie (2018, p. 40):

He is not “Mr Bergoglio”, he is His Holiness the Pope
 “Ele não é o ‘Sr. Bergoglio’, ele é Sua Santidade o Papa.”

Também sucede a mesma situação na D-negação, cujo exemplo é repetido por conveniência em (250).

(250) Giomi (2020, p. 47):

– Now gosh darn it fellas, my name is not Kenny. Kenny is dead.
 “– Meu deus, que droga, pessoal, meu nome não é Kenny. Kenny está morto.”
 – OK, *Not-Kenny*.
 “– OK, Não-Kenny.” (South Park, Temporada 6, Episódio 1, exibido em 1997)

Enquanto essas últimas negações acionais reativam/reevocam o conteúdo a ser negado, aplicando-lhe o operador de Negação, para então negar o que foi dito anteriormente no discurso, as negações de que trata este estudo (M-negação e A-negação), somada à F-negação, por outro lado, são diretas, pois interpelam o Ouvinte sem que para isso seja necessário a reativação no discurso do que se deseja negar.

Outra diferença é que a M-negação e a A-negação são negações que têm um alvo discursivo a ser negado, ao passo que a C-negação, a SA-negação e a D-negação são de escopo

gramatical, já que são formuladas como operadores das respectivas camadas, ainda que o objetivo seja, na verdade, negar a unidade, da mesma camada, armazenada no Componente Contextual.

Além disso, a C-negação, a SA-negação e a D-negação negam a adequação da evocação de um (conjunto de) referente(s) e/ou atributo(s) no evento comunicativo, ou seja, são orientadas, como mencionado, para o Conteúdo Comunicado ou parte dele. Por isso, também se toma emprestado o termo “de conteúdo”, utilizado como classificador de Atos Discursivos, para distinguir essas negações acionais das negações das camadas mais altas.

A partir disso, as negações do Nível Interpessoal são apresentadas no Quadro 10.

Quadro 12 – Tipos de negação no Nível Interpessoal por camada e natureza

Nível Interpessoal			
Interativa		De Conteúdo	
M	Assalto		
A	Rejeição		
F	Proibição & cia.		
		C	Recusa
		R	Negação Metalinguística
		T	Negação Metalinguística
		D	Negação Local

Fonte: Autoria própria.

Uma última propriedade a ser mencionada é que as negações acionais interacionais só ocorrem no par dialógico Falante-Ouvinte, ao passo que as de conteúdo podem funcionar como “autonegações”, de modo que o Falante corrige a inadequação da evocação que ele próprio realizou.

6 CONCLUSÕES

Este trabalho investiga dois tipos de negação acional sob a perspectiva da Gramática Discursivo-Funcional (GDF): uma que assalta o turno de fala e outra que rejeita o ato de fala. Essas duas negações se relacionam às camadas mais altas do Nível Interpessoal: a do Movimento e a do Ato Discursivo.

As hipóteses foram confirmadas, ou seja, a tomada de turno por meio de “não” nega o Movimento em curso, iniciando outro Movimento, com a finalidade de contribuir para a interação em andamento, desenvolvendo o tópico discursivo da interação verbal. Já a A-negação rejeita um Ato Discursivo, com qualquer força ilocucionária, anteriormente enunciado, considerado inapropriado na interação verbal corrente.

Os resultados são sumarizados a seguir.

- (i) No Nível Interpessoal, ambas as negações ocorrem no par dialógico Falante-Ouvinte e são formuladas como um Ato Discursivo Interativo cuja Ilocução é preenchida pelo Lexema Acional “não”. Na negação de Movimento (M-negação), denominada Assalto, o Ato Discursivo Interativo expresso por “não” tem por finalidade chamar a atenção do Falante (P₁) para o Ouvinte (P₂), propiciando a tomada de turno. Nos termos de Dik (1997b), esse tipo de estratégia atua no gerenciamento da interação. Concomitantemente, também nos termos de Dik (1997b), a M-negação atua na organização do discurso, papel refletido pela macrofunção retórica Prelúdio, veiculada pelo Ato Discursivo “não” do Assalto, que prepara o início do Movimento por ele iniciado, mantendo o tópico discursivo em discussão, que é desenvolvido pelo Ato Discursivo Nuclear de Conteúdo com Ilocução Proposicional. Já na negação de Ato Discursivo (A-negação), denominada Rejeição, o Ato Discursivo Interativo expresso por “não” indica a rejeição pelo Ouvinte do Ato Discursivo enunciado pelo Falante, pois considera inaceitável a relação de predicado-argumento que há entre a Ilocução e os outros componentes do Ato Discursivo rejeitado, que pode ser de qualquer tipo, exceto Expressivo. Essa diferença entre as duas negações se reflete no molde interpessoal em que ocorrem. Enquanto o Ato Discursivo Interativo da M-negação compõe, com o Declarativo que o segue, um Movimento, o Ato Discursivo Interativo da A-negação constitui por si só um Movimento, propriedade que distingue uma negação da outra no Nível Interpessoal.

- (ii) No Nível Representacional, o Ato Discursivo Interativo “não” da M-negação e da A-negação não é formulado, já que ele é unicamente acional e não descritivo. Isso significa que há uma discrepância entre os níveis da Formulação (NI e NR), numa relação um-para-zero. O Ato Discursivo Declarativo que segue o Interativo na M-negação, no entanto, constitui, no Nível Representacional, um Conteúdo Proposicional de núcleo configuracional.
- (iii) No Nível Morfossintático, também há uma discrepância, numa relação um-para-zero, entre os níveis Interpessoal e Morfossintático, explicado pelo Princípio da Profundidade Máxima, mas apenas no caso da A-negação. A M-negação, por outro lado, por ser um CEO que reflete um Ato Discursivo Subsidiário, é alocada em P^{Pre} , ao passo que o Ato Discursivo Nuclear, que integra o molde interpessoal dessa negação, é codificado por uma Oração linearizada em P^{Centre} da Expressão Linguística, que, por sua vez, mapeia o Movimento iniciado com o Assalto.
- (iv) No Nível Fonológico, por fim, em ambas as negações, “não” constitui uma Frase Entonacional, mas, apenas na A-negação, essa Frase Entonacional constitui sozinha um Enunciado, enquanto, na M-negação, no núcleo do Enunciado, há outra Frase Entonacional mapeando o Ato Discursivo Nuclear que o Assalto subsidia. Na M-negação, atuam os operadores fonológicos *Falling* e *High-falling*, que especificam as camadas da Frase Entonacional e da Frase Fonológica, de modo que o último operador especifica apenas a camada da Frase Fonológica. Na A-negação, por sua vez, os operadores fonológicos *Rising* e *Low* se aplicam à camada da Frase Entonacional (se o alvo da negação é um Ato Discursivo Imperativo, então o operador *Rising* é duplamente aplicado; se Declarativo, a Frase Entonacional é especificada pelos operadores *Rising* e *Low*). Já a camada da Frase Entonacional contém o operador *Falling* em ambos os casos. Essa diferença no padrão fonológico entre a A-negação e a M-negação as distingue entre si, além de diferenciá-las das negações vicárias do PB.

Esses resultados trazem uma descrição detalhada da M-negação e da A-negação no PB.

A partir da análise da A-negação, propõe-se uma definição mais precisa e abrangente dessa negação acional. Se, antes, ela era conceituada como a rejeição de um Ato Discursivo, rejeição justificada por Hengeveld e Mackenzie (2018) – ao menos implicitamente – pela relação assimétrica entre os Participantes do discurso (P_2 considera que P_1 não está em posição de lhe dar uma ordem), a A-negação, agora, é definida como a rejeição de um Ato Discursivo anteriormente proferido por P_1 , já que P_2 considera não aceitável a relação de predicado-

argumento entre os componentes do Ato Discursivo rejeitado. Em outras palavras, P₂ (Ouvinte – argumento) entende ser inapropriado P₁ (Falante – argumento) dirigir-lhe um ato de fala com determinada força ilocucionária (Ilocução – predicado) aplicada a uma determinada mensagem (Conteúdo Comunicado – argumento), se houver uma.

O outro ponto de destaque deste trabalho é a identificação da existência de negação relacionada à camada do Movimento, a M-negação, denominada Assalto. Essa negação, conforme demonstrado, consiste numa estratégia de P₂ para interromper o Movimento de P₁, assaltando, por consequência, o seu turno de fala, para iniciar um novo Movimento, que desenvolve algum aspecto do discurso em andamento, acrescentando alguma informação ao tema em discussão.

Tanto a M-negação como a A-negação negam um alvo discursivo, já proferido e armazenado no Componente Contextual como informação contextual discursiva de curto prazo. As negações das camadas mais baixas, por outro lado, têm escopo gramatical, ou seja, são formuladas como operadores das respectivas camadas, embora o Participante tenha que executar novamente a camada a ser negada, especificando-a com o operador de Negação, para então negar a adequação da fala do outro Participante da interação verbal. Enquanto a M-negação e a A-negação (incluindo-se a F-negação) são orientadas para o Ouvinte, aqui denominadas “Interativas”, as das camadas mais baixas são orientadas para o Conteúdo Comunicado (ou parte dele), pelo que são denominadas “de Conteúdo”.

Com a adição da M-negação ao rol de negações do Nível Interpessoal, o Quadro 2 é ampliado conforme Quadro 13. Nesse quadro, também é inserida a negação de Ação Lexical (D-negação), denominada aqui Negação Local, proposta por Giomi (2020, p. 47).

Quadro 13 – Tipos de negação no
Nível Interpessoal
(ampliado)

Nível Interpessoal	
M	Assalto
A	Rejeição
F	Proibição & cia.
C	Recusa
R	Negação Metalinguística
T	Negação Metalinguística
D	Negação Local

Fonte: Autoria própria.

Além das conclusões referentes à M-negação e à A-negação, que contribuem para o aperfeiçoamento do aparato teórico da GDF, outros avanços são apresentados neste trabalho:

- (i) A constatação de que o PB não dispõe de Ilocuções abstratas de valor negativo (cf. 3.1.2, p. 93-95);
- (ii) A descoberta de que a negação de Episódio (ep-negação), no PB, só ocorre como negação vicária (cf. 3.2.2, p. 104-105);
- (iii) A demonstração de que o PB codifica a negação de Propriedade Configuracional (f^c-negação) com as expressões “deixar de” e “parar de” (cf. 3.2.4, p. 107-111);
- (iv) A adição de operadores fonológicos que correspondem a tons bitonais, o que permite uma descrição mais detalhada de línguas como o português (cf. Quadro 9, p. 148); e
- (v) O levantamento do inventário das Ilocuções abstratas disponíveis ao PB (cf. Quadro 10, p. 163).

Por fim, espera-se que os resultados apresentados estimulem mais pesquisas sobre essas negações acionais em outras línguas, no contexto de uma abordagem discursivo-funcional da gramática. Trabalhos em linguística aplicada podem trazer contribuições para o ensino da língua portuguesa como língua estrangeira no que se refere às negações acionais aqui descritas,

de modo a contribuir para formação de professores e para elaboração de materiais didáticos, já que a M-negação não ocorre em todas as línguas naturais, como o inglês, por exemplo. Além disso, pesquisas de caráter tipológico podem trazer mais argumentos para que se incorpore, ao modelo da GDF, a negação na camada do Movimento, em definitivo.

REFERÊNCIAS

- AIJMER, K. Themes and tails: The discourse functions of dislocated elements. *Nordic Journal of Linguistics*, Cambridge, v. 12, n. 2, p. 137-154, 1989.
- ALMEIDA, N. M. de. *Gramática metódica da língua portuguesa*. 44 ed. São Paulo: Editora Saraiva, 1999.
- ALTURO, N.; KEIZER, E.; PAYRATO, L. The interaction between context and grammar in Functional Discourse Grammar: Introduction. *Pragmatics*, [S. l.], v. 24, n. 2, p. 185-201, 2014.
- ALVES, I. M. Prefixos negativos no português falado. In: ILARI (org.). *Gramática do português falado: níveis de análise lingüística*. 3 ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1996. v. 2. p. 99-110.
- ANDRADE, P. R. N. Um estudo pragmático sobre o termo “não” em português do Brasil. *Escrita: Revista do curso de Letras da Uniabeu*, Nilópolis, v. 6, n. 3, p. 244-261, 2015.
- APOSTEL, L. Negation: The Tension between Ontological Positivity (Negationless Positivity) and Anthropological Negativity (Positively Described). *Logique et Analyse*, Leuven, v. 15, n. 57/58, p. 209-317, 1972.
- ARMSTRONG, M. E.; SCHWENTER, S. A. Prosody, Accessibility, and Sentential Negation in Brazilian Portuguese. *Berkeley Linguistics Society and the Linguistic Society of America*, [S. l.], v. 34, n. 1, p. 379-390, 2008.
- AUSTIN, J. L. *How to do things with words*. London: Oxford Univerity Press, 1962.
- BARME, S. A negação no brasileiro falado informal. *Zeitschrift für romanische Philologie*, [S. l.], v. 121, n. 3, p. 405-425, 2005.
- BECKMAN, M. E.; HIRSCHBERG, J.; SHATTUCK-HUFNAGEL, S. The original ToBI system and the evolution of the ToBI framework. In: JUN, S-A. (ed.) *Prosodic typology: the phonology of intonation and phrasing*. Oxford: Oxford University Press, 2006. p. 9-55.
- BAKKER, D. *The FG expression rules: A dynamic model*. Revista Canaria de Estudios Ingleses, v. 42, p. 15-54, 2001.
- BAKKER, D. Expression and agreement: Some more arguments for the dynamic expression model. In: HENGVELD, K.; GROOT, C. (eds.). *Morphosyntactic Expression in Functional Grammar*. Berlin; New York, NY: Mouton de Gruyter, 2005. p. 1-40.
- BAKKER, D.; SIEWIERSKA, A. Towards a speaker model of Functional Grammar. In: MACKENZIE, J. L.; GÓMEZ-GONZÁLEZ, M. A. (eds.). *A New Architecture for Functional Grammar*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2004. p. 325-364.
- BARBOSA, P. A.; SILVA, W. A New Methodology for Comparing Speech Rhythm Structure between Utterances: Beyond Typological Approaches. In: INTERNATIONAL

BOND, O. Negation in clause linkages. *Language Documentation and Description*, London, v. 9, p. 77-120, 2011.

BOND, O. A base for canonical negation. In: BROWN, D.; CHUMAKINA, M.; CORBETT, G. G. (eds.). *Canonical Morphology and Syntax*. Oxford: Oxford University Press, 2013. p. 20-47.

CONFERENCE ON COMPUTATIONAL PROCESSING OF THE PORTUGUESE LANGUAGE, 10., 2012, Coimbra. *Proceedings [...]*. Heidelberg: Springer, 2012. p. 329-337. Lecture Notes in Computer Science (LNCS, v. 7243) book series.

CONTRERAS-GARCÍA, L.; VELASCO, D. G. Ah! Interjections. In: ARRUABARRENA, O. U. J.; IBARROLA-ARMENDARIZ, A. *On the Move: Glancing Backwards To Build a Future in English Studies*. Bilbao: Universidad de Deusto, 2016. p. 209-218.

BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. rev. ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BECKMAN, M. E.; PIERREHUMBERT, J. B. Intonational structure in English and Japanese. *Phonology Yearbook*, Cambridge, v. 3, n. 1, p. 255-310, 1986.

BISOL, L. Constituintes prosódicos. In: BISOL, L. (org.). *Introdução a estudos de Fonologia do Português Brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996.

BOERSMA, P.; WEENINK, D. Praat: Doing Phonetics by Computer. Version 6.3.18. 2023. Disponível em: <http://www.praat.org/>. Acesso em: 11 out. 2023.

BOX, G. E. P.; HUNTER, J. S.; HUNTER, W. G. *Statistics for experimenters: Design Innovation and Discovery*. New Jersey: John Wiley & Sons, Inc., 2005.

BUTLER, C. S. Interpersonal meaning in the noun phrase. In: RIJKHOFF, J.; GARCÍA VELASCO, D. (eds.). *The Noun Phrase in Functional Discourse Grammar*. Berlin; New York: De Gruyter Mouton, 2008. p. 221-262.

BYBEE, J. *Língua, uso e cognição*. Trad. Maria Angélica Furtado da Cunha. Revisão téc. Sebastião Carlos Leite Gonçalves. São Paulo: Cortez, 2016.

CALAÇA, I. Z. P. Da frase fonológica no dialeto goiano. *Rev. Est. Ling.*, Belo Horizonte, v. 12, n. 2, p. 365-382, 2004.

CARSTON, R. Metalinguistic Negation and Echoic Use. *Journal of Pragmatics*, [S. l.], v.25, n. 3, p. 309-330, 1996.

CASTRO DA SILVA, C. C. *A prosódia da negação no português brasileiro: as realizações do não*. 2016. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) - Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

CEGALLA, D. P. *Novíssima gramática da língua portuguesa*. 43. ed. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 2000.

CHOMSKY, N. *Syntactic Structures*. Berlin; Boston: De Gruyter Mouton, 1957.

CINQUE, G. (ed.). *Functional Structure in DP and IP: The Cartography of Syntactic Structures*. Oxford: OUP, 2002. Vol. 1.

CONNOLLY, J. H. Context in Functional Discourse Grammar. *Alfa: Revista de Linguística*, São Paulo, v. 51, n. 2, p. 11-33, 2007.

CONNOLLY, J. H. On the Conceptual Component of Functional Discourse Grammar. *Pragmatics*, [S. l.], v. 24, n. 2, p. 229-248, 2017.

CUVALAY-HAAK, M. *The Verb in Literary and Colloquial Arabic*. Berlin; New York: Mouton de Gruyter, 1997.

DeLANCEY, S. *On functionalism*. In: DeLANCEY, S. Lectures on functional syntax: seminar for the LSA Summer Institute. *University of California at Santa Barbara*, 2001.

DE CLERCQ, K. *A Unified Syntax of Negation*. 2013. 194 p. Tese (Doutor em Linguística) – Universiteit Gent, Faculteit Letteren & Wijsbegeerte, Gent, 2013.

DIK, S. C. *The theory of Functional Grammar*. Part I: The structure of the clause. Edição de Kess Hengeveld. 2. ed rev. Berlin; New York: De Gruyter Mouton, 1997a.

DIK, S. C. *The Theory of Functional Grammar*. Part II: Complex and derived constructions. Edição de Kess Hengeveld. 2. ed rev. Berlin; New York: De Gruyter Mouton, 1997b.

DUCROT, O. *Dire et ne pas dire*. Paris: Hermann, 1972.

EUROPEAN COMMISSION DGXXII. *Português Falado: Variedades Geográficas e Sociais*. Programme LINGUA/SOCRATES, 1995-1997.

FERNANDES-SVARTMAN, F. R.; ROMANO, N. Fatores determinantes na associação tonal em sentenças neutras do português brasileiro. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, SP, v. 59, n. 3, p. 537-553, 2017.

FONSECA, H. D. C. da. Concordância negativa (CN) e a estrutura [V NEG] no português brasileiro (PB). *A Cor das Letras*, [S. l.], v. 4, n. 1, p. 39-56, 2017.

FORTESCUE, M. The complementarity of the process and pattern interpretations of Functional Grammar. In: MACKENZIE, J. L.; GÓMEZ-GONZÁLEZ (eds.). *A New Architecture for Functional Grammar*. Berlin; New York: De Gruyter Mouton, 2004. p. 151-178.

FROTA, S., OLIVEIRA, P.; CRUZ, M.; VIGÁRIO, M. *P-ToBI: tools for the transcription of Portuguese prosody*. Lisboa: Laboratório de Fonética, CLUL/FLUL. 2015. ISBN: 978-989-95713-9-6. Disponível em: <http://labfon.letras.ulisboa.pt/InAPoP/P-ToBI/>. Acesso em 5 dez. 2024.

FROTA, S.; VIGÁRIO, M. Aspectos de prosódia comparada: ritmo e entoação no PE e no PB. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE LINGUÍSTICA, 15., 1999, Lisboa. *Anais...* Braga: APL, 2000. p. 533-555.

GALVÃO PASSETTI, G. H. *Não*. José Bonifácio, 17 out. 2024. 1 poema. (inédito).

GALVÃO PASSETTI, G. H. As funções de “não” na interação verbal e suas propriedades morfossintáticas e fonético-acústicas: uma análise sob a perspectiva da Gramática Discursivo-Funcional e da Teoria Acústica de Produção da Fala. (em preparação).

GALVÃO PASSETTI, G. H.; PEZATTI, E. G. Coordenação de miniorações por meio de “mas” em português: uma análise discursivo-funcional. In: SEMINÁRIO DO GRUPO DE PESQUISA CONECTIVOS E CONEXÃO DE ORAÇÕES, 3., 2022, Niterói. *Anais...* Niterói: Letras da UFF, 2022. p. 216-239.

GALVÃO PASSETTI, G. H.; PEZATTI, E. G. A coordenação adversativa substitutiva “não x, mas y”: uma análise discursivo-funcional para o apagamento sintático. *ALFA: Revista de Linguística*, São Paulo, v. 67, 2023. p. 1-28.

GELUYKENS, R. Tails (right-dislocations) as a repair mechanism in English conversation. In: NUYTS, J.; SCHUTTER, G. de. (eds.). *Getting One's Words into Line*. Berlin: Mouton de Gruyter, 1987. p. 119-130.

GIOMI, R. *Shifting structures, contexts and meanings: a Functional Discourse Grammar account of grammaticalization*. 2020. 598 p. Tese (Doutor em Linguística) – Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, Lisboa, 2020.

GIOMI, R. Constituency and linearization in Functional Discourse Grammar. In: WOLDE, E.; GIOMI, R.; HENGVELD, K. (eds.). *Linearization in Functional Discourse Grammar*. Berlin; Boston: Mouton de Gruyter, 2025. p. 85-122.

GIOMI, R.; KEIZER, E. Extra-clausal constituents in Functional Discourse Grammar: function and form. *Revista da ABRALIN*, p. 159-185, 17 dez. 2020.

GIVÓN, T. *On Understanding Grammar*. London: Academic Press, 1979.

GOLDBERG, A. E. *Constructions: A construction grammar approach to argument structure*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

GOLDBERG, A. E. *Constructions at work: The nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

GONÇALVES, S. C. L. G. *Banco de dados Iboruna: amostras eletrônicas do português falado no interior paulista*. Disponível em: <http://www.alip.ibilce.unesp.br/iboruna>. Acesso em: 25 jan. 2024.

HAYES, B. The prosodic hierarchy in meter. In: KIPARSKY, P.; YOUNG, G. (eds.). *Rhythm and Meter*. Orlando, FL: Academic Press, 1989. p. 201-260.

HENGEVELD, K. Epilogue. In: MACKENZIE, J. L.; GÓMEZ-GONZÁLEZ, M. A. (eds.). *A New Architecture for Functional Grammar*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2004. p. 365-378.

HENGEVELD, K. A new approach to clausal constituent order. In: MACKENZIE, J. L.; OLBERTZ, H. (eds.). *Casebook in Functional Discourse Grammar*. Amsterdam: John Benjamins, 2013. p. 15-38.

HENGEVELD, K.; BECHARA, E. N.; CAMACHO, R. G.; GUERRA, A. R.; OLIVEIRA, T. P. de; PENHAVAL, E.; PEZATTI, E. G.; SANTANA, L.; SOUZA, E. R. F. de; TEIXEIRA, M. L. de S. Basic illocutions in the native languages of Brazil. *ALFA: Revista de Linguística*, São Paulo, v. 51, n. 2, 2007.

HENGEVELD, K.; KEIZER, E. General principles of linearization in Functional Discourse Grammar. In: WOLDE, E.; GIOMI, R.; HENGEVELD, K. (eds.). *Linearization in Functional Discourse Grammar*. Berlin; Boston: Mouton de Gruyter, 2025. p. 43-83.

HENGEVELD, K.; KEIZER, E.; GIOMI, R. *Layering in Functional Discourse Grammar: The hierarchical structure of the language system*. Oxford: Oxford University Press. (em preparação).

HENGEVELD, K.; MACKENZIE, J. L. *Functional Discourse Grammar: a typologically-based theory of language structure*. Oxford: Oxford University Press, 2008.

HENGEVELD, K.; MACKENZIE, J. L. Gramática discursivo-funcional. Trad.: Marize Mattos Dall'Aglío-Hattner. In: SOUZA, E. R. (org.). *Funcionalismo linguístico: novas tendências teóricas*. São Paulo: Contexto, 2012. p. 43-85.

HENGEVELD, K.; MACKENZIE, J. L. Grammar and context in Functional Discourse Grammar. *Pragmatics*, [S. l.], v. 24, n. 2, p. 203-227, 2014.

HENGEVELD, K.; MACKENZIE, J. L. Negation in functional discourse grammar. In: KEIZER, E.; OLBERTZ, H. (orgs.). *Recent Developments in Functional Discourse Grammar*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2018. p. 18-45.

HENGEVELD, K.; OLBERTZ, H. Didn't you know? Mirativity does exist! *Linguistic Typology*, [S. l.], v. 16, n. 3, p. 487-503, 2012.

HOCHMANN, J. R. Cognitive Precursors of Negations in Preverbal Infants. In: DÉPREZ, V.; ESPINAL, M. T. *The Oxford Handbook of Negation*. Oxford: Oxford University Press, 2020. p. 589-598.

HORN, L. R. *A natural history of negation*. Stanford, California: CSLI Publications, 2001.

JACKENDOFF, R. S. An Interpretive Theory of Negation. *Foundations of Language*, New York, v. 5, n. 2, p. 218-241, 1969.

PREZOTTO JR., J. R.; GONÇALVES, S. C. L. Entre aspecto e negação: a heterossemia de [deixar+de+vinf.]. *Diacrítica*, [S. l.], v. 35, n. 1, p. 30-53, 2021.

LABOV, W. *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

LADD, D. R. *Intonational Phonology*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

LADD, D. R. *Intonational Phonology*. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.

LAMBRECHT, K. *Information Structure and Sentence Form: Topic, Focus, and the Mental Representations of Discourse Referents*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

LAMBRECHT, K. Dislocation. In: HASPELMATH, M.; KONIG, E.; OESTERREICHER, W.; RAIBLE, W. (eds.). *Language Typology and Language Universals*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2011. Vol. 2. p. 1050-1078.

LIBERATTI, E. M. S. *O comportamento da negação em textos da língua escrita do português do Brasil*. 2000. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Araraquara, SP.

LIEBER, R. English word-formation processes. In: ŠTEKAUER, P.; LIEBER, R. (eds.). *Handbook of Word-Formation*. Dordrecht: Springer, 2005. p. 375-427.

LIMA, R. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 49 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.

KEIZER, E. *A Functional Discourse Grammar for English*. Oxford: Oxford University Press, 2015.

KEIZER, E. Pragmatic function assignment and grammatical expression in FDG. In: JADIR, M. (ed.). *Linguistique et Discours: Description, Typologie et Théorisation*. Berlin: Peter Lang, 2018. p. 59-84.

KEIZER, E. The placement of extra-clausal constituents in Functional Discourse Grammar. *Revista Canaria de Estudios Ingleses*, [S. l.], v. 80, 2020, p. 89-121.

KLIMA, E. Negation in English. In: FODOR, J.; KATZ., J. *The Structure of Language: Readings in the Philosophy of Language*. Englewood Cliffs, NJ: Prentice Hall, 1964.

KOJADINOVIĆ, Z. Variation in the prosody of illocutionary adverbs. *Open Linguistics*, [S. l.], v. 8, n. 1, p. 593-617, 2022.

KRESS, G. The social values of speech and writing. In: FOWLER, R.; HODGE, B.; KRESS, G.; TREW, T. (eds.). *Language and Control*. London: Routledge, 1979. p. 46-62.

KROON, C. *Discourse Particles in Latin: a study of nam, enim, autem, vero and at*. (Amsterdam Studies in Classical Philology 4). Amsterdam: Gieben, 1995.

KURY, A. da G. *Novas lições de análise sintática*. 9 ed. 6 reimpr. São Paulo: Ática, 2006.

LEVELT, W. J. M. *Speaking*. Cambridge, MA: MIT Press, 1989.

LYONS, J. *Semantics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1977. 2 v.

- MacDONALD, L. *A Grammar of Tauya*. Berlin; New York, NY: Mouton de Gruyter, 1990.
- MACKENZIE, J. L. English fail to as a periphrastic negative: An FDG account. *Web Papers in Functional Grammar*, [S. l.], v. 82, p. 1-28, 2009.
- MACKENZIE, J. L. The family of secondary predications in English: An FDG view. *Revista Canaria de Estudios Ingleses*, [S. l.], v. 67, p. 43-58, 2013.
- MAGALHÃES, M. I. S. Língua oral, língua escrita: uma questão de valores sociais. *DELTA: Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada*, São Paulo, v. 8, n. 2, p. 243-261, 1992.
- MARCUSCHI, L. A. *Análise da conversação*. São Paulo: Ática, 1986.
- MIOTO, C.; FOLTRAN, M. J. Apresentação. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, v. 49, n. 1, p. 5-9, 2007.
- MITTENDORFER, M. Discourse functions, placement and prosody: An FDG analysis of left and right dislocation in British English. In: WOLDE, E.; GIOMI, R.; HENGVELD, K. (eds.). *Linearization in Functional Discourse Grammar*. Berlin; Boston: Mouton de Gruyter, 2025. p. 193-223.
- MUSTAFA, O. *The inferential construction: an FDG account* [Comunicação]. Eighth International Conference on Functional Discourse Grammar, São Carlos, jul. 2024.
- NESPOR, M.; VOGEL, I. *Prosodic Phonology*. Dordrecht: Foris Publications, 1986.
- NESPOR, M.; VOGEL, I. *Prosodic phonology: with a new foreword*. Berlin; New York: Mouton de Gruyter, 2007.
- NEVES, M. H. M. *Gramática de usos do português*. 2. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2011.
- OLBERTZ, H. The place of exclamatives and miratives in grammar: a functional discourse grammar view. *Revista Linguística*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, p. 76-98, 2012.
- PAUL, H. *Prinzipien der Sprachgeschichte*. Tübingen: Niemeyer, 1995. DOI: 10.1515/9783110929461
- PERINI, M. A. *Gramática descritiva do português brasileiro*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.
- PEZATTI, E. G. O funcionalismo em linguística. In: BENTES, A.; MUSSALIN, F. (orgs.). *Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos*. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2009. v. 3. p. 165-218.
- PEZATTI, E. G. *A ordem das palavras no português*. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.
- PEZATTI, E. G. Gramática Discursivo-Funcional: uma breve apresentação. In: PEZATTI, E. G. (org.). *Construções subordinadas na lusofonia: uma abordagem discursivo-funcional*. São Paulo: Editora Unesp, 2016. p. 15-40.

- PEZATTI, E. G. *Sintaxe Descritiva da Língua Portuguesa: Gramática Discursivo-Funcional*, 2017. Postila da disciplina Sintaxe Descritiva da Língua Portuguesa ofertada pelo Departamento de Estudos Linguísticos e Literários do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Unesp, São José do Rio Preto, 2017.
- PEZATTI, E. G. Miniorações em anúncios sob a perspectiva discursivo-funcional. *Gragoatá*, Niterói, v. 23, n. 46, p. 492-517, 2018.
- PICKERING, M. J.; GARROD, S. Toward a mechanistic psychology of dialogue. *Behavioral and Brain Sciences*, [S. l.], v. 27, n. 2, p. 169-226, 2004.
- PICKERING, M. J.; GARROD, S. Establishing and using routines during dialogue: Implications for psychology and linguistics. In: CUTLES, A. (ed.). *Twenty-First Century Psycholinguistics: Four Cornerstones*. Mahwah, NJ: Erlbaum, 2005. p. 85-102.
- PIERREHUMBERT, J. B. *The phonology and phonetics of English intonation*. 1980. Tese (Doutorado em Linguística) – Massachusetts Institute of Technology, Harvard University, Cambridge, MA.
- PERES, J. A. Negação. In: RAPOSO, E. B. P.; NASCIMENTO, M. F. B. do; MOTA, M. A. C. da; SEGURA, L; MENDES, A. (orgs.). *Gramática do Português*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2013. v. 1. p. 461-498.
- PRINCE, E. F. On the functions of left-dislocation in English discourse. In: KAMIO, A.; DAIGAKU, D. (eds.). *Directions in Functional Linguistics*. Amsterdam: John Benjamins, 1997. p. 117-143.
- RONCARATI, C. N. (org.). *Bancos de dados interacionais do Programa de Estudos Sobre o Uso da Língua*. Rio de Janeiro: Divisão Gráfica/UFRJ, 1996.
- ROSIGNOLI, C. C. O padrão entoacional das sentenças interrogativas parciais do português brasileiro em fala manipulada. *Estudos Linguísticos*, [S. l.], v. 46, n. 1, p. 41-54, 2017.
- SADOCK, J. M.; ZWICKY, A. M. Speech act distinctions in syntax. In: SHOPEN, T. (ed.). *Language Typology and Syntactic Description* (Vol. I: Clause Structure). Cambridge: Cambridge University Press, 1985. p. 155-196.
- SCHWEGLER, A. Predicate negation in contemporary Brazilian Portuguese: a change in progress. *Orbis*, [S. l.], v. 34, p. 187-214, 1991.
- SCHWENTER, S. A. The pragmatics of negation in Brazilian Portuguese. *Lingua*, [S. l.], v. 115, n. 10, p. 1427-1456, 2005.
- SEARLE, J. R. *Speech Acts*. Cambridge: Cambridge University Press, 1969.
- SEARLE, J. R.; VANDERVEKEN, D. *Foundations of Illocutionary Logic*. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.
- SEINHORST, K. Phonetics in Functional Discourse Grammar. *Web Papers in FDG*, [S. l.], v. 87, p. 1-18, 2014.

SEKI, L. *Gramática do Kamaiurá: Língua Tupi-Guarani do Alto Xingu*. Campinas SP: Editora da Unicamp, 2000.

SILVA, J. C. B. A Prosódia Regional em Enunciados Interrogativos Espontâneos do Português do Brasil. *Revista Gatilho*, [S. l.], v. 13, n. 1, p. 1-13, 2011.

SILVA, T. C. *Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios*. 7 ed. São Paulo: Contexto, 2003.

SINCLAIR, J. M.; COULTHARD, J. M. *Towards an Analysis of Discourse: The English Used by Teachers and Pupils*. London: Oxford University Press, 1975.

SMIT, N; VAN STADEN, M. Representational layering in Functional Discourse Grammar. *Alfa: Revista de Lingüística*, [S. l.], v. 51, n. 2, p. 143-164, 2007.

TEIXEIRA DE SOUSA, L. Sobre as origens da distinção entre negação de proposição e negação de evento no Português Brasileiro. *Estudos de Lingüística Galega*, [S. l.], p. 123-138, 2018.

TENANI, L. E. *Domínios prosódicos no português do Brasil: implicações para a prosódia e para a aplicação de processos fonológicos*. 2002. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP.

TIZÓN-COUTO, D. *Left dislocation in English: A Functional-discoursal Approach*. Bern: Peter Lang, 2012.

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. *Constructionalization and constructional changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

UPPENDAHL, K. *A negação em português*. Porto Alegre: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1979.

VAN VALIN, R. D., Jr.; LaPOLLA, R. J. *Syntax: Structure, Meaning and Function*. Cambridge: CUP, 1997.

VET, C. A pragmatic approach to tense in Functional Grammar. *Working Papers in Functional Grammar*, [S. l.] v. 16., n.p, 1986.

VET, C. Aktionsart, aspect and duration adverbials. In: PINKSTER, H.; GENEÉ, I. (eds.). *Unity in Diversity: Papers Presented to Simon C. Dik on his 50th Birthday*. Dordrecht: Foris, 1990. p. 279-289.

VON DER GABELENTZ, G.; McELVENNY, J.; RINGMACHER, M. *Die Sprachwissenschaft: Ihre Aufgaben, Methoden und bisherigen Ergebnisse*. Berlin: Language Science Press, 2016.

VOTRE, S.; OLIVEIRA, M. R. *A língua falada e escrita na cidade do Rio de Janeiro: materiais para seu estudo*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1995.

ZIV, Y. Left and right dislocations: Discourse functions and anaphora. *Journal of Pragmatics*, [S. l.], v. 22, n. 6, p. 629-645, 1994.

WHITNEY, W. D. *The life and growth of language: an outline of Linguistic Science*. Cambridge: Cambridge University Press, 2013.

WILLIAMS, E. Small Clauses in English. In: KIMBALL, J. P. (ed.). *Syntax and Semantics*, v. 4. Leiden: Brill, 1975. p. 249-273.

DADOS CURRICULARES

IDENTIFICAÇÃO	
	GABRIEL HENRIQUE GALVÃO PASSETTI 07/12/1993
Nacionalidade	brasileira
Nome em citações bibliográficas	GALVÃO PASSETTI, Gabriel Henrique GALVÃO PASSETTI, G. H.
Currículo Lattes	http://lattes.cnpq.br/1945564161244549
ORCID	https://orcid.org/0000-0001-5001-6666
ResearchGate	https://www.researchgate.net/profile/Gabriel-Galvao-Passetti